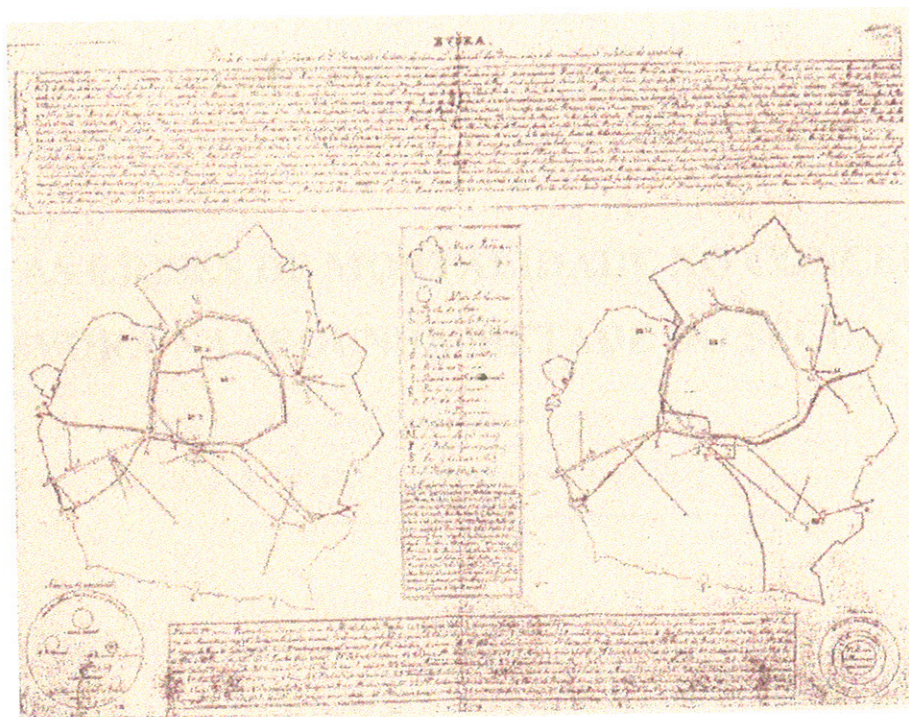


ALICE MARIA FERREIRA MENDONÇA

AS CRISES DE MORTALIDADE NO CONCELHO DE ÉVORA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX



Lisboa

1996

303
MEN ou
+ Amigos
TID

ALICE MARIA FERREIRA MENDONÇA

**AS CRISES DE MORTALIDADE NO CONCELHO
DE ÉVORA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX**

UNIVERSIDADE DE LISBOA
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO
E ARQUIVO

Tese de Mestrado em Demografia
Histórica e Social apresentada à Faculdade de
Ciências Sociais e Humanas da Universidade
Nova de Lisboa

Lisboa

1996

Índice

Introdução.....	6
Capítulo I - Considerações de ordem teórica e metodológica	11
1.1. Características gerais da mortalidade - do Antigo Regime demográfico a finais do Século XIX	12
1.2 - Algumas características da mortalidade no concelho de Évora na segunda metade do século XIX.....	16
1.3 - A especificidade da morte no Alentejo	22
Capítulo II - As fontes e a metodologia adoptada para o estudo das crises de mortalidade no concelho de Évora na segunda metade do século XIX	28
2.1 - As fontes.....	29
2.2 - A Metodologia.....	35
Capítulo III - Aspectos gerais da dinâmica populacional do concelho de Évora na segunda metade do século XIX	39
3.1. Caracterização do espaço físico	40
3.2. Delimitação e evolução populacional das freguesias	47
Capítulo IV - A mortalidade quotidiana no concelho de Évora na segunda metade do século XIX.....	63
4.1. Os níveis de mortalidade	64
4.2. A sazonalidade da morte.....	67
Capítulo V - A mortalidade excepcional no concelho de Évora na segunda metade do século XIX.....	71
5.1. Cronologia e intensidade das crises de mortalidade	72
5.2. Unidade e diversidade das freguesias face à mortalidade.....	79
Capítulo VI - Análise dos anos de mortalidade excepcional.....	84
6.1. A crise de 1855-57	85
6.2 A crise de 1863-64	107
6.3. A crise de 1868.....	123
6.4. A crise de 1873.....	136
6.5. A crise de 1881.....	146

6.6. A crise de 1883-84	155
6.7. A crise de 1890.....	172
6.8 A crise de 1897.....	182
Conclusões.....	189
Fontes	192
Bibliografia.....	197
Índice de gráficos	204
Índice de Mapas	209
Índice de quadros	210
Notas	223

Nota Prévia

Queria que as primeiras palavras de agradecimento fossem dirigidas a todos os que, de diferentes formas, me apoiaram e proporcionaram a ajuda necessária para a elaboração do presente estudo.

Em primeiro lugar, à Professora Doutora Teresa Ferreira Rodrigues, orientadora desta tese, o meu profundo reconhecimento. Pela disponibilidade que sempre manifestou face às dificuldades técnicas que foram surgindo, pelo incentivo, criação de condições e cedência de bibliografia.

Não poderia deixar de salientar a preciosa ajuda da Dr^a Marta Dantas pelo tempo dispendido enquanto durou o moroso tratamento informático dos dados.

A Dr^a Maria da Graça David de Moraes proporcionou-me várias conversas sobre a temática do trabalho, bem como a cedência de material por ela recolhido e que se encontra especialmente referenciado no corpo do trabalho.

Ao arquitecto Emídio Carraça devo a reformulação do mapa concelhio do século XIX incluído neste estudo.

Nos meandros dos arquivos e das fontes manuscritas foi preciosa a colaboração da Dr^a Isabel Cid, directora da Biblioteca e Arquivo Distrital de Évora, no sentido de me facultar o acesso directo às fontes.

Em todas as bibliotecas e arquivos onde efectuei a minha pesquisa encontrei bibliotecários e funcionários que me ajudaram. Ao Sr. Constantino e à D. Eduarda, funcionários do Arquivo Distrital de Évora, o meu especial agradecimento, bem como a todos os outros que embora para mim anónimos também prestaram a sua colaboração.

Quero agradecer a impressão original do trabalho bem como a elaboração da capa do mesmo à Dr^a Ana Maria Mata e ao Dr. Jorge Mata.

Para a minha família vai o meu último e grande agradecimento, pela sua paciência perante a minha indisponibilidade e pelo seu permanente incentivo. Ao meu marido, Luís Filipe, pela força que sempre me deu. Aos meus pais, Leonilde e Amílcar, pela sua permanente ajuda e preocupação face ao meu cansaço.

Introdução

As crises de mortalidade, desencadeadas sobretudo por guerras, fomes e epidemias que ciclicamente atingiam as populações, foram uma das características do Antigo Regime Demográfico, que basicamente se caracterizava por elevados índices de fecundidade e mortalidade.¹

Essas crises, no seu conjunto dão a ideia de épocas em que o crescimento populacional decresce, como se a mortalidade fosse o mecanismo regulador do volume populacional. No entanto, este período é também caracterizado por altos níveis de fecundidade, que apesar delas permitem a médio e longo prazo o crescimento moderado no volume da população.

No continente europeu, sobretudo na Europa Ocidental, o século XIX é já marcado por um declínio significativo da mortalidade e consequente prolongamento da vida humana, tendência esta, que foi também extensiva a Portugal, embora pareça ter assumido aqui um ritmo decrescivo mais lento.

No entanto, embora de forma mais atenuada que nos séculos anteriores, a deficiente saúde pública e privada e o irregular abastecimento de produtos alimentares, condicionavam ainda os elevados níveis de mortalidade das populações oitocentistas.

Nos últimos anos foram efectuados diversos estudos tendo como finalidade compreender as características e particularidades das crises de mortalidade em algumas regiões de Portugal entre os séculos XVI e XIX. Na sequência dos resultados obtidos, estão já relativamente bem conhecidos os anos marcados por níveis “anormais” dessa variável microdemográfica em diversas zonas. Assim sendo, este estudo pretende ser um complemento dos já efectuados, permitindo um alargamento geográfico do espaço já estudado relativamente a esta temática.

Assim, saber se na segunda metade do século XIX, as crises continuaram a pesar nos níveis de mortalidade da população do concelho de Évora é o primeiro objectivo deste nosso trabalho.

Deparamos desde logo com uma vantagem que provém da existência de um estudo sobre as crises de mortalidade no termo da cidade de Évora, para o mesmo período². Assim, o trabalho efectuado com uma metodologia semelhante permitirá

um melhor conhecimento do comportamento da mortalidade nas freguesias da cidade, quando comparadas com o seu termo. Uma vez que os comportamentos demográficos das populações urbanas e rurais têm assumido em todas as épocas aspectos distintos, este estudo comparativo permitirá delinear o comportamento demográfico das populações urbanas face às populações residentes em zonas rurais, pondo em confronto os diferentes espaços que constituem o concelho de Évora.

Embora se estude uma área relativamente vasta, a nossa informação de base surge ao nível de freguesia. Este facto permite-nos a análise de espaços diversos, uma vez que as freguesias, pela sua extensão e situação geográfica, se revestem de características distintas. Umam situam-se no seio da planície, afastadas do centro da cidade e possuindo características que permitem considerá-las exclusivamente rurais. Outras constituem os espaços urbanos da época, com grande densidade populacional e surgem agregadas no interior da muralha fernandina que cerca Évora. Portanto, apesar de se tratar do estudo de apenas um concelho, a sua diversidade interna permite-nos efectuar uma análise diferenciada entre os vários espaços e verificar até que ponto estes se distinguem ou não no que toca à mortalidade extraordinária.

Uma vez delimitado o espaço, foi escolhida a época a estudar. Escolhemos a segunda metade do século XIX por quatro razões essenciais. Porque possui uma grande riqueza de informação (seja a nível macro e microdemográfico, seja em termos de informações secundárias); porque o volume e a diversidade das fontes são consideráveis e pressupõem uma escolha e uma análise extremamente morosas, que trouxe consigo a necessidade de uma delimitação espacial relativamente reduzida e metodologicamente delimitada, porque se aproxima da história actual portuguesa; e porque permite o confronto directo com o estudo já efectuado relativamente ao termo da cidade de Évora.

Com efeito, a partir de 1860, a qualidade das fontes sobre o estado e movimento da população portuguesa melhorou consideravelmente e em simultâneo surgiram os primeiros recenseamentos modernos portugueses, possibilitando-nos assim um estudo mais aprofundado da mortalidade neste período.

Também a proximidade física com as fontes manuscritas constituiu um factor aliciante, que pesou na escolha desta região como objecto de estudo.

A selecção das fontes a manusear foi efectuada de acordo com a sua pertinência para o estudo, aplicando-se-lhes então a metodologia que considerámos mais oportuna e que explicitamos no capítulo a ela referente.

O estudo das crises de mortalidade no concelho de Évora permitirá assim, observar e compreender a evolução e desenvolvimento demográficos desta população durante a segunda metade do século XIX e ainda confrontá-la com as populações já estudadas em outras regiões do nosso País. Encontram-se já efectuados estudos específicos desta temática abrangendo o período em análise, relativamente às regiões de Lisboa, Braga, Castelo Branco e termo da cidade de Évora, cuja autoria pertence respectivamente a Teresa Rodrigues, Henrique David, Maria Luís Rocha Pinto e Graça Morais³.

É também oportuno referir a existência de muitos outros trabalhos que abordam esta problemática, embora a mesma nem sempre constitua o seu tema de base. Outros há, que embora se refiram à mesma problemática se reportam a épocas anteriores. No entanto, todos estes estudos traçam algumas linhas gerais no campo da demografia histórica, contribuindo assim, para a viabilização deste trabalho e para o enriquecimento da comunidade científica.

Conhecer as causas directas ou indirectas de cada crise de mortalidade, a intensidade que alcançaram e a sua semelhança ou divergência no conjunto das freguesias que constituem o concelho de Évora, completarão os estudos conducentes a um melhor conhecimento do quotidiano dos eborenses na segunda metade do século XIX.

De acordo com este objectivo, efectuaremos uma primeira abordagem em que a análise dos comportamentos demográficos será sobretudo descritiva, estando muito dependente da qualidade e do tratamento exaustivo das fontes e da bibliografia existente sobre o concelho no período referido. Numa fase posterior, será analisada a influência exercida pela mortalidade na dinâmica populacional das populações residentes na cidade e termo de Évora na segunda metade de Oitocentos. Assim no primeiro capítulo deste estudo, dedicamo-nos a questões de ordem teórica e metodológica e nele são abordadas as características gerais da mortalidade desde o Antigo Regime demográfico a finais do século XIX, bem como a especificidade da mesma no Alentejo, uma vez que o nosso estudo se remete para este espaço físico. O capítulo II apresenta uma abordagem explicativa das fontes e da metodologia

adoptadas, bem como das razões da sua escolha. O capítulo III privilegia alguns aspectos gerais da dinâmica populacional no concelho de Évora na segunda metade do século XIX. Após a caracterização do espaço físico em estudo, procedemos à apreciação de cada freguesia em termos populacionais, bem como à respectiva evolução ao longo deste período. O capítulo IV refere-se à mortalidade quotidiana no concelho de Évora na segunda metade do século XIX e através dos valores obituários foram traçadas as linhas de tendência da mortalidade, perspectivando-se ainda a sazonalidade da mesma. Este estudo privilegia sobremaneira a dissociação entre os espaços rural e urbano do concelho, de forma a efectuar-se uma comparação nos valores da mortalidade em cada um deles. Neste sentido, no capítulo V, são delineadas as crises de mortalidade em cada uma das freguesias que constituem o concelho, bem como a respectiva cronologia e intensidade, o que possibilita a constatação da existência de unidade e/ou diversidade das freguesias face à mortalidade. Uma vez que as crises já se encontram cronologicamente demarcadas, no capítulo VI são abordados os anos de mortalidade excepcional. Assim, cada período de mortalidade "anormal" é alvo de uma apreciação detalhada, numa tentativa de se descortinar o universo populacional atingido, bem como os factores desencadeadores da mesma. Procurou-se, aqui, saber as causas da mortalidade excepcional, a sua natureza, a sua extensão geográfica, a forma como afectou os indivíduos nas diferentes idades e nos diferentes sexos, bem como a sua sazonalidade e relações com as condições económicas e sanitárias do concelho durante os anos de crise. A análise de todos estes aspectos constituirá o objectivo fulcral do estudo a efectuar e a sua apreciação global será efectuada no último capítulo dedicado às conclusões.

Mais que descrever, importa neste estudo, identificar os períodos de crise, as suas características e assimetrias internas, bem como assinalar as diferenças regionais face ao fenómeno da morte excepcional. Do ponto de vista demográfico, estas crises só adquirem um verdadeiro significado após o seu confronto com a mortalidade "normal".

Será ainda oportuno pesar a influência de cada um dos factores desencadeadores de uma mortalidade catastrófica: se se trata de "pestes" ou outra mortalidade epidémica pura ou se esta mortalidade foi condicionada por conjunturas económicas ligadas a crises de subsistência.

Ao longo deste trabalho surgem diversas referências a estudos de reconhecido mérito científico sobre idêntica temática. Alguns dos exemplos apresentados ilustram situações do início do século XIX. Utilizámo-las uma vez que no decorrer deste século a vida quotidiana e os hábitos das populações sofreram poucas alterações.

Este estudo pressupõe ainda a confluência da Demografia com outras ciências, nomeadamente, a História, a Medicina, a Geografia e a Sociologia, aproveitando o contributo da cada uma delas para a análise dos fenómenos em causa e para interpretação dos resultados obtidos, bem como o confronto de métodos quantitativos, implícitos na análise dos fenómenos, e qualitativos, essenciais para interpretar os resultados. No fundo, um dos aspectos de maior riqueza que nos trazem as investigações no campo da Demografia Histórica.

Capítulo I - Considerações de ordem teórica e metodológica

1.1. Características gerais da mortalidade - do Antigo Regime demográfico a finais do Século XIX

Nas sociedades do Antigo Regime a mortalidade apresentava comportamentos peculiares derivados das condições sócio-económicas existentes. A economia agrária com uma produção que mal conseguia garantir a subsistência das populações, mantinha-as sujeitas a um nível alimentar bastante deficiente, que contribuía para a debilidade dos corpos e facilitava a ocorrência e propagação de males diversos.

Por outro lado, o baixo nível de vida bem como os condicionalismos culturais repercutiam-se em múltiplos aspectos da higiene privada e pública das populações, tornando-as alvo fácil de inúmeras doenças, entre as quais avultavam as de carácter epidémico, geradores de crise de natureza cíclica, a que os conhecimentos a nível da ciência médica não conseguiam dar a satisfatória resposta.

No entanto, desde a Idade Média que o casamento tardio e o celibato definitivo punham à disposição das populações um eficiente dispositivo de recuperação demográfico face a uma crise de mortalidade. Diminuía a idade média do primeiro casamento e reduzia-se o celibato definitivo, o que permitia que aumentassem os nascimentos e fossem repostos os efectivos perdidos pelos efeitos devastadores das crises de mortalidade.

Os níveis de nupcialidade apresentavam-se a longo prazo, bastante estáveis, mas modificavam-se em presença das alterações provocadas pela mortalidade extraordinária. Assim, a oscilação da nupcialidade não era senão uma resposta às crises de mortalidade.⁴

"Podemos assim dizer que se a nupcialidade constitui a variável explicativa do processo de evolução da população do Antigo Regime Demográfico, a mortalidade constitui a variável dinamizadora do sistema, na medida em que desencadeia um processo de renovação de gerações".⁵

Contudo, em meios urbanos, estes condicionalismos assumiam características originais, uma vez que bastava o fenómeno da imigração para que fossem repostos os efectivos perdidos.

O crescimento das populações, embora lento, devido às elevadas taxas de mortalidade, é no entanto contínuo, uma vez que as crises de mortalidade criam condições para a formação de novos casais que vão assegurar o prosseguimento das actividades produtivas, obtendo assim a sua independência económica. São ainda reintroduzidos no "mercado" de casamento, os viúvos e os celibatários que, em período normal não encontrariam cônjuges. Quanto à idade média do casamento, também diminui gradualmente o que, por sua vez, aumentava o número de nascimentos.

Todas as situações permitem a médio prazo repôr os efectivos perdidos durante o período de crise. Podemos pois, concluir, que no Antigo Regime demográfico as populações possuem capacidade de contrapor e superar a alteração brusca do seu número de efectivos, fruto de uma crise de mortalidade.

A segunda metade do século XIX insere-se em Portugal ainda no Antigo Regime Demográfico, ou seja, num sistema idêntico ao vigente desde épocas muito recuadas. As variáveis fecundidade e mortalidade situam-se ambas a níveis muito elevados e a sua evolução no tempo processa-se de forma muito irregular. Os valores da natalidade situam-se normalmente um pouco acima dos da mortalidade e com uma evolução mais regular, o que permitiu que a população, embora muito lentamente, fosse sempre crescendo, a longo e médio prazo, apesar dos períodos perturbados por forte mortalidade.

Quanto à população portuguesa no período em estudo, registou-se um crescimento bem mais rápido do que em épocas anteriores. Em 1864 foram recenseados 4.188.410 indivíduos em Portugal e em 1911, 5.960.056 indivíduos⁶, ou seja, num período de 47 anos, a população aumentou quase dois milhões de habitantes. «(...) a conjugação de uma natalidade elevada, com características ainda de "antigo regime", que se manteve estacionária com a gradual diminuição da mortalidade, levou a um crescimento populacional, que se traduziu (...) por um aumento da ordem dos dois milhões de habitantes».⁷

A higiene pública foi uma das grandes preocupações das autoridades durante todo o século XIX, tentando controlar preventivamente as catastróficas crises de mortalidade. Neste século foi desenvolvido um corpo de conhecimentos científicos, com vista a fazer variar a marcha tradicional das grandes mortalidades. No entanto,

os fracos recursos económicos das populações e o baixo nível cultural tornaram de certa forma ineficaz esta luta contra a morte.

Contudo, as diferenças progressivamente registadas no início do século XX na evolução da mortalidade são sobretudo consequência de factores técnicos e culturais desenvolvidos ao longo do século XIX, que por sua vez, foram lentamente modificando os comportamentos higiénicos e sanitários das populações.

Em geral, em todas as sociedades pré-industriais existia uma mortalidade correspondente aos períodos normais, dependente de um conjunto de condicionantes de tipo económico, biológico, científico, sócio-político etc. Dentro destas condicionantes intercalavam-se periodicamente factores acidentais, que agravavam esta tendência habitual, dando lugar a curtas etapas de mortalidade excessiva. Assim, entre a mortalidade normal existia uma presença forte e fugaz de sobremortalidade. Esta situação era regular de tal forma que em certas épocas e em muitas zonas era apenas um ingrediente condicionante da mortalidade normal.

A mortalidade acidental era provocada por factores tais como guerras mortíferas, casos de violência ou desgraças colectivas, como por exemplo, terremotos e inundações. Estes factores são considerados acidentais, pois intervêm na evolução habitual da mortalidade.

No entanto, outros factores, presentes com muito mais regularidade no passado das populações, originavam mudanças não menos importantes nesta variável nos períodos considerados normais: a sobremortalidade periodicamente derivada das crises alimentares e de surtos epidémicos. As crises desencadeadas simultaneamente por estes dois factores são denominadas crises de tipo “misto”,⁸ uma vez que agregam a carestia e a mortalidade e por isso se distinguem das de tipo epidémico (mortalidade sem carestia) ou de subsistência (carestia sem mortalidade).

De todos os factores que podem considerar-se desencadeadores de uma mortalidade excepcional são estes os que merecem uma atenção especial, devido ao seu carácter periódico.

Portanto, o estudo da sobremortalidade, ou mortalidade advinda de crises, equivale à análise do factor mais importante da mortalidade, o factor crise, sem que o mesmo seja considerado mero acidente.

A crise tem uma duração relativamente curta, e normalmente só aparece de uma maneira brusca e ostensiva, sendo percebida com nitidez. Assim, os outros

reguladores do processo demográfico, componentes do seu crescimento, não podiam intervir decisivamente numa alteração tão brusca e significativa do movimento da população, porque não podem alcançar nunca a amplitude das oscilações da mortalidade.

Até finais do século XIX, a inexistência de recursos da medicina colocava os homens ao arbítrio de qualquer vicissitude. A visão quotidiana da morte de crianças e adultos era uma constante na vida das populações. Cabia aos padres, preparar os doentes para o seu inapelável futuro, ensinando-lhes o sofrimento resignado e concedendo-lhes o perdão. As *Constituições Sinodais* recomendavam aos padres a visita aos enfermos das suas freguesias, para que a todos fosse facultada a confissão e o Santíssimo Sacramento da Comunhão.

Ao contrário dos séculos anteriores, a doença no século XIX já não era encarada como a consequência directa de uma má acção pela qual um indivíduo deveria ser condenado. «A questão deixava de ser eminentemente religiosa para tomar contornos económicos e políticos mais nítidos reclamando outros modelos de organização e gestão da doença, sugerindo comportamentos mais racionalizados e menos dominados pelas ideias de caridade e de sacrificio».⁹

Tal como refere Teresa Ferreira Rodrigues embora a eficácia dos avanços da ciência médica fosse reduzida, muito esforço foi efectuado no sentido de debelar as doenças. “Dessa forma, poderemos aceitar que a relação entre homem e os males que o afrontavam foi sendo cada vez mais indirecta. Ela viu-se mediatizada por medidas preventivas e profilácticas de alcance individual e colectivo (...)”¹⁰

Já em 1812, uma portaria do Governo, determinava o envio de médicos e cirurgiões para os hospitais civis, casas de expostos, cadeias e outros estabelecimentos públicos. Estes médicos e cirurgiões eram, por sua vez, obrigados a remeter aos provedores das respectivas comarcas, relatórios mensais das doenças mais vulgarizadas, bem como as causas prováveis das enfermidades e as formas de tratamento que se tivessem revelado mais eficazes no seu combate.

A criação de uma Junta de Saúde em 1813 teve como objectivo evitar a propagação das epidemias a fim de se evitarem as doenças epidémicas e mortais. Era também dela a responsabilidade de reunir informações sobre o estado da higiene pública em geral.

Também a Academia das Ciências de Lisboa, publicava em 1814 directrizes no sentido de se elaborarem topografias médicas das povoações e obrigando ainda os médicos a um melhor aperfeiçoamento e estudo, sob pena de exclusão.

Era sobretudo nos maiores aglomerados que as epidemias encontravam o lugar ideal para a sua propagação, devido à promiscuidade aí existente. As elevadas densidades de povoamento, nomeadamente no que concerne ao número de habitantes por fogo, bem como as deficiências ao nível da higiene sanitária, constituíam focos preferenciais de infecção.

1.2 - Algumas características da mortalidade no concelho de Évora na segunda metade do século XIX

Nos centros urbanos da época as condições de higiene eram deploráveis; as ruas estavam sempre cobertas de entulhos e esterqueiras e os açougues, mercados e outros organismos contribuíam para esta situação, espalhando os restos dos animais pelas ruas. Alguns deles (patos, porcos, vacas, galinhas, etc.) eram criados nos locais de vida das populações, gerando potenciais focos de contágio.

Em Évora, um pedido publicado num jornal documenta devidamente estas situações:

«Pedido - Pede-se à Câmara municipal, se não esqueça de ler as suas posturas, sobre a proibição de criação de porcos nas cazas, e nas ruas; assim como sobre o accio das mesmas, que é uma lastima, (...)»¹¹

As crises de géneros e a falta de assistência médica eram também factores responsáveis pela doença e morte das populações.

Os processos de limpeza individual e colectiva sugeridos pelas autoridades, encontravam grandes obstáculos ao nível das mentalidades populares, uma vez que as pessoas se recusavam a modificar os seus velhos hábitos. Uma notícia publicada num jornal eborense, no ano de 1862, ilustra com exactidão a recusa das populações em o fazer, ainda que tal lhes custasse a própria vida.

«Envenenamento - Consta-nos que teem entrado no hospital civil d'esta cidade tres ou quatro individuos, trabalhadores, por motivo de envenenamento recebido no alimento que era feito n'um caldeiro de cobre. Dois dos ditos

trabalhadores já falleceram, e os outros acham-se em perigo de vida. É de extrema necessidade banir completamente taes caldeiros para n'elles se fazerem alimento, por que são *nimiamente* prejudiciaes e antisalutares.»¹²

Era difficil escoar devidamente os despejos ou afastar os animais dos locais de vida das populações. Também as condições gerais das habitações dos mais desfavorecidos constituíam verdadeiros focos de infecção, devido sobretudo à falta de higiene e ao elevado número de pessoas que coabitavam no mesmo fogo. Quanto aos despejos, era comum os mesmos serem lançados na via pública.

“(...) acabam de ser comprados mais quatro bois, para se montarem mais quatro carros para a limpeza e aceio da cidade (...) Seria bom, visto que ha oito carros, dividir dois por cada freguezia, percorrendo estes, duas vezes por dia cada rua do seu districto, uma pela manhã, e outra á tarde, limpando não só as ruas mas recebendo de cada caza o lixo e aguas, em vez de se lançarem á rua (...)”¹³

A higiene individual era também descurada, uma vez que a ignorância da época não a favorecia. Prova desse facto é um artigo publicado no periódico “Revista Eborense”, onde se refere que a principal causa da queda dos cabelos é o abuso da água, “sobretudo quando o cabelo fica empastado.”¹⁴

Com efeito, as epidemias eram sobretudo o resultado da extrema penúria em que se vivia. As miseráveis condições de vida, a alimentação deficiente e a degradada higiene facultavam aos corpos a falta de defesas face às doenças.

Apesar do convívio permanente com as doenças e com a morte, a aproximação de uma epidemia desencadeava nas populações a instauração de um pânico colectivo. A emoção tornava-se geral e contagiava populações inteiras; a credulidade, a superstição e a miséria andavam a par.

Perante a eclosão de uma epidemia os indivíduos contaminados eram separados do resto da população, pois constituíam uma ameaça. Assim, em vez de se atacarem as verdadeiras causas das epidemias, as atenções eram concentradas nos corpos contaminados e nos espaços ameaçados. Evitava-se que os corpos infectados tomassem qualquer tipo de contacto com os corpos saudáveis e, nesta tarefa as autoridades policiaes tinham papel activo.

Este procedimento era já comum desde séculos anteriores, em que leis régias determinavam o afastamento dos indivíduos affectados por doenças contagiosas. A este propósito já em 1480, o príncipe D.João indicava directrizes nesse sentido:

“(…) E mais auemos por bem q fora desa cidade se busque aigua casa ou casall despovorado para quallqr doente q adoeçer (…) porque nos parece q semdosse em esta maneira sera caso de se nom empoçoentar essa cidade (…)

PRINCIPE”¹⁵

Após a morte, os cadáveres eram imediatamente enterrados, pois existia o receio de que a sua putrefacção pudesse desenvolver epidemias.

O temor das populações face à possibilidade de contágios, levava os vivos a promover o rápido desaparecimento dos sinais de desolação, não só nos casos de epidemias, mas também na morte súbita, à primeira vista inexplicável. Sobre este assunto, foi citada num jornal de Évora uma notícia publicada no jornal "Esperança do Porto":

«(…) deu muito que fallar um acontecimento extraordinario, que é mais uma prova contra os enterramentos precipitados.

O cadáver de um mancebo acabava de ser depositado n'uma das capellas lateraes da igreja de S.Lourenço e esperava-se a chegada dos padres que deviam resar-lhe o reponso, quando o caixão se agitou ao ponto de fazer cair uma das velas das tocheiras.

Os assistentes deram-se pressa a abrir o caixão e levaram o ressuscitado para a sachristia, onde lhe prodigalisaram os socorros necessarios.

Voltava a si de uma lethargia de perto de sessenta horas.

O médico foi chamado tomou logar na carruagem com o doente, que reconduziu ao seu domicilio, e pôde bem julgar-se da commoção que causou a sua mulher e aos seus dous filhos. »¹⁶

Contudo, na segunda metade do século XIX, este tipo de situações era frequente não só em Portugal, como documenta um jornal eborense:

“Em Malaga, uma creança de 6 annos que soffria frequentes ataques, ficou inerte n'este ultimo.

Considerada morta, apesar da constante opposição da mãe e dos seus rogos e protestos, foi a creança levada para o cemiterio e enterrada.

A pobre mãe, alem de costumada, achava-se possuida d'um desespero, que receiando-se alguma fatalidade foram exhumar a creança e trouxeram-lhe para a deiventurada se certificar da sua morte.

Sete horas depois a creança deu signaes de vida, dando assim principio á reacção.»¹⁷

A robustez era a condição essencial para enfrentar as epidemias e as gentes da época acreditavam que esta podia ser adquirida ingerindo vinho, fazendo banhos frios e com todo o trabalho que não provocasse transpiração cutânea. A quina e o chá frio de macela eram também recomendados em qualquer situação de emergência.

O diagnóstico das doenças revestia-se também de muitas dificuldades, na medida em que era praticamente impossível determinar a génese do mal. Por outro lado, o vocabulário médico apresentava-se confuso e a classificação das doenças não obedecia a critérios bem definidos: umas vezes determinava-se a doença segundo o órgão atingido, outras vezes segundo os sintomas apresentados. Daí que muitos óbitos constantes dos registos paroquiais não explicitem correctamente as doenças que vitimaram os indivíduos.

Uma vez que o diagnóstico das doenças assumia características de grande imprecisão, os medicamentos e elixires eram aconselhados e publicitados como benéficos, para doenças bastante distintas.

«Pílulas antifebris de Azevedo

Para combater todas as febres paludosas

São preferíveis, tanto em preço como pelos seus effectos, ás pilulas ordinarias preparadas com sulfato e mais saes de quinina.

São de extrema solubilidade, o que dá logar a que a absorpção se faça e o resultado seja sempre certo. (...)»¹⁸

«Caldos Nutritivos

preparados pelo pharmaceutico

José Ferreira Duarte

Caldos Fibrinos Glutinosos

É um d'aquelles alimentos que em pequena quantidade pode nutrir o doente, que muitas vezes n'uma difficil e prolongada convalescença não se lhe poderia applicar quantidade tal de alimento, que as suas propriedades nutritivas o podessem restabelecer sem prejuizo; é pois n'este caso que muitos outros, como são: na desmamação das creanças, nas diarrheas das mesmas, nas dos adultos, em muitos outros, e podendo servir para uso ordinario, como qualquer outro caldo substancial, a

peças que pela sua fraca construção usam de diferentes caldos que a maior parte d'elles os acham substanciaes, mas que só enchem, com poucos ou nenhuns principios nutritivos (...)»¹⁹

Este tipo de publicidade era frequente nos periódicos, uma vez que a ignorância e o desespero das populações conduzia à especulação por parte de alguns farmacêuticos que produziam fármacos que recomendavam para as mais diferentes moléstias e que eram consumidos. A este propósito, refere já em 1932 Fernando Correia: “Estão na moda as especialidades farmacêuticas que, muitas delas, não passam de empacotamentos caros de medicamentos baratos (...)”²⁰

Havia já a noção clara de que a doença ocupava de forma diferente os meses do ano, consoante o frio e o calor, a abundância ou a fome.

«Ora a constituição do anno formou a molestia»²¹.

Os médicos portugueses do século XIX eram unânimes em afirmar que a doença mais generalizada em todo o país durante o Verão eram as febres, as quais se prolongavam pelo Outono ainda que de forma mais atenuada, afastando-se definitivamente em Dezembro e Janeiro com o início do frio e da humidade. Estas febres propagavam-se facilmente devido à falta de meios eficazes para o seu combate.

«Determinar, por meio de experiencias e de autopsia cadaverica, quaes sejam as causas, que com mais particularidade tem concorrido, nestes últimos Tempos, para que as Febres intermitentes, principalmente nos mezes estivaes e do outono, sejam tão geraes e frequentes em Portugal ...»²²: este um dos objectivos a que prometia dedicar-se no início de Oitocentos a Academia Real das Ciências de Lisboa.

A partir do Outono as febres começavam a diminuir e em Novembro podia reconhecer-se a diminuição do flagelo, uma vez que o frio aumentava. Contudo, o Outono era ainda o momento perigoso das recaídas, das quais resultavam outras doenças. De facto, muitos factores condicionavam estas recaídas tais como: a influência dos miasmas pútricos, a alimentação deficiente, a má qualidade dos medicamentos utilizados, em especial a quina, a inexistência de um período de convalescência e a exposição excessiva ao calor, ao frio e à humidade. Tais factores condicionavam as recaídas, uma vez que os indivíduos atingidos raramente ficavam completamente recuperados.

Com o aparecimento dos frios de Inverno, as febres que tinham flagelado as populações durante o Verão eram substituídas por outro tipo de doenças: anginas, catarros, hepatites, pleurizes e reumatismos.

Os sintomas catarrosos eram descritos da seguinte forma: «(...) tósse sêcca, dores, ou antes ardor, e sensação de calor em toda a região thoracica, e difficuldade na inspiração. As faces com huma côr rubro-rôxa, os olhos scintillantes e lacrimosos, espirros, e dores por todo o corpo maiormente extremidades»²³.

Foi também a partir do início do século XIX, que as autoridades tentaram uma melhoria nas condições de protecção à infância, pois em todo o país a mortalidade nos primeiros anos de vida era bastante elevada, assumindo contornos assustadores no caso dos expostos. Estas medidas eram tornadas públicas, solicitando-se o auxílio dos mais abastados.

“Crianças abandonadas - Todos à porfia concorrem para o socorro das criancinhas que, com a saída das irmans da caridade ficam abandonadas (...) Em Évora está também aberta uma subscrição (...)”²⁴

Também em Évora, apesar da existência da Casa Pia, foi criado em meados do século XIX um “asylo d’infancia desvalida”²⁵ que sustentava vinte e quatro crianças.

A deficiente alimentação (afectada pela escolha do leite), a negligência e corrupção por parte das amas (muitas delas verdadeiras mercenárias), a falta de asseio, o vestuário descuidado e inadaptado à idade das crianças e os espaços diminutos e promíscuos em que estas viviam, faziam deste grupo desprotegido o mais exposto à morte. Os abortos e os infanticídios eram também frequentes, sendo no entanto em menor número, nos lugares onde existiam as rodas de expostos.

1.3 - A especificidade da morte no Alentejo

«O Alentejo é pouco povoado: terra de largos planaltos baixos, uniformes de extensos latifúndios, a população concentra-se nalgumas grandes aldeias muito espaçadas (...); até as cidades, a maior parte de origem romana, preferindo os sítios um pouco elevados (...) não são mais que grandes centros agrícolas.»²⁶

Também aqui a ameaça da doença era constante e os médicos confrontavam-se com a competição de boticários e curandeiros no exercício da terapêutica. A definição das doenças era confusa e os sintomas apresentados tinham na sua origem causas diversas, daí a dificuldade da aplicação da terapêutica específica.

A nível alimentar viviam-se habitualmente dois tipos de situações: os géneros consumidos diariamente eram pouco variados e, como se tal não bastasse, muitos deles eram de qualidade duvidosa, mas sendo os seus preços mais baixos eles tornavam-se por isso mais acessíveis à maior parte da população e mesmo assim consumidos.

O transporte das águas era também deficiente em termos de higiene, pois os canos das fontes, aquedutos e chafarizes públicos não ofereciam condições próprias para o consumo das populações. Sendo a água a bebida mais utilizada, os indivíduos estavam assim, permanentemente sujeitos a focos de infecção. Conscientes desse perigo estavam alguns habitantes da cidade de Évora, abastecida na sua quase totalidade pelo aqueduto da Água da Prata, que já em 1862 reclamavam contra a má qualidade da água:

«Pedido - Pede-se á camara municipal desta cidade, que lance os olhos de sua illimitada caridade - para o aqueducto do immortal Sertorio - porque estamos bebendo agua de barro e de ... eu sei!?... talvez donde se lava a roupa»²⁷

Quanto aos trabalhadores rurais, durante o período de trabalho, consumiam água que transportavam ou bebiam águas estagnadas. A este respeito escreveu um médico da comarca de Castelo Branco: «Os habitantes não tem para seu uso outras águas senão as dos poços, ordinariamente pouco limpas, onde bebem pela maior parte os seus animaes domesticos»²⁸.

O centro e o sul do país eram neste âmbito as zonas mais afectadas, uma vez que as águas estagnadas, muitas vezes ingeridas pelas populações, eram uma das

principais causas das febres que deflagravam nos meses de Verão. Também nos maiores aglomerados populacionais a poluição das águas era a causa de frequentes enfermidades, tais como febres diversas e fócios coléricos.

As doenças do aparelho digestivo eram muitas vezes provocadas pela alimentação deficiente: «no Alentejo, a alimentação fazia-se à base de pão de trigo, leguminosas, hortaliças, frutas, sardinhas salgadas e alguma carne de cabrito e de porco mas, em muitos casos, resultantes de animais que haviam morrido de doença»²⁹. No entanto, a carne não tinha presença constante em muitos lares, consumindo-se por isso, géneros mais baratos, como leguminosas e frutos próprios de cada região e época do ano.

Aos períodos de abundância de carne correspondia uma diminuição dos níveis de mortalidade nos grupos mais abastados, o que confirma o valor da alimentação no estado de saúde das populações. Quanto às pessoas pobres, não beneficiavam do facto, visto não terem acesso a esse bem de consumo.

Frequentemente o azeite destinado à iluminação era utilizado na alimentação, uma vez que era vendido a baixo preço.

As crianças começavam desde cedo a seguir o regime alimentar dos adultos e a sofrer os efeitos da má qualidade do mesmo. As que sobreviviam levavam consigo, pela vida fora, os efeitos da má nutrição, ficando por isso mais vulneráveis a certas doenças. Desde os primeiros momentos de vida, que era visível a gravidade do processo de criar as crianças à base de leite de cabra, factor que se considerava responsável pela morte de muitas delas, nomeadamente as expostas. Também, na falta de leite materno, a nutrição dos recém-nascidos era feita à base de caldos de pão cozido em água misturados com açúcar e leite e outras vezes recorria-se a geleias animais dissolvidas em água fervida. Deste tipo de alimentação resultavam cólicas, convulsões, diarreias e por vezes a própria morte.

De facto, o regime alimentar da maioria dos indivíduos não oferecia perspectivas para uma vida saudável.

Em 1827 os alunos e órfãos da Casa Pia de Évora reagiram contra a miséria a que eram submetidos a nível alimentar: «(...) A carne não obstante estar já reduzida a hum Arratel para 6; lhe foi tirada e substituida por dobrada; que alem de pouca, e muitas vezes com máo cheiro; não poucas vezes tem aparecido cozida com a mesma limpeza com que anda no interior dos Bois; e por vezes tem acontecido

(especialmente às Ceias) ser necessário andarse tirando o comer dos pratos de huns para os dos outros, por ser pouco ...»³⁰.

De facto, a entrada dos jovens na Casa Pia não resolvia a situação de penúria em que se encontravam, uma vez que também aqui a miséria se fazia sentir.

A nova administração da Casa Pia de Évora, confirma em 1828 a situação que lá se vivia, afirmando que os produtos aí consumidos, como o bacalhau e o feijão, tinham qualidade muito inferior, o toucinho era rançoso e o material de cozinha e do refeitório constituíam um foco permanente de infecções e de doenças.

«Eram os trigos estragados e o milho de qualidade inferior que entravam na composição do seu pão, as más condições dos legumes utilizados, os tempêros de borras do Azeite de Peixe da Illuminação da Cidade.»³¹

Assim, as situações de penúria em que se vivia não facilitavam o completo restabelecimento das múltiplas enfermidades que afectavam regularmente os indivíduos, propiciando assim aos corpos uma constante predisposição para recaídas e contágios. Este facto agravava-se de ano para ano, com o progressivo enfraquecimento das defesas do organismo. O estado permanente de depressão física em que viviam as populações facilitava assim o retorno das doenças.

Nos períodos de Inverno eram frequentes os tifos que atingiam sobretudo as pessoas submetidas aos elevados esforços físicos dos trabalhos rurais.

Embora a morbilidade melhorasse substancialmente com a chegada do Inverno, certas enfermidades eram específicas dessa época do ano e atingiam nas planícies alentejanas os trabalhadores rurais. Exemplo disso são as hernias (designadas por quebraduras) e as úlceras nas pernas.

A Primavera era a estação em que se verificavam os níveis de morbilidade mais baixos, tal como se verificava no resto do Reino.

Com o aumento das temperaturas, dissipavam-se os catarros e as afecções pulmonares que haviam afectado os indivíduos durante o Inverno.

Mas, por outro lado, as febres intermitentes características dos meses estivais, começavam a desenvolver-se, associadas às altas temperaturas que se registam e que atingem sobretudo os trabalhadores expostos ao sol. «A atmosfera sem bruma, fortemente aquecida (...) dá-nos no horizonte a impressão de uma ténue fumarada evolando-se da terra. É o Alentejo tradicional, castigado por um sol sem piedade, torturante (...)»³²

De qualquer forma, no quadro geral das estações do ano a Primavera era a mais benigna, seguindo-se-lhe o Inverno que, apesar das suas doenças próprias era menos temido que o Verão e o Outono. Tal como afirma Jorge Crespo³³ «... a regularidade dos fenómenos da doença, de acordo com as estações do ano, era um traço assinalável em todas as regiões do país ...». Havia pois, a correspondência entre as estações mais quentes, a dureza dos trabalhos agrícolas e os elevados níveis de morbilidade.

A doença assumia um carácter cíclico, pois regressava geralmente nas mesmas estações. No entanto, as grandes preocupações estavam concentradas no Verão quando, sob a influência do calor, as águas estagnavam e o tempo seco facilitava a rápida propagação das febres. No entanto, outros factores contribuíam para o recrudescer destas febres, tais como: a alimentação deficiente (carência de proteínas e contínua utilização de vegetais e frutos impróprios para consumo), a falta de medicamentos, a alternância entre o frio, o calor e a humidade, as crises de subsistência, os esforços físicos prolongados e a falta de higiene em que viviam as populações, sobretudo nos centros urbanos. Em Julho de 1896 publicou-se em Évora a seguinte reclamação:

«Queixam-se-nos os moradores da Rua do Paço de que a carroça do lixo que deve percorrer as ruas da cidade só passa áquella rua uma vez por semana! Claro está que teem de ter em casa, de conserva, o lixo até que o carroceiro *entenda por bem* cumprir os seus deveres. Ora, na estação calmosa que atravessamos não é isto nada conveniente, por isso pedimos sejam tomadas as providencias necessarias para que a limpeza da cidade seja feita com a maxima regularidade a fim de não prejudicar a nossa saude a que todos temos direito.»³⁴

A sub-alimentação bem como o consumo de frutas verdes eram factores decisivos para o desenvolvimento das doenças que fustigavam as populações alentejanas nos meses de Julho, Agosto e Setembro. As rápidas mudanças de temperatura atingiam sobretudo os trabalhadores rurais que a elas se submetiam no Alentejo. «A ceifa dos cereais, é um dos mais penosos trabalhos que os operários executam; particularmente no nosso clima, na época mais calmosa do ano, debaixo da acção de um sol ardentíssimo, e na posição violenta em que o uso da foice obriga os operários a colocar-se, não é raro suceder o caírem estes desgraçados mortos pelo

campo. (...) na comarca de Elvas num só ano morreram quatrocentos ceifões pelos restolhos sufocados pelo calor.»³⁵

«Os trabalhadores do campo tendo sofrido o sol por todo o dia entregão-se denotadamente ao fresco da noite, e muitas vezes dormem ao pé das fontes, e sôbre o chão orvalhado, bebem agua fria estando calorosos, ou comem frutas colhidas pelo meio do dia e daqui procedem muitos catarros, cezões, febres gastricas, biliosas, e algumas vezes infiltrações do systema cellular»³⁶

Era também grande a inquietação quanto aos elevados níveis de mortalidade infantil que se verificavam no Alentejo onde muitos recém-nascidos eram votados ao abandono. Sobre este abandono, refere um médico de Grândola no seu relatório «... o desamparo com que se tratão nas suas enfermidades os que vivem no Deserto; e a insensibilidade e desamparo com que tratão seus tenros filhinhos; pois não só reina esta dureza, mas pela ideia de que morrendo vão para o Ceo, lhes desejão a morte para se verem livres do pêso de sua criação ...»³⁷

O infanticídio ainda constituia em muitos casos a forma mais prática de se afastar uma criança indesejada, como demonstra a seguinte notícia, publicada em 1863 por um periódico eborense:

«Infanticídio - Na manhã do dia 14 de fevereiro último, foi encontrado boiando, n'um boqueirão proximo ao Passeio do Templo de Dianna, e que estava cheio d'agua, uma creança dentro d'uma alcofa.

Foi tirada, e levada para o cemiterio onde se lhe fez o competente corpo de delicto.»³⁸

Por sua vez, a grande quantidade de vagabundos, mendigos, e pobres doentes, grupo sempre numeroso e indesejado nos centros populacionais de maior dimensão, criavam a perplexidade nos habitantes e tornava-os alvo de agressões e roubos constantes. Existiam grupos organizados de bandidos que assaltavam e matavam pelas estradas, sobretudo aqueles que se dirigiam para as feiras e romarias, facto de que não estavam isentos os habitantes da província alentejana:

«Na estrada de Monté-Mor o Novo a Vendas Novas - apparecem cinco saltadores, assaltando e roubando os passageiros e carreiros que transitam por aquella estrada»³⁹.

No Alentejo, a distribuição da população no espaço favorecia estas situações, pois muitas herdades situavam-se em monte isolados, constituindo por

isso um meio propício às investidas dos salteadores. Muitas vezes eram os próprios residentes que receosas das represálias não denunciavam estes indivíduos.

Assim, além das doenças, a morte estava também presente em alguns acidentes. «(...) na festa de Nossa Senhora do Rosário, em Aldeia do Matto, um palanque mal construído, onde espectadores assistiam às cavalhadas, ruíu provocando diversos feridos e doze mortos»⁴⁰

A violência era uma constante na vida das populações do passado e facilmente pequenas querelas ou ódios antigos geravam actos de extrema violência. As agressões e assassinatos eram bastante frequentes e executados de forma brutal.

«Assassinato - No dia 1º do corrente foi assassinada, dando-lhe primeiro com instrumento contundente na testa, depois asfixiada com um cordel de linho ao pescoço, atada de pés e mãos, e lançada no poço com a cara tapada, Maria Innocencia, guarda da pouzada dos lavradores da Fonte do Abbade, na Rua da Zanguella, freguesia de Santo Antão d' esta cidade. (...)»⁴¹

O local do enterramento, a localização e o aspecto exterior da sepultura demarcavam as diferenças sociais dos indivíduos mesmo após a morte. O cemitério da cidade de Évora, agrupava os falecidos consoante a sua condição sócio-económica. Existiam três tipos de sepulturas⁴²: “geral”, “distinta” e “ordinaria”. Encontrámos ainda referência⁴³ a dois quarteirões que separavam os falecidos consoante a sua condição e o local do óbito: “quarteirão do hospital” e “quarteirão dos expostos”.

**Capítulo II - As fontes e a metodologia adoptada para o estudo
das crises de mortalidade no concelho de Évora na segunda metade
do século XIX**

2.1 - As fontes

Para o nosso estudo, interessam-nos fundamentalmente os livros paroquiais referentes ao movimento obituário, já que constituem o elemento indispensável para aplicar a metodologia que iremos seguir. “Nas Constituições diocesanas de Lisboa de 1536, aparece determinado que em cada igreja paroquial houvesse um livro, no qual se lançasse, numa parte, o registo dos baptismos, com indicação do nome do pároco baptizante, dia, mês e ano, e nome do baptizado e do pai e mãe deste, se fossem havidos por marido e mulher, e os nomes dos padrinhos e madrinhas; e noutra parte do mesmo livro o registo dos óbitos, com indicação de dia, mês e ano e nomes dos testamenteiros (...)”⁴⁴ Por esta razão, os primeiros livros de registos de óbitos eram exclusivamente livros de testamentos, assumindo na paróquia um carácter administrativo e económico.

Estes registos assumem o papel central no presente estudo, na medida em que irão permitir a análise do movimento obituário de cada freguesia e o confronto com outro tipo de informações complementares.

As séries paroquiais permitem efectuar variados estudos, feitos segundo múltiplas perspectivas e tendo em vista objectivos diferentes, não só em Portugal, mas em todos os países católicos. Daí o interesse que têm vindo a despertar entre nós e em outros países trabalhos que se baseiam nas informações neles contidas.

Desde o século XVI que o conteúdo dos assentos se tem vindo gradualmente a apurar, fruto das directrizes eclesiásticas e reforçadas pelas entidades civis, culminando com a criação do registo civil, já em Oitocentos. Desse século datam também as primeiras publicações com carácter científico sobre o estado e movimento da população portuguesa.

Contudo, os registos paroquiais continuam a ser em relação ao século XIX as fontes mais sistemáticas, permitindo construir séries completas e praticamente homogéneas abrangendo quase a totalidade da população e possibilitando a comparabilidade dos comportamentos demográficos com épocas anteriores.

As alterações introduzidas nos assentos e relativas à forma e conteúdo dos mesmos até à vigência do Registo Civil foram quase sempre da responsabilidade eclesiástica, com registo efectivo nas *Constituições Sinodais*. Ordena-se por

exemplo a inclusão dos sacramentos ministrados (nem sempre referidos) e condensa-se o registo das causas de morte por não serem da competência da Igreja. A lei de 21 de Fevereiro de 1838, introduziu a obrigatoriedade de registo de idade, naturalidade e profissão dos falecidos.⁴⁵

Em meados de 1859 o governo determinou a utilização de formulários em todas as dioceses e a partir de 1860 torna-se obrigatório o duplicado dos livros, que por sua vez, seriam remetidos no início de cada ano ao Patriarcado.⁴⁶

A quase totalidade da informação paroquial que consultámos encontra-se depositada no Arquivo Distrital de Évora e, em termos de conteúdo, verifica-se uma uniformidade razoável entre os assentos das várias freguesias, fruto do cumprimento das determinações superiores.

Estas últimas eram rigorosamente seguidas, pois no ano de 1853, na freguesia de Santo Antão em Évora, o livro de registo obituário não é totalmente preenchido, iniciando-se um livro novo. Este procedimento é explicado pelo pároco:

"Por ordem de Sua Ex^a R^{ma} o Sr. Arcebispo Metropolitano D. Francisco da Mai dos Homeny Annes de Carvalho, recebida em 15 de Set. de 1853, e mandado pôr em pratica a pastorar do Ex^{mo} Sr. Arcebispo D. Joaquim Xavier Botelho, datada d'Abril de 1791 se dá por findo este livro dos óbitos desta paroquial Igreja de Santo Antão d'Évora, que segundo a mesma pastoral só deve conter 100 folhas.

Datado de 16 de Set. 1853"⁴⁷

Quanto aos registos paroquiais consultados, podem salientar-se algumas características quanto ao tipo de informação e qualidade:

- A idade dos indivíduos é sempre referida, bem como o seu nome, data e hora do falecimento.
- Quando o registo se refere a crianças com menos de 7 anos, é utilizada na margem do registo a expressão "menor".
- Quando não é possível identificar a idade exacta dos indivíduos, aparece uma idade (geralmente terminada em 0 ou 5) seguida das expressões "pouco mais, ou menos", "média de idade" ou ainda "com poucos meses".
- A profissão raramente é referida. No entanto são registados alguns aspectos que socialmente caracterizam os indivíduos; se é mendigo, exposto, ou

proprietário. A maioria dos óbitos referem apenas que determinado indivíduo é "trabalhador"⁴⁸.

- Por vezes é referido o número de filhos deixados, o mesmo acontecendo relativamente à filiação (esta mais frequente quando se trata de menores).
- Surge habitualmente a indicação de os falecidos serem expostos, legítimos ou ilegítimos, situações que continuavam a ter grande importância na época.
- Relativamente aos expostos, na falta de filiação, é indicado o nome da(s) pessoa(s) que os acolheu e o local de residência.
- O local de morte é sempre referido, e no caso dos expostos surge frequentemente a indicação de terem sido encontrados "na casa da roda" ou terem falecido no "hospício de expostos".
- As causas de morte raramente são mencionadas e quando o são, o seu registo é bastante impreciso, surgindo indicações tais como: "demente", "morte súbita", "encontrado na rua", "foi assassinado", "enfermidade" ou "moléstia".
- Os sacramentos, recebidos ou não, são sempre indicados, o mesmo se verificando com o local de sepultura. Por vezes é referido o facto de "a moléstia" não ter dado tempo à atribuição dos sacramentos.
- A indicação do estado religioso é sempre efectuada na margem do registo.

Os indivíduos aparecem assim devidamente identificados não só em termos religiosos mas em termos pessoais, como parte integrante de uma sociedade.

Embora no século XIX se procurasse conseguir o máximo rigor nos assentos paroquiais, verificavam-se por vezes alguns erros, tais como omissões ou troca cronológica dos registos, consequência do esquecimento do pároco ou por ter existido uma notificação tardia do óbito por parte dos familiares. De salientar ainda os casos em que se desconhece a identidade do indivíduo, uma vez que se verificava o abandono dos corpos, a fim de se evitarem as despesas com os enterros. Este procedimento era mais usual quando se tratava de crianças, daí o elevado número de falecidos abandonados à porta dos conventos. A mortalidade dos expostos continua a assumir grandes dimensões na segunda metade do século XIX, tal como

comprovam os inúmeros registos de óbito de menores expostos, assentes nos livros paroquiais, que consultámos.

Não obstante algumas das imprecisões referidas, o levantamento das séries de registos de óbitos permite-nos conhecer mais profundamente como viviam as populações do concelho de Évora na segunda metade do século XIX.

Desde o primeiro contacto com estes registos, que se torna possível constatar o já referido movimento diferencial dos óbitos segundo os meses do ano, bem como da sazonalidade dos mesmos consoante as idades (adultos ou crianças). Daí a possibilidade de efectuar gráficos com a imagem dos ritmos da mortalidade de adultos e de menores consoante os meses do ano, que se apresentam no capítulo IV.

O problema principal gira em torno dos registos referentes à mortalidade infantil. Ao lado destes registos surge a expressão "menor" e, de acordo com as disposições contidas nas *Constituições Sinodais*, esta designação aplicava-se às crianças com menos de sete anos de idade. O limite dos sete anos de idade era universalmente aceite pela Igreja como fronteira real entre um "inocente" e um adulto para efeitos religiosos, em termos de aplicação de sacramentos. A partir desta idade, os eclesiásticos consideram que se inicia a idade da razão, ou seja, que a criança pode distinguir entre o bem e o mal, podendo então seguir os ensinamentos do catecismo e, em caso de doença grave, receber a Extrema-Unção.

As crianças com mais de sete anos têm ao lado do assento de óbito a indicação de "solteiro", mas nunca de "menor".

Algumas vezes os assentos de óbito dos recém-nascidos referenciam o seu sexo, mas não há indicações relativamente ao nome, o que leva a crer que se trata de crianças que faleceram sem que tenham sido baptizadas. Outras vezes é-lhes atribuído apenas o nome do Santo Padroeiro do dia em que faleceram.

Para além dos livros de óbito existentes nas diferentes paróquias do concelho utilizámos também outro tipo de documentação sobre o movimento sanitário das gentes de Évora. O arquivo do Hospital do Espírito Santo de Évora conserva as informações sobre as entradas e saídas de defuntos e enfermos. Esses registos incluem ainda as idades, doenças e medicação prescrita, para além de outros elementos que permitem detectar as principais causas de morte dos indivíduos e a sua distribuição geográfica.

Quer nos assentos dos livros paroquiais quer nos registos hospitalares, deparamo-nos sempre com a dificuldade de saber precisamente as causas de morte, pois a nomenclatura utilizada na época dificilmente encontra correspondência com termos médicos actuais.

É contudo, neste século, que como vimos surge uma nova consciência acerca da vida e da morte, visível pela preocupação demonstrada pelas autoridades políticas, médicas e educadoras que tentam aplicar novas directrizes educacionais e de higiene, por forma a diminuir os níveis de mortalidade. Contudo, as deficientes estruturas de higiene pública e privada, a falta de assistência médica, a confusão dos métodos terapêuticos, a violência e os hábitos desregrados marcavam ainda profundamente as populações e como tal, manteve-se uma contínua resistência à introdução de novos hábitos.

Para a época que vamos estudar são também fontes privilegiadas os recenseamentos (que sucedem aos numeramentos da população portuguesa). «A necessidade do conhecimento da população portuguesa, não só por razões militares ou do fisco, mas para servir de base a muitas providências administrativas, acentuou-se durante a primeira metade do século XIX, estando na origem, em 1859, da criação de uma Repartição Geral de Estatística, no Ministério das Obras Públicas (...). Deve-se portanto àquela repartição a coordenação do primeiro Recenseamento Geral da População Portuguesa, decretado em 23 de Julho de 1863 pelo Duque de Loulé e efectuado ao último dia desse ano, em 1 de Janeiro de 1864.»⁴⁹

Contudo, este recenseamento, embora apresentasse bastantes imperfeições, nomeadamente sub-declarações, pois suscitava desconfiança nas populações, por se tratar da primeira contagem sistemática da população, permitiu-nos já um apuramento quantificado das populações distribuídas por freguesia, tal como acontecera em relação ao ano de 1878, data do 2º Recenseamento moderno português. Esta distribuição foi efectuada por sexos, idades e ainda segundo o estado civil de cada cidadão. Nele consta também o apuramento do número de fogos existentes.

Foram ainda consultados os recenseamentos de 1890 e 1900, que nos permitiram o estudo da evolução populacional do concelho durante o período em estudo, uma vez que não apuraram os totais por freguesia no que respeita às idades e estado civil.⁵⁰

Considerámos pertinente, antes de procedermos a qualquer tipo de conclusão, avaliar a qualidade dos dados contidos nos quatro recenseamentos em que nos baseámos (1864, 1878, 1890 e 1900). Assim, optámos pelo cálculo do Índice Combinado das Nações Unidas, habitualmente designado por I.C.N.U.⁵¹, a partir do qual foi possível inferir da qualidade de cada um dos recenseamentos referidos. Assim, estes quatro recenseamentos apresentam valores de I.C.N.U. que são respectivamente 94.0, 107.1, 59.3 e 32.3.

A qualidade dos três primeiros recenseamentos é, de acordo com este índice, considerada muito má, sendo o recenseamento de 1878 o que apresenta menos rigor. Contudo, os recenseamentos posteriores apresentam uma melhoria gradual, que se prende com o rigor cada vez maior com que se tentavam efectuar estes levantamentos.

Também os jornais da cidade constituem uma fonte inesgotável de notícias locais. Os registos obituários neles constantes, bem como referência a moléstias e medicamentos dão-nos uma perspectiva mais específica do quotidiano dos habitantes e moradores do concelho. No sentido de melhor perscrutar a sua vivência na segunda metade do século XIX, serviram-nos de fonte os seguintes periódicos:

Diário do Alentejo - Jornal publicado entre 1886 e 1899.

Évora Postal - Folha literária e filatélica trimensal publicada entre 1895 e 1996.

A Folha d' Évora - 1889

A Seringa - 1890

Evora Postal - 1885 - 1896

O Operário - 1884 - 1890

O Scholastico Eborensis - 1861 - 1863

Perseverança - 1867 - 1868

Progresso do Alentejo - 1883 - 84

Revista Eborensis - 1861 - 1863

Sul de Portugal - 1866

Foram também consultados os Arquivos da Santa Casa da Misericórdia, alusivos ao Hospital do Espírito Santo da cidade de Évora. Esta consulta permitiu-nos o acesso a mapas contendo o registo discriminado de entradas, saídas e óbitos dos doentes. Estes mapas especificam o sexo, idade, profissão e doença e/ou causa

de morte. Muitos deles encontram-se em mau estado de conservação. Outros estão incompletos quanto aos elementos referidos. Apesar disso constituem uma fonte preciosa no que concerne às causas de morte, bem como à distribuição da mortalidade segundo os sexos, idades e profissões. Este Arquivo possui ainda as “papeletas” com as dietas dos doentes, donde podemos inferir o tipo de alimentação considerada naquela época aconselhada em relação aos enfermos.

A Câmara Municipal possui também um vasto espólio com documentação diversa. Foram consultados os livros e maços referentes aos anos considerados de crise de sobremortalidade. Em anexo consta toda a correspondência dirigida e emitida pelo Governo Civil. Podemos encontrar elementos referentes a medidas sanitárias decretadas, correspondência individual alertando para situações de indigência, bem como mapas de preços de produtos alimentares. Tal como acontece com os periódicos, estas fontes fornecem também uma fonte inesgotável de informações preciosas de carácter histórico, demográfico, geográfico, religioso e económico entre outros aspectos.

Quanto aos livros pertencentes a Ordens Religiosas, a sua consulta permite conhecer as idades dos seus membros aquando do falecimento. Esta informação fornece dados adicionais para a análise da mortalidade diferencial em confronto com o resto da população, pois trata-se de um grupo muito delimitado socialmente. Também nos permite saber os casos em que uma crise de mortalidade essencialmente epidémica conseguiu penetrar na austeridade do convento.

Outro tipo de fontes são também oportunas neste estudo, tais como: informações relativas à sanidade militar, política de prevenção sanitária e legislação sobre prescrições médicas. No entanto, atendendo à dispersão e abundância de dados existentes nesta época, bem como à limitação temporal que condiciona este estudo, nem todas elas foram consultadas.

2.2 - A Metodologia

Quando nos propusemos analisar a mortalidade no seu aspecto específico, privilegiámos a observação de alterações bruscas do número de óbitos que periodicamente abalavam o seu movimento “normal”. Estas oscilações de carácter

cíclico levaram-nos à constatação da existência de crises demográficas ou de mortalidade.

Assim, a primeira etapa consiste em fixar o nível a partir do qual podemos considerar estar perante um ano de crise, a fim de se estabelecer a sua cronologia. Com efeito, encontrar uma definição ideal de intensidade tem sido uma das grandes preocupações dos demógrafos. Hollingsworth⁵² apresenta uma proposta metodológica, baseada no facto de fazer depender a intensidade do volume da população. Contudo, as dificuldades em estimar com exactidão o volume da população envolvida e a duração das crises não a tornam no caso português passível de utilização com um carácter sistemático e que se pretende o mais rigoroso possível.

As outras metodologias não fazem intervir esta variável devido às dificuldades na sua estimativa. Contudo, distinguem-se pelas diferentes formas de escolher o período base de normalidade demográfica a partir do qual se determina a intensidade dos períodos de sobremortalidade.

No entanto, concluir o que é “normalidade” nos volumes da mortalidade é também arbitrário, uma vez que esta variável sofre no passado variações constantes. Assim, pode explicar-se o aparecimento de diferentes metodologias, todas elas excluindo os anos de sobremortalidade no cálculo dos anos base, mas diferindo na determinação do período base considerado normal. Embora nenhum dos métodos resolva cabalmente alguns problemas inerentes ao cálculo da intensidade, quer porque dão menos relevo às crises que duram vários anos ou porque excluem outras variáveis que nos poderiam dar uma panorâmica completa da gravidade de uma crise, merece-nos especial referência o método de Dupâquier⁵³ por ser o que mais se adequa ao tipo de fontes disponíveis: os registos paroquiais. Este, baseia-se no volume anual de óbitos em valores absolutos e tem como referência, a média dos dez anos anteriores ao ano considerado. Além disso, introduz no denominador o desvio padrão dos dez anos anteriores, de forma a minorar as flutuações aleatórias que se verificam no número de óbitos das freguesias com reduzido volume populacional. Isto porque a utilização dos valores absolutos poderia fazer diluir a relevância das crises nas pequenas freguesias.

Dupâquier apresenta ainda uma classificação das crises segundo uma escala de magnitudes, progredindo geometricamente de forma a definir os diferentes graus. São eles:

Magnitude 1 - intensidade entre 1 e 2: Crise menor

Magnitude 2 - intensidades superiores a 2 e inferiores a 4: Crise média

Magnitude 3 - intensidade entre 4 e 8: Crise forte

Magnitude 4 - intensidade entre 8 e 16: Crise maior

Magnitude 5 - intensidade entre 16 e 32: Super crise

Magnitude 6 - intensidades superiores a 32: Catástrofe

Para a obtenção da intensidade de uma crise temos a fórmula:

$$I_n = \frac{D_x - M_x}{6x}$$

Sendo: I = Intensidade

D_x = número de óbitos do ano considerado

M = número médio dos dez anos anteriores

$6x$ = desvio padrão da média (M)

n = ano em observação

De acordo com a classificação já apresentada, definem-se anos de crise, sempre que a Intensidade seja igual ou superior a 1. Contudo, como são utilizados os valores do ano civil, muitas vezes a mesma crise estende-se até ao ano seguinte (crises sazonais) ou, perdura durante alguns anos consecutivos. Por isso, Dupâquier, a fim de precisar a intensidade de uma crise de dois ou mais anos, à soma das suas intensidades retirou uma unidade por cada ano adicional.

Embora este método se nos tenha revelado o mais adequado, tem suscitado alguns reparos uma vez que nos anos em causa podem estar incluídos anos de sobremortalidade, o que poderá alterar o valor da intensidade do ano em análise. Para obviar a este facto, aquando do cálculo da intensidade da cidade de Évora relativamente ao ano de 1868, considerámos oportuno, excluir os anos de 1862 a 1864, uma vez que o seu número absoluto de óbitos era bastante elevado o que alteraria o valor final do ano em estudo.

O facto de dispormos de séries completas de registos mensais de óbitos, levou-nos à escolha deste método. Por outro lado, a utilização do desvio padrão, proposto por Dupâquier, facilitou a sua aplicação e posterior comparação directa em paróquias com várias dimensões e com volumes populacionais distintos e em permanente evolução. Além disso estão a ser elaborados estudos para outras regiões do país, em que a escolha metodológica recaiu também neste método de Dupâquier, o que num futuro próximo permitirá conduzir a sínteses comparativas deste fenómeno em várias zonas de Portugal.

Assim, após termos recolhido os totais mensais e anuais dos óbitos entre 1850 e 1900 das freguesias que na época constituíam o concelho de Évora, fizemos o apuramento dos anos de sobremortalidade para cada uma delas.

Adoptámos o mesmo procedimento para a totalidade dos óbitos das freguesias do termo do concelho, bem como para as freguesias que compõem a cidade, a fim de obtermos uma regionalização das crises; crises rurais e/ou crises urbanas.⁵⁴

A nossa análise mais aprofundada, recaiu nos períodos com maior representatividade em termos de mortalidade. Seguimos então o critério proposto por Moreda⁵⁵, considerando “crises gerais”, os períodos em que se registam IN iguais ou superiores a 1 em pelo menos 25% do total das freguesias em estudo.

Contudo, serão também alvo de análise, os anos anteriores e posteriores às crises, sempre que tal se revelar pertinente.

Em termos gerais, procuraremos perspectivar a análise das crises tendo em conta a sua duração e extensão geográfica, bem como a sua incidência sobre os diversos sexos e grupos de idades, assim como o seu impacto na estrutura demográfica do concelho. O recurso a outro tipo de informação fornecer-nos-á indicações sobre os problemas que afectaram esta área geográfica nos cinquenta anos analisados, bem como as possíveis causas deste comportamento da mortalidade.

Capítulo III - Aspectos gerais da dinâmica populacional do concelho de Évora na segunda metade do século XIX

3.1. Caracterização do espaço físico

O Alentejo tem como característica dominante a planície, onde só por vezes se destacam algumas colinas e raros fios de água. “A pluviosidade abundante é episódica. Os estios são muito quentes e de fraco grau higrométrico. Temperaturas com fortes desvios anuais, tanto maiores quanto mais longe do mar (...)”⁵⁶

Em 1850 existiam quatro freguesias na sede do concelho (as que hoje designamos por urbanas): Santo Antão, S.Mamede, S.Pedro e Sé.

No termo existiam dezasseis: N^a Sr^a da Boa Fé, N^a Sr^a da Graça do Divor, N^a Sr^a da Natividade de Machede, N^a Sr^a da Tourega, N^a Sr^a do Rosário da Torre de Coelheiros, S.Bento de Pomares, S.Bento do Matto, S.Bráz do Regedouro, S.Jordão, S.Manços, S.Marcos da Abóbada, S.Mathias, S.Miguel de Machede, S.Sebastião da Giesteira, S.Vicente de Vallongo e S.Vicente do Pigeiro.

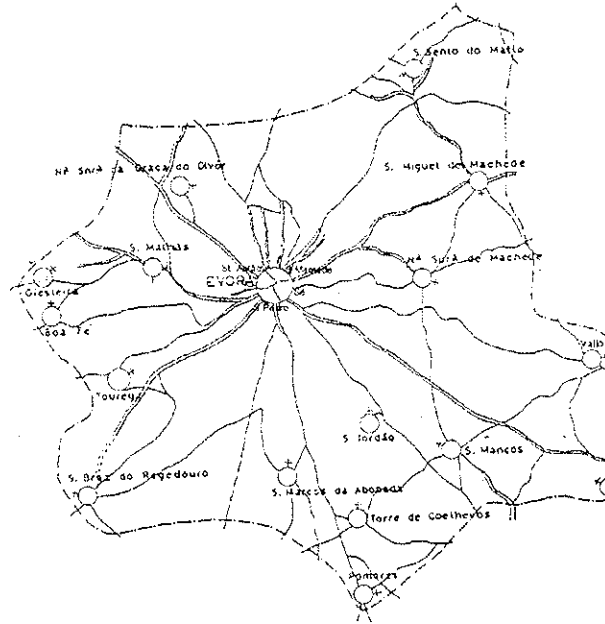
“A mais antiga demarcação jurídica do termo concelhio de Évora e quiçá a primeira a ser levantada por documentos escritos, consta da sentença e autos públicos dimanados da chancelaria de D.João III, cumprida rigorosamente pela alçada do licenciado Francisco Dias do Amaral, Corregedor da mesma comarca, e que foi dada como pronta em 5 de Fevereiro de 1536.”⁵⁷

Contudo, posteriores demarcações e a inexistência de mapas referentes ao período em estudo, impedem-nos de determinar com exactidão os limites de cada uma das freguesias rurais do concelho.

O Mapa 1 é uma reconstituição das freguesias do termo do concelho no século XIX e pelas razões que já referimos não foi possível efectuar uma demarcação das mesmas.

Através dos estudos de Gabriel Pereira⁵⁸ foi possível apurar que, em termos gerais, as ligações entre as freguesias rurais eram bastante difíceis e que nem todas constituíam aglomerados populacionais significativos, mas antes um conjunto de lugares. Aquando da nossa recolha dos óbitos nos livros de Registo paroquial foi também possível constatar este facto, uma vez que o local de residência dos falecidos era frequentemente a herdade ou o monte.

MAPA 1



59

“Inúmeras foram as famílias eborenses ou residentes em Évora que constituíram, nas suas propriedades rurais, cabeças de morgados desde épocas bem recuadas e onde fundaram, em muitos casos, boas moradias apalaçadas.”⁶⁰

Quanto ao típico monte alentejano característico das freguesias rurais, constitui um centro residencial que alberga muitas famílias, uma vez que em torno da residência principal estão dispostas em alinhamento as dependências da criadagem de lavoura.

“O monte é um modelo de hospitalidade e de asseio. Mas ali se assam também as grandes peças do porco e do anho, se levam ao espeto os enchidos, se fazem os magustos de boleta, se cozinham a açorda e as migas, o ensopado de borrego e de cabrito (...) o gaspacho provincial, sopa fria (...) que há-de ser distribuída, como alimento refrigerante, pelos que andam, sob 38° à sombra, na árdua tarefa das ceifas. Lá fora, as mulheres reúnem-se (...) ajudando o homem na sacha, na monda, na vindima, na apanha da azeitona, na espalhação dos estrumes. Fora do círculo dos montes e das herdades, para lá dos campos de cultura, reina a solidão enorme.”⁶¹

O Mapa 1 situa-nos as freguesias que na segunda metade do século XIX constituíam o termo na área geográfica do concelho de Évora. Contudo, torna-se pertinente efectuar uma breve caracterização de cada uma delas na época em estudo.

Nossa Senhora da Boa Fé: Sede de freguesia situada a 17 km da sede do concelho para O.S.O. Possuía 28 lugares, 10 herdades, 2 quintas e 1 casal.

Nossa Senhora da Graça do Divor: Sede de freguesia, situada a 12 km para N.O. da sede do concelho. Comportava 36 herdades, 18 lugares e 4 quintas.

Nossa Senhora da Natividade de Machede: Sede de freguesia, distava da sede do concelho 13 km para E.. Era composta por cerca de 40 casais ou montes e 5 herdades.

Nossa Senhora da Tourega: Sede de freguesia, situada a 15 km da sede do concelho, para S.O.. Era composta por cerca de 16 lugares, 36 montes e 5 quintas.

Nossa Senhora do Rosário de Torre de Coelheiros: Sede de freguesia, situada a cerca de 20 km da sede do concelho, para S.S.E.. Era composta por cerca de 25 herdades.

S.Bento de Pomares: Freguesia anexada à da Torre de Coelheiros em 1862, mas desanexada em 1864. Distava de Évora 28 km para S.S.E.. Era constituída por 1 quinta e 22 montes.

S.Bento do Matto: Sede de freguesia, situada a cerca de 25 km da sede do concelho para N.N.E.. Possuía 2 lugares, 1 quinta e 33 herdades.

S.Braz do Regedouro: Sede de freguesia situada a cerca de 20 km a S.O. da sede do concelho. Era constituída por 24 montes.

S.Jordão: Situada a cerca de 15 km da sede de concelho e era constituída por 23 casais ou herdades.

S.Manços: Sede de freguesia, situada a cerca de 20 km da sede do concelho, para S.E.. Era composta por 42 herdades e 10 quintas.

S.Marcos da Abóbada: Sede de freguesia situada a cerca de 15 km da sede do concelho, para sul. Era constituída por 23 herdades.

S.Mathias: Sede de freguesia distando 10 km da sede do concelho para O.N.O.. Compreendia 37 herdades e 18 quintas.

S.Miguel de Machede: Sede de freguesia situada a 18 km da sede do concelho para E.N.E.. Era composta por uma aldeia (Foros do Queimado), cerca de 50 montes e 2 quintas.

S. Sebastião da Giesteira: Sede de freguesia situada a cerca de 20 km para O. da sede do concelho. Compreendia 3 lugares, 20 herdades e 2 quintas.

S. Vicente de Vallongo: Sede de freguesia situada a 28 km de Évora, para E.S.E.. Era composta por cerca de 35 montes.

S.Vicente do Pigeiro: Sede de freguesia, distando 31 km da cidade de Évora, para S.E.. Constituíam-na uma aldeia (Vendinha), 6 lugares, 15 herdades e 6 quintas.⁶²

A religiosidade das populações está bem patente nos nomes das freguesias. Embora não seja pertinente neste estudo referir a origem de cada um deles, no caso de S.Bento do Matto poder-se-à salientar a nível de mera curiosidade que o seu nome se deve à devoção deste Santo, que era o protector contra as pestes.

Os estudos de Gabriel Pereira⁶³ revelam-nos também que as principais actividades em todas estas freguesias rurais são a agricultura e a pecuária. Ao nível da agricultura, o trigo e a cevada eram os cereais mais representativos, sendo utilizados preponderantemente como renda a pagar ao pároco.

Nossa Senhora da Graça do Divor e S.Sebastião da Giesteira possuíam ainda vários pomares cada, enquanto que freguesias como Nossa Senhora da Boa Fé, Nossa Senhora da Natividade de Machede e S.Miguel de Machede possuíam lagares de azeite, o que sugere uma agricultura um pouco diversificada e a existência de uma pequena “indústria”. Ainda a este nível convém referir que Nossa Senhora de Machede tinha também uma fábrica de moagem.

O numeramento de 1527-1532 permite-nos reconstituir a rede urbana da época e verificar a importância da cidade de Évora. “Partindo da análise do cadastro do primeiro quartel de Quinhentos (...) uma cidade teria de possuir um mínimo de 900 a 1000 fogos. Neste contexto, em 1527-1532 Portugal possuía tão-só 17 centros urbanos, dos quais apenas três se situavam acima dos 200 fogos. Lisboa ultrapassava os 13.000, seguida de muito longe pelo Porto, com cerca de 3.000, e de Évora, terceira maior cidade do País, com 2.813.”⁶⁴

No reinado de D.Manuel, embora o crescimento global da população seja mais acentuado no norte do País e Évora deixe de ser a terceira maior cidade, a sua situação geográfica no contexto económico continua a garantir-lhe um papel de grande importância no contexto urbano nacional. Em meados do século XIX, a cidade de Évora continuava a ser um dos centros populacionais portugueses mais importantes.

MAPA 2

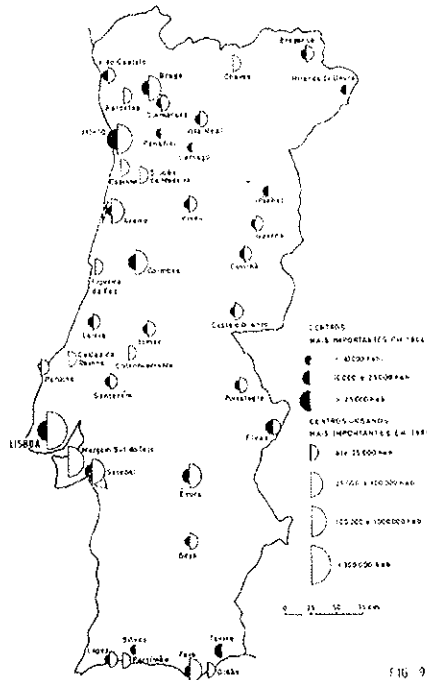


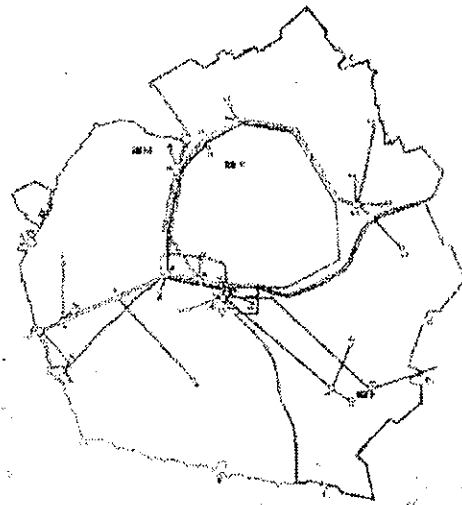
FIG. 9

Tal facto dependia não só do elevado número de habitantes mas ainda do tipo de funções existentes e de oportunidades de trabalho, o que lhe conferia uma importância regional. Esta era ainda acentuada pelas difíceis condições de acessibilidade a outros centros urbanos, bem como entre as próprias freguesias do termo. Daí a atracção que exercia sobre as populações vizinhas, que viam neste aglomerado a possibilidade de obviar à fragilidade dos meios de subsistência que estavam sujeitas. Muitos eram os

mancebos *de fora* que aí iniciavam a sua actividade nos mais variados ofícios.

As freguesias urbanas estendem-se desde o interior da muralha que cerca a cidade até aos terrenos circundantes.

MAPA 3



66

- M - S. Mamede
- S - Sé
- A - St. Antão
- P - S. Pedro

No interior das muralhas, as habitações, caiadas “são principalmente de alvenaria ordinária, composta de pedra, cal e às vezes tijolo.”⁶⁷ Muitas, situam-se no interior de pátios mouriscos. Outras, alinham-se, baixas e com paredes meias em estreitas ruelas.

A cidade de Évora foi fortificada três vezes. A primeira por Sertório que a cercou de muros, com várias torres e cinco portas, obra esta que viria a demolir-se. Nova fortificação foi efectuada durante os reinados de D.Afonso IV, D.Pedro I e D.Fernando I, que construíram uma cerca de muralhas mais larga, com maior número de torres e dez portas. Também nos reinados de D.Afonso VI e D.Pedro II se iniciou um plano de fortificações que, contudo, não se chegou a concluir.

Na segunda metade do século XIX a cidade possuía sete portas: da Lagoa, de Aviz, de Mendo Esteves, da Piedade, do Rocio, do Reimondo e de Alconchel. As outras três perdeu-as com a edificação de dois conventos e um baluarte.

“A cidade está hoje dividida em 4 freguezias; Sé, Santo Antão, S.Pedro e S.Mamede. O serviço da Sé é desempenhado pelos seus Beneficiados e exerce também extra-muros da cidade até á distancia de 5 kilometros; o da freguesia de Santo Antão é feito por um Reitor, e o das outras freguezias por Priores, todos três somente intramuros.”⁶⁸

“A cidade alastra-se em ampla colina (...) Em toda a cidade há ferragiais, uma zona de quintas e courelas, com oliveiras, vinhas, e depois os campos, as herdades onde se cultivam os cereais, se criam gado e crescem vastos montados de azinho e sobre (...) Sobranceira aos seus olivais e vinhedos, às terras de pão e aos montados, a cidade mostra a sua elegante linha coroada pela imponente catedral, de altas torres quadradas e alteroso zimbório.”⁶⁹

No centro da cidade, no cimo de uma pequena elevação, situa-se a Sé. Quanto aos conventos, o seu número é também significativo: quatro de monges e oito de freiras além de muitos recolhimentos e confrarias. Em 1836 foi criada a Casa Pia: “No antigo collegio - do Espirito Santo da Companhia de Jesus - foi, em 11 de Agosto de 1836 fundada a Casa Pia de Évora (...). O decreto regulamentar d’esta casa de Beneficencia é de 27 de outubro de 1836, e nelle se-acha disposto o seguinte: - N’este estabelecimento serão recolhidos e sustentados, e receberão a instrucção primaria, e das artes fabris, os expostos, orphãos, e meninos abandonados de um e outro sexo (...)”⁷⁰

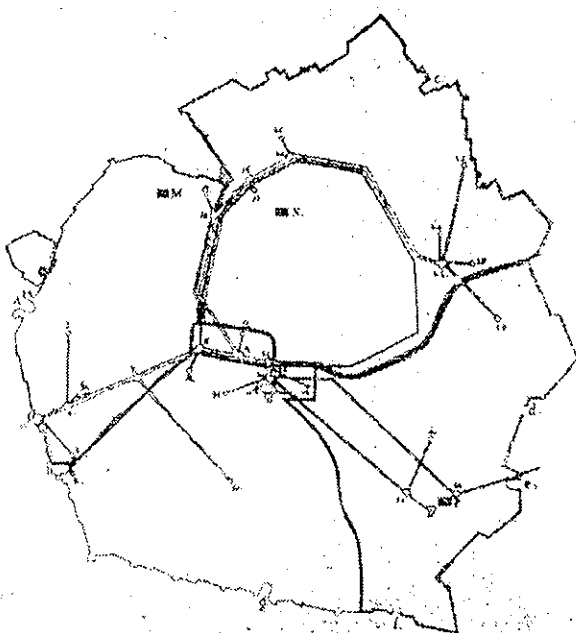
À frente dos seus estabelecimentos de caridade figuram ainda o Hospital do Espírito Santo e o Celeiro para empréstimos aos lavradores pobres, chamado “Monte de Piedade” e instituído em 1576 pelo cardeal infante D.Henrique.

Na época a que se refere o presente estudo a cidade contava ainda com um liceu nacional, um seminário arquiépiscopal, uma biblioteca pública e um museu. De grande importância social e económica era também o quartel da cidade, onde se instalava o regimento de cavalaria nº 5. “É considerado um dos melhores quartéis do Paiz. (...) Pode alojar comodamente 350 praças e 250 cavalos.”⁷¹

Efectuavam-se duas grandes feiras anuais - 24 de Junho e 12 de Outubro. Enquanto a última se destinava unicamente à compra e venda de gado, a primeira é considerada,⁷² conjuntamente com a de Viseu, a mais importante do Reino, embora na cidade se realizassem também feiras semanais.

O aglomerado urbano situado no interior das muralhas era totalmente abastecido pelo aqueduto da Prata que alimentava os vários chafarizes. Fora dos muros, a população abastecia-se nos poços e fontes. “A cidade é abastecida de água por um aqueducto de 19 kilometros d’extensão (...). Ele tem tambem a designação de Aqueducto d’agua da prata porque recebe agua das nascentes situadas na herdade da agua da prata - freguezia de N.Senhora da Graça do Divor (...). O Aqueducto continua na cidade, alternadamente - parte soterrado e parte fóra da terra - aonde abastece diferentes chafarizes (...)”⁷³

MAPA 4



A planta que se segue remonta a 1858 e representa a ramificação interna do aqueduto da Água da Prata, bem como a sua distribuição pelas fontes e chafarizes que abasteciam de água a população da cidade. (Mapa 4)

3.2. Delimitação e evolução populacional das freguesias

No período cronológico em estudo, procederemos à análise do número de efectivos, dos seus ritmos de crescimento, bem como das características e evolução da estrutura etária e por sexos dos efectivos recenseados no concelho de Évora.

O conhecimento destas características torna-se imprescindível para que se possa avaliar a importância das crises de mortalidade e a forma como estas influenciaram a evolução dos efectivos aí residentes.

Tal como já referimos no capítulo anterior, o concelho de Évora na segunda metade do século XIX era constituído por vinte freguesias, situando-se quatro na cidade e dezasseis no seu termo.

Apresentamos a separação destes dois tipos de freguesias - rurais e urbanas - pois temos como objectivo comparar a evolução e eventuais características específicas das suas respectivas populações.

O Quadro 1 foi elaborado tendo como base os valores obtidos nos recenseamentos de 1864 e 1900 e refere-se à população residente no concelho de Évora e sua repartição pelas freguesias que o compõem.

Relativamente ao volume, o concelho de Évora possuía em 1864 uma população residente de 19.658 pessoas e em 1900 de 25.636 pessoas, o que significa que em termos absolutos houve um aumento de 5.978 pessoas, a que corresponde uma variação de 30,4% em 36 anos.

No entanto, destacam-se diferenças locais, uma vez que enquanto todas as freguesias urbanas revelam um aumento populacional, as freguesias rurais de S.Bento de Pomares, S.Marcos da Abóbada e S.Vicente do Pigeiro viram o seu volume populacional diminuir e outras quase não cresceram, como é o caso de N^a Sr^a do Rosário de Torre de Coelheiros e S.Miguel de Machede.

Ainda no que respeita às freguesias urbanas, a freguesia da Sé destaca-se pelo elevado número de habitantes que possui e ainda pelas fortes tendências de crescimento que manifesta. Quanto à freguesia de St. Antão é a segunda mais populosa da cidade e registou um aumento de 935 indivíduos no período compreendido entre 1864 e 1900. Com um número de habitantes ligeiramente inferior, a freguesia de S.Mamede registou ainda assim um crescimento anual

médio de 0.85%. A freguesia de S.Pedro é a menos populosa da cidade e o seu crescimento foi também inferior, uma vez que o ritmo de aumento foi também menor (0.69% / ano).

QUADRO 1 - VOLUME E TAXA DE CRESCIMENTO TOTAL DA POPULAÇÃO DO CONCELHO DE ÊVORA ENTRE 1864 E 1900

FREGUESIAS	VOLUME		Variação absoluta	Crescimento anual médio em % ⁽⁷⁵⁾
	Pop. 1864	Pop. 1900		
Cidade				
Sto Antão	2596	3531	935	0.86
S.Mamede	2450	3318	868	0.85
S.Pedro	1923	2459	536	0.69
Sé	4539	6712	2173	1.09
Termo				
N ^a Sr ^a da Boa Fé	337	483	146	1.00
N ^a Sr ^a da Graça do Divôr	520	631	111	0.54
N ^a Sr ^a da Natividade de Machede	1081	1270	189	0.45
N ^a Sr ^a da Tourega	375	569	194	1.17
N ^a Sr ^a do Rosário de T. de Coelhoiros	313	325	12	0.10
S.Bento de Pomares	170	99	-71	-1.49
S.Bento do Matto	1020	1250	230	0.57
S.Bráz do Regedouro	175	287	112	1.38
S.Jordão	231	162	-69	-0.98
S.Manços	765	1150	385	1.14
S.Marcos da Abóbada	287	248	-39	-0.40
S.Mathias	480	612	132	0.68
S.Miguel de Machede	1409	1488	79	0.15
S.Sebastião da Giesteira	351	504	153	1.01
S.Vicente de Vallongo	219	299	80	0.87
S.Vicente do Pigeiro	417	239	-178	-1.53
Total do concelho	19658	25636	5978	0.74

No Quadro 2 apresentam-se os valores do número total de fogos e almas registados nas freguesias do concelho entre 1864 e 1900. A análise comparativa desses dois indicadores fornece-nos a dimensão média dos fogos e suscita desde logo alguns reparos quanto às diferentes formas de ocupação humana do espaço físico.

Nas zonas urbanas, o número de residentes não deixa de aumentar, e embora o número de fogos também aumente, não existe uma correlação positiva entre ambos os valores, facto este que agrava as condições de existência das populações urbanas, pois cada vez mais indivíduos habitam o mesmo espaço. Mas o mesmo acontece nas freguesias rurais, onde também não se assiste a um crescimento paralelo dos fogos e almas, verificando-se da mesma forma um aumento do número médio de habitantes

por fogo. Globalmente entre 1864 e 1900 o número médio de indivíduos residentes no termo sobe de 4.0 para 4.6, o que poderá indiciar o agravamento das condições de vida destas populações.

A análise comparativa dos valores estimados para a cidade e para o seu termo, tornam possível constatar que o número de habitantes por fogo é superior no termo, fomentado pela chegada de trabalhadores sazonais e pela extensão dos agregados familiares, que se tornam cada vez mais núcleos económicos onde coabita um crescente número de indivíduos.

QUADRO 2 - RELAÇÃO ALMAS/FOGOS NAS FREGUESIAS DO CONCELHO

FREGUESIAS	1864			1878			1890			1900		
	ALMAS	FOGOS	A/B	ALMAS	FOGOS	A/B	ALMAS	FOGOS	A/B	ALMAS	FOGOS	A/B
	(A)	(B)		(A)	(B)		(A)	(B)		(A)	(B)	
Cidade												
de Antão	2596	740	3.5	2790	760	3.7	3195	894	3.6	3531	963	3.7
de Mamede	2450	738	3.3	2558	820	3.1	3133	929	3.4	3318	963	3.4
de Pedro	1923	474	4.0	2385	477	5.0	2616	573	4.6	2459	538	4.6
Total da cidade	4539	1273	3.6	5317	1293	4.1	6190	1450	4.3	6712	1560	4.3
Termo												
de S.ª da Boa Fé	337	90	3.7	432	104	4.2	411	102	4.0	483	113	4.3
de S.ª da Graça do Divor	520	135	3.9	722	146	4.9	714	155	4.6	631	150	4.2
de S.ª da Nat. Machede	1081	286	3.8	1066	270	3.9	1341*	331*	4.0	1270	304	4.2
de S.ª da Tourega	375	98	3.8	424	100	4.2	470	94	5.0	569	92	6.2
de S.ª do R. T. Coelheiros	313	70	4.5	244	64	3.8	287	73	3.9	325	58	5.6
de S.ª de Pomares	170	31	5.5	144	44	3.3	89	28	3.2	99	22	4.5
de S.ª do Multo	1020	254	4.0	1222	287	4.3	1294	306	4.2	1250	290	4.3
de S.ª do Regedouro	175	39	4.5	242	40	6.0	194	51	3.8	287	48	6.0
de S.ª de Antão	231	44	5.3	302	48	6.3	243	46	5.3	162	36	4.5
de S.ª de Mamede	765	202	3.8	897	211	4.2	1192	258	4.6	1150	228	5.0
de S.ª de S.ª do Abóbada	287	61	4.7	320	61	5.2	343	64	5.4	248	58	4.3
de S.ª de S.ª de S.ª	480	123	3.9	556	110	5.0	559	132	4.2	612	128	4.8
de S.ª de S.ª de Machede	1409	359	3.9	1344	348	3.9	1372	384	3.6	1488	343	4.3
de S.ª de S.ª de S.ª da Giesteira	351	85	4.1	386	101	3.8	415	101	4.1	504	106	4.8
de S.ª de S.ª de Vallongo	219	48	4.6	202	50	4.0				299	52	5.8
de S.ª de S.ª de S.ª do Pigeiro	417	95	4.4	505	100	5.0	520	99	5.3	239	62	3.9
Total do Termo	8150	2020	4.0	9008	2184	4.1	9444	2224	4.2	9616	2090	4.6
Total do Concelho	19658	5245	3.7	22058	5534	4.0	24578	6070	4.0	25636	6114	4.2

* Inclui a freguesia de S.Vicente de Vallongo

Pelo contrário, a dimensão média dos fogos urbanos oscila entre um mínimo de 3.6 almas em 1864 e um máximo de 4,0 almas em 1900. A estrutura interna dos fogos urbanos tende ainda assim a privilegiar núcleos de dimensão reduzida, embora sujeita a diferenças mais significativas consoante os níveis socioprofissionais dos

residentes sendo maior nos fogos mais abastados, onde para além da família restrita existem os protegidos, os afilhados, os aprendizes, ou simplesmente os criados.

A dimensão média depende também do modo de utilizar o espaço, nomeadamente, por nessa freguesia poderem estar sediadas instituições que comportam grande número de efectivos, como é o caso dos quartéis que empolam certos resultados como aconteceu na freguesia de S. Pedro.

A partir do último quartel do século XIX assiste-se à uniformização das formas de vivência nas freguesias da cidade. Embora se verifique um aumento populacional, a percentagem de núcleos com mais de 5 habitantes é nula. Apesar da tendência registada, a população da cidade de Évora vive esmagadoramente em núcleos de dimensão média e mesmo reduzida (Quadro 3).

QUADRO 3 - NÚMERO MÉDIO DE HABITANTES POR FOGO NAS FREGUESIAS URBANAS (1864-1900)

Almas/Fogo	1864	1878	1890	1900
- 4	75,0	50,0	50,0	50,0
4 - 5	25,0	50,0	50,0	50,0
5 +	0	0	0	0
	100,0	100,0	100,0	100,0

Pelo contrário, as zonas rurais apresentam as maiores percentagens de fogos com maior número de habitantes enquanto que o escalão inferior diminui gradualmente (Quadro 4).

QUADRO 4 - NÚMERO MÉDIO DE HABITANTES POR FOGO NAS FREGUESIAS DO TERMO (1864-1900)

Almas/Fogo	1864	1878	1890	1900
- 4	43,7	31,3	26,7	6,3
4 - 5	43,7	50,0	53,3	68,8
5 +	12,6	18,7	20,0	24,9
	100,0	100,0	100,0	100,0

Assim, o crescimento geral da população traduziu-se na segunda metade do século no aumento do número de almas por fogo que, por sua vez, poderá ter aumentado a degradação das condições de existência, ao generalizar a coabitação de um número cada vez mais elevado de seres em cada núcleo habitacional.

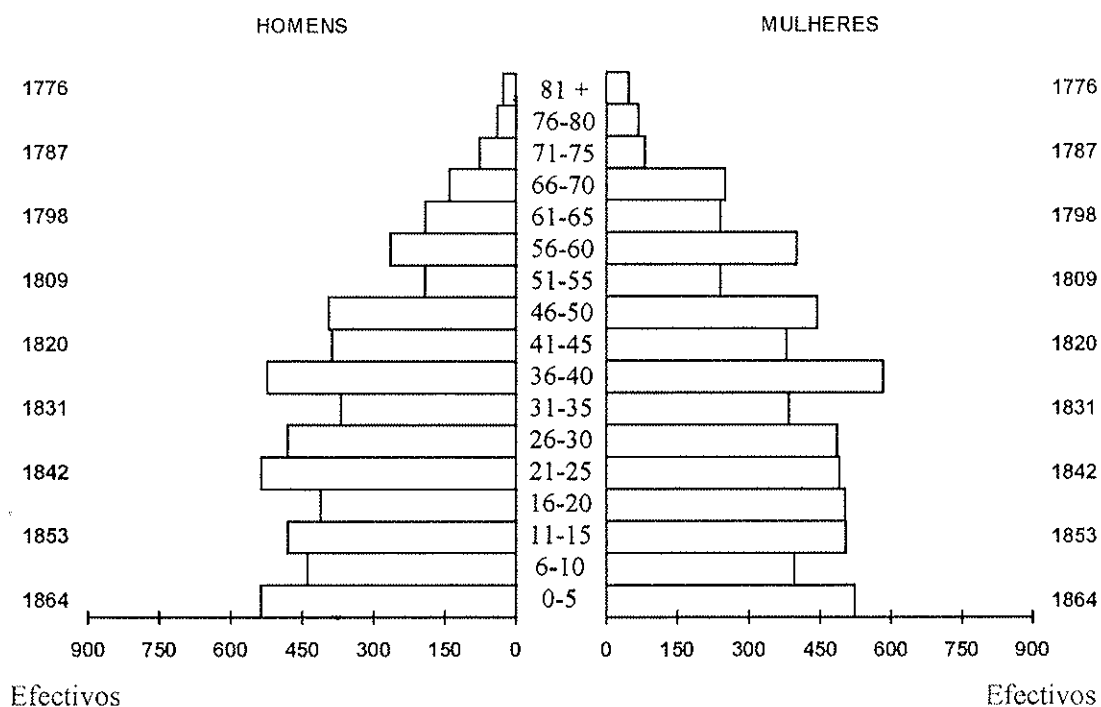
Em termos distritais, Évora manifesta uma densidade bastante inferior à média nacional, apenas superior à registada no distrito de Portalegre. Porém, o concelho de Évora é marcado por profundas desigualdades internas, uma vez que é a cidade que

condiciona o valor geral obtido. Em 1890, a densidade populacional do concelho era de 18 hab/km², enquanto que em 1900 a densidade populacional aumenta para 19 hab/km². Esses valores sem dúvida que subiam, se considerássemos apenas as freguesias urbanas mais densamente povoadas⁷⁶.

Quanto à composição e estrutura populacionais, o seu conhecimento foi apenas possível à data dos recenseamentos gerais com informação sobre sexo e idade (1864, 1878, 1890 e 1900). Do ponto de vista metodológico, partiremos da construção e análise de pirâmides de idade.

Colocando-se a questão da comparabilidade dos resultados e uma vez que os critérios de repartição dos efectivos por idades se alterou em 1890, representaremos os efectivos recenseados em 1864 e 1878, subdivididos pelas freguesias de residência - rurais e urbanas. Nos recenseamentos seguintes os dados apurados tornam apenas possível a representação dos efectivos residentes no concelho.

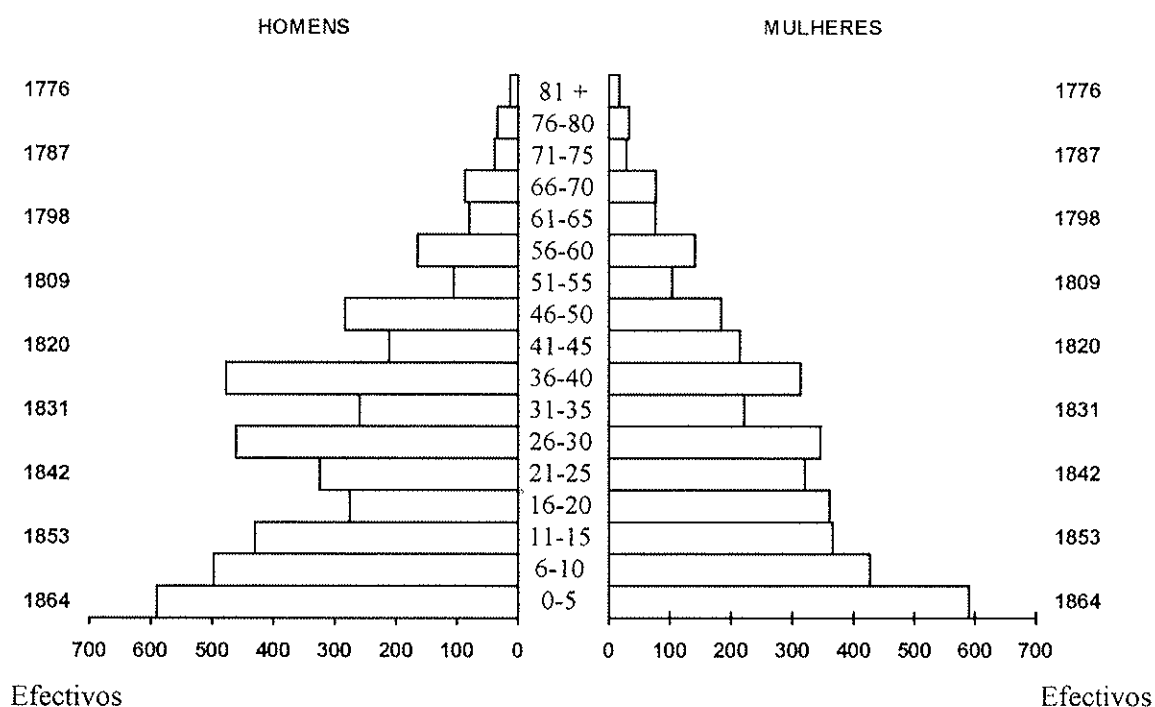
GRÁFICO 1 - PIRÂMIDE DE IDADES NA CIDADE DE ÉVORA EM 1864



Apesar de o nosso objectivo ser essencialmente o da comparabilidade dos resultados, resolvemos respeitar os critérios de repartição em grupos de idade que variam entre 1864 e 1878 e nos recenseamentos seguintes, uma vez que os mesmos são pouco significativos para a interpretação dos valores. Convém ainda referir que

devido a dificuldades de configuração gráfica nas pirâmides representativas dos recenseamentos de 1864 e 1878, a barra referente ao primeiro grupo de idades apesar de contemplar 6 anos, apresenta-se com as mesmas dimensões das barras correspondentes aos grupos quinquenais.

GRÁFICO 2 - PIRÂMIDE DE IDADES NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1864



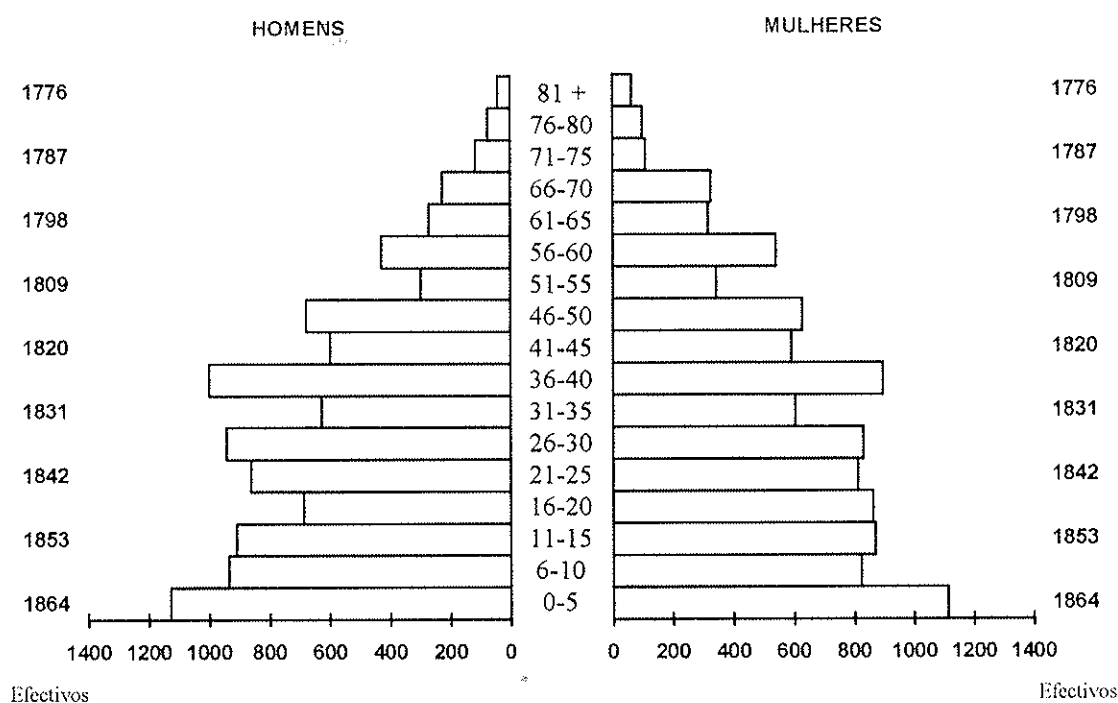
As pirâmides etárias de 1864 referentes à repartição dos efectivos da cidade e do termo são distintas na base.

O Gráfico 2 apresenta-se com uma base alargada com um estreitamento progressivo até aos 20 anos. Parece ser a pirâmide de uma população na qual a natalidade assume grande importância. Por outro lado, o estreitamento da pirâmide até aos 20 anos conduz-nos a hipóteses tais como a mortalidade ou a migração para os centros urbanos.

O alargamento verificado aos 26 e aos 36 anos em ambos os sexos poderá eventualmente reflectir as necessidades de contingentes de trabalhadores rurais, ou o retorno de alguns migrantes. Quanto ao topo da pirâmide das freguesias do termo,

embora a mortalidade nos homens seja mais precoce, a diferença entre esta e a mortalidade das mulheres não é muito significativa.

GRÁFICO 3 - PIRÂMIDE DE IDADES NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1864

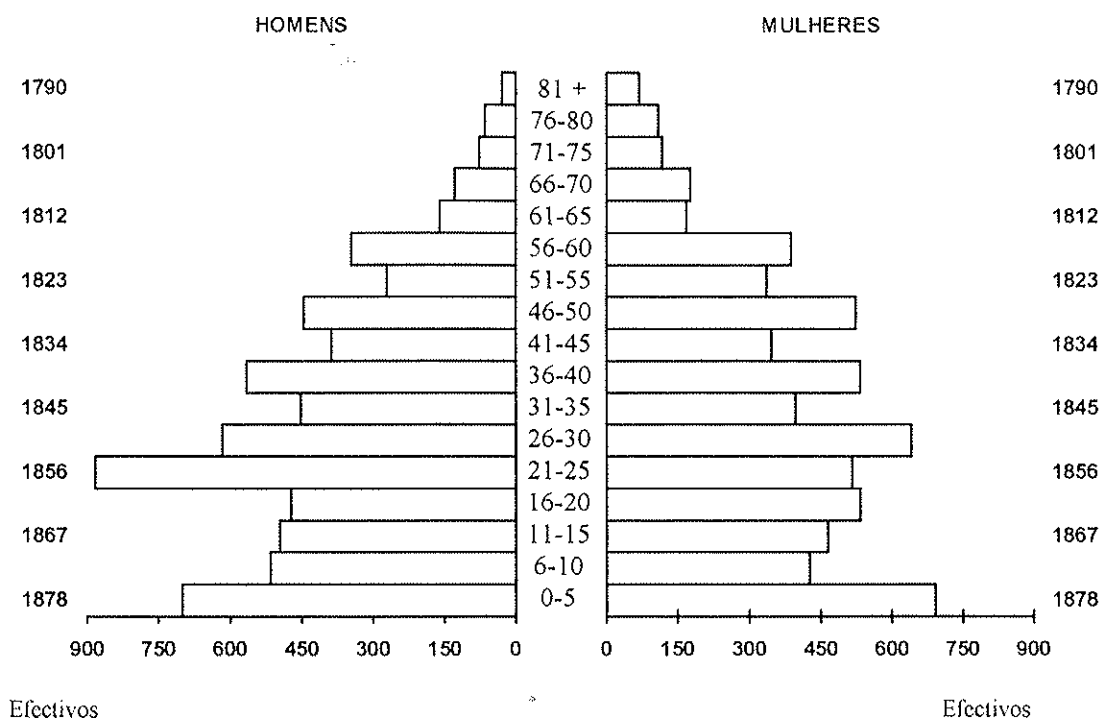


Em 1864, a configuração da pirâmide urbana (Gráfico 1) tem uma base mais estreita mas mantém uma estrutura com valores bastante significativos até aos 50 anos. Esta pirâmide reflecte o fenómeno do fluxo migratório nas cidades bem como o quantitativo envolvido na defesa militar da cidade. Também no topo desta pirâmide é visível a importância relativa do sexo feminino, causado pelo fenómeno da sobremortalidade masculina nos grupos mais envelhecidos. Por outro lado, também não deveremos excluir a possibilidade das migrações femininas no seio familiar (por exemplo, mães e tias que vêm viver para casa de descendentes).

Em termos concelhios (Gráfico 3), observamos uma síntese de toda a informação relativa às estruturas de idades apresentadas nos gráficos 1 e 2, ou seja, uma diminuição progressiva do grupo 0-20 anos no sexo masculino, a que se segue um aumento no grupo seguinte e novamente um decréscimo. Estas oscilações são

menos visíveis no sexo feminino, com excepção do grupo 0-5 anos que diminui significativamente, consequência da elevada mortalidade infantil.

GRÁFICO 4 - PIRÂMIDE DE IDADES NA CIDADE DE ÉVORA EM 1878



Entre 1864 e 1878, a estrutura etária dos efectivos da cidade sofreu grandes alterações. O Gráfico 4 permite-nos observar o grande alargamento verificado na base, ou seja, um aumento bastante significativo da natalidade, mas seguido de um decréscimo nos grupos 6-20 anos. O grupo 21-25 anos manifesta um alargamento que se destaca de toda a estrutura, quiçá consequência de migrações, mas mais provável, do aumento do contingente militar sediado na cidade. É também possível que estas diferenças sejam condicionadas pela qualidade dos censos a qual é muito má neste recenseamento, conforme apurámos aquando do cálculo do I.C.N.U., embora este método não consiga isolar os efeitos dos fluxos migratórios. A serem muito intensos, eles aumentam o resultado final e tornam de pior qualidade o recenseamento.

GRÁFICO 5 - PIRÂMIDE DE IDADES NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1878

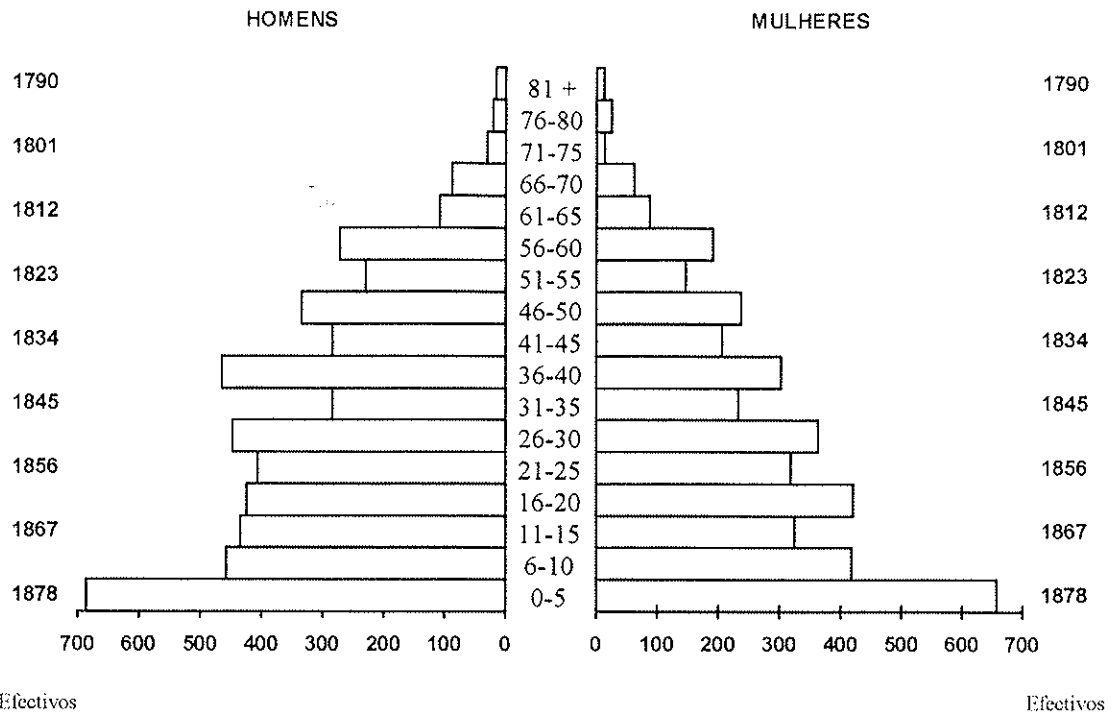


GRÁFICO 6 - PIRÂMIDE DE IDADES NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1878

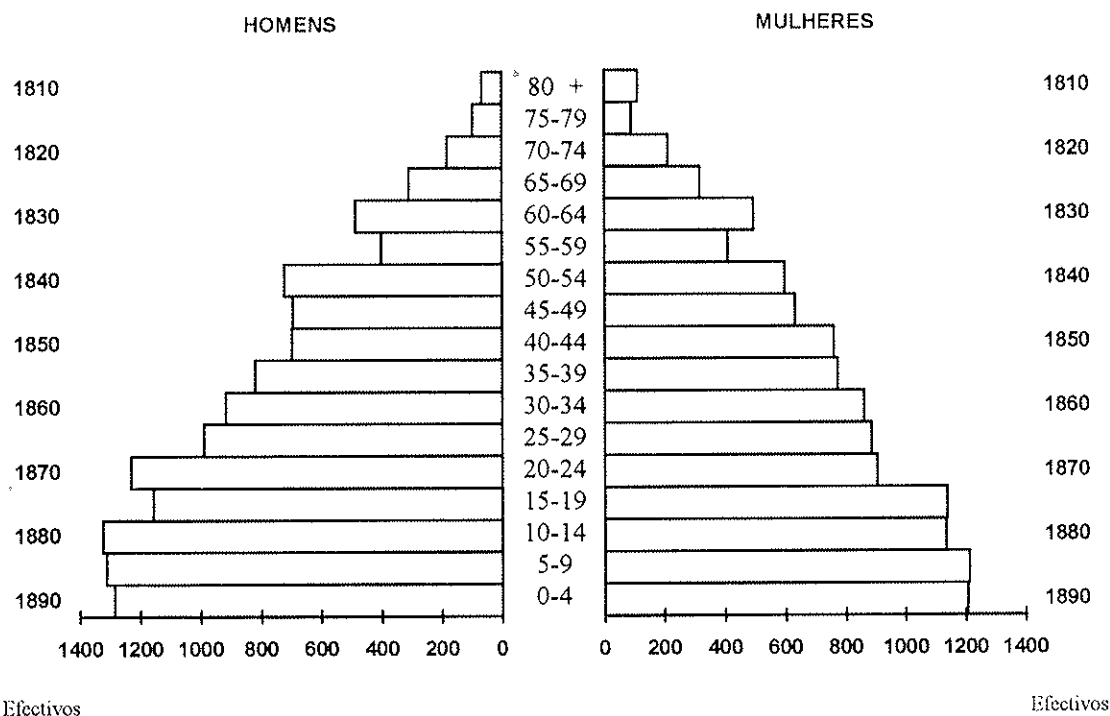


Quanto aos efectivos das freguesias do termo, o gráfico 5 continua a reflectir o forte peso da natalidade, a registar um acréscimo bastante significativo nesse período em relação ao anterior, embora também a qualidade dos dados possa influenciar os resultados obtidos. Quanto aos efectivos masculinos em idade activa a sua concentração é maior do que em 1864.

Em termos concelhios, o período que medeia entre 1864 e 1878 é marcado por um forte acréscimo nos valores da base, indicadores de um aumento global da natalidade e pela manutenção de altos níveis de mortalidade.

Os efectivos masculinos sofrem bastantes oscilações nomeadamente o forte aumento registado nos grupos 21-30 anos. Os efectivos femininos sofrem um acréscimo no topo da pirâmide, comparativamente a 1864 e à população idosa masculina.

GRÁFICO 7 - PIRÂMIDE DE IDADES NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1890

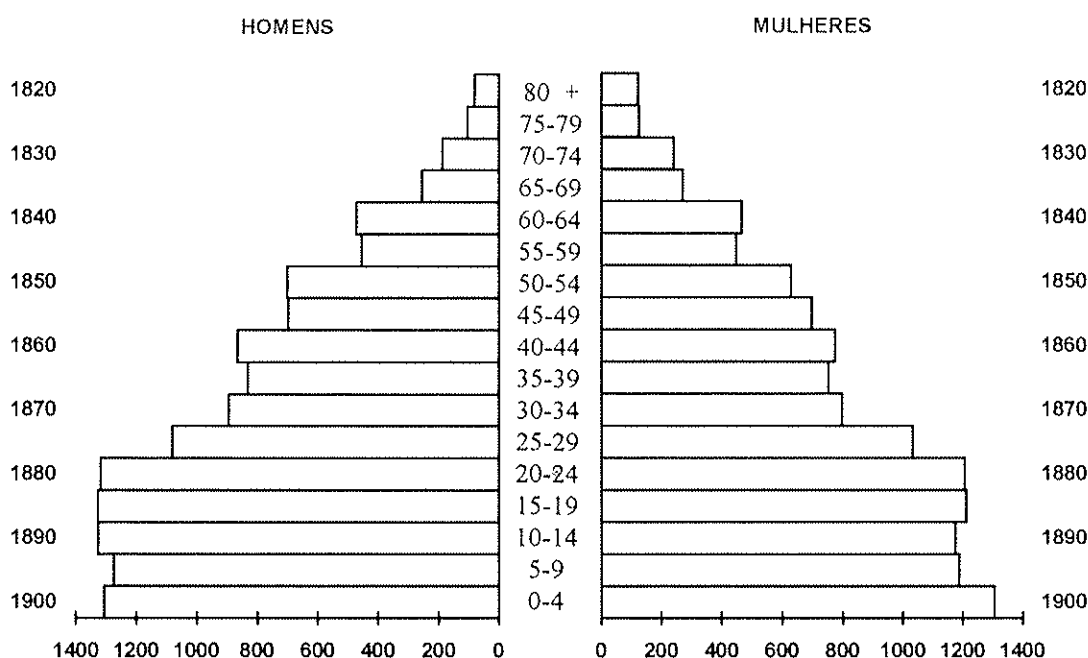


As pirâmides etárias do concelho de Évora entre 1890 e 1900 sintetizam-nos as principais modificações registadas na estrutura populacional a nível global.

Assim, em 1890 e 1900, a melhoria das condições económicas e médico sanitárias no nosso País são visíveis no alargamento progressivo da base da pirâmide e na diminuição da mortalidade nos primeiros grupos.

Por outro lado, é também possível verificar o peso progressivamente mais elevado da população idosa, fruto do conseqüente prolongamento da vida humana e do aumento das esperanças de vida à nascença para cada um dos sexos.

GRÁFICO 8 - PIRÂMIDE DE IDADES NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1900



QUADRO 5 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO NO CONCELHO DE ÉVORA POR GRANDES GRUPOS DE IDADES EM 1864

G.I.	População da cidade				População do termo				População do concelho			
	H	%	M	%	H	%	M	%	H	%	M	%
0-15	1458	26,5	1425	23,6	1517	35,0	1383	36,2	2975	30,3	2803	28,5
16-55	3298	60,0	3505	58,3	2398	55,3	2061	54,0	5696	57,9	5566	56,6
≥ 56	741	13,5	1086	18,1	418	9,7	373	9,8	1159	11,8	1459	14,9
Total	5497	100	6011	100	4333	100	3817	100	9830	100	9828	100

QUADRO 6 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO NO CONCELHO DE ÉVORA POR GRANDES GRUPOS DE IDADES EM 1878

G.I.	População da cidade				População do termo				População do concelho			
	H	%	M	%	H	%	M	%	H	%	M	%
0-15	1714	25,9	1583	24,6	1579	31,7	1399	34,8	3293	28,4	2982	28,5
16-55	4097	61,9	3823	59,4	2875	57,6	2226	55,4	6972	60,0	6049	57,9
≥ 56	806	12,2	1027	16,0	536	10,7	393	9,8	1342	11,6	1420	13,6
Total	6617	100	6433	100	4990	100	4018	100	11607	100	10451	100

QUADRO 7 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO DO CONCELHO DE ÉVORA POR GRANDES GRUPOS DE IDADE EM 1890

G. I.	H	%	M	%
0-14	3925	30.9	3550	30.2
15-54	7230	56.9	6546	55.8
≥ 55	1543	12.2	1638	14.0
Total	12698	100	11734	100

QUADRO 8 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO DO CONCELHO DE ÉVORA POR GRANDES GRUPOS DE IDADE EM 1900

G. I.	H	%	M	%
0-14	3909	29,7	3666	29,5
15-54	7718	58,5	7098	57,0
≥ 55	1555	11,8	1677	13,5
Total	13182	100	12441	100

Tal como já referimos, os recenseamentos de 1864 e 1878 permitem-nos uma apreciação por freguesias, enquanto que os recenseamentos de 1890 e 1900 apenas permitem uma análise do concelho de Évora na sua globalidade.

Os Quadros 5, 6, 7 e 8, apresentam-nos a repartição em números absolutos e em percentagem da população por grandes grupos etários e por sexos separados.

Existem vários critérios para efectuar a divisão por grupos etários. Contudo, para o período em estudo, este pareceu-nos ser o mais adequado, uma vez que a inserção na sociedade activa se iniciava (para os mais desfavorecidos) por volta dos 15 anos.

De acordo com a classificação adoptada, e a esperança média de vida das populações, após os 55 ou 56 anos podemos considerar pouco jovem ou mesmo idoso um determinado indivíduo.

Em 1864 a população total da cidade (11.508 indivíduos) é superior à população do termo (8.150 indivíduos), o que comprova o pólo de atracção que a urbe constitui. Esta tendência continua a manifestar-se em 1878, possuindo então a cidade 13.050 indivíduos e as freguesias do termo 9.008 indivíduos. Isto significa que, em termos absolutos, entre estes dois recenseamentos, na cidade verificou-se um aumento de 1542 efectivos enquanto que no termo esse aumento se estimou em apenas 858.

No que se refere ao grupo etário mais jovem, em 1864 o número de indivíduos do sexo masculino residentes na cidade é superior ao do sexo feminino, situação esta que se altera em 1878, embora a diferença entre os efectivos de cada um dos sexos não seja tão significativa como no recenseamento anterior. Contudo, este grupo de idades sofre uma diminuição entre 1864 e 1878 nas freguesias do termo,

em indivíduos de ambos os sexos, o que nos sugere um aumento da imigração, como é comprovado pelo aumento da percentagem de activos.

No que se refere à população da cidade, em 1864, no grupo compreendido entre os 16-55 anos 58,3% são do sexo feminino enquanto que 60,0% são do sexo masculino. Em 1878, regista um aumento nos efectivos de ambos os sexos, continuando contudo, a verificar-se, em termos de volume a supremacia do sexo masculino na cidade. Quanto à população do termo neste grupo observa-se que em ambos os recenseamentos (1864 e 1878) a população masculina supera a feminina.

No grupo menos jovem, verificou-se na cidade para os mesmos anos um aumento em termos absolutos do volume da população masculina, embora em termos relativos o seu peso tenha diminuído. Quanto aos efectivos do sexo feminino, o seu volume diminuiu em termos absolutos e relativos. Pelo contrário, nas freguesias do termo, ambos os sexos manifestaram um aumento.

Se confrontarmos os Quadros 5, 6 com os 7 e 8, no que respeita ao evoluir da população total do concelho, poderemos efectuar uma síntese de toda a informação. De 1864 a 1900, assistimos a ligeiras oscilações no grupo mais jovem, embora em termos relativos as mesmas não sejam muito significativas: diminuição do sexo masculino entre 1864 e 1878; aumento de ambos os sexos entre 1878 e 1890 e uma ligeira diminuição entre 1890 e 1900.

Quanto à população em idade activa, verifica-se um aumento em termos relativos em ambos os sexos entre 1864 e 1878, sua diminuição entre 1890 e novo aumento em 1900, mas que atinge apenas o sexo feminino.

O grupo dos idosos (se é que se pode chamar assim, quando estamos perante populações que em termos absolutos são ainda tão jovens) sofre uma diminuição em termos relativos entre 1864 e 1878, seguido de um aumento até 1890 e novo decréscimo em 1900.

Estamos pois, perante uma população que em todas as idades viu o seu volume percentual sofrer várias oscilações, passando por períodos de diminuição alternados com períodos de crescimento. Tal como refere J.Carvalho Arroiteia⁷⁷, “os dados referentes ao crescimento efectivo dos habitantes de Portugal são bem elucidativos da ocorrência de algumas vicissitudes de natureza política e económica, que condicionaram desde essa época, a evolução normal da sua população.”

Outro elemento importante a reter é o facto de neste concelho se verificar a existência de um excedente da população masculina sobre a do sexo oposto, o que nos remete para a hipótese da fixação local da mão de obra masculina, a existência de agrupamentos militares ou ainda seminários e conventos. Outra hipótese a considerar, embora menos plausível para a época, é a da saída do sexo feminino para centros urbanos fora desta área, onde se empregavam em serviços domésticos.

QUADRO 9 - ÍNDICES-RESUMO DE 1864 E 1878

ÍNDICE-RESUMO	1864			1878		
	Cidade	Termo	Concelho	Cidade	Termo	Concelho
Percentagem de jovens	25,0	35,6	29,4	25,3	33,0	28,4
Percentagem de activos	59,1	54,7	57,3	60,7	56,6	59,0
Percentagem de velhos	15,9	9,7	13,3	14,0	10,3	12,5
Racio Velhos / Jovens	63,5	27,3	45,3	55,6	31,2	44,0
Racio de dependência dos jovens	42,3	65,0	51,3	41,6	58,4	48,2
Racio de dependência dos velhos	26,9	17,7	23,2	23,1	18,2	21,2
Racio de dependência total	69,2	82,8	74,6	64,8	76,6	69,4

QUADRO 10 - ÍNDICES-RESUMO DE 1890 E 1900

ÍNDICE-RESUMO	1890 Concelho	1900 Concelho
Percentagem de jovens	30,6	29,6
Percentagem de activos	56,4	57,8
Percentagem de velhos	13,0	12,6
Racio Velhos / Jovens	42,6	42,7
Racio de dependência dos jovens	54,3	51,1
Racio de dependência dos velhos	23,1	21,8
Racio de dependência total	77,4	72,9

O cálculo dos índices resumo (Quadros 9 e 10) permite analisar o peso dos diferentes grupos etários na população. Neste nosso trabalho, os índices foram calculados com base nos grupos jovens, activos e idosos, cujos limites foram para 1864 e 1878 de 0-15 anos, 16-55 anos e 56 e mais anos e, para 1890 e 1900 de 0-14 anos, 15-54 anos e 55 e mais anos. Tal como já referimos, esta classificação foi

adoptada com base nos dados constantes nos quatro recenseamentos (no que se refere à divisão por grupos de idade), bem como pelo facto de ser esta uma divisão mais plausível considerando as idades de entrada e saída na vida activa na segunda metade do século XIX.

Se nos limitarmos à observação do grupo 0-15 anos em 1864 e em 1878, facilmente constatamos que a percentagem de jovens é superior nas freguesias do termo. Contudo, entre estes dois recenseamentos verificou-se uma diminuição deste grupo nas freguesias do termo e um ligeiro aumento percentual na cidade. Em termos globais, a percentagem obtida no concelho é fortemente influenciada pelo quantitativo do termo, o que acentua o seu valor percentual.

Quanto ao grupo 16-55 anos, temos para o mesmo período de tempo, o fenómeno inverso, uma vez que a população activa é significativamente superior na cidade, o que nos faz supôr a existência constante de migrações para o meio urbano.

Também o grupo de 56 e mais anos (aqui designado por velhos) apresenta uma percentagem significativamente superior na cidade comparativamente às freguesias do termo, também como efeito das migrações e talvez por não haver retorno às terras de origem; ou então pela residência dos últimos anos de vida ser a dos descendentes radicados no centro urbano.

Por seu turno, o rácio de dependência dos velhos e o rácio de dependência total são também mais elevados nas freguesias da cidade face às freguesias do termo entre 1864 e 1878, embora o seu peso diminua gradualmente em ambas.

Em 1890, a percentagem de jovens no concelho de Évora atinge o seu valor mais elevado neste período (30,6%), mas diminui novamente no último recenseamento do século XIX.

Por seu turno, a percentagem de activos no concelho de Évora em 1890 diminui substancialmente desde 1878, registando-se novo aumento em 1900, embora este não supere os valores de 1878. A percentagem de velhos, sofre também algumas oscilações entre estes quatro recenseamentos; respectivamente 13,3%, 12,5%, 13,0% e 12,6%. Nota-se, pois, um período de recessão no concelho, relativamente à percentagem de jovens e de velhos no período compreendido entre 1890 e 1900 enquanto que a percentagem de activos aumenta respectivamente de 56,4% para 57,8%, o que não exclui a hipótese de imigração de naturais de outros concelhos.

Este aumento face aos jovens e idosos é ainda notório no recenseamento de 1890 aquando da apreciação dos valores constantes dos rácios de dependência dos velhos e de dependência total, que são os mais elevados deste período, com excepções do rácio de dependência dos velhos registados em 1864. É também em 1890 que são observados em termos concelhios, os valores mais baixos face à percentagem de população activa, relativamente aos valores dos outros três recenseamentos em análise, embora a comparação dos dois últimos censos com os dois primeiros deva ter em atenção as já referidas diferenças em termos de repartição etária.

**Capítulo IV - A mortalidade quotidiana no concelho de Évora
na segunda metade do século XIX**

4.1. Os níveis de mortalidade

O período em que nos movemos corresponde, como já bastantes vezes referimos, a uma época de mortalidade bastante elevada, embora seja possível que no final do século XIX se verifique na região o início do processo de transição demográfica, tal como parece acontecer noutras partes do País, designadamente em Lisboa⁷⁸ e Castelo Branco⁷⁹.

Tentámos traçar a evolução da mortalidade em Évora entre 1840 e 1900 a partir das séries disponíveis nos registos paroquiais, utilizando os totais de óbitos, não nos esquecendo contudo, de tentar uma comparação entre os valores absolutos registados nas freguesias do termo e nas da cidade de Évora. Após esta apreciação poderemos então traçar a evolução do conjunto das freguesias do concelho.

Decidimos representar nos Gráficos 9 a 11 as séries paroquiais a partir de 1840, pois uma vez que já havíamos efectuado o seu levantamento, considerámos oportuno a sua utilização para uma melhor compreensão do início da segunda metade de Oitocentos.

Assim, após um período de mortalidade elevada, a segunda metade de Oitocentos apresenta-se-nos nos três gráficos com números totais de óbitos/ano ligeiramente mais baixos. Deparamo-nos com um concelho marcado por uma relativa estabilidade, enquanto que no termo se verifica um relativo declínio. Quanto à cidade, é marcada por níveis bastante elevados, que só nos últimos anos parecem ter tendência a regredir, mas que poderão estar empolados pelas mortes ocorridas na cidade, de indivíduos que a ela acorrem em busca de assistência ou a ela são enviados (enfermos, expostos).

Analisando as curvas do Gráfico 9, podemos ver que crises intensas e por vezes prolongadas não impedem que a curva registe alguma estabilidade nos volumes da mortalidade nos anos mais benignos, para, em seguida, demonstrar uma tendência nítida de crescimento na linha do que caracterizava um comportamento típico de Antigo Regime demográfico. Gostaríamos ainda de referir que o conjunto de freguesias utilizadas neste gráfico representa, em termos populacionais, um volume superior ao das freguesias utilizadas no Gráfico 10.

GRÁFICO 9 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO ANUAL DE ÓBITOS NA CIDADE DE ÉVORA (1840-1900)

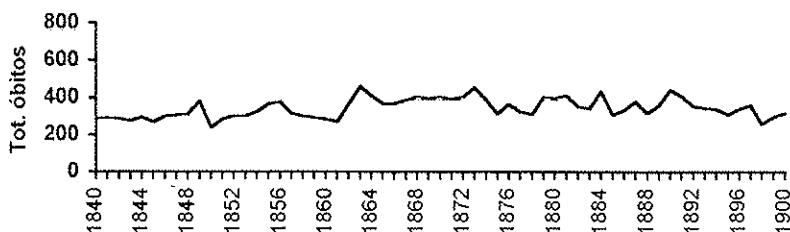


GRÁFICO 10 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO ANUAL DE ÓBITOS NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE (1840-1900)

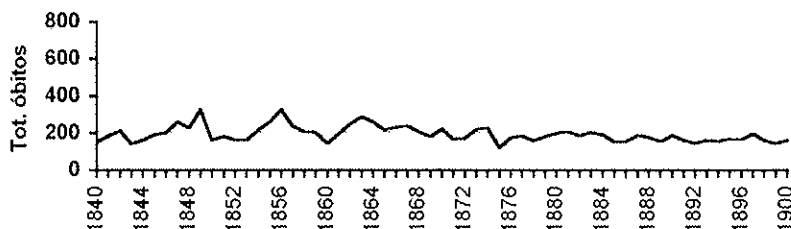


GRÁFICO 11 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO ANUAL DE ÓBITOS NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE ÉVORA (1840-1900)



Assim, embora a segunda metade de Oitocentos apresente valores anuais de mortalidade mais baixos, os anos subsequentes, de 1855 e 1856 apresentam “picos” indiciadores de forte mortalidade. Contudo, na cidade verifica-se um aumento gradual após 1850, atingindo o seu máximo nos anos de 1855 e 1856, anos marcados por um surto de cólera que afectou todo o reino, enquanto que as freguesias do termo sofrem um aumento brusco seguido de uma queda também brusca nos valores da mortalidade. A população rural cresce a um ritmo inferior à

urbana; os enfermos vêm morrer à cidade; nesta última os níveis de mortalidade são superiores.

No entanto, ao comparar os gráficos representativos da cidade e das freguesias do termo, encontramos linhas de tendência comuns no que respeita aos anos de sobremortalidade. Assim, a forte mortalidade que atinge a cidade de Évora entre 1861 e 1863 e que após estes anos se mantém elevada apesar de manifestar algumas oscilações, propaga-se às freguesias do termo apenas em 1863, após o que os seus valores, embora sujeitos a oscilações, vão gradualmente diminuindo.

A crise de 1856 nas freguesias do termo foi a que assumiu maiores proporções no período em estudo, seguida da crise de 1863. No ano de 1873 verificaram-se valores também elevados nas freguesias do termo e nas da cidade, embora nas primeiras, o “pico” da mortalidade surja mais atenuado face aos anos já referidos (1856 e 1863).

Ao longo da segunda metade de Oitocentos, continuam a verificar-se na cidade grandes flutuações, indiciadoras da alternância de anos de grande mortalidade com anos considerados “normais”.

O final do século XIX é marcado por um declínio da mortalidade e por uma linha representante de um aumento, mais significativo nas freguesias da cidade do que nas freguesias do termo.

Analisando a curva do Gráfico 11 constatamos que as suas oscilações e os seus picos se assemelham bastante aos observados no gráfico representativo da cidade, uma vez que a mesma agrega mais volume populacional do que o total das freguesias do termo, provocando assim flutuações a nível geral do concelho que nem sempre são representativas da realidade rural.

Apesar do cuidado que necessitamos ter, ao apontar as grandes linhas de evolução da mortalidade na segunda metade do século XIX no concelho de Évora, poderemos dizer que há uma tendência para a estabilidade a partir do último quartel do século XIX, apesar das pequenas crises de mortalidade que então ainda o assolaram.

4.2. A sazonalidade da morte

O estudo das flutuações mensais da mortalidade na segunda metade do século XIX constitui outro indicador importante para se avaliar o peso dos factores exógenos no ciclo humano de vida.

O seu conhecimento permite efectuar analogias entre as características gerais do fenómeno em períodos considerados normais, face às alterações introduzidas pelos surtos de mortalidade extraordinária, que sazonal e ciclicamente atingiram os habitantes do concelho de Évora.

Contudo, a análise da mortalidade extraordinária será efectuada quando abordarmos cada um dos surtos que durante a segunda metade do século XIX atingiram este concelho. Só então iremos verificar as diferenças internas do comportamento desta variável, por forma a saber até que ponto as características da estrutura etária e dos sexos foram atingidas pelas diferentes formas de morte.

Neste capítulo, limitamo-nos a analisar apenas as flutuações observadas no concelho, como um todo em períodos temporais mais alargados.

Existem várias formas de medir a mortalidade por meses. Optámos por analisar a sazonalidade dos acontecimentos através do método dos números proporcionais, que permite conhecer e representar em gráfico a distribuição da mortalidade ao longo do ano. Neste método elaborado por L. Henry, dividem-se os óbitos pelo número de dias do mês ou, no caso de Fevereiro, pelo número médio de dias. Estes números médios de acontecimentos por dia são substituídos por números proporcionais de modo a que o seu total seja igual a 1200. Cada mês fica assim representado por um número, de forma a que o seu desvio (positivo ou negativo) em relação a 100 indique o carácter particular do mês. Se não existissem diferenças entre os meses, teríamos 100 em cada um deles⁸⁰.

No concelho de Évora a análise foi efectuada a partir do levantamento mensal dos óbitos assentes nos livros paroquiais das 20 freguesias, cujos resultados se apresentam no Gráfico 11.

Os Quadros 11, 12 e 13 apresentam-nos a evolução mensal dos óbitos, agrupados em períodos de 10 anos, distinguindo a cidade do termo.

QUADRO 11 - REPARTIÇÃO MENSAL DOS ÓBITOS NA CIDADE DE ÉVORA
(números proporcionais)

Décadas	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1850/59	91	85	73	64	68	78	143	160	123	118	98	99
1860/69	87	77	88	84	80	124	145	109	107	105	93	101
1870/79	89	81	81	72	81	112	152	120	111	106	99	96
1880/89	95	97	85	77	68	91	124	145	111	113	92	102
1890/99	100	87	76	77	78	101	142	123	108	110	104	95

QUADRO 12 - REPARTIÇÃO MENSAL DOS ÓBITOS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA
(números proporcionais)

Décadas	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1850/59	95	86	78	60	62	58	80	121	161	164	146	87
1860/69	86	78	85	71	76	70	96	119	122	143	134	121
1870/79	95	104	78	87	66	64	103	105	140	123	115	120
1880/89	97	97	84	66	68	69	91	149	140	140	109	90
1890/99	107	110	90	62	60	75	91	117	119	142	116	111

QUADRO 13 - REPARTIÇÃO MENSAL DOS ÓBITOS NO CONCELHO DE ÉVORA
(números proporcionais)

Décadas	Jan.	Fev.	Mar.	Abr.	Mai.	Jun.	Jul.	Ago.	Set.	Out.	Nov.	Dez.
1850/59	92	86	75	63	66	70	117	144	138	137	118	94
1860/69	87	77	87	79	79	104	127	113	113	119	108	109
1870/79	91	89	80	77	76	97	136	115	121	111	104	104
1880/89	95	97	85	74	68	84	113	146	120	122	98	98
1890/99	102	94	81	72	72	92	125	121	112	121	108	100

Em teoria, a variável obedece a um esquema sazonal relativamente bem definido, quer nas zonas rurais quer nos meios urbanos, uma vez que muitas doenças eram específicas das diferentes épocas do ano, tal como já referimos no ponto 1.3 em que tratámos a especificidade da morte no Alentejo.⁸¹

Assim, na cidade de Évora, assinala-se um pico de mortalidade a partir do mês de Julho, prolongando-se até Outubro. Os fortes calores e a ingerência de produtos alimentares impróprios ou que facilmente se deterioravam face aos rigores do clima, bem como o consumo de água contaminada favoreciam a propagação de surtos epidémicos.

Nas freguesias do termo da cidade de Évora, só a partir do mês de Agosto se verificam fortes aumentos nos níveis de mortalidade. Contudo, estes arrastam-se até final do ano, uma vez que estas populações estão mais expostas aos rigores invernais e estivais. De 1880 a final do século, os valores referentes ao mês de Outubro (Quadro 12) são bastante elevados, coincidindo este mês com o mais exposto para os trabalhadores, uma vez que se trata daquele em que se efectuam as sementeiras. Assim, a adversidade das condições climáticas, bem como a escassez alimentar e a

exposição dos corpos à dureza dos trabalhos agrícolas, instituem-se como causas próximas deste fenómeno.

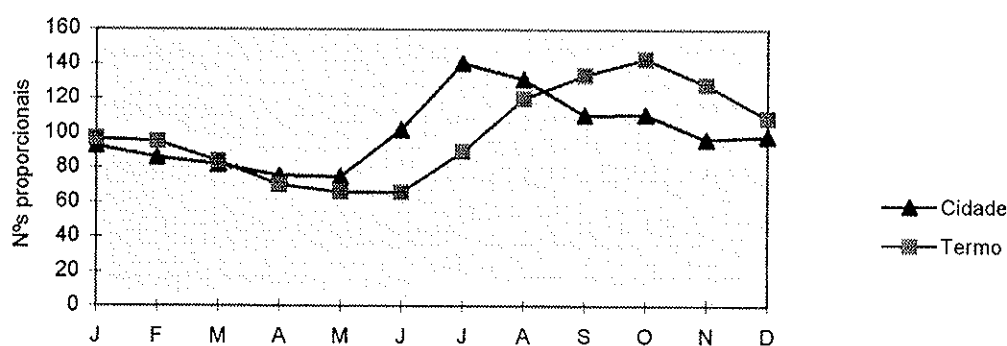
Além dos surtos epidémicos, os indivíduos mais idosos e mesmo as crianças, mal agasalhados e nutridos, dificilmente sobrevivem quando advêm infecções de tipo bronco-pulmonar.

Numa visão global, o concelho apresenta-se com altos picos de mortalidade a partir do mês de Julho (que como já tivemos oportunidade de analisar, são fruto da mortalidade verificada na cidade) e com declíneo no mês de Dezembro (influência dos valores obtidos nas freguesias do termo da cidade).

Contudo, podemos globalmente concluir que os meses mais benignos são Abril e Maio, que correspondem às temperaturas amenas e ao desaparecimento das doenças típicas dos meses mais frios e dos mais quentes.

Considerando as diferenças encontradas, decidimos representar graficamente a distribuição sazonal da mortalidade ao longo da segunda metade de Oitocentos, decompondo-a pelas vinte freguesias que constituem o concelho de Évora (Gráficos 1 a 20 constantes dos Anexos).

GRÁFICO 12 - COMPARAÇÃO DA SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE E NA CIDADE DE ÉVORA (1850-1900)



Os gráficos representativos da sazonalidade da morte nas quatro freguesias da cidade, atestam a tendência para um aumento da mortalidade nos meses de Junho, Julho e Agosto, sendo contudo o mês de Julho o que apresenta um grande pico, com excepção da freguesia de S. Antão que regista os valores mais altos no mês de

Agosto. De facto, em termos urbanos, podemos considerar a evolução sazonal perfeitamente coincidente nos meses de sobremortalidade.

A análise dos gráficos representativos da sazonalidade nas dezasseis freguesias do termo da cidade, evidenciam também a coincidência dos meses altistas - de Julho a Outubro - e, em algumas freguesias como N^a Sr^a da Boa Fé, N^a Sr^a da Tourega, S.Jordão, S.Manços, S.Miguel de Machede, S.Sebastião da Giesteira, e S.Vicente de Vallongo, os períodos de sobremortalidade voltam a agravar-se no mês de Dezembro.

O gráfico comparativo da sazonalidade no meio rural e urbano, traduz as características muito específicas da distribuição da mortalidade em cada uma dessas áreas (Gráfico 12).

Assim, a agregação destes resultados num mesmo gráfico permite-nos uma leitura mais definida dos contornos da mortalidade onde podemos apreciar que entre os meses de Setembro e Março, os valores da mortalidade são mais elevados nas freguesias do termo, relativamente à cidade. Esta, por seu turno, apresenta os meses de Junho, Julho e Agosto com valores bastante superiores aos do termo, invertendo-se esta tendência no mês de Setembro.

Embora estes gráficos se refiram a totais globais ao longo da segunda metade do século XIX, tornando assim impossível detectar os anos de mais forte mortalidade, exemplificam o modo como a mortalidade interveio no regular evoluir das gentes urbanas e rurais do concelho de Évora, em termos de sazonalidade.

Contudo, não nos podemos esquecer de que estes gráficos escondem uma multiplicidade de situações extraordinárias a que é preciso atender, nomeadamente a mortalidade diferencial por grupos etários e por sexos. Uma vez que o seu tratamento implicaria grande morosidade⁸², efectuámos o seu levantamento sistemático e exaustivo apenas para os anos considerados de mortalidade extraordinária.

**Capítulo V - A mortalidade excepcional no concelho de
Évora na segunda metade do século XIX**

5.1. Cronologia e intensidade das crises de mortalidade

Os Quadros 14, 15 e 16 apresentam-nos a cronologia das crises bem como a sua magnitude e, tal como já referimos, considerámos pertinente a sua apresentação distinta para as freguesias da cidade, para as freguesias do termo, e ainda a apreciação global do concelho.

Assim, no Quadro 14 referente à cidade foi possível analisar as quatro freguesias que a constituem desde 1850 até 1900, a partir dos elementos obtidos nos registos paroquiais. De acordo com o método de Dupâquier que iremos utilizar e cuja explicação já efectuámos no capítulo II (A metodologia), são considerados anos de crise geral aqueles em que o número de freguesias atingidas representa no mínimo 25% do total das freguesias em estudo. Este princípio, quando aplicado à cidade de Évora (cujo universo é de apenas 4 freguesias), dá-nos a percepção de crise geral quando apenas uma das suas freguesias é atingida, o que metodologicamente é discutível, mas que ainda assim decidimos incluir para, de certo modo, manter o princípio expositivo que viemos a adoptar até aqui.

Assim, de acordo com o já exposto, podemos considerar como primeiros momentos de crise os anos de 1852 a 1856. No entanto em 1852 e 1853 apenas uma freguesia foi atingida por elevados valores de mortalidade. Contudo, a magnitude 1 observada nos dois primeiros anos, aumenta em 1854 para 2, embora segundo a nossa classificação se continue a tratar de uma crise menor. Em 1855 e 1856 metade das freguesias da cidade foram atingidas, apresentando uma delas em 1856 uma magnitude de 3, correspondendo já a uma crise média. Note-se, contudo, que até ao final do século, todas as crises registadas na cidade, têm a sua magnitude entre os valores 1 e 2, tratando-se assim sempre de crises menores.

Nos anos de 1859, 1865-1867, 1872, 1876, 1881 e 1891 apenas uma das freguesias urbanas é atingida, enquanto que nos de 1862, 1864, 1868, 1869, 1873, 1884, 1887 e 1890 são atingidas duas. De crucial importância é o ano de 1863 que medeia entre anos de crise e cuja mortalidade, embora com magnitudes que oscilam entre 1 e 2, afectou toda a cidade. A partir de 1892 não se verificou na cidade nenhuma fase com altos períodos de mortalidade.

QUADRO 14 - AS CRISES DE MORTALIDADE NA CIDADE DE ÉVORA SEGUNDO O NÚMERO DE FREGUESIAS ATINGIDAS E A SUA MAGNITUDE

ANO	Freguesias em análise	Freguesias com crise	%	MAG.1	MAG.2	MAG.3
1850	4	0	0.0			
51	4	0	0.0			
52	4	1	25.0	1		
53	4	1	25.0	1		
54	4	1	25.0		1	
55	4	2	50.0	2		
56	4	2	50.0	1		1
57	4	0	0.0			
58	4	0	0.0			
59	4	1	25.0	1		
1860	4	0	0.0			
61	4	0	0.0			
62	4	2	50.0	2		
63	4	4	100	1	3	
64	4	2	50.0	2		
65	4	1	25.0	1		
66	4	1	25.0	1		
67	4	1	25.0		1	
68	4	2	50.0	1	1	
69	4	2	50.0	2		
1870	4	0	0.0			
71	4	0	0.0			
72	4	1	25.0		1	
73	4	2	50.0	1	1	
74	4	0	0.0			
75	4	0	0.0			
76	4	1	25.0		1	
77	4	0	0.0			
78	4	0	0.0			
79	4	0	0.0			
1880	4	0	0.0			
81	4	1	25.0	1		
82	4	0	0.0			
83	4	0	0.0			
84	4	2	50.0	1	1	
85	4	0	0.0			
86	4	0	0.0			
87	4	2	50.0	2		
88	4	0	0.0			
89	4	0	0.0			
1890	4	2	50.0	1	1	
91	4	1	25.0		1	
92	4	0	0.0			
93	4	0	0.0			
94	4	0	0.0			
95	4	0	0.0			
96	4	0	0.0			
97	4	0	0.0			
98	4	0	0.0			
99	4	0	0.0			
1900	4	0	0.0			

Fonte: Livros paroquiais referenciados na Rubrica "Fontes".

QUADRO 15 - AS CRISES DE MORTALIDADE NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA SEGUNDO O NÚMERO DE FREGUESIAS ATINGIDAS E A SUA MAGNITUDE

ANO	Freguesias em análise	Freguesias com crise	%	MAG.1	MAG.2	MAG.3
1850	15	0	0.0			
51	15	0	0.0			
52	15	0	0.0			
53	15	0	0.0			
54	15	2	13.3	1	1	
55	15	6	40.0	3	3	
56	15	7	46.7	3	3	1
57	15	5	33.3	1	3	1
58	15	0	0.0			
59	15	3	20.0	2	1	
1860	15	1	6.7	1		
61	15	2	13.3		2	
62	15	2	13.3	1	1	
63	15	5	33.3	4	1	
64	15	4	26.7	4		
65	15	2	13.3	2		
66	15	1	6.7	1		
67	15	3	20.0	2	1	
68	15	3	20.0	3		
69	15	0	0.0	0		
1870	16	2	12.5	1	1	
71	16	0	0.0			
72	16	0	0.0			
73	16	4	25.0	2		2
74	16	4	25.0	2	2	
75	16	0	0.0			
76	16	1	6.3		1	
77	16	3	18.8	2	1	
78	16	3	18.8	2	1	
79	16	1	6.3		1	
1880	16	2	12.5	2		
81	16	4	25.0	3	1	
82	16	1	6.3	1		
83	16	6	37.5	4	2	
84	16	3	18.8	2	1	
85	16	2	12.5	2		
86	16	1	6.3	1		
87	16	3	18.8	3		
88	16	2	12.5	2		
89	16	2	12.5	1	1	
1890	16	5	31.3	3	2	
91	16	2	12.5	1	1	
92	16	3	18.8	1	2	
93	16	3	18.8	1	2	
94	16	2	12.5	1	1	
95	16	3	18.8	1	1	
96	16	2	12.5		2	
97	16	6	37.5	4	1	1
98	16	3	18.8	2	1	
99	16	1	6.3		1	
1900	16	3	18.8	3		

Fonte: Livros paroquiais referenciados na rubrica "Fontes".

Por seu turno, o Quadro 15 referente às freguesias do termo da cidade de Évora permite-nos verificar que até 1870 apenas estiveram em observação 15 freguesias, uma vez que na freguesia de S.Manços só surgem registos após 1860. Tal facto só permitiu o cálculo da intensidade após o ano de 1870, uma vez que para a realização do mesmo necessitamos da média dos óbitos ocorridos nos dez anos anteriores.⁸³

Podemos assim considerar que os primeiros anos de sobremortalidade para o período em estudo nas freguesias rurais foram 1855, 1856 e 1857, coincidindo os dois primeiros com períodos de crise na cidade. Em 1863 e 1864 foram também atingidas mais de 25% das freguesias rurais coincidindo também com anos de crise do centro urbano. Os anos de 1873 e 1874 afectaram um quarto das freguesias rurais, sendo o ano de 1873 também de crise em metade das freguesias da cidade.

No termo, a mortalidade foi também elevada nos anos de 1881, 1883, 1890 e 1897, sendo coincidentes com a cidade os anos de 1881 e 1890. Devemos também registar que no termo de Évora se registaram crises médias em algumas freguesias nos anos de 1856, 1857, 1873 e 1897, sendo os restantes de crise menor. Por seu turno, na cidade, apenas o ano de 1856 foi assolado por uma crise média, que atingiu apenas uma freguesia a qual coincide cronologicamente com a crise média registada numa freguesia do termo.

Em termos globais e durante a segunda metade do século XIX registaram-se na cidade, 22 anos de sobremortalidade. Contudo, não nos devemos esquecer de que aqui este resultado é atingido mesmo quando apenas uma das freguesias é afectada. Por seu turno, no termo da cidade, apenas em 7 anos um quarto do total das freguesias foi atingido. Assim, numa primeira análise, parece que no meio urbano eram com maior facilidade obtidos níveis de mortalidade extraordinária.

Na sequência do exposto, o quadro alusivo a todas as freguesias do concelho está condicionado pelos valores obtidos em freguesias e meios físicos com características bastante distintas (Quadro 16).

QUADRO 16 - AS CRISES DE MORTALIDADE NO CONCELHO DE ÉVORA SEGUNDO O NÚMERO DE FREGUESIAS ATINGIDAS E A SUA MAGNITUDE

ANO	Freguesias em análise	Freguesias com crise	%	MAG.1	MAG.2	MAG.3
1850	19	0	0.0			
51	19	0	0.0			
52	19	1	5.3	1		
53	19	1	5.3	1		
54	19	3	15.8	1	2	
55	19	8	42.1	5	3	
56	19	9	47.4	4	3	2
57	19	5	26.3	1	3	1
58	19	0	0.0			
59	19	4	21.1	3	1	
1860	19	1	5.3	1		
61	19	2	10.5		2	
62	19	4	21.0	3	1	
63	19	9	47.4	5	4	
64	19	6	36.8	6		
65	19	3	15.8	3		
66	19	2	10.5	2		
67	19	4	21.1	2	2	
68	19	5	26.3	4	1	
69	19	2	10.5	2		
1870	20	2	10.0	1	1	
71	20	0	0.0			
72	20	1	5.0		1	
73	20	6	30.0	3	1	2
74	20	4	20.0	2	2	
75	20	0	0.0			
76	20	2	10.0		2	
77	20	3	15.0	2	1	
78	20	3	15.0	2	1	
79	20	1	5.0		1	
1880	20	2	10.0	2		
81	20	5	25.0	4	1	
82	20	1	5.0	1		
83	20	6	30.0	4	2	
84	20	5	25.0	3	2	
85	20	2	10.0	2		
86	20	1	5.0	1		
87	20	4	20.0	4		
88	20	2	10.0	2		
89	20	2	10.0	1	1	
1890	20	7	35.0	4	3	
91	20	3	15.0	1	2	
92	20	3	15.0	1	2	
93	20	3	15.0	1	2	
94	20	2	10.0	1	1	
95	20	3	15.0	1	1	1
96	20	2	10.0		2	
97	20	6	30.0	4	1	1
98	20	3	15.0	2	1	
99	20	1	5.0		1	
1900	20	3	15.0	3		

Fonte: Livros paroquiais referenciados na rubrica "Fontes".

Assim, em termos concelhios podemos considerar como anos ou períodos de crise de mortalidade: 1855, 1856 e 1857; 1863 e 1864; 1868; 1873; 1881; 1883 e

1884; 1890 e 1897. Apenas em 1856, 1857, 1873, 1895 e 1897 foram registadas algumas crises médias, sendo as restantes de reduzida intensidade (crises menores).

Os períodos de maior mortalidade, situam-se nos anos cinquenta (1855-56) e sessenta (1863-64), em que mais de 36% das freguesias do concelho foram atingidas. Porém, em termos globais a segunda metade do século XIX conheceu no concelho de Évora níveis de mortalidade pouco elevados, mas que afectavam periodicamente e em simultâneo várias freguesias.

Na presente análise considerámos apenas as crises gerais em que se verificou esta coincidência no tempo e no espaço, para as distinguir das localizadas que teriam pouca representatividade e reduzido impacto em termos de efectivos humanos atingidos. Aplicando o método de Dupâquier, já objecto de explicação detalhada, obtivemos a intensidade das crises gerais no concelho de Évora. Contudo, a sua estruturação em termos rurais e urbanos, permite determinar com precisão a sua incidência espacial diferenciada.

QUADRO 17 - INTENSIDADE DAS CRISES GERAIS NA CIDADE DE ÉVORA

Anos	Mx	IN	Mg	Classificação das crises
1855-57	1845-54	18,130	5	Super crise
1863-64	1853-62	13,950	4	Crise maior
1868	1858-67	1,660	1	Crise menor
1873	1863-72	2,347	2	Crise média
1881	1871-80	0,813		
1883-84	1873-82	7,626	3	Crise forte
1890	1880-89	1,968	1	Crise menor
1897	1887-96	0,013		

QUADRO 18 - INTENSIDADE DAS CRISES GERAIS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA

Anos	Mx	IN	Mg	Classificação das crises
1855-57	1845-54	9,681	4	Crise maior
1863-64	1853-62	5,371	3	Crise forte
1868	1858-67	-0,390		
1873	1863-72	0,015		
1881	1871-80	1,404	1	Crise menor
1883-84	1873-82	5,682	3	Crise forte
1890	1880-89	0,272		
1897	1887-96	2,274	2	Crise média

Assim, os anos de 1855-57 foram anos de grande mortalidade quer na cidade, quer nas freguesias do termo. Na cidade esta crise que durou três anos, assumiu o carácter de supercrise, enquanto que no termo se tratou de uma crise maior.

Nos anos de 1863-64 verificaram-se também elevados níveis de mortalidade, quer nas freguesias da cidade, quer nas freguesias do termo, respectivamente, crise maior e crise forte.

QUADRO 19 - INTENSIDADE DAS CRISES GERAIS NO CONCELHO DE ÉVORA

Anos	Mx	IN	Mg	Classificação das crises
1855-57	1845-54	13,910	4	Crise maior
1863-64	1853-62	4,518	3	Crise forte
1868	1858-67	0,410		
1873	1863-72	1,034	1	Crise menor
1881	1871-80	0,538		
1883-84	1873-82	7,312	3	Crise forte
1890	1880-89	1,368	1	Crise menor
1897	1887-96	0,230		

Para a obtenção da intensidade⁸⁴ no ano de 1868 na cidade de Évora foi considerado total de óbitos dos anos de 1855-61 e 1865-67, excluindo-se portanto os anos de 1862, 1863 e 1864, uma vez que se tratavam de anos com elevada mortalidade, o que alteraria o resultado final do cálculo da intensidade. Ficámos então com a indicação de que este ano atingiu sob forma de uma crise menor a cidade de Évora, mas que não se propagou às zonas rurais. A mesma situação foi verificada para o ano de 1873, em que só a urbe foi afectada por uma crise média. Por seu turno, 1881, foi um ano de crise geral apenas para as freguesias do termo da cidade, embora se tratasse de uma crise menor. A crise de 1883-84 teve uma forte intensidade atingindo igualmente a cidade e as freguesias rurais. Em 1890 a cidade foi afectada por uma crise menor, enquanto que nenhuma sobremortalidade foi registada nas freguesias do seu termo. Situação inversa foi a que se verificou em 1897, em que apenas as freguesias do termo foram afectadas por uma crise média, mas sem significado em termos concelhios (cf. Quadro 19).

O Quadro 19 agrupa os resultados globais já apreciados, relativos à cidade e ao termo. Podemos então concluir que a crise mais intensa no concelho de Évora na segunda metade de Oitocentos se registou entre 1855-57, teve a duração de três anos e atingiu a magnitude 4. A crise de 1863-64 foi também violenta, embora apresente valores inferiores à anterior. Em termos concelhios, foram ainda anos de crise os de 1873, 1883-84 e 1890.

Os anos de 1868, 1881 e 1897 constituíram excepções, uma vez que se reportam exclusivamente a um espaço físico: 1868 à cidade de Évora e 1881 e 1897 ao termo desta.

No centro urbano pode apreciar-se um abrandamento da intensidade das crises à medida que nos aproximamos do final do século XIX, com excepção dos anos de 1883-84 em que surgiu uma crise forte. Contudo, as intensidades verificadas em meados do século e nos anos sessenta não voltam a repetir-se, o que indicia uma forte queda nos valores da mortalidade. Situação idêntica é a que se verifica nas freguesias do termo da cidade e no cômputo geral do concelho, o que demonstra um desagravamento progressivo da morte à medida que nos aproximamos do século XX.

Assim, a partir de 1870, desaparecem as sobremortalidades de forte intensidade e de longa duração (exceptuaremos a crise de 1883-1884), dando lugar a crises de menor intensidade e de menor duração, algumas cingindo-se apenas a alguns meses. Os resultados finais apresentam-se ligeiramente distorcidos, uma vez que são afectados pelas crises médias.

No capítulo VI apreciaremos todos estes períodos, quer se trate de crise geral no concelho, na cidade ou apenas nas freguesias do termo, de forma a perspectivarmos um estudo que se pretende comparativo.

5.2. Unidade e diversidade das freguesias face à mortalidade

Nesta alínea privilegiaremos a dispersão das pequenas crises localizadas ao longo do espaço físico e no período cronológico em estudo.

Com efeito, um indicador que também nos pode elucidar sobre a gravidade de uma crise é a sua duração. Embora não atingindo intensidades muito elevadas, as crises localizadas registadas no concelho de Évora na segunda metade do século XIX, na sua maioria não tiveram uma duração superior a um ano. Tal facto é explicável, uma vez que com frequência à medida que aumenta a intensidade de uma crise, se alarga a sua duração. Assim, como a esmagadora maioria deste tipo de sobremortalidades tiveram uma intensidade menor ou média, a capacidade de recuperação das populações também não foi muito morosa.

QUADRO 20 - ANOS DE MORTALIDADE EXTRAORDINÁRIA (1850-1900)

FREGUESIAS	50	51	52	53	54	55	56	57	58	59	60	61	62	63	64	65	66	67	68	69	70	71	72	73	74	75	
CIDADE																											
Sé			*	*	*	*	*						*	*	*												
Sto Antão										*				*												*	
S.Mamede						*							*	*	*	*	*	*	*	*	*						
S.Pedro							*						*						*	*			*	*			
TERMO																											
NªSra da Boa Fé																*										*	
N.S da Graça do Divôr						*	*	*		*				*													*
N.S Nat. de Machede						*								*													*
Nª Sra da Tourega						*							*	*					*							*	*
N.S do R.T. de Coelheiros							*	*					*									*				*	*
S.Bento de Pomares							*													*							*
S.Bento do Matto					*	*	*																				*
S.Bráz do Regedouro											*				*												*
S.Jordão							*	*				*										*			*	*	*
S.Manços												*											*		*	*	*
S.Marcos da Abóbada					*									*				*	*								*
S.Mathias										*				*	*												*
S.Miguel de Machede						*	*																				*
S.S. da Giesteira																*		*	*							*	*
S.Vicente de Vallongo						*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
S.Vicente do Pigeiro							*					*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*

FREGUESIAS	76	77	78	79	80	81	82	83	84	85	86	87	88	89	90	91	92	93	94	95	96	97	98	99	0	
CIDADE																										
Sé																*										
Sto Antão	*								*						*											
S.Mamede						*			*																	
S.Pedro											*				*											
TERMO																										
NªSra da Boa Fé									*						*	*		*	*							
N.S da Graça do Divôr			*	*		*																	*	*		
N.S Nat. de Machede									*														*	*		
Nª Sra da Tourega					*																		*	*		
N.S do R.T. de Coelheiros											*				*			*				*				
S.Bento de Pomares						*														*					*	*
S.Bento do Matto												*										*	*	*	*	*
S.Bráz do Regedouro	*	*										*		*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
S.Jordão									*						*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
S.Manços			*		*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
S.Marcos da Abóbada						*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
S.Mathias			*				*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
S.Miguel de Machede	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
S.S. da Giesteira	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
S.Vicente de Vallongo					*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*
S.Vicente do Pigeiro						*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*	*

O Quadro 20 permite-nos confrontar todas as freguesias do concelho e observar a duração das crises, bem como a sua localização temporal.

Nas freguesias da cidade registaram-se crises com duração superior a um ano apenas até 1869, sendo as freguesias da Sé e de S.Mamede as mais afectadas. A freguesia da Sé registou períodos de mortalidade extraordinária, que se estenderam

por 3 e 5 anos, respectivamente em 1862-64 e em 1852-56. Quanto a S.Mamede, manteve uma situação de sobremortalidade constante entre 1862 e 1869. Por seu turno, St. Antão e S. Pedro nunca registaram surtos de mortalidade superiores a um ano. A partir de 1870 esta situação torna-se semelhante nas outras freguesias da cidade, o que sugere uma diminuição dos factores catalizadores de surtos de elevada mortalidade.

No que respeita às freguesias do termo, verifica-se uma grande dispersão no que concerne à contemporização das crises. Contudo, algumas freguesias suscitam reparos, quer pela duração das suas crises, quer pelo facto das mesmas coincidirem temporalmente com outras freguesias, permitindo formar manchas espaciais contínuas. Assim, nos anos cinquenta, N^o Sr^a da Graça do Divor, S.Bento do Matto e S.Vicente de Vallongo apresentam crises com a duração de três anos, respectivamente 1855-57; 1854-56 e 1855-57. Entre os anos de 1881 e 1883, a freguesia de S.Manços foi também marcada por uma crise que durou três anos. Contudo, trata-se de um caso isolado para os anos referidos. Também S.Vicente de Vallongo registou níveis de mortalidade anormal entre 1892 e 1894, em situação idêntica à referida na freguesia de S.Manços. Tratam-se, neste caso, de surtos epidémicos que surgiram isoladamente em determinado espaço físico.

Pode contudo concluir-se que, as crises de grande duração que assolaram a cidade até 1869, alargaram também as suas marcas de forma irregular pelas freguesias do termo.

O Quadro 21 permite-nos uma visualização em termos quantitativos do total de anos de crise que atingiram cada uma das freguesias do concelho de Évora nessa segunda metade do século XIX.

Assim, considerámos o total de anos observados em cada uma das freguesias, e nelas verificámos os A.N. (anos considerados normais em termos de mortalidade), os A.C. (anos considerados de crise) e calculámos a sua percentagem.

Tal como já havíamos referido, as freguesias da cidade assoladas pelo maior número de crises foram a Sé e S.Mamede. S.Antão foi a freguesia citadina mais protegida, embora situada numa zona que circundava a praça principal e com uma taxa de crescimento apenas inferior à da freguesia da Sé. Esta última era contudo a mais populosa e com maior densidade de concentração populacional o que poderá de certa forma explicar os elevados índices de sobremortalidade.

QUADRO 21 - MORTALIDADE NORMAL E EXTRAORDINÁRIA (1850-1900)

FREGUESIAS	Total de anos de observação	A.N	%	A.C	%
CIDADE					
Sé	51	42	82	9	18
Sto Antão	51	45	88	6	12
S.Mamede	51	40	78	11	22
S.Pedro	51	43	84	8	16
TERMO					
N ^a Sr ^a da Boa Fé	51	44	86	7	14
N ^a Sr ^a da Graça do Divôr	51	41	80	10	20
N ^a Sr ^a da Natividade de Machede	51	46	90	5	10
N ^a Sr ^a da Tourega	51	45	88	6	12
N ^a Sr ^a do Rosário de Torre de Coelheiros	51	42	82	9	18
S.Bento de Pomares	51	46	90	5	10
S.Bento do Matto	51	44	86	7	14
S.Bráz do Regedouro	51	43	84	8	16
S.Jordão	51	42	82	9	18
S.Manços	31	24	77	7	23
S.Marcos da Abóbada	51	41	80	10	20
S.Mathias	51	45	88	6	12
S.Miguel de Machede	51	45	88	6	12
S.Sebastião da Giesteira	51	43	84	8	16
S.Vicente de Vallongo	51	43	84	12	16
S.Vicente do Pigeiro	51	39	76	8	24

Quanto às freguesias do termo da cidade, as mais expostas à elevada mortalidade foram as de N^a Sr^a da Graça do Divor e S.Marcos da Abóbada (em que um quinto dos anos de observação foram de crise), N^a Sr^a do Rosário de Torre de Coelheiros e S.Bráz do Regedouro (com 18% de anos de crise). Verdadeiramente catastrófica foi a situação da freguesia de S.Vicente de Vallongo, que no total de 51 anos de observação, registou doze anos de mortalidade elevada, apresentando assim o valor mais elevado do concelho.

De salientar são também os valores da freguesia de S.Manços, pois embora as suas crises sejam sete, elas foram apenas consideradas num total de 31 anos de observação (1870-1900), o que perfaz um total de 23% de anos considerados de crise. De registar que a sua população verificou uma taxa de crescimento bastante alta (1.14%) o que poderá em parte justificar o acréscimo rápido do número de óbitos anuais.

As freguesias mais benignas em termos de mortalidade, foram as de N^a Sr^a da Natividade de Machede e de S.Bento de Pomares. No caso desta última, um factor explicativo possível é a gradual perda de população, que irá sofrer na segunda metade de Oitocentos, como demonstra o cálculo da taxa de crescimento anual médio que é francamente negativa (-1.49%).

QUADRO 22 - MAGNITUDES DAS CRISES POR FREGUESIAS (1850-1900)

Freguesias	MAGNITUDES			Total
	1	2	3	
Cidade				
Sé	7	2		9
Sto Antão	3	4		7
S.Mamede	8	3		11
S.Pedro	4	3	1	8
Termo				
N ^a Sr ^a da Boa Fé	5	1	1	7
N ^a Sr ^a da Graça do Divôr	4	4		8
N ^a Sr ^a da Natividade de Machede	4	1		5
N ^a Sr ^a da Tourega	4	2		6
N ^a Sr ^a do Rosário de Torre de Coelheiros	4	4	1	9
S.Bento de Pomares	4		1	5
S.Bento do Matto	3	4		7
S.Bráz do Regedouro	3	5		8
S.Jordão	6	2	1	9
S.Manços	4	3		7
S.Marcos da Abóbada	9	1		10
S.Mathias	5	1		6
S.Miguel de Machede	3	2	1	6
S.Sebastião da Giesteira	6	1	1	8
S.Vicente de Vallongo	6	6		12
S.Vicente do Pigeiro	3	5		8

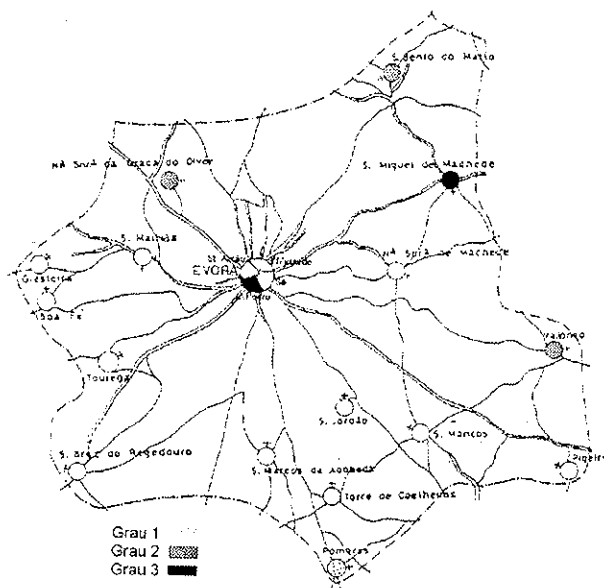
Quanto às magnitudes registadas a nível paroquial, a freguesia mais afectada da cidade em termos de intensidade foi S.Pedro, embora no total tenha registado apenas oito anos de crise. A freguesia de S.Mamede que mais anos de crise registou (11), não atingiu contudo magnitudes muito elevadas (Quadro 22).

Magnitudes de nível 3 foram verificadas uma única vez em seis das freguesias do termo da cidade: N^a Sr^a da Boa Fé, N^a Sr^a do Rosário de Torre de Coelheiros, S.Bento de Pomares, S.Jordão, S.Miguel de Machede e S.Sebastião da Giesteira, o que representa 37.5% do total das freguesias do termo.

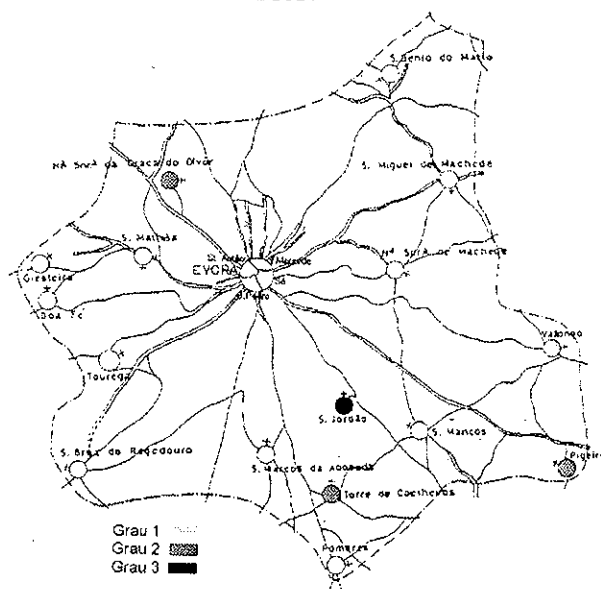
Assim, as crises de mais fraca intensidade constituem a esmagadora maioria dos casos de sobremortalidade observados no concelho (62,9%), seguidas das de grau 2 (34,3%) o que significa que as crises isoladas são na sua quase totalidade crises menores.

Capítulo VI - Análise dos anos de mortalidade excepcional

MAPA 6 - INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1856



MAPA 7 - INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1857



QUADRO 23 - INTENSIDADE DA CRISE DE 1855-57

FREGUESIAS	1855	1856	1857
Cidade			
Sé	1	1	
S. Mamede	1		
S. Pedro		3	
Termo			
N ^o Sr ^a da Graça do Divôr	2	2	2
N ^o Sr ^a da Nat. de Machede	2		
N ^o Sr ^a da Tourega	1		
N ^o Sr ^a do R. de T. de Coelheiros		1	2
S. Bento de Pomares		1	
S. Bento do Matto	2	2	
S. Jordão		1	3
S. Miguel de Machede	1	3	
S. Vicente de Vallongo	1	2	1
S. Vicente do Pigiro			2

A crise que entre 1855-57 deflagrou no concelho de Évora atingiu 75% das freguesias da cidade e 62,5% das freguesias do termo da mesma.

Os Mapas 5, 6 e 7, bem como o Quadro 23 permitem-nos visualizar a intensidade de cada uma delas, a sua ocupação no espaço físico, bem como a sua evolução temporal. Por seu turno, uma leitura atenta dos quadros constantes em Anexo e que contêm o levantamento dos registos obituários paroquiais, permite-nos constatar que, já nos anos imediatamente anteriores, algumas freguesias (nomeadamente a freguesia da Sé) registavam valores muito elevados no que concerne à mortalidade.

Este período coincide com a epidemia de cólera que entre 1852 e 1856 afectou países como a França, a Inglaterra e todo o litoral mediterrânico. Em 1853 penetra na Espanha e também em Portugal, nas regiões do Alentejo e Algarve, aparentando extinguir-se entre 1854-55. No entanto, ataca nos dois anos imediatos a maior parte da população portuguesa, com especial incidência no Algarve e na ilha da Madeira. A probabilidade de sobrevivência dos indivíduos infectados era de 50% uma vez que um em cada dois indivíduos atingidos morria.

O surto propaga-se desde o norte de Portugal e em 1855 atinge o Alentejo.⁸⁵

Foram propostas medidas de polícia higiénica sugeridas pelo Conselho da Saúde Pública às autoridades locais. No entanto, o serviço de policiamento e fiscalização sanitária revelou-se ineficaz face à falta de medicamentos e à ignorância das populações, que insistiam em continuar com os seus hábitos ancestrais.

Neste sentido, a Delegação de Saúde do Distrito de Évora, em carta enviada à Câmara Municipal e datada de 15 de Julho de 1855, solicita que sejam tomadas medidas face à aproximação da cólera-morbus.

“Em cumprimento do meu dever e a bem da salubridade publica ameaçada da invasão da cholera-morbus, que parece querer penetrar este Districto, não posso deiyar de novamente reclamar d’essa illustre Camara Municipal todas as providencias que possam attenuar os effeitos d’aquelle flagello, quando infelismente, elle venha a invadir este Concelho.

(...) lembro em primeiro logar a urgencia de faser levantar todas as estrumeiras eyistentes nos logares contiguos á Cidade, as quaes devem ser immediatamente removidas para local onde não possam prejudicar á Cidade ou a

quaesquer outras habitações ruraes, sendo para lamentar que ainda n'este anno, a despeito das noticias atterradoras do flagello (...) continuasse ainda tão inveterado e pestifero costume.

Estas mesmas rasões tornão d'absoluta necessidade a limpeza das ruas da Cidade para o que conviria (...) se designassem os locaes onde os habitantes devão faser os despejos, e as óras da noute de se proceder á limpeza d'elles (...). A cadeia, assougues e talho são locaes que devem merecer d'essa comarca um especial cuidado; conviria talvez designar um outro local para ser recolhidos uma parte dos presos, quando se reconheça que o numero d'elles possa tornar aquelle local um foco d'infeção (...). Tudo o mais que eu pudera lembrar, inclusivamente (...) socorros á classe indigente e mendigos, e bem assim (...) o costeamto d'um hospital de cholericos (...)"⁸⁶.

Em 13 de Agosto de 1855, continua a debater-se o problema da aproximação da cólera-morbus, receando-se já a sua penetração no distrito de Évora.

"Sua Ex^a o Sr. Presidente fez saber ao Conselho o estado pouco lisongeiro em que se achava a saude Publica nos Districtos visinhos de Portalegre e Beja - onde o flagello da Cholera-morbus tinha ja infelizmente penetrado - fasero algum estrago em Barrancos Campo Maior - Elvas - e Villa Boim - a onde se havia desenvolvido em força - que nestas alturas podia facilmente acontecer que a molestia atacasse o nosso Districto (...)"⁸⁷

Na sequência do exposto, em 26 de Novembro do mesmo ano, foram enviadas para Évora "quatro laminas de puus vaccinico"⁸⁸ a fim de se tentar debelar experimentalmente a doença. Significativo é o facto de as mesmas serem applicadas em expostos, o que põe em dúvida a sua eficácia e o seu carácter meramente empírico.

A doença affectou todos os estratos sociais e como demonstra o documento que reproduzimos, o próprio pároco de S. Vicente do Pigeiro parece ter sido atingido por esta epidemia. A carta que dirigiu ao Presidente da Câmara é bem elucidativa da consciência da impotência humana face àquele flagello. (Cf. documento 1)

Contudo, outras causas parecem ter contribuido para tão grande mortalidade, tais como variadas moléstias que atingiram culturas agrícolas e que provocaram a miséria e a fome nos grupos sociais mais desfavorecidos. A situação agrícola vivida em 1854 agravou-se nos anos subsequentes. Prova disso é a carta enviada ao

Presidente da Câmara Municipal de Évora, em que é revelada a preocupação face à má situação agrícola e se tentam encontrar meios para debelar tal flagelo.

DOCUMENTO 1

119

Particular do Sr. que não posso
descrever-me aqui, como se me chamasse
a causa de muitas molestias, e
doente, que impedem fazer fôrças
para a agricultura, e a industria, e com aquelle
dito do grande S. João: *Empetrum*
que se encontra, a qual não ha fôrças
que a possam curar, e ha de ser de dar
a sua opinião.

11 de Maio de 1857
João de Sousa
Presidente da Câmara
de Évora.

João de Sousa

Fonte: Arquivo da Câmara Municipal de Évora, livro nº 118, p. 119

“III.º Sr.

A invasão das variadas molestias, que successivamente têm accommettido, grande numero d’arvores fructiferas, com especialidade castanheiros, e lorangeiras, destruindo as suas producções, e affectando consequentemente alguns ramos preciosos da riqueza nacional, tem offerecido ao Governo de Sua Magestade a mais séria attenção, e considerações. E com quanto tenham sido desgraçadamente infructuosas até hoje as tentativas feitas para descobrir remedios efficazes, que preservem, e curem os vegetaes das enfermidades acima referidas, não deve todavia obstar isto a que se continúe com firme perseverança nas observações e experiencia,

ate que algum feliz resultado corôe os esforços dos que se entregarem a estas investigações, já por interesse proprio, e já em proveito publico.

Para este effeito é indispensavel que o Governo obtenha um conhecimento exacto de todas as circumstancias que acompanhão a invasão e desenvolvimento das molestias dos vegetaes, e que se collijão todos os factos que podem auxiliar o seu estudo; e nesta conformidade cumpre que a Camara municipal, a que V.S^a preside ouvindo pessoas intelligentes n'esta materia, e procedendo a todas as investigações necessarias, faça organizar um mappa, segundo o modelo junto, o qual, acompanhado d'um relatorio que o explique e desenvolva, me será enviado com a brevidade possivel, para se lhe dar logo o conveniente destino.

Confio que essa Municipalidade desempenhará esta commissão como é d'esperar do seu zelo, e boa vontade, tomando por este objecto todo o interesse que elle merece, e que é reclamado pelo bem publico.

Deos Guarde a V.S^a Evora 2 de Janeiro de 1854.”⁸⁹

Também em 10 de Setembro de 1855, o Governador Civil alertava o Presidente da Câmara Municipal de Évora para a necessidade do levantamento do estado da actual colheita dos géneros neste concelho: “(...) a colheita do trigo, cevada, e aveia no presente anno, não é tão vantajosa como se esperava, pois que n'alguns sitios é medíocre, e n'outros mais inferior que a do anno passado, - o que faz receiar que o seu producto não seja sufficiente para o consumo (...)”⁹⁰

Após a análise conjuntural destes anos, considerámos oportuno verificar a forma como evoluiu a mortalidade em termos de sazonalidade e, numa perspectiva que se pretende diacrónica, tomámos em consideração o ano anterior (1854) bem como o ano posterior (1858).

GRÁFICO 13 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855-57

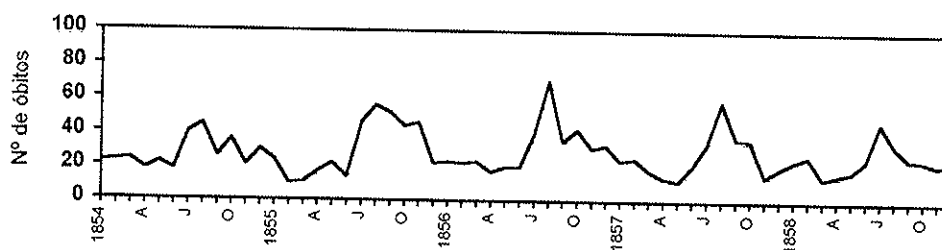


GRÁFICO 14 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855-57

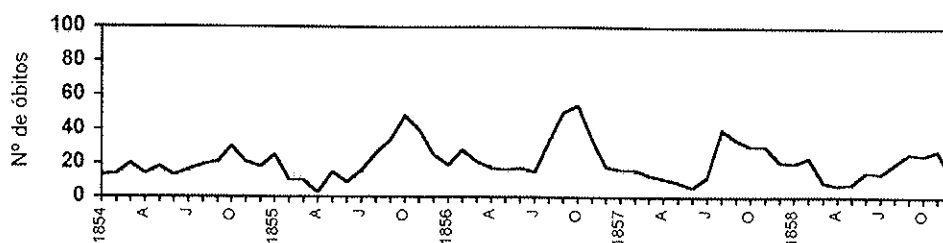
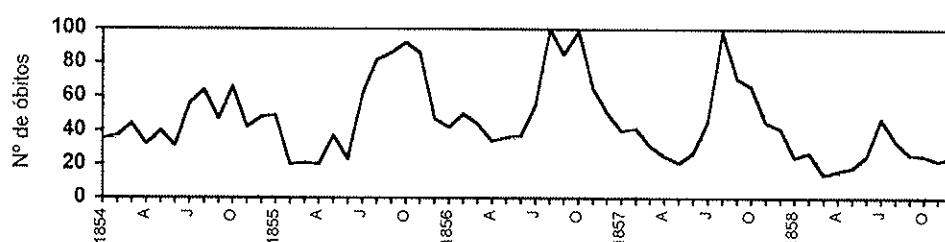


GRÁFICO 15 - A SOBREMORTALIDADE NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1855-57



Embora este período corresponda em termos globais à recorrência de surtos de cólera, os gráficos apresentam-se bastante regulares em termos de sobremortalidade em épocas bem definidas, o que nos remete para outro tipo de causas de morte.

Os meses estivais (a partir de Julho) apresentam-se já em 1854 como os mais mortíferos na cidade de Évora, diminuindo gradualmente até Novembro. No entanto, o mês de Agosto de 1856 é de todos o mais mortífero.

Nas freguesias do termo da cidade, embora a mortalidade atinja sempre os valores mais elevados no mês de Outubro (o que já se verifica em 1854, sendo um fenómeno constante conforme vimos no capítulo sobre a sazonalidade), tal como aconteceu na cidade, verificou-se também no ano de 1856 um pico excepcionalmente visível.

Como já constatámos, os elevados níveis de mortalidade registados em 1856, foram também consequência do mau ano agrícola que se viveu e que terá aumentado a vulnerabilidade dos grupos sociais mais desfavorecidos. O risco de fome é maior, agravam-se os impostos e registam-se manifestações populares exigindo a descida dos preços dos produtos alimentares, ao mesmo tempo que aumenta a violência e o número de assaltos a lojas e domicílios.

Relativamente à situação económica que se viveu na região neste ano, pode citar-se a seguinte afirmação referente à cidade de Évora.

“A camara municipal pede ao cabido que concorra com alguma quantia para fundo do emprestimo que solicita e destina para a compra de trigos a fim de combater a crise alimenticia, que opprime as classes pobres. O cabido concorre com 100:000 réis.”⁹¹

Também em 18 de Julho de 1856, os moradores da freguesia de S.Miguel de Machede, em carta enviada ao Presidente da Câmara, se queixam do mau ano agrícola: “as tristes circunstancias em que nos achamos, da falta de cereais e sua carestia (...)”⁹² Não se tratava porém, de um caso isolado. Para obviar à escassez de cereais que se fazia sentir no Reino, em 18 de Junho de 1856, D.Pedro V propôs às Câmaras Legislativas as medidas convenientes para a livre importação de cereais em todo o País.

“Além d’isto Quer Sua Magestade que as authorities examinem, sem perda de tempo, se em algum sitio existe accumulção de generos cereaes para especulação commercial, que difficulte a sua concorrência aos mercados, e produza a progressiva subida do preço d’elles, e que inteirando-se das pessoas que assim tão imprudentemente procedem, as convoquem e que por meios suasorios, as façam persuadir de quão errado seja o seu systema na presença da escacez dos viveres, e da grande alta a que infelizmente teem chegado; inculcando-lhes que para utilidade geral, e em proveito dos seus proprios interesses economicos, e dos da segurança individual e de propriedade, devem ellas ser mui sollicitas em abrir venda aos generos que poderem dispensar das suas proprias necessidades (...)”⁹³

Embora os níveis mais elevados de mortalidade surjam em meses ligeiramente distintos na cidade e no termo, em 1858 o “pico” é já menor nas respectivas épocas denunciando um decréscimo nesta variável até valores considerados normais.

Desta forma, a crise que deflagrou entre os anos de 1855-57 não atingiu de igual modo as freguesias de Évora e do termo. Para conhecer a sazonalidade da morte ao longo desse período efectuámos o cálculo das flutuações mensais. De acordo com o critério adoptado foram apenas consideradas as freguesias em que se verificou algum tipo de sobremortalidade, de forma a isolar esta variável do conjunto das vinte freguesias que constituem o concelho de Évora.

GRÁFICO 16 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1855

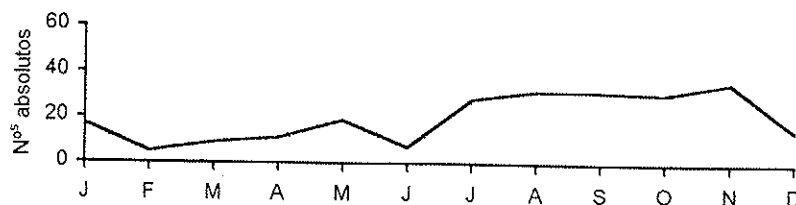


GRÁFICO 17 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855

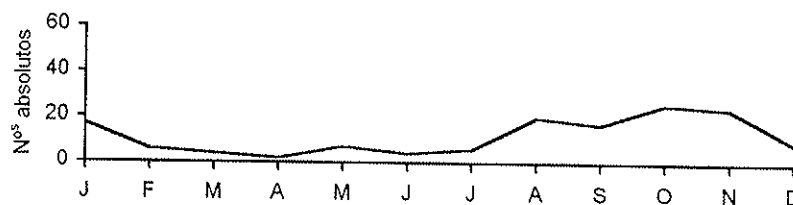


GRÁFICO 18 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1856

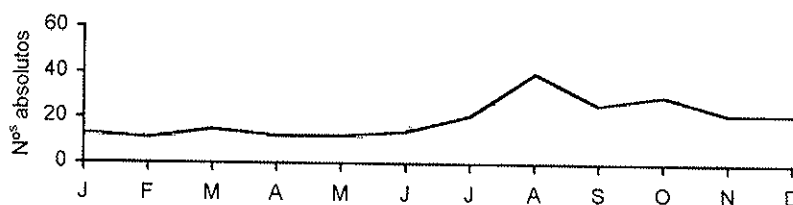


GRÁFICO 19 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1856

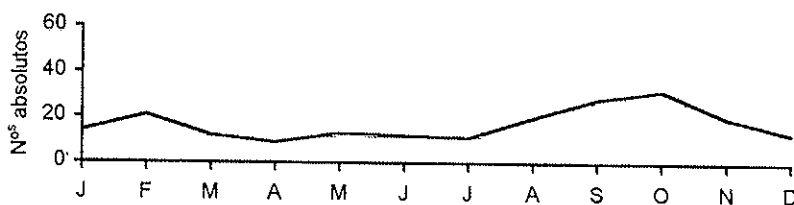
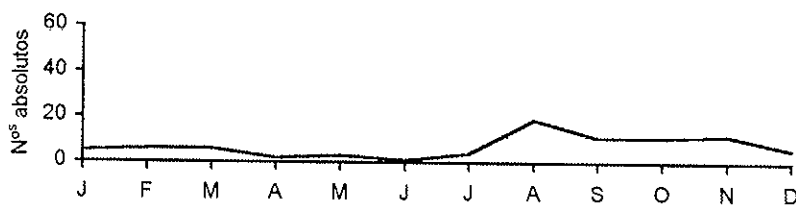


GRÁFICO 20 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1857



De acordo com os resultados dos Gráficos 16 a 20, que indiciam uma maior mortalidade nos meses de Verão e subsequentes, podemos pois concluir da

existência da cólera-morbus na região, uma vez que sendo típica dos meses mais quentes do ano, se propaga através do consumo de águas impróprias, geralmente estagnadas, consequência do aumento das temperaturas.

O Gráfico 16 apresenta-nos a linha evolutiva da mortalidade nas freguesias urbanas da Sé e de S.Mamede, e permite-nos constatar que em 1855 os maiores valores de mortalidade se verificaram entre os meses de Julho e Novembro, após o que há um decréscimo. No mesmo ano (Gráfico 17), as 5 freguesias do termo que apresentaram IN indicadoras de situação de crise, respectivamente N^a Sr^a da Graça do Divôr, N^a Sr^a da Natividade de Machede, N^a Sr^a da Tourega, S.Bento do Matto e S.Miguel de Machede atingiram níveis superiores entre os meses de Agosto e Novembro, ou seja, a crise iniciou-se na cidade no mês de Julho e só no mês seguinte se estendeu para as freguesias do termo, mantendo-se até quase ao final do ano.

Em 1856 a sobremortalidade na cidade de Évora (Gráfico 18) permanece na freguesia da Sé, mas desaparece da freguesia de S.Mamede, vindo no entanto a deflagrar na freguesia de S.Pedro, situando-se os níveis mais elevados de mortalidade, uma vez mais, entre os meses de Julho e Novembro, após o que se verifica uma diminuição gradual, não atingindo já níveis preocupantes em 1857.

A evolução verificada nas freguesias do termo (Gráfico 19), apresenta ritmos diferentes, uma vez que no início de 1856 há um recrudescer da elevada mortalidade verificada no ano anterior. Entre Março e Julho a mortalidade diminui, mas retoma os seus elevados níveis a partir do mês de Agosto. N^a Sr^a da Graça do Divôr continua a ser uma freguesia bastante fustigada, o mesmo acontecendo com S.Bento do Matto e S.Miguel de Machede, esta registando um grande aumento na variável em estudo. Por seu turno, a sobremortalidade verificada em 1855 nas freguesias de N^a Sr^a da Natividade de Machede e N^a Sr^a da Tourega deixa de ser preocupante, estendendo-se contudo em 1856 às freguesias de N^a Sr^a do Rosário de Torre de Coelheiros, S.Bento de Pomares e S.Jordão.

Na sequência da expansão da cólera-morbus, o Governador Civil tentou ainda através de algumas medidas, debelar este flagelo em carta enviada ao Presidente da Câmara de Évora.

“O facto de terem nestes ultimos dias adoecido muitos individuos, especialmente os que, empregando-se em serviços do campo e outros, se expõem

mais frequentemente ao ardor do sol nas horas de sua maior intensidade, e a circunstancia de se succederem aos ataques cerebraes e a outros incommodos occasionados pelo calor, os symptomas de colera-morbus ou cholera, aconselham que, a bem da saude publica, e a exemplo do que se pratica na capital do Reino, sejam provisoriamente alteradas as horas dos trabalhos, devendo os jornaleiros que se empregarem n'aquelles serviços, trabalhar tão somente desde as 4 até ás 10 horas da manhã, e desde as 4 até ás 8 da tarde; e para que isto tenha logar n'esse Concelho V.S^a providenciará, convenientemente, na certeza de que esta medida só durará em quanto não melhorar o estado sanitario desta Cidade, e doutras povoações da Provincia, ou o tempo se não tornar mais ameno.

O que communico a V.S^a para sua intelligencia e pontual execução na parte que lhe respeita.

Deos Guarde a V.S^a EVORA 1 d'Agosto de 1856.⁹⁴

A própria Câmara Municipal do concelho de Évora em 28 de Outubro de 1856 solicitou a D. Pedro V autorização para contrair um empréstimo de vinte contos de reis e a vender cereais do fundo do Celeiro Comum da cidade, aos lavradores e moradores indigentes do seu concelho. Em 1857 foi também solicitado um empréstimo para compra de trigo e outros cereais, uma vez que as colheitas não obviavam às necessidades alimentares das populações.

No entanto, o ano de 1857 (Gráfico 20) manifestou uma mortalidade elevada apenas nas freguesias rurais e nos meses estivais, fustigando 4 freguesias: N^a Sr^a da Graça do Divor (a mais afectada em termos de duração da crise), N^a Sr^a do Rosário da Torre de Coelheiros, S. Jordão e, pela primeira vez nestes três anos a freguesia de S. Vicente do Pigeiro.

Os dados disponíveis relativos aos enterramentos no cemitério de Évora, corroboram o facto de os anos de 1855 e 1856 terem atingido elevados valores de mortalidade quando comparados com os anos anteriores. Por seu turno, verifica-se um decréscimo nos enterramentos no ano de 1857.

“Cemitério D'Evora

Foi fundado em 1840 pela Camara Municipal, de combinação com o III^{mo} Sr. João Rafael de Lemos Administrador d'este Concelho.

Principiou-se a dar sepultura no dito cemiterio em 10 de Julho de 1840.

1º de Janeiro a Dezembro	Sepultados em cada anno
1850	317
51	358
52	352
53	362
54	360
55	429
56	429
57	383 ⁹⁵

QUADRO 24 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1855

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	2	15	17	11.8	88.2
F	4	1	5	80.0	20.0
M	0	9	9	0.0	100
A	7	4	11	63.6	36.4
M	9	10	19	47.4	52.6
J	3	4	7	42.9	57.1
J	17	11	28	60.7	39.3
A	17	15	32	53.1	46.9
S	17	15	32	53.1	46.9
O	15	16	31	48.4	51.6
N	17	19	36	47.2	52.8
D	7	8	15	46.7	53.3
TOTAL	115	127	242	47.5	52.5

QUADRO 25- A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	10	10	20	50.0	50.0
F	3	4	7	42.8	57.2
M	1	8	9	11.1	88.9
A	1	1	2	50.0	50.0
M	5	5	10	50.0	50.0
J	2	4	6	33.3	66.7
J	3	6	9	33.3	66.7
A	13	10	23	56.5	43.5
S	15	8	23	65.2	34.8
O	16	16	32	50.0	50.0
N	21	12	33	63.6	36.4
D	9	11	20	45.0	55.0
TOTAL	99	95	194	51.0	49.0

QUADRO 26 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1856

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	10	3	13	76.9	23.1
F	6	5	11	54.5	45.5
M	6	9	15	40.0	60.0
A	3	9	12	25.0	75.0
M	5	7	12	41.7	58.3
J	8	6	14	57.1	42.9
J	9	12	21	42.9	57.1
A	22	18	40	55.0	45.0
S	17	9	26	65.4	34.6
O	15	15	30	50.0	50.0
N	13	9	22	59.1	40.9
D	11	11	22	50.0	50.0
TOTAL	125	113	238	52.5	47.5

QUADRO 27 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1856

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	8	6	14	57.1	42.9
F	12	9	19	63.2	36.8
M	7	6	13	53.8	46.2
A	5	3	8	62.5	37.5
M	4	9	13	30.8	69.2
J	7	5	12	58.3	41.7
J	8	3	11	72.7	27.3
A	8	12	20	40.0	60.0
S	11	17	28	39.3	60.7
O	17	15	32	53.1	46.9
N	12	8	20	60.0	40.0
D	6	7	13	46.2	53.8
TOTAL	105	100	205	51.2	48.8

QUADRO 28 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1857

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	4	1	5	80.0	20.0
F	3	3	6	50.0	50.0
M	1	5	6	16.7	83.3
A	1	1	2	50.0	50.0
M	1	2	3	33.3	66.7
J	1	0	1	100	0.0
J	3	1	4	75.0	25.0
A	7	12	19	36.8	63.2
S	4	7	11	36.4	63.6
O	8	3	11	72.7	27.3
N	8	4	12	66.7	33.3
D	3	3	6	50.0	50.0
TOTAL	44	42	86	51.2	48.8

Os quadros representativos da mortalidade diferencial de acordo com os sexos ao longo do período (Quadros 24 a 28) mostram-nos de que forma a mortalidade incidiu em cada um deles. Assim, nestes três anos de crise foram registados nos livros paroquiais (apenas nas freguesias em crise), um total de 965 óbitos, o que é

significativo se tivermos em consideração a população total do concelho, bem como o facto de nos estarmos a referir apenas a freguesias onde a crise foi sentida com maior intensidade.

Entre os anos de 1855-56 registaram-se na cidade 480 óbitos nas freguesias afectadas enquanto que as freguesias rurais registaram nos anos de 1855 a 1857 um total de 485 óbitos. Aparentemente as últimas foram mais afectadas pela sobremortalidade, uma vez que o número de óbitos é ligeiramente superior. Contudo, não nos podemos esquecer de que este número se refere a um triénio, enquanto que na cidade, tais óbitos foram registados em apenas dois anos.

Na urbe, as mortes registadas no sexo masculino foram em número idêntico às do sexo feminino: 240 indivíduos de cada caso. Contudo, nos meses de Agosto e Setembro de 1855 e 1856 registam-se mais óbitos no sexo masculino.

Nas freguesias do termo da cidade de Évora, entre os anos de 1855 e 1857 foram registados 248 óbitos no sexo masculino e 237 óbitos no sexo feminino. Contudo, desagregando a mortalidade ao longo dos vários meses é possível observar que em 1855 em Junho e Julho, a mesma incidiu sobretudo no sexo feminino. Em Agosto, Setembro e Novembro, os meses mais críticos, a situação inverte-se, sendo os indivíduos do sexo masculino os mais atingidos pela mortalidade, embora em Outubro se regresse ao equilíbrio. Em 1856, estas freguesias registaram os níveis de mortalidade mais elevados nos meses de Agosto, Setembro, Outubro e Novembro, sendo nos dois últimos o sexo masculino o mais afectado. Em 1857, o “pico” da mortalidade foi atingido no mês de Agosto, fustigando o sexo feminino. Contudo, tal como já se verificara no ano anterior, os meses de Outubro e Novembro foram os mais gravosos para o sexo oposto.

Podemos pois supôr que os trabalhos agrícolas característicos desta época do ano e que ocupavam sobretudo os homens, eram um dos aspectos catalizadores da sua mortalidade face às mulheres, mais resguardadas nos trabalhos domésticos e menos expostas às variações climatéricas, embora muitas delas também se ocupassem dos trabalhos agrícolas, nomeadamente a ceifa.

A desagregação da mortalidade por grupos de idade permite também tirar ilações quanto às idades mais afectadas, embora estejamos a lidar com valores muito baixos, o que pode distorcer em parte as conclusões adiantadas.

Nas freguesias atingidas da cidade de Évora nos anos de 1855 e 1856 os dois primeiros grupos de idade são sem dúvida os mais fustigados, o que também reflecte a tradicional elevada taxa de mortalidade infantil, a qual afecta sobretudo as crianças com menos de um ano. A mortalidade de indivíduos com 70 ou mais anos é também significativa.

QUADRO 29 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1855

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	4	1	3	4	7	3	13	19	11	6	10	6	87	36.0
1-4	2			3	3	1	4	6	8	14	8	2	51	21.0
5-9			1				2	1	2	1	1	1	9	3.7
10-19			1		1		2	1	1	2	2		10	4.1
20-29					2				2	1	2	2	9	3.7
30-39	1			1	1							3	6	2.5
40-49		1			1				2	2	1		7	2.9
50-59	2		3	2	1		2	1	2	1	2		16	6.6
60-69	2	1			1	3		2	2	1	3		15	6.2
70 ou mais	5	1		1	1		3	1	1	3	4	4	24	9.9
desconhe.	1	1	1		1		2	1	1				8	3.3
TOTAL	17	5	9	11	19	7	28	32	32	31	36	15	242	

QUADRO 30 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	1		1				2	6	2	7	4	2	25	13.6
1-4	1						1	5	7	4	8	4	30	16.3
5-9								2		2	3	2	9	4.9
10-19								1					1	0.5
20-29									1	4			5	2.7
30-39	2			1					1	1			5	2.7
40-49	2						1						4	2.2
50-59	1	3	1			1		1			1		8	4.3
60-69	3	1			2	2	1	2	1	2			14	7.6
70 ou mais	5	1	1	1	3	1		1	1	1	1	1	17	9.2
desconhe.	5	1	5		4	2	3	5	8	10	12	11	66	35.9
TOTAL	20	6	8	2	9	6	8	23	21	31	30	20	184	

Nota: Excluimos dez óbitos registados em S.Vicente de Vallongo uma vez que não especificam a idade dos falecidos, apenas consta a informação de que se tratam de menores.

QUADRO 31 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1856

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	7	4	4	5	3	10	11	14	11	8	6	10	93	39.0
1-4	2		2	1	2	1	2	14	6	5	2	2	39	16.4
5-9		1	1					1	2	2	1		8	3.4
10-19	1							2	1	1	1	1	7	2.9
20-29		1	2		2	1	1	3	2	1	3	1	17	7.1
30-39	1			1	1			1		4	2	1	11	4.6
40-49		1	3	2	2		2		2	2	3	3	20	8.4
50-59		1		1			1	1	1		2	1	8	3.4
60-69		2	1		2	2	2			1		2	12	5.0
70 ou mais	2	1	1	1			2	4	1	5	2	1	20	8.4
desconhe.			1	1						1			3	1.3
TOTAL	13	11	15	12	12	14	21	40	26	30	22	22	238	

QUADRO 32 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1856

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1		1			1	2	1	3	5	8	3		24	12.4
1-4	1	2	1		1	2	1	2	6	7	3	1	27	14.0
5-9		1		1	1			1	1	2	2		9	4.7
10-19		1	1	1					1	1			5	2.6
20-29	1					1			1	1			4	2.1
30-39				1				2			2		5	2.6
40-49			1		1							1	3	1.6
50-59		2				1			1				4	2.1
60-69	1							1	2		1		5	2.6
70 ou mais	1		1					1	1	1		1	6	3.1
desconhe.	10	11	9	4	9	6	7	9	7	11	9	9	101	52.3
TOTAL	14	18	13	7	13	12	9	19	25	31	20	12	193	

Nota: Excluimos doze óbitos registados em S.Vicente de Vallongo uma vez que não especificam a idade dos falecidos, apenas surge a informação de que são menores.

QUADRO 33 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1857

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1		2			1			6	3	1	2		15	19.7
1-4				1			1	2	2	1	1		8	10.5
5-9								2		1	1		4	5.3
10-19												1	1	1.3
20-29								1		1	1		3	3.9
30-39				1									1	1.3
40-49			1			1		1	1				4	5.3
50-59	1		1		1								3	3.9
60-69							1		1		1	1	4	5.3
70 ou mais		1					2	1	1	1			6	7.9
desconhe.	3	3	1		1			3	3	4	6	3	27	35.5
TOTAL	4	6	3	2	3	1	4	16	11	9	12	5	76	

Nota: Excluimos dez óbitos registados em S.Vicente de Vallongo uma vez que não especificam a idade dos falecidos, apenas consta a informação de que são menores.

Nas freguesias rurais atingidas, embora os dois primeiros grupos de idade sejam também os mais afectados, há alguns reparos a fazer. Assim nos anos de 1855 e 1856, o maior número de mortes, ao contrário do que se verificou na cidade, atingiu as crianças entre 1 e 4 anos. Apenas em 1857 o maior valor de mortalidade atingiu as crianças com menos de um ano, tal como se verificou na cidade. Também aqui, o grupo de 70 ou mais anos apresenta valores bastante elevados.

De salientar, é também o facto de os registos obituários de indivíduos com idade desconhecida ser bastante elevado nas freguesias do termo (nomeadamente em S.Miguel de Machede), o que indica um maior número de ignorância face aos anos de nascimento, e a omissão da idade no registo paroquial, bem como um maior reconhecimento da mesma pelas gentes da cidade. Este facto indicia um subregisto de óbitos infantis, o que não é de estranhar, dadas as características de dispersão do povoamento pelos montes e herdades. Nos livros obituários paroquiais encontramos apenas a referência de "menor" na margem do registo, não sendo indicada a idade

criança. Assim, este empolamento relativamente ao número de indivíduos com idade desconhecida refere-se na sua quase totalidade ao registo de menores. De salientar é também o facto de na freguesia de S.Miguel de Machede, nos anos de 1855-56 não ser indicada a idade de nenhum falecido, o que contribui para aumentar o número dos óbitos com idade desconhecida.

Uma vez que a mortalidade infantil assume valores bastante elevados, considerámos oportuno desagregar os óbitos com menos de um ano. Desta forma, podemos classificar as causas que originaram a mortalidade infantil em dois grandes grupos: endógenas e exógenas. As primeiras são consequência de deformações congénitas e os óbitos ocorrem durante o primeiro mês de vida, habitualmente durante o parto ou nos primeiros dias de vida. Por seu lado, os óbitos exógenos prendem-se com causas exteriores, tais como doenças infecciosas, cuidados insuficientes ou mesmo acidentes⁹⁶. Embora esta separação seja susceptível de imprecisões, pois não conseguimos dissociar ambos os factores que por vezes se entrecruzam, iremos considerar mortalidade endógena, toda aquela que ocorre com menos de 28 dias de vida.

Considerámos oportuno examinar as variações da mortalidade em períodos inferiores a um ano, bem como a sua variação durante os meses do ano.

Assim, a observação dos Quadros 34 e 36 referentes à distribuição da mortalidade infantil nas freguesias da cidade de Évora, permite-nos constatar que em ambos os anos, foi no mês de Agosto que ocorreu maior mortalidade, seguido de Julho e Setembro, o que é vulgar e mesmo tradicional até épocas recentes e nas sociedades caracterizadas por um sistema demográfico típico de Antigo Regime.

QUADRO 34 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1855

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias	1				2	1	1	2	1		3		11	12.6
7-27 dias	1						1				2	2	6	6.9
≥1 Mês					1		1	1	1		2		6	6.9
2 Meses	1	1	1				1	5	1	2	1		13	14.9
≥3 Meses	1		1	2	1		2	2	2				11	12.6
≥4 Meses					1		1	3				1	6	6.9
≥5 Meses					1		1		1	1			4	4.6
≥6 Meses				1	1		2	1			1	1	7	8.0
≥7 Meses				1					1	1			3	3.4
≥8 Meses			1			1	2	1	2		1	1	9	10.3
≥9 Meses							1	1	2	1			5	5.7
≥10 Meses						1		1		1			3	3.4
≥11 Meses		1						2					3	3.4
< 1 Ano	4	2	3	4	7	3	13	19	11	6	10	5	87	

QUADRO 35 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias							1			1			2	8.0
7-27 dias								1	1				2	8.0
≥ 1 Mês								1		1	1	1	4	16.0
≥ 2 Meses								2			1		3	12.0
≥ 3 Meses			1							1			2	8.0
≥ 4 Meses								1					1	4.0
≥ 5 Meses								1		1	1		3	12.0
≥ 6 Meses									1			1	2	8.0
≥ 7 Meses							1						1	4.0
≥ 8 Meses									1	1			2	8.0
≥ 9 Meses											1		1	4.0
≥ 10 Meses													0	0.0
≥ 11 Meses	1									1			2	8.0
<1 Ano	1		1				2	6	3	6	4	2	25	

QUADRO 36 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1856

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias						1		1	1	1	1	3	8	8.6
7-27 dias	2	3	2	2	1	1	1	2				1	15	16.1
≥ 1 Mês	1		2	1		2	3		2	1	2		14	15.1
≥ 2 Meses	2	1		1	1	2		6			1	1	15	16.1
≥ 3 Meses	2				1	2	3	1		1		1	11	11.8
≥ 4 Meses									1	1	1	1	4	4.3
≥ 5 Meses				1		1			4				6	6.5
≥ 6 Meses						1	2	1		1		1	6	6.5
≥ 7 Meses							1			1			2	2.2
≥ 8 Meses							1	1		1			3	3.2
≥ 9 Meses							1	1		1			3	3.2
≥ 10 Meses								1	3		1		5	5.4
≥ 11 Meses												1	1	1.1
<1 Ano	7	4	4	5	3	10	12	14	11	8	6	9	93	

QUADRO 37 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1856

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias		1				1	1						3	12.5
7-27 dias								1		2			3	12.5
≥ 1 Mês					1						1		2	8.3
≥ 2 Meses									1				1	4.2
≥ 3 Meses										1	1		2	8.3
≥ 4 Meses									1				1	4.2
≥ 5 Meses										1			1	4.2
≥ 6 Meses													0	0.0
≥ 7 Meses						1				1			2	8.3
≥ 8 Meses								1		1	1		3	12.5
≥ 9 Meses										2			2	8.3
≥ 10 Meses								1	2				3	12.5
≥ 11 Meses									1				1	4.2
<1 Ano		1		1		2	1	3	5	8	3		24	

QUADRO 38 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1857

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias														
7-27 dias		1			1						1		1	6.7
≥ 1 Mês										1			3	20.0
≥ 2 Meses													0	0.0
≥ 3 Meses													0	0.0
≥ 4 Meses								1	1				2	13.3
≥ 5 Meses								1					1	6.7
≥ 6 Meses								1					1	6.7
≥ 7 Meses		1											0	0.0
≥ 8 Meses								1	1		1		4	26.7
≥ 9 Meses								1					1	6.7
≥ 10 Meses													0	0.0
≥ 11 Meses								1					1	6.7
<1 Ano		2			1			6	3	1	2		15	

Em 1855 registou-se um total de 11 óbitos nos recém-nascidos (0-6 dias) e uma elevada mortalidade centrada nos 2, 3 e 8 meses. Já em 1856, os primeiros seis dias de vida não provocaram um tão elevado número de mortes, vindo estas contudo, a registar-se entre os primeiros 7 e 27 dias de vida, bem como até aos três meses inclusivé. Muitas destas mortes são consequência do abandono de recém-nascidos na roda dos Expostos da cidade de Évora, tal como consta nos respectivos registos obituários paroquiais. A situação tende a agravar-se e o próprio Governador Civil propõe medidas que permitam debelar esta situação.

Quanto às freguesias do termo da cidade, os meses mais nefastos para os seus residentes mais jovens foram: em 1855, Agosto e Outubro; em 1856, Outubro e Setembro e em 1857, Agosto e Setembro. Podemos constatar que a mortalidade do mês de Julho, sendo bastante elevada na cidade, só manifestou os seus efeitos no termo nos meses subsequentes. Contudo, em 1855, nas freguesias rurais a maior mortalidade infantil registou-se no 1º, 2º e 5º mês de vida, enquanto que em 1855 afectou as crianças nos primeiros 27 dias de vida, sugerindo uma mortalidade endógena. Tal como acontece no ano seguinte, não nos devemos esquecer de que estes valores são pouco significativos, uma vez que o universo populacional em estudo é bastante reduzido. Assim, por exemplo 20% de óbitos em recém-nascidos entre 7 e 27 dias de vida, representam em 1857, apenas 3 óbitos.

GRÁFICO 21 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855

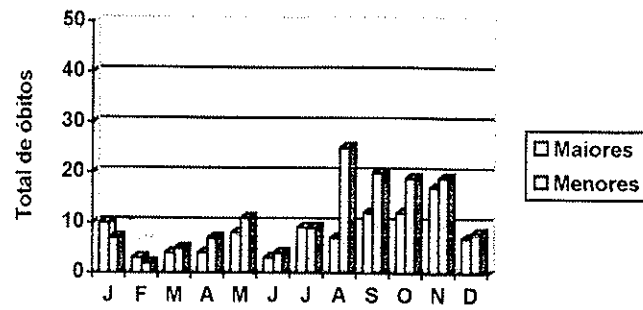


GRÁFICO 22 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855

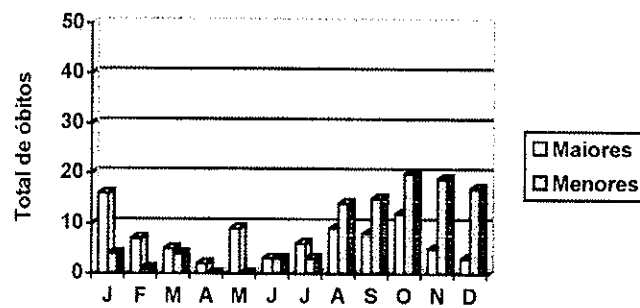


GRÁFICO 23 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1856

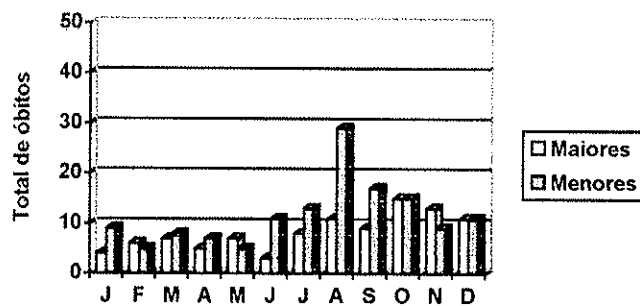


GRÁFICO 24 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1856

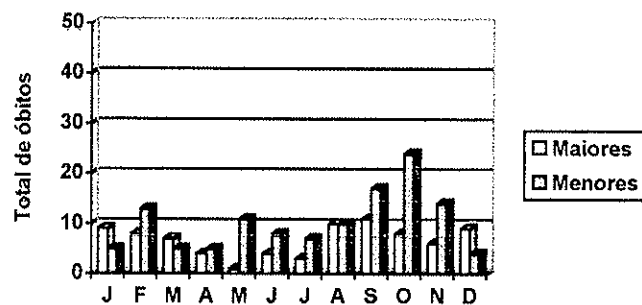
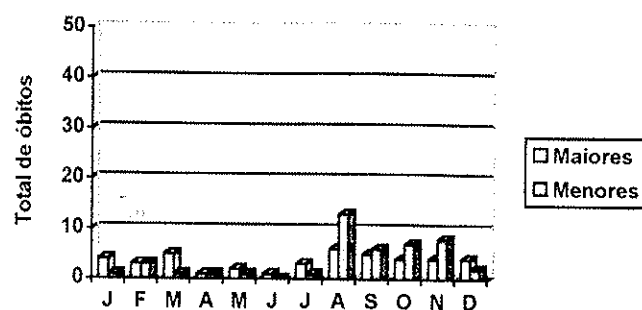


GRÁFICO 25 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1857



Os gráficos sazonais relativos a maiores e menores, contemplam na sua distinção a idade de 7 anos como barreira universalmente aceite pela Igreja entre um “inocente” e um adulto (Cf. Gráficos 21 a 25).

Nas freguesias da cidade de Évora, os anos de 1855 e 1856 são totalmente marcados por uma clara sobremortalidade de menores, que atinge o seu “pico” no mês de Agosto de 1856, coincidindo com o surto colérico que se abateu sobre esta região no Verão.

Nas freguesias do termo, em 1855 nos meses de Janeiro e Maio, a mortalidade de maiores é superior à dos menores, que tem um grande acréscimo a partir do mês de Agosto. Em 1856, a mortalidade de menores é superior à dos indivíduos maiores em todos os meses do ano, à excepção de Janeiro, Março e Dezembro. É sobretudo a partir do mês de Agosto e até meados de Novembro, que a morte fustigou fortemente os menores, atingindo o seu auge no mês de Outubro. No ano de 1857 a mortalidade de indivíduos maiores é superior à dos menores nos meses de Janeiro, Março, Julho e Dezembro. Em todos os outros meses do referido ano a mortalidade dos menores é superior, atingindo aqui o seu “pico” no mês de Agosto, diminuindo em Setembro para voltar a subir a partir do mês de Outubro.

Podemos pois concluir, que apenas esporadicamente a mortalidade dos maiores consegue superar a dos menores nas freguesias rurais embora este facto possa também estar ligado a outros factores, como a já referida percentagem elevada de óbitos de idade desconhecida. Quanto à cidade de Évora, a mortalidade de menores atingiu nestes anos valores superiores aos da mortalidade dos maiores.

Conhecemos o número de óbitos ocorridos por mês no Hospital do Espírito Santo de Évora (Cf. Quadro 39). Estes registos não especificam as causas de morte que vitimaram os indivíduos nestes anos, apenas o sexo e a profissão dos homens,

todos provenientes de grupos sociais bastante desfavorecidos (Ex: tecelões, pastores, mendigos, trabalhadores). No caso das mulheres, nunca é referida a profissão, excepto quando se trata de meretriz ou de mendiga.

QUADRO 39 - ÓBITOS REGISTRADOS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA

	1855			1856			1857		
	H	M	Total	H	M	Total	H	M	Total
J	10	4	14	10	4	14	17	9	26
F	5	6	11	4	6	10	8	7	15
M	6	2	8	14	1	15	6	5	11
A	10	1	11	10	5	15	5	6	11
M	4	1	5	7	2	9	4	2	6
J	8	2	10	12	3	15	2	1	3
J	10	3	13	4	2	6	8	2	10
A	20	3	23	13	6	19	11	7	18
S	13	5	18	10	6	16	8	6	14
O	13	9	22	17	6	23	9	7	16
N	6	3	9	16	3	19	12	1	13
D	22	0	22	15	5	20	11	7	18
Total	127	39	166	132	49	181	101	60	161

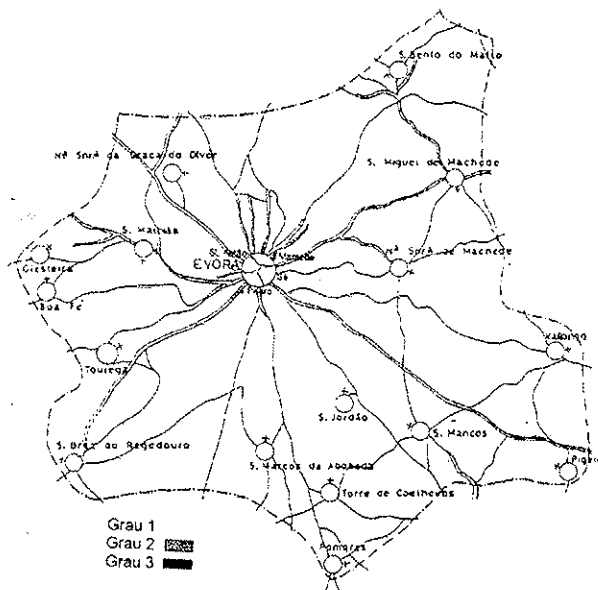
Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia, Maços 348 e 349.

Podemos também verificar que são os homens que em maior número recorrem aos serviços hospitalares, uma vez que os pudores da época só excepcionalmente induziam as mulheres a este tipo de assistência. A mesma só se verificava em situações de saúde bastante graves (geralmente terminais) e nos estratos sociais mais baixos.

Os restantes óbitos constantes dos registos paroquiais ocorriam pois, no local de residência, ou porque não havia tempo nem meios para o transporte até ao hospital ou porque a condição social e os costumes assim o exigiam.

Contudo, podemos verificar a evolução obituária ocorrida no Hospital do Espírito Santo nestes três anos, respectivamente 166, 181 e 161 óbitos. A mortalidade aumentou de 1855 para 1856, atingindo neste último ano o valor mais elevado (embora não seja muito evidente o pico causado pela epidemia de cólera morbus), voltando novamente a diminuir em 1857, o que comprova que a crise se afastou da cidade neste último ano, cingindo-se às freguesias rurais (isto se partimos do pressuposto de o Hospital se situar na cidade e como tal albergar mais indivíduos da mesma, o que não é claro).

MAPA 9 - A INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1864



QUADRO 40 - INTENSIDADE DA CRISE DE 1863-64

FREGUESIAS	1863	1864
Cidade		
Sé	2	1
S. Antão	2	
S. Mamede	2	1
S. Pedro	1	
Termo		
N.ª Sr.ª da Graça do Divôr	1	
N.ª Sr.ª da Nat. de Machede	1	
N.ª Sr.ª da Tourega	2	1
S. Bráz do Regedouro		1
S. Marcos da Abóbada	1	
S. Mathias	1	1
S. Vicente do Pigeiro		1

Para este período, não encontramos nenhum factor explicativo sobre valores da mortalidade. Podemos apenas considerar plausível a hipótese proposta por Henrique Rodrigues David⁹⁷ aquando do seu estudo similar para o concelho de Braga. Segundo este autor, o aumento do número de óbitos pode dever-se a uma melhoria na qualidade dos assentos paroquiais, cuja subida provocou aparentemente períodos de crise. De facto, se atentarmos nas séries completas de registos paroquiais constantes dos anexos, verificamos que desde o início dos anos sessenta se verifica um aumento gradual do número de óbitos.

A carestia de certos preços de bens alimentares impede também os mais desfavorecidos de lhe terem acesso, o que origina fortes carências alimentares em

vastas camadas da população. Em 2 de Janeiro de 1863, em carta endereçada pelo Governador Civil ao Presidente da Câmara de Évora⁹⁸, era solicitado que este tomasse medidas no sentido de diminuir o preço pelo qual se estavam vendendo as cabeças das rezes abatidas no matadouro. Estas estavam a ser vendidas ao preço da carne de primeira qualidade, o que dificultava o seu acesso às classes menos abastadas.

O único apontamento que nos mereceu especial relevância, embora só por si não constitua um factor explicativo deste período de crise, são as condições climatéricas irregulares e nefastas à agricultura, particularmente a seca que se fez sentir em 1863. Realizou-se uma “Procissão de penitencia da casa dos ossos até ao Calvario, pela calamitosa falta de chuvas. Foi o cabido a convite da camara. Foi no dia 4 de maio ás 4 horas da tarde. O arcebispo vae e pega no andor. Preces no Calvario tres dias.”⁹⁹

De facto, alguns dias após, a chuva caía abundantemente na região de Évora, pelo que se realizaram na cidade cerimónias de agradecimento. “A 14 de maio, ás 4 horas, regressa a imagem do Senhor Jesus, em triumpho, á casa dos ossos. Te-Deum, com instrumental, pelas salutare e abundantes chuvas com que o Altissimo nos soccorrêra.”¹⁰⁰

Contudo, a alegria transformou-se em preocupação, uma vez que a chuva foi excessiva. Um jornal da cidade publicava o seguinte comentário:

“Tempo - Tem corrido excellente, mas torna-se perigoso e prejudicial a chuva se continuar, pois tem cahido abundantemente.”¹⁰¹

Tal como em relação à crise de meados do século, considerámos oportuno verificar a forma como evoluiu a mortalidade em termos de sazonalidade. Para maior precisão em termos de análise tomámos em consideração o ano imediatamente anterior (1862), bem como o ano posterior (1865), a fim de se poder avaliar a evolução e enquadramento da mortalidade para os dois anos em estudo.

O número total de óbitos apresenta grandes oscilações mensais, embora não existam picos claros de sobremortalidade, o que dificulta a sua interpretação. Contudo, o gráfico referente à cidade de Évora apresenta entre 1863 e 1864 quatro momentos de maior intensidade da morte. São eles: Abril, Julho e Setembro de 1863 e Julho de 1864. O ano de 1862, embora com níveis de mortalidade elevada, mostra-

se mais constante, enquanto que em 1865 há um recrudescer da mortalidade no mês de Junho.

O gráfico referente às freguesias do termo (Gráfico 27), apresenta valores inferiores aos registados na cidade e os seus “picos” mais significativos ocorrem em Janeiro, Abril e Outubro de 1863 e entre meados do mês de Julho e até Novembro de 1864.

Podemos considerar que no mês de Abril de 1863 os elevados valores da mortalidade se manifestam em ambos os tipos de espaço físico (rural e urbano). Já a elevada mortalidade registada na urbe em Setembro de 1863 parece estender-se ao meio rural no mês seguinte. Quanto a 1864, enquanto a cidade é fustigada apenas nos meses de Julho e Agosto, o segundo semestre desse ano é todo ele bastante nefasto para os meios rurais. De salientar apenas o facto de o segundo semestre de 1862 apresentar em ambos os espaços físicos em estudo elevados valores de mortalidade, que podem sugerir o início do aumento do número de óbitos, mas que só terá expressão nos anos subsequentes.

GRÁFICO 26 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1863-64

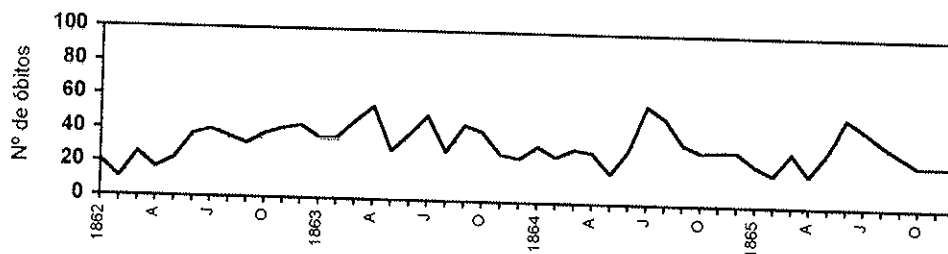


GRÁFICO 27 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1863-64

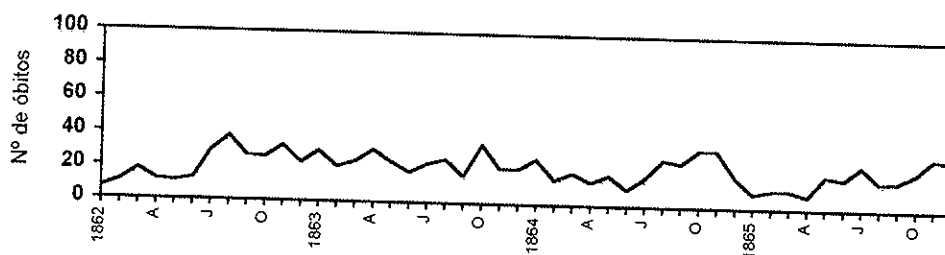
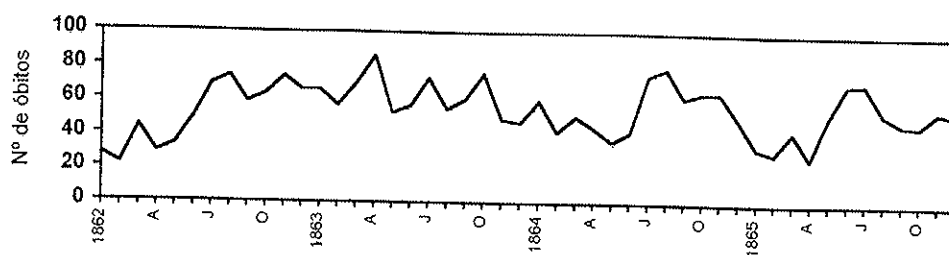


GRÁFICO 28 - A SOBREMORTALIDADE NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1863-64



O gráfico representativo da sobremortalidade no concelho de Évora é pois a sumula de todas estas constatações e consequentemente da apreciação efectuada à cidade e ao meio rural. São bem visíveis os momentos de subida do número de mortes, que incluem os últimos meses de 1862 e os primeiros do ano de 1865.

Para uma apreciação mais definida da crise que assolou este concelho nos anos de 1863-64, considerámos conveniente a observação da evolução sazonal do número total de óbitos registados em cada ano nas freguesias afectadas.

GRÁFICO 29 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1863

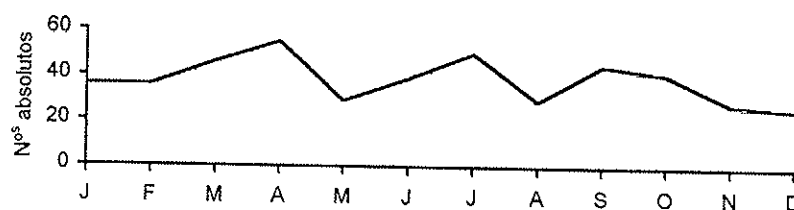


GRÁFICO 30 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1863

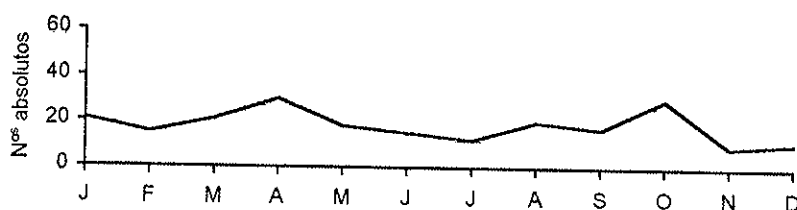


GRÁFICO 31 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1864

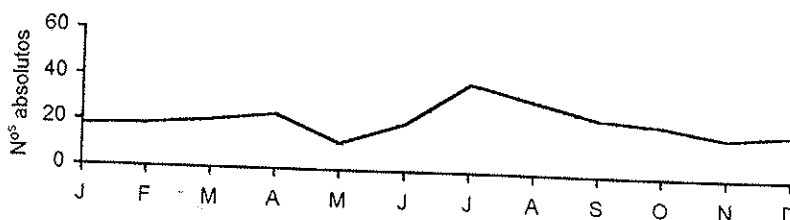
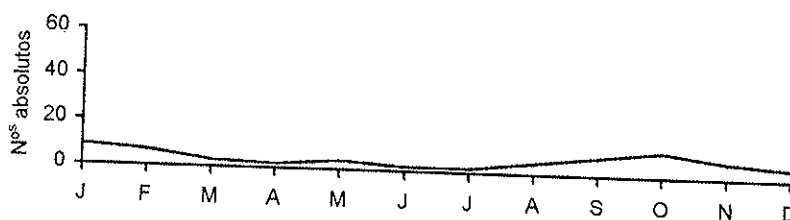


GRÁFICO 32 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1864



Como vimos, em 1863 todas as freguesias da cidade foram atingidas por uma crise de magnitude 2. O Gráfico 29 elucidá-nos sobre essa mortalidade, que se manifestou por toda a cidade durante praticamente todo o ano, com excepção dos meses de Maio, Agosto e a partir de Novembro, altura em que se verificou um decréscimo no número de óbitos. Embora não tivéssemos conseguido apurar as causas de tal mortalidade foi possível obter através de uma notícia de um periódico eborense alguns elementos sobre a situação que se vivia, sobretudo no que se refere ao aumento registado no mês de Abril.

“Doença - Consta-nos que na rua dos peneiros está uma mulher atacada da mesma enfermidade de que morreu o filho da sr^a Torce, e que além d’esta já o sr. Rollo tem tido tres ou quatro casos semelhantes, fasenda n’um d’elles autopsia. Alguem chama-lhe “derramamento de sangue”, nós não o sabemos, por que não somos da arte, todavia aquelle já não é o primeiro.”¹⁰²

Embora a doença não fosse diagnosticada, ela aparece-nos descrita pelos sintomas que são similares.

Em 1864 os valores da mortalidade diminuíram (as crises são de magnitude 1) e deixam de assolar duas das freguesias urbanas. Aqui é visível o aumento da variável a partir do mês de Junho, atingindo o seu auge no mês de Julho e decrescendo gradualmente até aos meses de Outono, o que não difere em demasia do esquema sazonal típico. Podemos pois concluir que em 1864, a cidade, embora

fustigada por elevada mortalidade, viveu um ano mais benigno em termos de valores obituários.

Quanto aos Gráficos 30 e 32, representativos da evolução desta variável nas freguesias do termo, observa-se que, tal como acontece na cidade, elas apresentam valores bastante mais elevados no ano de 1863 que foi, sem dúvida, o mais crítico. Contudo, aqui os meses menos benignos foram Abril e Outubro, embora os restantes manifestem valores superiores à média registada nos anos considerados “normais”. O ano de 1864 marca uma nova etapa para as gentes rurais; fraca mortalidade (crises de magnitude 1) e apenas quatro freguesias atingidas. Os níveis de crise verificam-se apenas no final do Verão e no início do Inverno. A inexistência de “picos” sugere uma mortalidade já sujeita a uma sazonalidade habitual.

QUADRO 41 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1863

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	22	14	36	61.1	38.9
F	14	22	36	38.9	61.1
M	21	25	46	45.7	54.3
A	27	28	55	49.1	50.9
M	13	16	29	44.8	55.2
J	24	15	39	61.5	38.5
J	22	28	50	44.0	56.0
A	15	14	29	51.7	48.3
S	23	22	45	51.1	48.9
O	14	27	41	34.1	65.2
N	10	18	28	35.7	64.3
D	13	13	26	50.0	50.0
TOTAL	218	242	460	47.4	52.6

QUADRO 42 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1863

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	9	5	14	64.3	35.7
F	5	4	9	55.6	44.4
M	9	3	12	75.0	25.0
A	8	9	17	47.1	52.9
M	5	5	10	50.0	50.0
J	6	2	8	75.0	25.0
J	4	3	7	57.1	42.9
A	6	6	12	50.0	50.0
S	9	0	9	100	0.0
O	7	10	17	41.2	58.8
N	1	5	6	16.7	83.3
D	5	3	8	62.5	37.5
TOTAL	174	55	129	57.4	42.6

Entre 1863-64 foram vitimados nas freguesias da cidade de Évora atingidas por crise, 732 indivíduos, sendo 352 do sexo masculino e 380 do sexo feminino. A mortalidade na cidade atingiu pois, mais mulheres do que homens em ambos os

anos. Nos meses mais mortíferos em 1863, com excepção do de Setembro, foram mais vitimadas as mulheres.

QUADRO 43 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1864

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	9	9	18	50.0	50.0
F	6	13	19	31.6	68.4
M	12	9	21	57.1	42.9
A	14	10	24	58.3	41.7
M	6	6	12	50.0	50.0
J	11	10	21	52.4	47.6
J	11	28	39	28.2	71.8
A	17	15	32	53.1	46.9
S	16	9	25	64.0	36.0
O	15	8	23	65.2	34.8
N	9	9	18	50.0	50.0
D	8	12	20	40.0	60.0
TOTAL	134	138	272	49.3	50.7

QUADRO 44 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1864

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	5	4	9	55.6	44.4
F	3	3	6	50.0	50.0
M	1	2	3	33.3	66.7
A	0	2	2	0.0	100
M	0	4	4	0.0	100
J	0	2	2	0.0	100
J	2	0	2	100	0.0
A	3	2	5	60.0	40.0
S	5	3	8	62.5	37.5
O	8	3	11	72.7	27.3
N	5	3	8	62.5	37.5
D	4	1	5	80.0	20.0
TOTAL	36	29	65	55.4	44.6

A observação do quadro referente à mortalidade diferencial segundo os sexos nas freguesias atingidas na cidade de Évora em 1864 (Quadro 43) permite-nos constatar que os elevados níveis de mortalidade verificados no ano anterior apresentam um decréscimo significativo. Mesmo os meses mais críticos em termos obituários não ultrapassam os 39 indivíduos. Consideramos como mais críticos apenas os meses estivais de Julho e Agosto, o que nos remete para uma situação de oscilação sazonal regular. Contudo, em Julho, dos 39 óbitos registados, 28 foram do sexo feminino. No mês seguinte verifica-se já um equilíbrio na mortalidade entre os indivíduos de ambos os sexos.

Como já constatámos, também as freguesias rurais foram mais fortemente fustigadas em 1863, verificando-se um decréscimo na mortalidade no ano seguinte. Em 1863, tal como aconteceu na cidade, o mês de Abril foi de elevada mortalidade.

Também bastante punido pela morte, surge em 1863 o mês de Outubro (habitualmente reservado pelas gentes rurais para a realização das sementeiras), verificando-se idêntica situação no ano seguinte.

Contudo, comparando a vulnerabilidade dos sexos face a esta variável, podemos concluir que fenómeno inverso se verificou nas freguesias do termo da cidade, em que o número de óbitos ocorrido em indivíduos do sexo masculino supera os do sexo feminino: em 1863, 57,4% dos óbitos verificaram-se em homens e, em 1864, a sua percentagem foi de 55,4% (embora menos distanciada, continua a mostrar-se superior à mortalidade do sexo feminino).

QUADRO 45 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1863

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	7	7	12	11	9	16	25	13	16	11	7	9	143	31.1
1-4	7	6	10	11	5	8	12	6	8	12	5	1	91	19.8
5-9	3	2	3	6	1	2	2	1	6	3	3	1	33	7.2
10-19		3	2	5		1				2	3		16	3.5
20-29	3	3	3	1	4	2	1	1	4	1	2	2	27	5.9
30-39		1	2	2	1	1	1		3		1		12	2.6
40-49	1	3	3	5	1	2	2	2	2	2	2	3	28	6.1
50-59	6	1	6	4		1	1	1	1	2	2	3	28	6.1
60-69	3	2	3	3	3	1	2	1	3	2	1	4	28	6.1
70 ou mais desconhe.	5	7	2	7	3	4	4	3	2	5	2	3	47	10.2
TOTAL	36	36	46	55	29	39	50	29	45	41	28	26	460	

QUADRO 46 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1863

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	3	1	1	3	1	3	2	5	5	6	1	4	35	27.1
1-4	2	3	1	5	5	1	2	3	2		2	1	27	21.0
5-9	1		1		1		2	1	1	1			8	6.2
10-19	3			2	1	1	1				1		9	7.0
20-29	1		1	1	1			1		2		1	8	6.2
30-39		1	2	3		1				3	1		11	8.5
40-49	2	2	2	1		1			1	1	1		11	8.5
50-59	1	1						1	1	1	1		6	4.7
60-69	1		2			1		1		2		1	5	3.9
70 ou mais desconhe.		1	2	2	1					2		1	9	7.0
TOTAL	14	9	12	17	10	8	7	12	9	17	6	8	129	

A decomposição da mortalidade por grupos de idade faz ressaltar a especial incidência com que a variável fustigava os dois primeiros grupos. Em ambos os anos em estudo, bem como em ambos os meios físicos - rural e urbano - a mesma se faz sentir revelando-se de forma violenta nas crianças com menos de 5 anos.

Relativamente à cidade de Évora, a mortalidade em crianças com menos de um ano de vida assume valores bastante elevados: 31 por cada 100 óbitos em 1863 e 38 por cada 100 óbitos em 1864. Embora ligeiramente menor, a percentagem e óbitos infantis no grupo 1-4 anos é também bastante elevada. As mortes registadas na cidade em indivíduos de 70 ou mais anos têm também um peso significativo. Esta “longevidade” é contudo menor nos meios rurais, onde a falta de informação e os precários modos de vida, bem como a exposição aos rigores dos trabalhos agrícolas, conduzem a uma mortalidade mais precoce. Quanto aos dois primeiros grupos de idade, os seus valores, tal como acontece na cidade, são bastante elevados.

Considerámos oportuno efectuar a desagregação da mortalidade infantil no primeiro ano de vida, para melhor se observarem os meses de vida sobre os quais incidiu a mortalidade. De salientar que apesar de se considerarem causas endógenas as que causam a morte no primeiro mês de vida, não nos devemos esquecer que muitas delas são exógenas, uma vez que são provocadas. Sobre esta questão afirma Fernando Correia: “Muitas vezes, raparigas grávidas, abandonadas pelo pai da criança que está para nascer, após o nascimento desta, provocam-lhe a morte através de uma enterite, não havendo assim provas de crime.”¹⁰³

**QUADRO 47 - MORTES REGISTADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA
EM 1864**

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	5	6	5	7	3	8	20	14	6	11	9	9	103	37.9
1-4	2	6	1	4	1	5	5	6	5	1	1	1	38	14.0
5-9	1		1	2	1	1	2		1		2		11	4.0
10-19	1	1	1		1	1	1	1		2			9	3.3
20-29		3	1			2	1	1	1	2		3	14	5.1
30-39	2		1	1	1		1	2	4		1	1	14	5.1
40-49	1					1	1	2	1	1	1		8	2.9
50-59		2	1	4	1	1	2		1	2	1	1	16	5.9
60-69	2	1	6	2	1		2	2	3	2	1	1	23	8.5
70 ou mais	4		4	4	2	2	4	4	3	2	2	3	34	12.5
desconhe.					1							1	2	0.7
TOTAL	18	19	21	24	12	21	39	32	25	23	18	20	272	

Em 1863 registou-se elevado número de óbitos na cidade de Évora, relativamente às crianças com menos de um ano, nos meses de Verão, tal como acontece em 1864. Este período sugere uma sazonalidade que se prende com as altas temperaturas que se fazem sentir, bem como com as habituais crises de morte infantil e juvenil. Curiosamente, em 1863 os maiores valores de mortalidade

ocorrem entre os 7 dias e um mês completo de vida, o que sugere que os recém-nascidos sobrevivem nos primeiros dias de vida, mas não resistem num meio que lhes é extremamente adverso.

Já em 1864 a cidade de Évora registou uma elevada mortalidade nas crianças até aos dois meses completos de vida. A aproximação de um ano de vida parece conceder às crianças maiores probabilidades de sobrevivência.

QUADRO 48 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1864

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	1	3			3	1	1	2	4	2	1		18	27.7
1-4	2	1		1				2	1	7	3	1	18	27.7
5-9	1	1											2	3.1
10-19			1			1			1				4	6.2
20-29	3										2		5	7.7
30-39				1					1				2	3.1
40-49												1	1	1.5
50-59			1							1			2	3.1
60-69					1				1	1	1	1	5	7.7
70 ou mais desconhe.	2	1	1				1	1			1	1	8	12.3
TOTAL	9	6	3	2	4	2	2	5	8	11	8	5	65	

QUADRO 49- DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1863

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias	1	1	1	2					1		1	1	8	5.6
7-27 dias	1		3	2			1	5	1		2	1	16	11.2
≥1 Mês	2		2	1	5	2	1	1	2	1		2	19	13.3
≥2 Meses	1	3	2	1	1	6	2		1	2		1	20	14.0
≥3 Meses		1	1	2	1	1		1	2	2			11	7.7
≥4 Meses	1			2		1	4	1	2			1	12	8.4
≥5 Meses			1		1	1	1		1		1	1	7	4.9
≥6 Meses					1	2	8	1	1	2	1		16	11.2
≥7 Meses			1	1		1	1	1	1	1			7	4.9
≥8 Meses			1			1	2		1	1		1	7	4.9
≥9 Meses	1						3	3	2	1	1		11	7.7
≥10 Meses		1				1			1	1			4	2.8
≥11 Meses		1					2						5	3.5
<1 Ano	7	7	12	11	9	16	25	13	16	11	7	9	143	

Este tipo de análise é bastante relativizado quando nos cingimos às freguesias afectadas do termo, devido ao reduzido número de indivíduos aí residente. Um insignificante número de óbitos conduz a uma flutuação indiciadora de crise. Assim, em 1863 nas freguesias rurais também a maior mortalidade infantil se verificou a partir dos 7 dias de vida e até se completar um mês. Os meses do ano que registaram maior número de óbitos foram também os mais quentes: Agosto, Setembro e Outubro. Em 1864 nas freguesias rurais os valores mensais oscilaram entre 0 e 4

óbitos, tendo sido este último valor registado no mês de Setembro e em crianças com meses de vida distintos. Devido ao reduzido número de efectivos não consideramos conveniente a análise da mortalidade segundo os meses de vida das crianças, uma vez que todos os valores totais são próximos.

QUADRO 49 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1863

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias	1		1									1	3	8.6
7-27 dias		1					1	1	1	2			6	17.1
≥ 1 Mês				1		1	1	1		2			6	17.1
≥ 2 Meses	1			1					1				3	8.6
≥ 3 Meses	1										1		2	5.7
≥ 4 Meses				1									1	2.9
≥ 5 Meses						1		1					2	5.7
≥ 6 Meses					1				1			1	3	8.6
≥ 7 Meses								1				1	2	5.7
≥ 8 Meses						1		1					2	5.7
≥ 9 Meses													0	0.0
≥ 10 Meses									2	1			3	8.6
≥ 11 Meses										1		1	2	5.7
<1 Ano	3	1	1	3	1	3	2	5	5	6	1	4	35	

QUADRO 50 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1864

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias		2	1			1	2	2		1	3	2	14	13.6
7-27 dias	4		1	4		1	3	1	1		1	2	18	17.5
≥ 1 Mês	1		1	1	1	3	4		1	1	1	2	16	15.5
≥ 2 Meses		2					2	2		2	2	1	11	10.7
≥ 3 Meses		1		1		1	3						6	5.8
≥ 4 Meses							3	1	2		1		7	6.8
≥ 5 Meses					1		1			1			3	2.9
≥ 6 Meses		1				1	1		1	1			5	4.9
≥ 7 Meses			2		1		1	1				1	6	5.8
≥ 8 Meses								2		1	1		4	3.9
≥ 9 Meses								1	1	2			4	3.9
≥ 10 Meses				1				3		2		1	7	6.8
≥ 11 Meses						1		1					2	1.9
<1 Ano	5	6	5	7	3	8	20	14	6	11	9	9	103	

QUADRO 52 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1864

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias	1							1					2	11.1
7-27 dias		1							1				2	11.1
≥1 Mês		1			1					1			3	16.7
≥2 Meses					1								1	5.6
≥3 Meses						1							0	0.0
≥4 Meses									1				2	11.1
≥5 Meses									1				1	5.6
≥6 Meses							1	1	1				3	16.7
≥7 Meses													0	0.0
≥8 Meses													0	0.0
≥9 Meses											1		1	5.6
≥10 Meses		1			1								0	0.0
≥11 Meses													0	0.0
<1 Ano	1	3	0	0	3	1	1	2	4	2	1	0	18	

Tal como já referimos no capítulo anterior, os gráficos sazonais contemplam a distinção entre maiores e menores de acordo com o critério adoptado na época, em que menor é toda a criança que ainda não atingiu 7 anos de idade.

Nas freguesias da cidade de Évora os meses que medeiam entre Junho e Outubro são marcados por uma sobremortalidade de menores, talvez por serem os mais propícios às gastro-enterites e outro tipo de doenças infantis devidas às temperaturas elevadas que ocorrem neste período. Entre Junho e meados de Agosto de 1864, manifesta-se o mesmo fenómeno na urbe. Contudo, os meses de Janeiro, Março, Abril e Maio merecem um reparo, na medida em que excepcionalmente a mortalidade dos maiores excede a dos menores.

GRÁFICO 33 - A SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1863

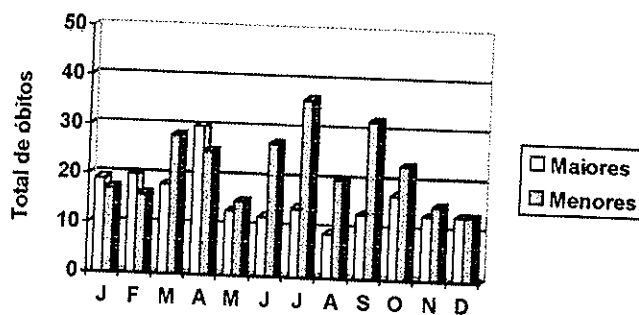


GRÁFICO 34 - A SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1863

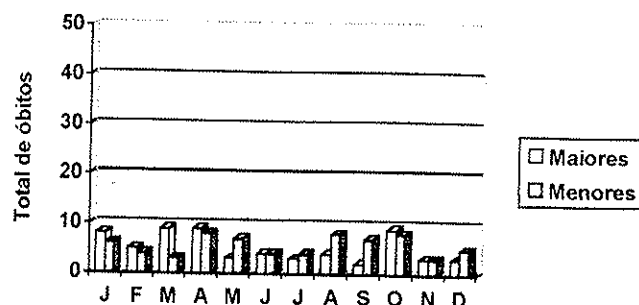


GRÁFICO 35 - A SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1864

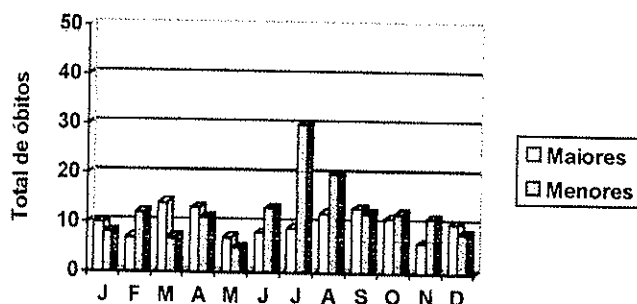
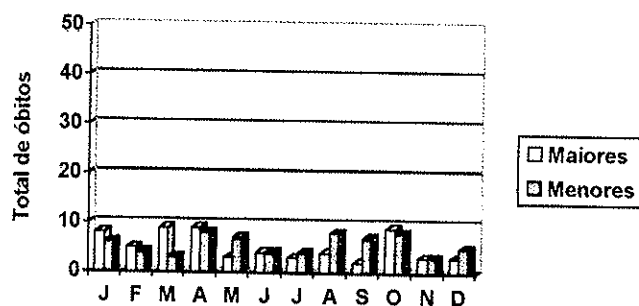


GRÁFICO 36 - A SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1864



Quanto às freguesias rurais, em ambos os anos se verifica bastante instabilidade na mortalidade de maiores e menores, que sucessivamente se alternam em termos absolutos. Assim, em 1863 a mortalidade dos indivíduos considerados “maiores” excedeu a dos menores de Janeiro a Abril, o mesmo se verificando em Outubro. Já em 1864 a alternância destes dois grupos é maior: em Janeiro a mortalidade dos maiores é superior à dos menores, enquanto que até ao final do ano os seus valores pouco diferem dos dos menores. Estes, por seu turno, são os mais

Em 1863, deram entrada no Hospital do Espírito Santo de Évora, 1488 indivíduos enfermos vindo a falecer 232, ou seja, 15,6%. Os meses que registaram maior número de entradas de doentes foram os de Janeiro, Março, Julho e Agosto. Contudo, Fevereiro, Abril e Junho foram os que vitimaram maior número de doentes. Se considerarmos que a morte não ocorria no momento preciso da entrada mas mais tarde podemos supôr que os doentes entrados em Janeiro, faleceram em Fevereiro e assim sucessivamente, o que torna coincidentes em termos de períodos espaciais os elevados números de entradas com os elevados números de óbitos.

Em 1864 embora o número de doentes registados no hospital tenha sido superior ao do ano anterior (1527), o número de óbitos ocorrido foi inferior (158). A partir do mês de Julho, embora mais doentes tenham dado entrada no hospital, diminuiu o número de óbitos mensais, os quais só recrudesceram no mês de Dezembro.

QUADRO 52 - MOVIMENTO DOS DOENTES NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA NOS ANOS DE 1863-64

	1863			1864			H	M
	Entradas	Óbitos	%	Entradas	Óbitos	%		
J	155	24	15.5	97	16	16.5	8	8
F	123	33	26.8	103	16	15.5	13	3
M	148	25	16.9	99	11	11.1	8	3
A	125	28	22.4	93	13	14.0	8	5
M	109	16	14.7	87	10	11.5	6	4
J	125	23	18.4	116	6	5.2	3	3
J	137	11	8.0	137	6	4.4	5	1
A	141	15	10.6	154	6	3.9	4	2
S	108	13	12.0	181	17	9.4	9	8
O	121	17	14.0	200	17	8.5	10	7
N	101	13	12.9	148	15	10.1	12	3
D	95	14	14.7	112	25	22.3	16	9
Total	1488	232	15.6	1527	158	10.3	102	56

Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia, Maço 193.

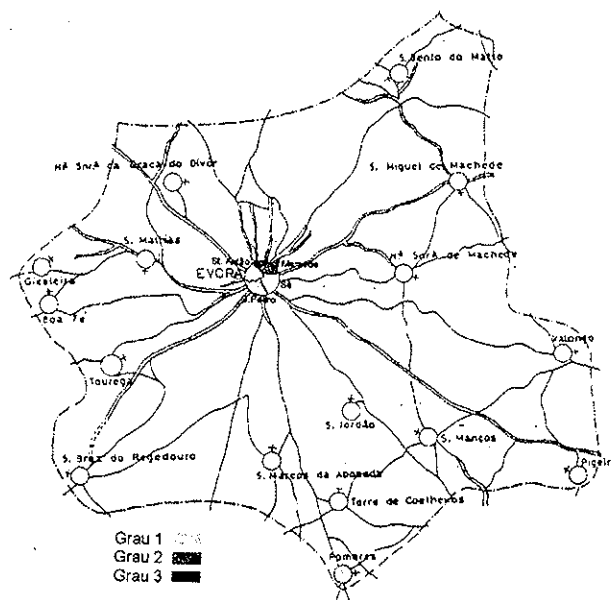
Os registos do Hospital do Espírito Santo de Évora para o ano de 1863 não especificam o sexo dos falecidos, contudo, em 1864 esse registo foi já efectuado. Podemos assim considerar que o elevado número de óbitos do sexo masculino face ao sexo feminino se deve ao facto de, tal como constatámos no capítulo anterior

relativamente aos mapas de entradas, os homens recorrerem mais a este tipo de serviços do que as mulheres.

6.3. A crise de 1868

A crise que em 1868 deflagrou no concelho de Évora atingiu metade das freguesias da cidade, mas apenas 18,8% das freguesias do termo. Contudo, como este trabalho se reporta ao concelho como um todo em termos espaciais, este ano foi marcante para o mesmo, uma vez que em termos globais 25% do total das freguesias que o constituem foram atingidas. Todas estas crises atingiram a magnitude de grau 1, com excepção da freguesia urbana de S.Mamede, que registou uma magnitude de grau 2.

MAPA 10 - A INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS DO CONCELHO DE ÉVORA EM 1868



QUADRO 54 - INTENSIDADE DA CRISE DE 1868

FREGUESIAS	1868
Cidade	
S.Mamede	2
S.Pedro	1
Termo	
S.Bento de Pomares	1
S.Sebastião da Giesteira	1
S.Vicente do Pigeiro	1

Encontramos divergências na forma como evoluiu sazonalmente a mortalidade neste ano, bem como no anterior e no posterior, em relação aos espaços distintos - rural e urbano (Gráficos 37 a 39).

GRÁFICO 37 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1868

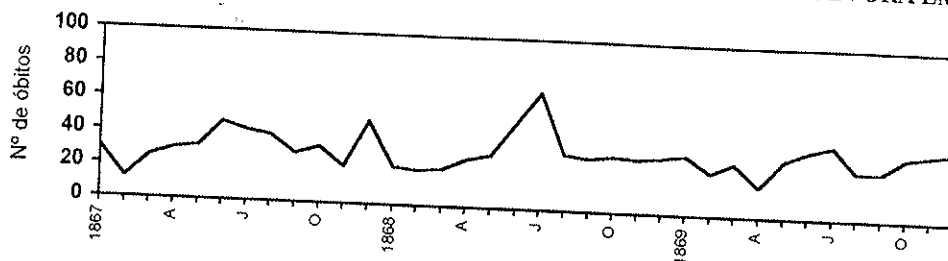


GRÁFICO 38 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1868

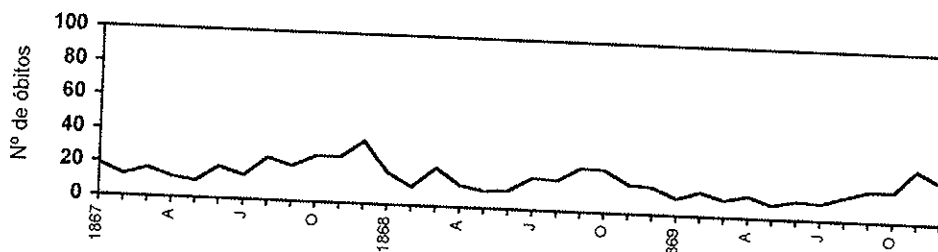
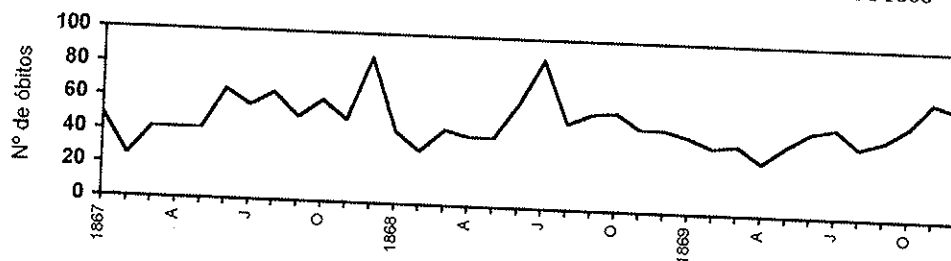


GRÁFICO 39 - A SOBREMORTALIDADE NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1868



A sobremortalidade na cidade de Évora tem, de facto, o seu culminar face aos anos circundantes, no mês de Julho de 1868, em que se regista um aumento súbito e bastante significativo face aos valores verificados ao longo deste período. Não parece pois, tratar-se de um recrudescimento da crise de 1863-64.

Nas freguesias do termo da cidade, os valores deste ano não são muito elevados, registando-se apenas um ligeiro empolamento entre os meses de Julho e Outubro.

Parece pois tratar-se de um fenómeno de sazonalidade anual normal nas freguesias rurais, enquanto que na cidade, outras causas haverá para explicarem a

incidência de tão elevada mortalidade em tão curto espaço de tempo, o que sugere algum tipo de epidemia.

Convém contudo salientar que o final do ano de 1867, apresenta já elevados valores no que concerne à mortalidade, valores esses que surgem em forma de “pico” na cidade, mas que no termo evoluem progressivamente de Julho até final desse ano.

A este propósito constatámos que o final do ano de 1867 é caracterizado pela eclosão de surtos de gripe que originaram em diversas regiões do País aumentos extraordinários da mortalidade, tal como comprovam os diversos trabalhos realizados acerca desta temática.¹⁰⁴ Quanto aos aumentos dos valores da mortalidade nos meses mais quentes, é a falta de água bem como a sua insalubridade que aliada às altas temperaturas favorecem a eclosão de febres tifóides (e todo um conjunto de febres mal diagnosticadas), que atingem os indivíduos mais débeis independentemente da idade.

Os últimos meses de 1867, são também marcados por maus anos agrícolas e pelo aumento do preço dos géneros alimentícios. “O povo tem fome, porque nem tem trabalho, nem alimentos rasoavelmente baratos, nem recursos naturaes por onde occorresse ás fontes de miseria - carencia de trabalho e carestia de generos (...)”¹⁰⁵

“Crise alimenticia

Já fizemos vêr (...) o estado misarando em que se achava a infeliz provincia do Alemtejo por effeito da pessima colheita de cereaes no presente anno (...)

(...) a fome assustadora que se tem pronunciado com mais força (...) a falta de trabalho, e a calamidade dos gados tem crecido extraordinariamente, até ah poucos dias por carencia absoluta de chuvas, e agora pelo excesso d’ella que não achando pastagens, nem podendo já crear-se pela aproximação dos gelos, e dos frios, não teremos outro resultado que a morte immediata do gado bovino e lanigero (...)

(...) quasi nenhuma existencia de cereaes, e a pouca probabilidade de engorda do gado suino (...) pelo máo estado da bolota que não outonou, e que mesmo assim (...) vae sendo levada pelo proletariado que d’ella faz seu principal alimento (...)

(...) miseria publica, que leva os lavradores e creadores a uma quasi absoluta pobresa, não podendo por isso empregar os braços, que definham de dôr e de fome.

Ressentem-se por tanto as artes, o commercio, e a industria (...)

(...) diremos que a situação geralmente é desesperada debaixo de todos os pontos de vista, e que por tanto a provincia carece de decidida e instatanea protecção e amparo (...)"¹⁰⁶

"O Alemtejo continua a braços com as mesmas difficuldades (...)

Não é tanto a falta de cereaes, que nos faz receiar pelo dia de amanhã; sabemos muito bem, que em certos pontos da provincia, em Evora por exemplo, ha em depositos os cereaes percisos (...) o que porem nos leva a reclamar providencias com urgencia, é a falta de trabalho, é o preço dos salarios, diminutissimo em face do subido preço dos generos (...)

(...) em varios pontos do Alemtejo ha o trigo sufficiente para o consumo, mas falta o trabalho: n'outros nem trigo nem trabalho (...)"¹⁰⁷

Parece-nos pois ser esta uma das explicações para a elevada mortalidade que marca o final de 1867. Assim, nesta crise, parecem estabelecer-se relações entre doença e escassez de víveres, ou entre esta e a morte. Esta interdependência levamos a classificá-la como sendo de tipo misto, uma vez que se combina um estado carencial de alimentos e a existência de doenças que dão fortes contributos à mortalidade.

O gráfico representativo do concelho (Gráfico 31), uma vez que agrega os dois meios fisicos em estudo - rural e urbano - apresenta-nos as tendências desta variável com um "pico" nos finais de 1867 e outro "pico" entre os meses de Junho e Julho de 1868.

Assim, a miséria geral marcou este ano, o que explica o facto de este ter sido um ano de crise, sobretudo para os indivíduos socialmente mais desfavorecidos. A produção agrícola foi também bastante deficiente, sendo as produções atacadas por moléstias que em vão se tentavam debelar.

"Attenuação da molestia das batatas

(...) esclarecimentos (...) para chegar a prevenir a molestia que dimime sensivelmente desde alguns annos a producção dos tuberculos, recurso alimentar dos pobres em tempo de carestia dos cereaes. (...) uma precaução que attenua os estragos da molestia e que consiste simplesmente em misturar aos excrementos que se empregam igual quantidade de agua (...)"¹⁰⁸

O mesmo periódico refere ainda a existência e propagação de ratos do campo, que infestam as habitações rurais e que espalham doenças entre estas populações.

“É atemorizador o quadro da miseria publica, principalmente nesta provincia, onde a escassez dos ultimos annos veio agravar ainda a calamidade do presente. Aos milhares de trabalhadores desempregados, accresce a carestia dos generos de primeira necessidade e o aspecto pouco esperançoso das colheitas próximas, que não podem melhorar muito entre nós (...)

A criminalidade cresce na mesma proporção em que a miseria augmenta (...)”¹⁰⁹

Já no início do ano, os periódicos citadinos nos dão notícias acerca do clima de instabilidade e criminalidade a que as situações de indigência conduziam:

“... na ultima semana era rara a noite em que não se praticavam roubos ...”¹¹⁰

No mesmo jornal são noticiados em pormenor roubos de galinhas, porcos, dinheiro, ouro, etc.

O ano de 1868 foi desastroso em termos económicos, uma vez que foram aumentados os impostos indirectos, que acabam sempre por recair nos grupos sociais mais pobres. Foram aumentados os tributos sobre o vinho, a carne e o peixe, ascendendo os seus respectivos preços ao dobro do que anteriormente se pagava. Outros géneros, que eram isentos de imposto, tais como o azeite, aguardente, vinagre e licores, passaram também a ser tributados. A mesma situação só não se verificou em materiais de construção (tijolo, cal e telha) devido ao descontentamento que o povo manifestou.¹¹¹

GRÁFICO 40 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1868

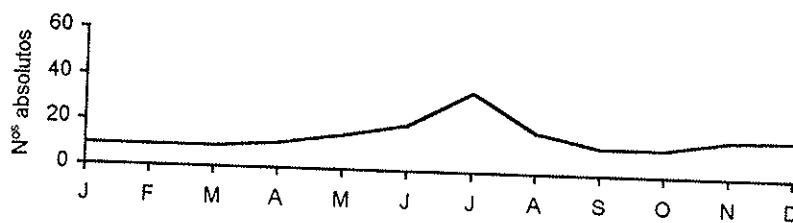
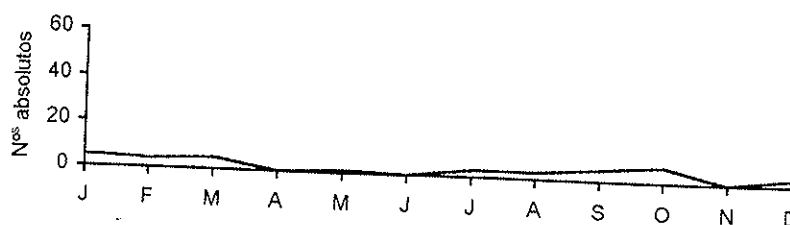


GRÁFICO 41 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1868



O Gráfico 40 apresenta-nos a linha sazonal evolutiva da mortalidade extraordinária das freguesias atingidas na cidade de Évora - S.Mamede e S.Pedro. Podemos pois constatar que os mais elevados níveis de mortalidade se registaram nos meses estivais, entre Junho e Agosto, atingindo o seu auge no mês de Julho. Além destes três meses referidos, o resto do ano apresenta valores considerados “normais” em termos de mortalidade.

QUADRO 55 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1868

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	4	5	9	44.4	55.6
F	3	6	9	33.3	66.7
M	3	6	9	33.3	66.7
A	4	7	11	36.4	63.6
M	6	9	15	40.0	60.0
J	8	12	20	40.0	60.0
J	21	14	35	60.0	40.0
A	7	11	18	38.9	61.1
S	8	4	12	66.7	33.3
O	5	7	12	41.7	58.3
N	10	6	16	62.5	37.5
D	9	8	17	52.9	47.1
TOTAL	88	95	183	48.1	51.9

QUADRO 56 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1868

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	1	4	5	20.0	80.0
F	2	2	4	50.0	50.0
M	2	3	5	40.0	60.0
A	0	0	0	0.0	0.0
M	0	1	1	0.0	100
J	0	0	0	0.0	0.0
J	2	1	3	66.7	33.3
A	2	1	3	66.7	33.3
S	2	3	5	40.0	60.0
O	4	3	7	57.1	42.9
N	0	0	0	0.0	0.0
D	2	1	3	66.7	33.3
TOTAL	17	19	36	47.2	52.8

No termo da cidade de Évora (Gráfico 41), as freguesias afectadas no ano de 1868 foram apenas três - S.Bento de Pomares, S.Sebastião da Giesteira e S.Vicente do Pigeiro. Contudo, podemos verificar que os meses que mais fustigaram as suas populações se situaram entre Janeiro e meados de Março, bem como entre Agosto e finais de Outubro. Ao contrário da situação verificada na cidade, temos aqui dois períodos distintos, sem “picos” e, por conseguinte, com uma duração superior.

Os quadros representativos da mortalidade diferencial (Quadros 55 e 56) mostram-nos de que forma a mortalidade incidiu em ambos os sexos. Assim, no ano de 1868 foram registados nos livros paroquiais (nas freguesias que considerámos em crise), um total de 219 óbitos, o que é significativo, uma vez que se trata de um só ano e de apenas cinco freguesias.

Na cidade ocorreram 183 óbitos, sendo respectivamente 48,1% do sexo masculino e 51,9% do sexo feminino. O mês mais atingido foi o de Julho em que se registaram 35 óbitos, correspondendo 60% deles a indivíduos do sexo masculino. Este mês fustigou mais homens do que mulheres na urbe alentejana, apesar de no total do ano a mortalidade feminina ser ligeiramente superior à mortalidade masculina.

Nas freguesias afectadas do termo da cidade, também o ano de 1868 se revelou em termos totais, mais mortífero para o sexo feminino (47,2% de óbitos masculinos e 52,8% de óbitos femininos). No mês de Abril não ocorreu ou, pelo menos, não foi registado nenhum óbito, assim como no mês de Junho. Tal como se verificou na cidade a mortalidade aumentou em Julho, mas enquanto que na primeira decresce já no mês seguinte, aqui, prolonga-se até Outubro, onde atinge o seu auge (sete óbitos). Tal como aconteceu na cidade, o mês de Julho, bastante intenso em termos de mortalidade, vitimou mais homens (66,7%) do que mulheres (33,3%). Não nos devemos contudo esquecer de que este número embora aparentemente pouco significativo, se aplica a uma população bastante reduzida, onde um único óbito provoca uma grande alteração nos totais percentuais.

Nas freguesias atingidas da cidade em 1868 (Quadro 57), os dois primeiros grupos, continuam a ser os mais expostos à mortalidade. Aqui, o número de mortes ocorridas em crianças com menos de um ano de vida (69) é bastante superior ao das crianças entre 1 e 4 anos (43), o que representa em termos percentuais, respectivamente 37,8% e 23,5%. A esperança de vida continua a aumentar, pois em

termos globais a mortalidade dos indivíduos com 70 ou mais anos, representa 11%, ou seja, uma percentagem superior a todos os outros grupos etários, com excepção dos dois primeiros já referenciados.

QUADRO 57 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1868

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	5	3	3	3	4	13	17	7	4	3	4	3	69	37.8
1-4		1	2	3	5	4	12	3	3	2	3	5	43	23.5
5-9							1		1				2	1.1
10-19	1	1			1	1		1			2		7	3.8
20-29			1					2		1			4	2.2
30-39			1		1		1	2		1		1	7	3.8
40-49	1				2		2		2	1	2	2	12	6.6
50-59				2			1	1	1		1	1	7	3.8
60-69		1	1	2	2	1				2	2	1	12	6.6
70 ou mais desconhe.	2	3	1	1		1	1	2	1	3	1	4	20	10.9
TOTAL	9	9	9	11	15	20	35	18	12	12	15	17	183	

QUADRO 58 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1868

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1					1		1			3			5	13.9
1-4			2				1	2	2	1			8	22.2
5-9												1	1	2.8
10-19													0	0.0
20-29	1											1	2	5.6
30-39	2	1	1							1			5	13.9
40-49										1			1	2.8
50-59								1					1	2.8
60-69	1		1						2				4	11.1
70 ou mais desconhe.	1	3	1				1		1	1		1	9	25.0
TOTAL	5	4	5	0	1	0	3	3	5	7	0	3	36	

A qualidade dos registos, ou pelo menos a tentativa de a melhorar, está bem patente no facto de em ambos os espaços - rurais e urbanos - não existirem registos paroquiais referenciando idade desconhecida.

Tal como no quadro referente à cidade, as freguesias rurais têm também uma elevada mortalidade nos dois primeiros grupos (Quadro 58), sendo contudo, mais fustigado o grupo de crianças entre 1 e 4 anos, ao contrário do que se verifica na cidade. No primeiro trimestre regista-se também um aumento no volume desta variável no grupo 30-39 anos. Os dois últimos grupos reforçam a característica que se generaliza à medida que nos aproximamos do século XX: um pequeno aumento da esperança de vida.

A decomposição da mortalidade das crianças com idade inferior a um ano permite-nos uma observação detalhada dos primeiros meses de vida. Assim, na cidade, a mortalidade infantil foi bastante maior até à idade completa de 4 meses, diminuindo a partir daqui. A maior parte dos óbitos infantis ocorreu nos meses estivais de Junho e Julho e recrudesceram no mês de Agosto, para em Setembro assumirem valores já considerados normais.

QUADRO 59 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1868

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias	1		1		1		1		1	1	1	1	8	11.6
7-27 dias	1	1				3	1	1		1			8	11.6
≥ 1 Mês	1			1		2	5			1			10	14.5
≥ 2 Meses	1		1	2	1			3	2		1		11	15.9
≥ 3 Meses			1			3	1	1			1		7	10.1
≥ 4 Meses		1			1	2	1		1			2	8	11.6
≥ 5 Meses					1		3						4	5.8
≥ 6 Meses		1				1							2	2.9
≥ 7 Meses	1					1	3						5	7.2
≥ 8 Meses							1						1	1.4
≥ 9 Meses								1					1	1.4
≥ 10 Meses						1	1	1					3	4.3
≥ 11 Meses											1		1	1.4
< 1 Ano	5	3	3	3	4	13	17	7	4	3	4	3	69	

QUADRO 60 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1868

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias										2			2	40.0
7-27 dias													0	0.0
≥ 1 Mês													0	0.0
≥ 2 Meses													0	0.0
≥ 3 Meses													0	0.0
≥ 4 Meses													0	0.0
≥ 5 Meses										1			1	20.0
≥ 6 Meses					1		1						2	40.0
≥ 7 Meses													0	0.0
≥ 8 Meses													0	0.0
≥ 9 Meses													0	0.0
≥ 10 Meses													0	0.0
≥ 11 Meses													0	0.0
< 1 Ano	0	0	0	0	1	0	1	0	0	3	0	0	5	

Já a mortalidade infantil verificada nas zonas rurais foi pouco significativa; apenas 5 óbitos durante o ano de 1868. De referir que três dos óbitos se registaram no mês de Outubro, em que a mortalidade global atingiu o seu valor mais elevado.

O abandono de crianças continua a ser uma constante. Nos meios rurais onde inexistiam rodas de expostos os recém-nascidos eram abandonados à porta das Igrejas, a fim de que estas instituições se encarregassem de lhes assegurar sustento.

Na paróquia de S. Vicente de Vallongo, em 11 de Outubro de 1868, “(...) foi encontrado á porta da habitação do Sacristão (...) o infante que envio, depois de ser por mim baptizado (...)”¹¹².

GRÁFICO 42 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1868

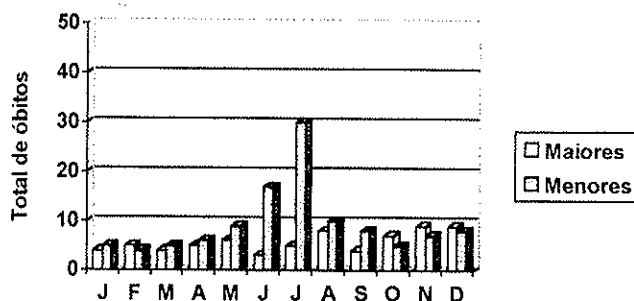
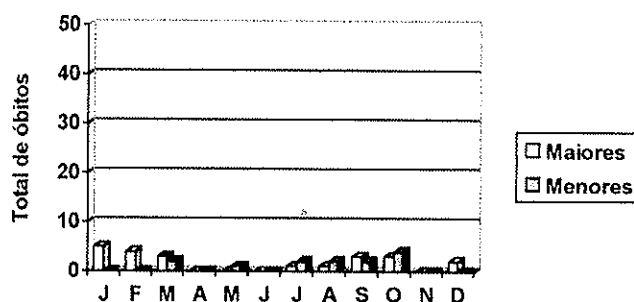


GRÁFICO 43 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1868



Os meses de maior mortalidade na cidade (Maio a Agosto) e que coincidem com o aumento das temperaturas, vitimaram sobretudo os menores, mantendo-se as barras representativas dos maiores bastante baixas.

Em documentos provenientes do Governo Civil do Distrito de Évora foram encontradas inúmeras recomendações ao Presidente da Câmara Municipal do Concelho de Évora, no sentido de se proceder à vacinação dos expostos “(...) tanto mais em um anno em que as bexigas, tem graçado em maior desenvolvimento.”¹¹³ Esta carta foi datada de 20 de Maio de 1868 e todas as cartas subsequentes, com recomendações neste sentido, datam do mesmo mês, o que nos faz crer que um surto de bexigas deflagrou nesta altura. As cartas de agradecimento dos concelhos limítrofes pelo envio de vacinas para os expostos datam do mês de Junho, o que comprova a rapidez com que as mesmas foram distribuídas, reflexo da necessidade que delas se fazia sentir.

Nas zonas rurais a situação foi bastante diferenciada: o primeiro trimestre do ano atingiu sobretudo os maiores. Oscilações de carácter progressivo nos meses de Maio, Julho, Agosto e Outubro assinalam o aumento da mortalidade de menores face aos maiores, embora a diferença entre ambos seja pouco significativa. Outubro revelou-se o mês mais mortífero de 1868, atingindo grande número de maiores e menores embora o valor destes últimos seja ligeiramente superior.

Ainda neste ano, cartas enviadas pelos párocos de duas freguesias do termo da cidade ao Presidente da Câmara Municipal de Évora, solicitavam autorização para o alargamento dos cemitérios das suas freguesias, visto os mesmos já se encontrarem completos. Tal facto é comprovado pela transcrição de uma carta enviada pelo pároco da freguesia de N^a Sr^a da Boa Fé, que escreve a este propósito:

“(...) o actual Cemitério Público não tem a capacidade suficiente (...) tem apenas 10 metros de comprimento e 5 de largura. (...) a mortalidade n’estes ultimos cinco annos foi de 43 cadaveres, como se vê nos termos d’óbitos lançados nos respectivos Livros (...)”¹¹⁴

QUADRO 61 - MOVIMENTO DO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA EM 1868

	Existentes			Falecidos			%
	H	M	Total	H	M	Total	
J	85	16	101	19	7	26	25.7
F	59	9	68	8	1	9	13.2
M	86	23	109	7	6	13	11.9
A	69	19	88	8	6	14	15.9
M	71	19	90	13	3	16	17.8
J	78	34	112	9	2	11	9.8
J	105	28	133	9	7	16	12.0
A	87	33	120	6	9	15	12.5
S	124	27	151	12	6	18	11.9
O	125	23	148	11	8	19	12.8
N	107	20	127	4	3	7	5.5
D	81	18	99	6	3	9	9.1
Total	1077	269	1346	112	61	173	12.9

Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia, Maço 193.

Tal como se verificou com os registos anteriores referentes ao Hospital do Espírito Santo de Évora, as causas de morte não são especificadas, apenas dissociam os indivíduos consoante os sexos.

Mais uma vez é possível constatar que são os homens que com maior frequência ocorrem aos serviços do hospital. Por isso, em 1868 registaram-se 1346

casos de internamento hospitalar, 20% eram doentes do sexo feminino e 80% do sexo masculino.

Janeiro, Abril e Maio foram os meses em que se registaram os valores mais elevados em termos de mortalidade, sendo também pertinente constatar que nesses meses não há uma correlação directa entre o número de doentes internados e o número de falecidos, ou seja, seria mais provável supôr que os meses em que se verificaram mais internamentos seriam também os de maior mortalidade, o que de facto não se verifica.

De especial importância é também o “tratamento” a que eram sujeitos muitos dos doentes internados, os quais, desde que aparentassem robustez eram aproveitados para trabalhos de limpeza no próprio hospital. Esta denúncia foi publicada num periódico eborense, gerando a indignação das populações.

“(…) Alguns doentes são obrigados a carregarem agua e a fazerem outros serviços (…) Os pobres doentes que para ali se recolhem (…) tornam-se servos.”¹¹⁵

Em meados de Janeiro de 1868 muitos cães que deambulavam pelas ruas da cidade foram afectados pela raiva, a qual através das mordeduras se propagou fatalmente à população da cidade. Não nos foi possível apurar as proporções que atingiu a raiva, uma vez que as causas de morte são omitidas. Contudo, os periódicos denunciavam-nos algumas dessas situações.

“Hydrophobia - Succumbiu ha pouco uma pobre mulher em resultado da mordedura de um cão: dizem-nos que succumbira tambem um filhinho a quem amamentava.”¹¹⁶

“Edital

(…) tendo ha pouco tempo, apparecido n’esta cidade alguns cães atacados de raiva, e constando, que por elles muitos foram mordidos, em parte dos quaes é provável que venha a desenvolver-se ainda aquella terrivel molestia, sendo certo que recentemente um individuo da especie humana foi victima della, fica prohibida pelo espaço de cincoenta dias vaguearem cães pela cidade sem açaimo, devendo os donos que não quizerem adoptar este systema conserval-os fechados em casa ou pateos, na certeza de que todos os cães que se encontrarem em contravenção, tres dias depois da data de este, serão mandados matar (…)”¹¹⁷

Os fracos conhecimentos de medicina e higiene face à debelação das doenças, contribuía também para o seu agravamento, conduzindo por vezes à própria morte.

Vejamos pois, o método aconselhado para socorrer os indivíduos mordidos por cães atingidos pela raiva:

“Instruções sobre a maneira de reconhecer os cães damnados e de socorrer as pessoas e animaes por elles mordidos

(...) 1º - Deixar sangrar as feridas o mais possivel, sarjando-as com um canivete ou navalha (...)

3º - Lavar bem as feridas em agua simples, salgada ou avinagrada, agua de cal, urina, n'uma palavra o liquido que houver mais á mão. (...)

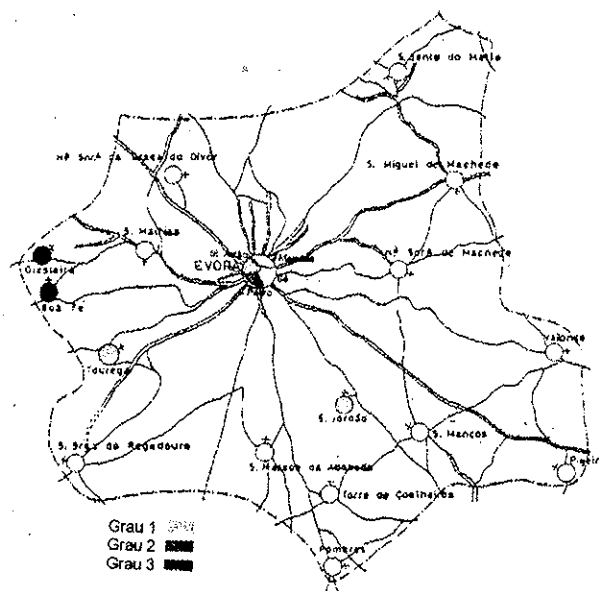
5º - (...) pôr-se-ha em braza um ferro qualquer, antes grosso que delgado, com o qual se queimam profundamente as mordeduras (...)¹¹⁸

6.4. A crise de 1873

A crise que em 1873 deflagrou no concelho de Évora atingiu duas freguesias da cidade, Sto Antão e S.Pedro. No termo foram afectadas 25% das freguesias. Ao nível da cidade a intensidade atingiu graus 1 e 2. No que concerne às freguesias rurais, há a referir as freguesias de N^a Sr^a da Boa Fé e S.Sebastião da Giesteira em que a intensidade de grau 3 é representativa de crises médias. De forma global poderemos considerar que foram afectadas quase um terço das freguesias que compõem o concelho de Évora.

No final do terceiro quartel do século XIX a mortalidade continua a mostrar uma grande variabilidade, atingindo neste ano mais freguesias e com intensidades superiores às da crise de 1868.

MAPA 11 - INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1873



QUADRO 62 - INTENSIDADE DA CRISE DE 1873

FREGUESIAS Cidade	1873
Sto. Antão	1
S.Pedro	2
Termo	
N ^a Sr ^a da Boa Fé	3
N ^a Sr ^a da Tourega	1
S.Jordão	1
S.Sebastião da Giesteira	3

De acordo com as recolhas já efectuadas poder-se-à neste período atribuir como possível causa de morte o surto de variola que atingiu não só Portugal, mas também países como a França e a Hungria. Esta tese era corroborada por Fernando da Silva Correia¹¹⁹, quando afirma que os anos de 1872 e 1876 terão sido anos de epidemia generalizada de variola. Também no que concerne ao estudo elaborado por Henrique Rodrigues David¹²⁰ relativamente ao concelho de Braga, em 1872/73 a variola constituiu a principal causa de morte.

Uma vez que metade das freguesias da cidade de Évora se encontram afectadas, podemos concluir que a vacina estaria muito longe de satisfazer as necessidades, face à virulência com que as epidemias atacavam as populações. Por outro lado, devido à concentração da população e à existência de um Hospital, supomos que a vacinação incidiria primordialmente sobre as populações da cidade e daí a sua insuficiência em termos quantitativos.

GRÁFICO 44 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1873

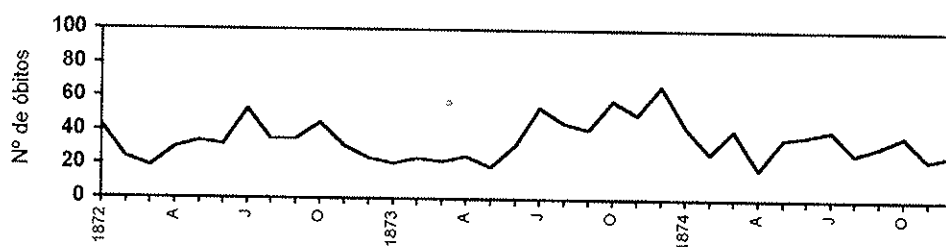


GRÁFICO 45 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1873

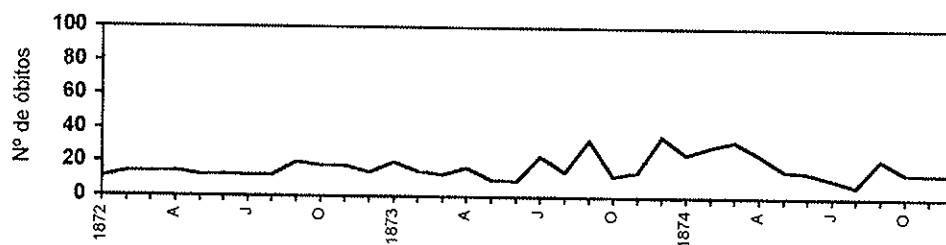
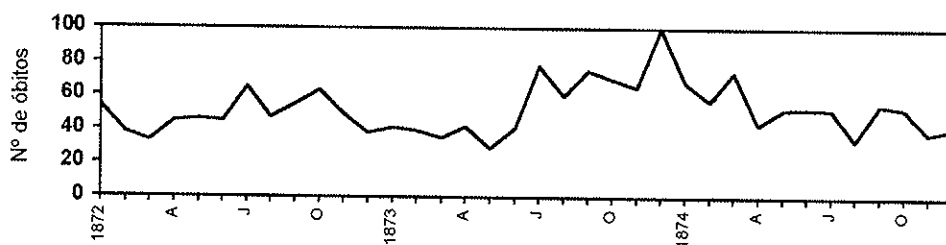


GRÁFICO 46 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE ÉVORA EM 1873



No que respeita à sazonalidade da crise, ela aparece bem demarcada face aos anos circundantes, e apresenta uma coincidência quanto aos meses de maior mortalidade nos espaços rural e urbano. Globalmente, as freguesias da cidade apresentam um acréscimo na mortalidade a partir do mês de Junho e apesar de se registarem algumas oscilações os valores continuam bastante elevados, diminuindo apenas em Fevereiro do ano seguinte. Os valores máximos são atingidos em Julho, Outubro e Dezembro. De salientar que a cidade de Évora, já nos três anos anteriores, apresenta valores obituais semelhantes aos de 1873 relativamente ao mês de Julho.

As freguesias do termo da cidade também apresentam os valores máximos nesse mês, seguido de um decréscimo no mês de Agosto e de um recrudescer de mortalidade em Setembro e Dezembro, prolongando-se os altos valores durante o primeiro trimestre de 1874.

O gráfico representativo da sazonalidade da morte no concelho de Évora (Gráfico 46), mostra-nos na sua globalidade as tendências mensais: Julho, Setembro e sobretudo o mês de Dezembro apresentam os valores mais elevados.

GRÁFICO 47 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1873

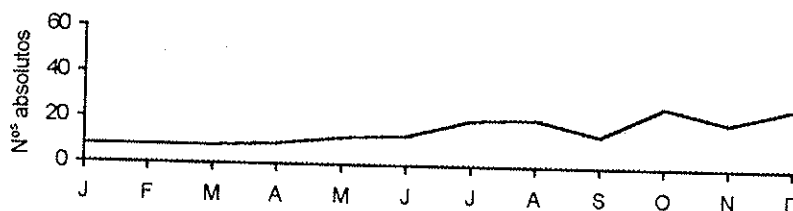
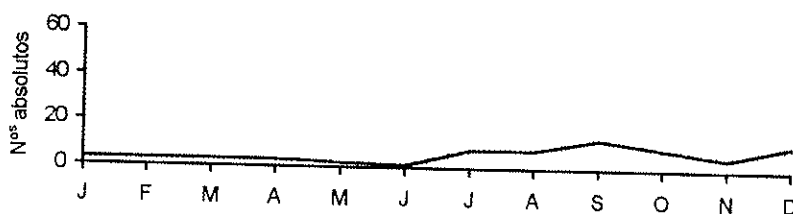


GRÁFICO 48 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1873



Quanto às duas freguesias atingidas na cidade de Évora neste ano (Gráfico 47), o acréscimo da mortalidade é relevante a partir do mês de Junho, mantendo-se esta variável elevada nos meses estivais. Embora se tenha verificado um decréscimo na mortalidade no mês de Setembro, Outubro corresponde ao valor mais alto do ano

e embora sofrendo oscilações, a mortalidade continua a assumir valores elevados no mês de Dezembro, estendendo-se até ao mês de Janeiro do ano seguinte no caso da freguesia de Sto Antão. Na freguesia urbana de S.Pedro não encontramos nenhum registo obituário paroquial referente ao mês de Janeiro de 1874, o que significa que aqui a crise não se prolongou até ao ano seguinte.

Quanto às freguesias rurais atingidas em 1873 (Gráfico 48), os elevados valores registados pela mortalidade, surgem, tal como se verificou na cidade, a partir do mês de Junho, mas em contrapartida, o mês de Setembro, benigno em termos de mortalidade citadina, foi o que mais atingiu aquelas freguesias. Tal como na cidade, também no espaço rural se verificou uma diminuição da mortalidade no mês de Novembro, e um aumento no último mês do ano.

QUADRO 63 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1873

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	5	3	8	62.5	37.5
F	7	1	8	87.5	12.5
M	4	4	8	50.0	50.0
A	3	6	9	33.3	66.7
M	8	4	12	66.7	33.3
J	5	8	13	38.5	61.5
J	11	9	20	55.0	45.0
A	9	12	21	42.9	57.1
S	5	9	14	35.7	64.3
O	13	14	27	48.1	51.9
N	10	10	20	50.0	50.0
D	15	12	27	55.6	44.4
TOTAL	95	92	187	50.8	49.2

QUADRO 64 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1873

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	1	2	3	33.3	66.7
F	2	1	3	66.7	33.3
M	1	2	3	33.3	66.7
A	1	2	3	33.3	66.7
M	2	0	2	100	0.0
J	1	0	1	100	0.0
J	4	4	8	50.0	50.0
A	2	6	8	25.0	75.0
S	9	4	13	69.2	30.8
O	5	4	9	55.6	44.4
N	2	3	5	40.0	60.0
D	5	6	11	45.5	54.5
TOTAL	35	34	69	50.7	49.3

Trata-se, pois, de uma crise que atingiu o segundo semestre do ano de 1873 e que na cidade incidiu de forma semelhante em ambos os sexos. Nas freguesias do

termo da cidade (Quadro 64), há a referir que a mortalidade atingiu com maior intensidade os indivíduos do sexo masculino, nos meses de Setembro e Outubro, o que por sua vez também coincide com a época das sementeiras, em que os homens estão mais expostos às agruras do clima.

QUADRO 65 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1873

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	4	2	3	1	4	6	14	7	2	11	4	7	65	34.8
1-4		1		1	1	1	2	6	3	5	4	5	29	15.5
5-9			1					1		2	2	1	7	3.7
10-19	1			1				1		1	1	2	7	3.7
20-29		1		1	2		1		1	1	1	2	7	3.7
30-39			1	2		2		1			2	1	9	4.8
40-49		1		1		1	1	2				2	11	5.9
50-59	1			1	1	1	1	1	2	1	1	3	11	5.9
60-69		1	1		2	1	1			4		2	10	5.3
70 ou mais	2	2	2	1	2	1		2	3	3	4	4	26	13.9
desconhe.													0	0.0
TOTAL	8	8	8	9	12	13	20	21	14	27	20	27	187	

QUADRO 66 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1873

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1		1					1	3	3	1	1	1	11	15.9
1-4							2	2	4	3		5	16	23.2
5-9			1						1		1	3	6	8.7
10-19	2	1		1			3	1	2	2	1		13	18.8
20-29							1	1		2	1		5	7.2
30-39			1		1			1					5	7.2
40-49	1	1	1				1	1				2	5	7.2
50-59			1		1						1		5	7.2
60-69				1					2				4	5.8
70 ou mais										1			2	2.9
desconhe.						1			1				2	2.9
TOTAL	3	3	3	3	2	1	8	8	13	9	5	11	69	0.0

Nas freguesias da cidade de Évora (Quadro 65), a mortalidade atingiu de sobremaneira os dois primeiros grupos de idade, sendo significativa a quantidade de óbitos ocorrida em crianças com menos de um ano (34.8%). O grupo etário 1-4 anos apresenta também valores preocupantes (15,5%). Contudo, esta situação é comum ao nosso país durante esta época e mesmo no início do século XX. "Em Portugal morre uma criança com menos de 5 anos de 10 em 10 minutos"¹²¹.

A partir deste grupo de idade a mortalidade recua de forma bastante acentuada, centrando-se nos dois últimos grupos de idade. No termo da cidade (Quadro 66), esta concentração nas últimas idades não é tão evidente e o grupo mais afectado pela mortalidade é o das crianças com idades compreendidas entre 1 e 4

anos (23,2%). Seguem-se os grupos etários de 10 a 19 anos (18,8%) e o das crianças com menos de 1 ano (15,9%). De salientar é também o facto da inexistência de registos paroquiais obituários indicando indivíduos com idade desconhecida.

Uma vez que a mortalidade infantil atinge valores elevados em ambos os espaços - rural e urbano - a sua desagregação por meses oferece-nos uma imagem mais precisa dos óbitos ocorridos em crianças com menos de um ano de vida. (Quadros 67 e 68)

QUADRO 67 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1873

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias		1		1						1			3	4.6
7-27 dias	2	1	1		1					3	1		9	13.8
≥ 1 Mês	1					1	2			4		1	9	13.8
≥ 2 Meses			1			1	3	1	1			1	10	15.4
≥ 3 Meses	1		1		1	2	1			1		1	8	12.3
≥ 4 Meses					2	1	2					1	6	9.2
≥ 5 Meses							3			1			4	6.2
≥ 6 Meses						1		1		1			3	4.6
≥ 7 Meses							1						1	1.5
≥ 8 Meses			1								1	1	3	4.6
≥ 9 Meses							1	2				1	4	6.2
≥ 10 Meses						1		1	1		1		4	6.2
≥ 11 Meses							2						2	3.1
<1 Ano	4	2	4	1	4	6	14	7	2	11	4	7	65	

QUADRO 68 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1873

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias													0	0.0
7-27 dias													0	0.0
≥ 1 Mês													0	0.0
≥ 2 Meses		1							1		1		3	27.3
≥ 3 Meses									2	1			3	27.3
≥ 4 Meses							1						1	9.1
≥ 5 Meses													0	0.0
≥ 6 Meses								3				1	4	36.4
≥ 7 Meses													0	0.0
≥ 8 Meses													0	0.0
≥ 9 Meses													0	0.0
≥ 10 Meses													0	0.0
≥ 11 Meses													0	0.0
<1 Ano	0	1	0	0	0	0	1	3	3	1	1	1	11	

Esta desagregação permite-nos afastar a hipótese de factores meramente endógenos, uma vez que os valores mais elevados se centram em crianças entre os 7 dias de vida e os 3 meses. Tal facto sugere-nos a falta de cuidados pós-natais; higiene e alimentação deficientes, bem como a conjugação destes factores com o aumento das temperaturas ocorrido nos meses de Verão.

A este propósito refere Fernando Correia:

“A maior mortalidade infantil é devida a gastro-enterites, a debilidade congénita e a doenças do aparelho respiratório. A maior parte das gastro-enterites são a consequência da ignorância das mãis ou amas, dêste modo causadoras inconscientes da morte das crianças. A grande maioria dos casos de debilidade congénita é devida ao alcoolismo dos pais, à sua sífilis e à tuberculose, a que se junta a miséria. A maior parte das bronquites e pneumonias é devida a imprudências, consecutivas à ignorância materna e igualmente à miséria. As restantes principais causas da mortalidade e morbidade - as doenças infecciosas - são devidas, em grande parte, a essa mesma ignorância e miséria. Por isso é evidente que os dois factores - higiene e assistência - estão indissolúvelmente ligados na luta contra a mortalidade infantil. Essa mortalidade em Portugal é enorme, ocupando o nosso país, sob êsse ponto de vista, um lugar vergonhoso na lista dos países civilizados”¹²².

No termo da cidade, uma vez que os óbitos são bastante reduzidos, em face de uma população também reduzida, os pequenos valores na mortalidade provocam valores significativos em termos percentuais. Contudo, os períodos de maior mortalidade neste grupo infantil situam-se nos meses de Agosto e Setembro, enquanto que o número de óbitos mais elevado (4) expressa-se em crianças com a idade de 6 meses.

Nas freguesias da cidade de Évora, o ano de 1873 é em termos gerais marcado por uma sobremortalidade de maiores, com excepção dos meses de Junho a Agosto e Outubro, em que a mortalidade de menores é bastante superior à dos maiores, atingindo os valores mais elevados do ano. Quanto ao mês de Outubro, que apresenta uma mortalidade bastante elevada para ambos os grupos, o número de menores falecidos, embora próximo do valor registado pelos maiores, continua a ser superior.

Nas freguesias do termo da cidade de Évora, não se verificaram óbitos de menores nos meses de Janeiro e entre Março a Junho, o que nos sugere dois tipos de situações: subregistos ou uma morbidade que só se manifestou no segundo semestre deste ano face a este grupo. Contrariamente à situação ocorrida na cidade, não existe aqui uma grande diversidade de valores face à mortalidade de maiores e menores no segundo semestre de 1873. Os valores alternam-se mostrando a

variabilidade da mortalidade. Nos meses sem registo de óbitos de menores, mantêm-se os óbitos de maiores, embora o seu número não seja muito elevado. De referir ainda que nas freguesias rurais, o “pico” de mortalidade quer para os maiores quer para os menores, ocorreu durante o mês de Setembro. Esta situação é similar à dos anos anteriores considerados de crise, uma vez que a grande mortalidade atinge inicialmente a cidade e estende-se posteriormente até às zonas rurais.

GRÁFICO 49 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1873

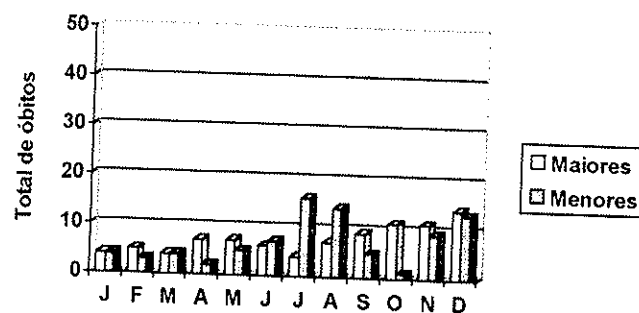
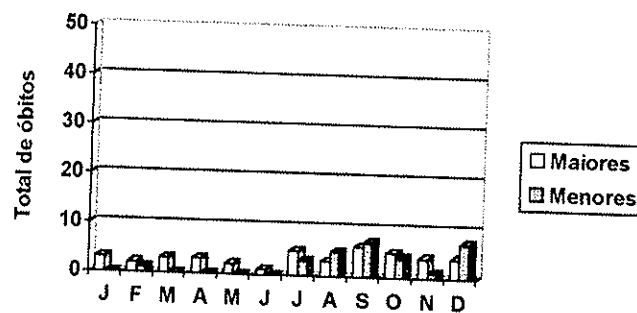


GRÁFICO 50 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1873



De acordo com os registos paroquiais consultados, o elevado número de óbitos registou-se sobretudo no segundo semestre de 1873. Tal como já constatámos em idênticas situações, o número de óbitos masculinos ocorridos no Hospital é sempre bastante superior ao número dos femininos, uma vez que este sexo evita expôr-se a assistência hospitalar, efectuada sobretudo por profissionais do sexo masculino. Quanto aos ofícios dos falecidos, foi possível encontrar alguns registos com a sua referência. Tratavam-se de trabalhadores, mendigos e criados de servir¹²³, ou seja, de indivíduos provenientes de grupos sociais mais desfavorecidos.

QUADRO 69 - ÓBITOS REGISTRADOS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA NO ANO DE 1873

MESES	H	M	Total
J	9	4	13
F	10	5	15
M	12	5	17
A	9	2	11
M	8	4	12
J	9	7	16
J	8	5	13
A	15	5	20
S	14	6	20
O	16	10	16
N	15	6	21
D	11	4	15
Total	136	63	199

Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia, Maço 352.

Do maço 354 do Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora, constam listas de óbitos, referenciados consoante as 4 secções do Hospital. Assim, o mesmo é composto por cirurgia masculina, medicina masculina, cirurgia feminina e medicina feminina.

As causas de morte são apenas referidas após o mês de Abril, uma vez que não foram registados óbitos no primeiro trimestre de 1873. Face aos dados disponíveis seleccionámos em cada uma das secções do Hospital as principais causas de morte:

QUADRO 70 - PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTE REGISTRADAS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA EM 1873

Cirurgia Masculina		Medicina Masculina		Medicina Feminina	
Causa de morte	Nº de óbitos	Causa de morte	Nº de óbitos	Causa de morte	Nº de óbitos
Gunorrhea	4	Doenças pulmonares	19	Doenças pulmonares	6
Variola	3	Variola	14	Variola	6
Cancros diversos	3	Moribundos	10	Diarrhea	4
Doenças pulmonares	2	Fibre tifóide	9	Moribundos	4
Bubão	2	Diarrhea	8	Fibre tifóide	2

Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia, Maço 352.

Embora o vocábulo “moribundo” não especifique propriamente uma causa de morte, este apontamento surge nos registos do Arquivo, demonstrando que era a gravidade da situação que levava os indivíduos a recorrerem aos serviços hospitalares. Por outro lado, a diarreia apontada como causa de morte¹²⁴ ilustra também a incapacidade de se diagnosticar a doença que lhe estava subjacente.

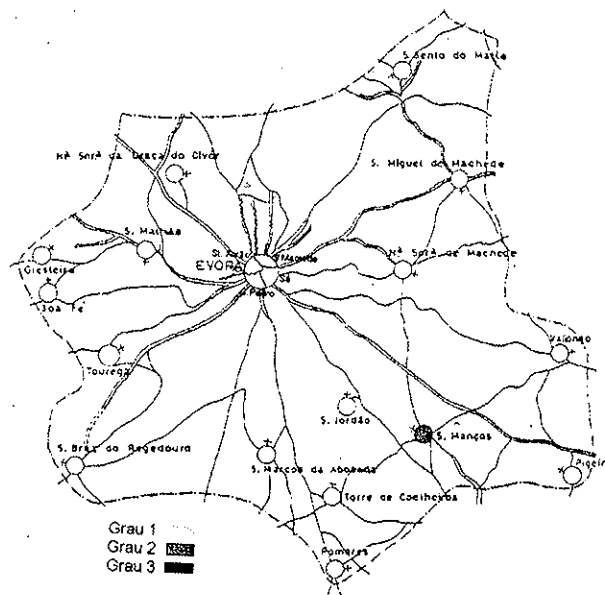
Na enfermaria de cirurgia feminina, todas as causas de morte são assinaladas apenas com um óbito, à exceção de dois casos de febre tifóide, daí não considerarmos pertinente a sua especificação. Assim, o reduzido número de mulheres falecidas no hospital não nos permite elaborar uma lista com as restantes causas de morte, uma vez que as mesmas não se repetem.

As doenças pulmonares e a varíola constituíam as principais causas de morte identificadas em 1873. Podemos contudo concluir, que para além da varíola e das doenças pulmonares, a febre tifóide constituía também uma das principais causas de morte neste ano de crise e terá sido ela que justifica a subida da mortalidade até níveis considerados de crise.

6.5. A crise de 1881

Nenhuma indicação específica nos ajuda a caracterizar este acréscimo da mortalidade que atingiu uma freguesia de Évora e quatro freguesias do seu termo. Sabemos apenas que se vivia uma desfavorável conjuntura agrícola¹²⁵, o que isoladamente não nos permite qualquer afirmação relativamente à zona em estudo. As freguesias afectadas constituem 25% do total do concelho mas apenas uma freguesia urbana - S.Mamede - regista uma mortalidade elevada. Quatro freguesias do termo apresentam também essa característica, embora todas elas se revistam da classificação de crises menores.

MAPA 12 - A INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS DO CONCELHO DE ÉVORA EM 1881



QUADRO 71 - INTENSIDADE DA CRISE DE 1881

FREGUESIAS Cidade	1881
S.Mamede	1
Termo	
N.ª Sr.ª da Graça do Divôr	1
S.Bento de Pomares	1
S.Manços	2
S.Vicente de Vallongo	1

A apreciação dos gráficos referentes à sazonalidade que nos fornecem uma visão de conjunto face aos anos envolventes, remete-nos para uma mortalidade

estivo-outonal, de Junho a Outubro. A crise na cidade centra-se no mês de Agosto, enquanto que nas freguesias do termo a maior morbilidade verifica-se no mês seguinte. Trata-se pois de um fenómeno sazonal que adquire maior significado em 1881 do que nos anos anterior e posterior.

GRÁFICO 51 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1881



GRÁFICO 52 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1881

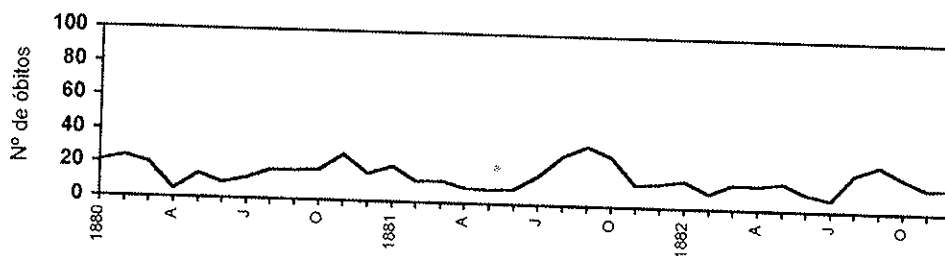


GRÁFICO 53 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE ÉVORA EM 1881

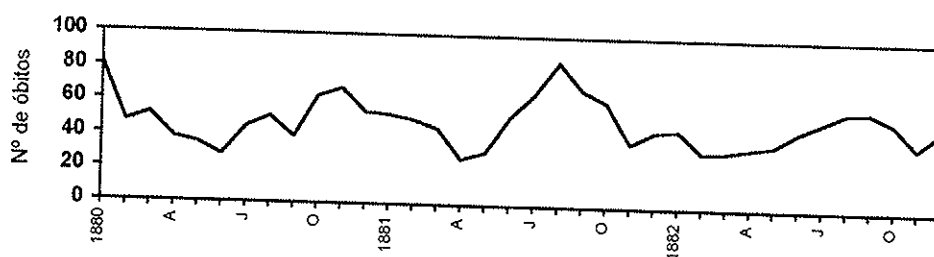


GRÁFICO 54 - A SAZONALIDADE DA MORTE NA FREGUESIA ATINGIDA NA CIDADE DE ÉVORA EM 1881

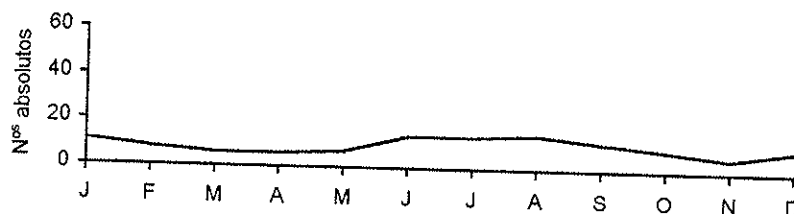
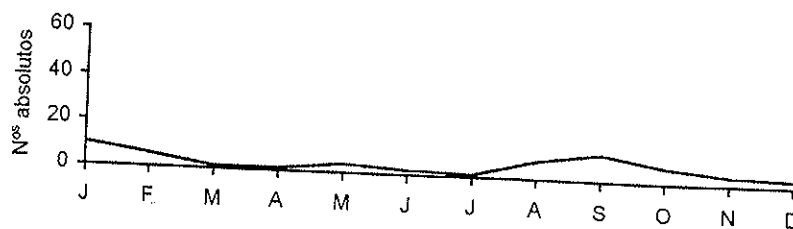


GRÁFICO 55 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1881



O gráfico referente à sazonalidade da morte na cidade (Gráfico 54), representa apenas a freguesia de S.Pedro que embora sendo a menos populosa é a que possui um maior número de habitantes por fogo. Esta situação de insalubridade e coabitação de vários seres no mesmo espaço propicia a deflagração de doenças e aquando da existência destas, o seu fácil contágio.

Para esta situação contribui a falta de dinheiro que faz com que nas cidades as pessoas se acolham em habitações insalubres. “Certas adaptações de dependências de prédios que nem para armazens serviam devido à humidade, falta de ventilação e de luz, são transformadas em casas de habitação (...)”¹²⁶. O mesmo autor refere que “os construtores de prédios constroem baiúcas em péssimas condições higiénicas e de segurança, verdadeiras fábricas de tuberculose”¹²⁷.

Não podemos ficar indiferentes à linha representativa dos óbitos em face dos meses que mais flagelaram a população desta freguesia, de Junho a Setembro, um ciclo que anualmente se repete, com maior ou menor intensidade.

As freguesias rurais atingidas (Gráfico 47) apresentam uma conjuntura favorável ao aumento da mortalidade a partir do mês de Agosto, com o seu auge em Setembro e um decréscimo a partir de Outubro.

De crucial importância é a elevada mortalidade ocorrida em Janeiro quer na cidade, quer no termo, e cujo decréscimo no mês seguinte indicia enfermidades relacionadas com os rigores climatéricos inverniais.

Neste ano de crise que afectou na cidade de Évora a freguesia de S.Pedro, os livros obituários paroquiais continham um total de 118 registos, o que é significativo se tivermos em consideração o total de habitantes desta freguesia uma vez que é a menos populosa da cidade. No censo de 1878, o ano mais próximo da data que estamos a considerar, possuía esta freguesia um total de 2385 habitantes. O Quadro 72 permite-nos verificar em termos absolutos os meses de maior morbidade - de

Junho a Setembro -, ao mesmo tempo que se pode constatar que, durante este período, a morte incidu sobretudo no sexo feminino.

As quatro freguesias rurais afectadas (N^a Sr^a da Graça do Divôr, S.Bento de Pomares, S.Manços e S.Vicente de Vallongo) possuíam à data do recenseamento mais próximo (1878), um total de 1965 habitantes, tendo sido registados neste ano 59 óbitos. Em termos comparativos, esta crise atingiu quase 50 indivíduos por cada mil habitantes de S.Pedro e 30 em cada mil habitantes das quatro freguesias rurais referenciadas.

Nas freguesias rurais os efectivos do sexo feminino foram os mais fustigados, sobretudo no mês em que a mortalidade atingiu o seu valor máximo. Assim, em Setembro, 75% dos óbitos registados são do sexo feminino e em termos globais, 1881 totaliza na cidade e nas zonas rurais um maior número de óbitos neste sexo.

QUADRO 72 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NA FREGUESIA ATINGIDA NA CIDADE DE ÉVORA EM 1881

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	6	5	11	54.5	45.5
F	3	5	8	37.5	62.5
M	2	4	6	33.3	66.7
A	4	2	6	66.7	33.3
M	6	1	7	85.7	14.3
J	6	8	14	42.9	57.1
J	5	9	14	35.7	64.3
A	6	9	15	40.0	60.0
S	4	8	12	33.3	66.7
O	3	6	9	33.3	66.7
N	3	3	6	50.0	50.0
D	3	7	10	30.0	70.0
TOTAL	51	67	118	43.2	56.8

QUADRO 73 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1881

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	5	5	10	50.0	50.0
F	3	3	6	50.0	50.0
M	1	0	1	100	0.0
A	1	0	1	100	0.0
M	2	2	4	50.0	50.0
J	1	0	2	100	0.0
J	0	1	1	0.0	100
A	4	4	8	50.0	50.0
S	3	9	12	25.0	75.0
O	2	5	7	28.6	71.4
N	4	0	4	100	0.0
D	2	1	3	66.7	33.3
TOTAL	29	30	59	49.2	50.8

QUADRO 74 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA
EM 1881

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	1	1	1	4	2	5	9	4	3	3		2	35	29.7
1-4	3		3	1	1	3	5	7	3	2	2		30	25.4
5-9	1	1				1							3	2.5
10-19	1								1			1	3	2.5
20-29	1	1	1	1		1		1	1				7	5.9
30-39		1			2				1			1	5	4.2
40-49	1					1			1	1		1	5	4.2
50-59		1				1		1	1	1	1		6	5.1
60-69			1					2	1	1	2	1	8	6.8
70 ou mais	3	3			1	2				1	1	4	15	12.7
desconhe.					1								1	1.7
TOTAL	11	8	6	6	7	14	14	15	12	9	6	10	118	

QUADRO 75 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO
TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1881

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	1	2			2			3	2	3	2	1	16	27.1
1-4	2	1			1			4	4	2		1	15	25.4
5-9				1				1			1		3	5.1
10-19	1												1	1.7
20-29	4								3				7	11.9
30-39	1							1			1		3	5.1
40-49						1				1			2	3.4
50-59		1			1								2	3.4
60-69	1	1				1							3	5.1
70 ou mais		1	1				1		2	1		1	7	11.9
desconhe.													0	0.0
TOTAL	10	6	1	1	4	2	1	8	12	7	4	3	59	

Ambos os meios em estudo - rural e urbano - são caracterizados pela elevada mortalidade que atingiu as crianças até aos 4 anos, mas com especial incidência nos menores de um. Em ambos os espaços o grupo referente a indivíduos com 70 ou mais anos tem também um valor significativo (cerca de 12%) o que nos remete para uma noção de longevidade nas populações da segunda metade de Oitocentos.

No meio rural o grupo 20-29 anos apresenta também um valor muito elevado no que respeita à mortalidade, talvez por ser um grupo ainda jovem e que portanto aproveitava as suas potencialidades no desempenho dos trabalhos agrícolas.

Uma vez que a mortalidade mais elevada atinge as crianças com menos de 1 ano de idade, a decomposição deste grupo por meses, permitir-nos-à tirar algumas ilações quanto ao tipo de mortalidade - endógena ou exógena - embora por vezes estes factores sejam dificilmente dissociáveis (Quadros 76 e 77).

Na freguesia urbana de S. Pedro o mês que atingiu com maior intensidade os menores de 1 ano foi o de Julho, que por sua vez coincide com o aumento das

temperaturas. Embora se verifiquem grandes discrepâncias nos valores totais mensais de óbitos (uma vez que o seu número é reduzido), há a considerar as crianças de 8 meses, cuja mortalidade atingiu um quinto do total de óbitos desse grupo.

QUADRO 76 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NA FREGUESIA ATINGIDA NA CIDADE DE ÉVORA EM 1881

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias													0	0.0
7-27 dias			1		1	1							3	8.6
≥ 1 Mês		1			1	1							3	8.6
≥ 2 Meses							1	1	1				3	8.6
≥ 3 Meses				1					1				3	8.6
≥ 4 Meses						1	1	1				2	4	11.4
≥ 5 Meses								1					3	8.6
≥ 6 Meses				1			1						1	2.9
≥ 7 Meses						1	1			1			3	8.6
≥ 8 Meses	1			1		1	3			1			2	5.7
≥ 9 Meses								1		1			7	20.0
≥ 10 Meses							2		1				2	5.7
≥ 11 Meses				1					1				3	8.6
<1 Ano	1	1	1	4	2	5	9	4	3	3	0	2	35	

QUADRO 77 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1881

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias	1				1								2	12.5
7-27 dias		1											2	12.5
≥ 1 Mês		1									1		2	12.5
≥ 2 Meses													1	6.3
≥ 3 Meses								1	2	1			0	0.0
≥ 4 Meses					1								4	25.0
≥ 5 Meses													1	6.3
≥ 6 Meses													0	0.0
≥ 7 Meses								1					1	6.3
≥ 8 Meses											1		1	6.3
≥ 9 Meses										1			0	0.0
≥ 10 Meses										1		1	2	12.5
≥ 11 Meses													0	0.0
<1 Ano	1	2	0	0	2	0	0	3	2	3	2	1	16	

No que se refere ao meio rural (Quadro 77), o reduzido número de efectivos em estudo provoca alterações significativas em termos percentuais. Contudo, em Agosto e Outubro, verificou-se o maior número de óbitos; 3 em cada um dos meses. As mais vitimadas foram as crianças com 3 meses. Quanto aos dois primeiros grupos, trata-se possivelmente de uma mortalidade devida a factores congénitos ou a deficiências em termos de assistência pós-natal.

“Recordemos que a maior causa da mortalidade infantil são as enterites, consecutivas à ignorância das mães principalmente, mas muitas delas a miséria, que,

não as deixando alimentar convenientemente, lhes faz secar o leite nos seios e as obriga a criar os filhos com leite de animal, tanta vez impróprio e bem mais fácil de alterar-se que o que a mãe guarda nos seus peitos, e além disso com muitas qualidades perdidas pela inevitável fervura.

Recordemos que a seguir às enterites é a debilidade congénita que mata mais crianças e esta é devida principalmente ao alcoolismo, sífilis, tuberculose ou deficiente alimentação do pai e da mãe.

Recordemos que uma terceira causa vem a seguir nas estatísticas para explicar a mortalidade infantil, a bronco-pneumonia, tanta vez devida a insuficiência de agasalhos e à necessidade de as mães levarem os filhos consigo quando vão trabalhar, expondo-os por conseguinte assim a tôdas as intempéries.

Uma das principais causas de mortalidade infantil é a falta não só de educação como de orientação dos pais¹²⁸.

GRÁFICO 56 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NA FREGUESIA ATINGIDA NA CIDADE DE ÉVORA EM 1881

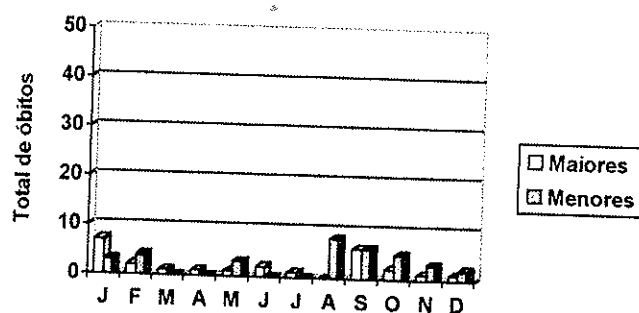
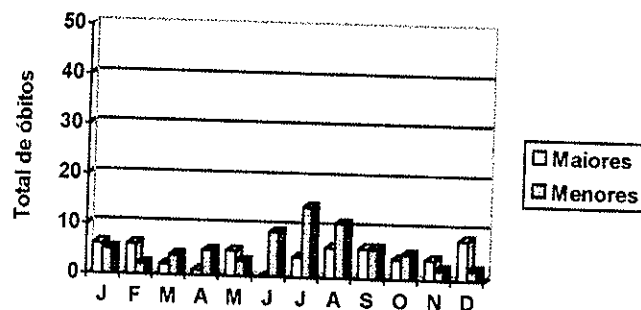


GRÁFICO 57 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1881



Nos gráficos sazonais que contemplam a distinção entre maiores e menores as barras representativas de cada um destes grupos alternam-se na cidade (Gráfico 56) até ao mês de Maio. A partir deste mês e até Agosto verifica-se uma grande sobremortalidade de menores de 7 anos, a qual decresce até final do ano, sendo nos dois últimos meses superada pela mortalidade de maiores. Tal como já constatámos, o percurso de mortalidade dos menores atinge o seu auge no mês de Julho. Nas freguesias do termo da cidade (Gráfico 57), as barras de maiores e menores oscilam alternadamente até ao mês de Julho. Agosto é o mês em que a mortalidade dos menores supera a dos maiores, mantendo-se esta tendência até final de 1881.

Para este ano foram encontrados no Arquivo da Santa Casa da Misericórdia, mapas mensais alusivos aos óbitos registados no Hospital do Espírito Santo de Évora. Considerámos pertinente agrupar nas doenças pulmonares todas aquelas que eram referenciadas como : Pleuropneumonia, tuberculose e peripneumonia.

Relativamente a este ano, seleccionámos as causas de morte mais frequentes e efectuámos a sua percentagem face ao total de número de óbitos ocorridos no Hospital do Espírito Santo de Évora.

QUADRO 78 - ÓBITOS REGISTADOS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO EM 1881

Causa de morte	Nº de Casos	%
Doenças pulmonares	30	15.7
Febre tifóide	17	8.9
Diarreia	13	6.8
Variola	12	6.3
Anasarca	10	5.2
Gastro enterite	9	4.7
Lesão do coração	8	4.2
Hemorragia cerebral	6	3.1
Erysipela	5	2.6
Cancro	3	1.6
Outras causas	78	40.9
Total	191	100

Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora, Maço 356.

Efectivamente, as doenças pulmonares, apesar dos surtos epidémicos que ciclicamente atingem as populações, continuam a liderar as causas de morte diagnosticadas. A este propósito escreve Fernando Correia: “A tuberculose é a mais grave das doenças sociais. É a doença que em Portugal, como em todo o mundo, mata mais gente, mais do que as guerras e as epidemias juntas. E entretanto tóda a gente teme uma guerra, tóda a gente receia uma revolução, tóda a gente se aterra

com a idea duma epidemia de peste, de cólera, de febre amarela, de tifo exantemático e a quasi totalidade da gente não só não evita o contágio da tuberculose, como dia a dia, instante a instante, colabora na preparação do terreno em que a tuberculose se instala irremediavelmente (...)¹²⁹.

Dos doentes falecidos neste Hospital 58 eram do sexo feminino e 133 do sexo masculino, o que representa respectivamente 30,4% e 69,6%.

Quanto à vacinação, a mesma havia sido aplicada em 69 indivíduos, o que representa apenas 36,1% do total dos falecidos.

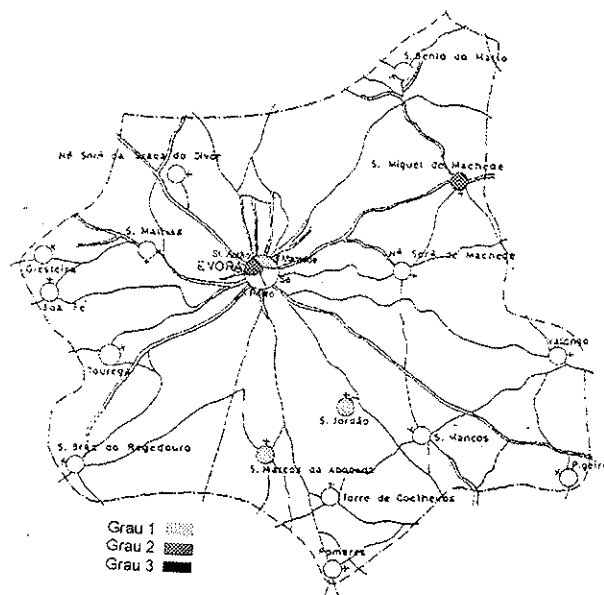
QUADRO 79 - SAZONALIDADE DAS MORTES NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO EM 1881

Meses	Nº de óbitos
J	19
F	19
M	15
A	12
M	14
J	15
J	12
A	21
S	15
O	23
N	21
D	16

Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora, Maço 356.

De acordo com o Quadro 79 os meses em que se registaram mais óbitos foram os de Agosto, Outubro e Novembro, que correspondem respectivamente a um aumento das temperaturas climatéricas e ao início das sementeiras, factos que poderão, pelo menos indirectamente, explicar em parte a subida do número de óbitos em algumas partes do concelho de Évora, embora não de forma muito acentuada.

MAPA 14 - A INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS DO CONCELHO DE ÉVORA EM 1884



QUADRO 79- INTENSIDADE DA CRISE DE 1883-84

FREGUESIAS	1883	1884
Cidade		
Sto Antão		2
S.Mamede		1
Termo		
S.Jordão		1
S.Manços	2	
S.Marcos da Abóbada	1	1
S.Mathias	1	
S.Miguel de Machede	1	2
S.Vicente de Vallongo	1	
S.Vicente do Pigeiro	2	

Este período é também marcado pelo declínio da maioria dos preços de produção, sobretudo a nível regional, o que não beneficia os alentejanos face a outras zonas do país. A este propósito são publicados no jornal "Progresso do Alentejo"¹³¹ preços de géneros alimentares comprovando esta situação, sobretudo ao nível de produtos como o vinho e o azeite.

"Preço do azeite

Por 10 litros

De Castello Branco e Abrantes 1600 a 1650

Do Alentejo 1550 a 1600

Vê-se que d'estes artigos os mais mal reputados são os do Alentejo."¹³²

A recessão nacional é bem visível em termos de produção interna, a qual não é suficiente para abastecer as populações. “De janeiro a agosto ultimo a importação para consumo em Portugal foi de 23.247:527\$000 Réis e a exportação de 15.660:964\$000 Réis (...)”¹³³

A nível de causas de morte, assiste-se neste período a um surto de variola. “N’algumas freguezias do coucelho d’Évora tem recentemente apparecido casos de variola. Pedimos aos paes de familia que não desprezem a vaccinação, unico preservativo efficaz contra tão horrivel enfermidade (...)”¹³⁴

Por outro lado, assiste-se ao alastramento, fora das fronteiras de um novo surto de cólera. O jornal eborense “Progresso do Alemtejo” descreve pormenorizadamente as diferentes incursões desta epidemia no nosso País, assim como é expressa a preocupação face ao seu retorno.

“O cholera

esta epidemia, limitada desde tempo immemoriaes ás regiões tropicaes da Asia, transpoz pela primeira vez no seculo actual estes limites, fazendo as suas migrações mais ou menos demoradas e distanciadas.

A 1ª migração do cholera começou no anno de 1817 e findou no de 1837. Foi em 1833 que appareceu em Portugal, invadindo a cidade do Porto, propagando-se pelo paiz, e penetrando em Hespanha.

A 2ª migração comprehende os annos de 1841 a 1856. Em 1855 invadiu Portugal, entrando pelo districto da Guarda e propagando-se pelos de Villa Real, Bragança, Vizeu, Porto, Aveiro e Coimbra. Appareceu tambem nos districtos de Faro e Portalegre. Em 1856 penetrou nos de Santarem, Leiria e Lisboa, e tocou de leve nos de Beja, de Castello Branco e Evora.

A 3ª migração estendeu-se do anno de 1865 a 1874. Invadiu Portugal em 1865, vindo de Marselha e de Toulon para Espanha e d’aqui para Elvas e Freixo de Espada á Cinta, com pequena intensidade.

A 4ª migração, a actual, começou em 1881, recrudescendo nos seus focos habituais.

Em 1882 assaltou as ilhas Phillipinas com enorme intensidade.

Em 1883 entrou na Persia e penetrou no Egypto, onde permaneceu de junho até fins de agosto.

Em 1884 apparece na Europa.

“... a duração de cada migração tem sido cada vez successivamente menor; isto é, a marcha da enfermidade tem sido mais rapida nas ultimas migrações. Este facto tem sido expresso do seguinte modo: a rapidez da propagação é directamente proporcional á facilidade das vias de comunicação.”¹³⁵

Assiste-se ao desencadear do pânico nas populações e à busca de métodos para se evitar a entrada desta epidemia em Portugal. “Em quanto se discute se é o *cholera asiatico* ou epidemico, se o *esporadico* ou o cholera nostras o flagello que está fazendo victimas em França, é certo que elle prosegue na sua marcha assoladora; já passou de Toulon para Marselha, e torna-se indispensavel precavermo-nos contra a invasão do mal.

Nenhuma necessidade ha de espalhar o terror e o susto, nem ha felizmente, por emquanto, razão alguma para sustos nem terrores entre nós; mas é impreterivel a adopção de todas as medidas preventivas, attenta simplesmente a possibilidade de que o contagio tenda a espalhar-se pela Europa.

Dos pontos onde grassa o flagello emigram centenaes de pessoas, e importa que as nossas auctoridades tomem as precauções devidas para que os regulamentos sanitarios sejam observados com o maximo rigor, a fim de que nos não traga o flagello alguns d’esses emigrados que porventura busquem o nosso paiz.

No tocante á entrada de mercadorias provenientes de portos suspeitos, torna-se de absoluta necessidade a maior vigilancia e todo o escrupulo nas beneficiações.

Reclamemos que se ponham em pratica todas as medidas de policia sanitaria e se promova a execução de todos os preceitos hygienicos contra a invasão e generalisação da peste.

São precisas as visitas domiciliarias. N’esta cidade, que não é convenientemente canalizada, onde não ha canos de esgoto em boas condições na maior parte dos domicilios, encontram-se em muitas habitações depositos de materias fecaes de longa data agglomeradas, onde é de força a applicação immediata de desinfectantes. Urge forçar os desleixados a collocarem em condições hygienicas as casas que habitam, fornecendo para isso aos pobres os meios que lhes faltam.

Acham-se n’esta cidade em estado de desasseio muitas ruas, para onde são lançados todos os despejos, e onde são indispensaveis lavagens repetidas.

E não ha tempo a perder.”¹³⁶

“Existem por essa cidade muitos focos d’infecção nos tanques dos jardins, quintaes, pateos, pla agua estagnada e exposta aos ardores do sol por muitos dias, onde se banham aves e outros animaes, onde se lavam roupas e até onde se juntam detritos animaes (...)”¹³⁷

A situação é preocupante a nível nacional, sendo tomadas posições no sentido de debelar este flagelo, designadamente pelo governador civil do Porto e pelas autoridades eclesiásticas, como atestam as seguintes notícias:

“O Sr.governador civil do Porto mandou distribuir porções de sulphato de ferro por pessoas pobres d’aquella cidade, a fim de desinfectarem as suas habitações.”¹³⁸

“Consta-nos que, de prevenção contra a invasão do cholera morbus o Sr.governador d’este arcebispado [Évora], a exemplo do que fez o Sr.arcebispo de Braga, officiará a todos os reverendos parochos da archioese para que, á estação da Missa conventual, informem os seus parochianos, de um certo numero de preceitos hygienicos que convem adoptar.”¹³⁹

As iniciativas individuais sugerem vários tipos de medidas com vista a debelar esta epidemia:

“Lembramos ao governo e aos seus delegados a conveniencia de serem supprimidas durante a estação calmosa d’este anno, e n’esta provincia, as feiras e festas d’arraial. (...) acima de tudo agora está a saude publica (...)”¹⁴⁰

“Pedimos à commissão sanitaria que faça acabar com a agglomeração de mendigos ás portas de certas casas abastadas para receberem esmolos.

Sempre achámos improprio (...) mas agora achamol-a tambem perigosa, quando estamos ameaçados da terrivel invasão do cholera morbus.

Todas as cautellas são poucas (...). Conviria mesmo pensar no meio porque será possivel obrigar esses mendigos a um asseio relativo, ao menos proporcionando-lhes e tornando-lhes obrigatorias as lavagens corporaes.”¹⁴¹

Sucede-se a publicação de algumas receitas susceptíveis de debelar a cólera. Considerámos oportuno citá-las devido ao interesse histórico de que se revestem.

“Preservativo contra a cholera

O Sr.Belot, um medico francez (...) aconselha - seis gottas de tintura de Veratrum album, em 4 colheres d’agua - para tomar a todas as refeições uma colher

d'este preparado. Afiança o Sr. Belot que quem fizer uso da tintura de Veratrum, está livre do contágio da terrível molestia.”¹⁴²

“Elixir anti-cholérico

Cardo santo ã ã 12 grammas

Raiz de angelica

Losna..... ã ã 8 grammas

Calamo aromático..

Canella.....

Macella.....

Aloes seccotorino.... ã ã 7 grammas

Camphora.....

Myrrha 4 grammas

Nos moscada 6 decigrammas

Açafrão 15 centigrammas

Aguardente de 18°C .. 8

Macere por 10 dias, vascolejando repetidas vezes, decante e mande.

O modo de applicações d'este elixir varia conforme a gravidade dos symptomas. Se o caso é simples, isto é, se a molestia esta annunciada apenas por dyarrhêa branda, alguns vomitos, ligeiras caimbras, leve arrefecimento das extremidades, deve o doente recolher-se logo á cama, agasalhar-se, mandar friccionar braços e pernas, e beber, de meia em meia hora, 6 grammas d'aquelle elixir, n'uma chavena de chá de tilia. (...)”¹⁴³

Em termos de sazonalidade e no gráfico referente à cidade de Évora (Gráfico 58), verifica-se um aumento da mortalidade a partir do mês de Junho de 1883, atingindo o seu auge no mês de Agosto, após o que decresce. A mesma situação é visível em 1884, embora os valores sejam mais elevados e se mantenham até final desse ano. Em termos globais, a cidade foi bastante fustigada pela mortalidade a partir do primeiro quadrimestre de 1884, o que nos remete para uma crise de mortalidade que durou cerca de oito meses. Observando a linha evolutiva podemos

constatar que o ano de 1883 indiciava desde Junho um aumento na mortalidade, que culminou em 1884.

GRÁFICO 58 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1883-84

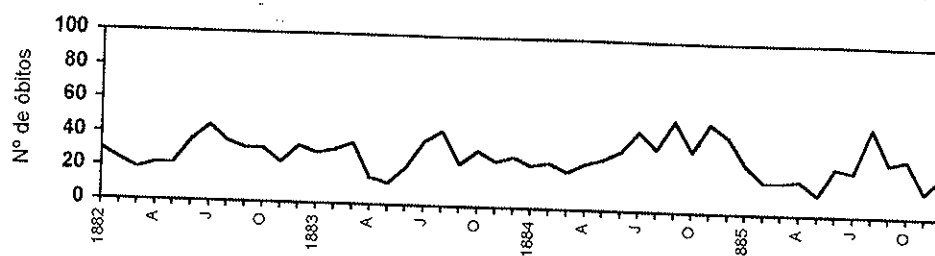


GRÁFICO 59 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1883-84

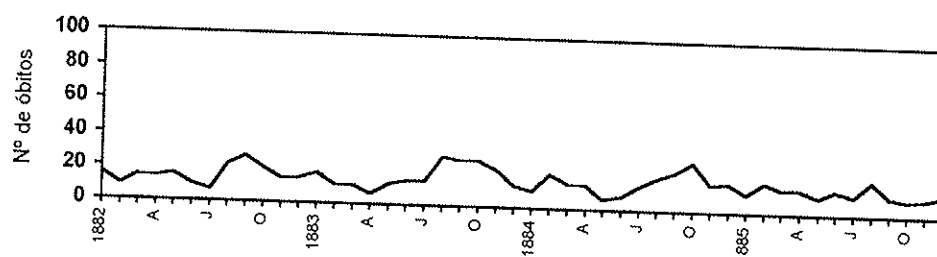
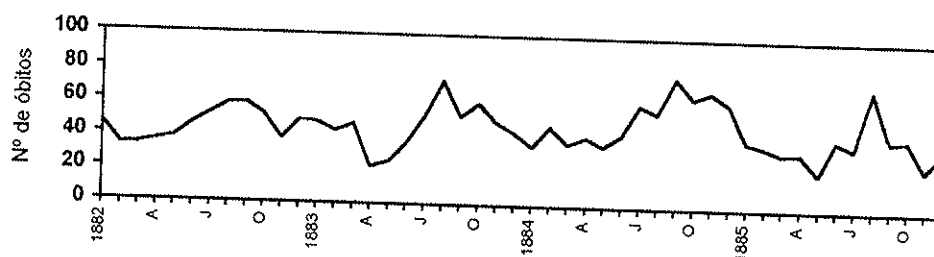


GRÁFICO 60 - A SOBREMORTALIDADE NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1883-84



O termo da cidade (Gráfico 59) foi fustigado por crises com menor duração: em 1883 observam-se elevados valores na mortalidade a partir do mês de Agosto, mas os mesmos decrescem já no mês de Dezembro. Em 1884, verificou-se um sobressalto no mês de Fevereiro, mas só em Agosto, Setembro e Outubro a mortalidade atinge valores elevados embora decresçam de imediato. Parece-nos pois uma alteração normal dos valores sazonais típicos dos meses outono-estivais.

Contudo, a linha evolutiva do concelho (Gráfico 60), configura-nos os anos de 1883 e 1884 com picos extremamente significativos e mesmo prolongados neste último face aos anos envolventes.

Considerando apenas as freguesias atingidas podemos observar com maior precisão a forma como cada espaço físico foi atingido. As freguesias do termo (Gráfico 61) que em 1883 apresentavam uma mortalidade baixa até Julho, têm os seus valores significativamente aumentados a partir de então com um pico em Agosto, um ligeiro declíneo em Setembro, seguido de nova subida pouco significativa em Outubro (o que coincide com os trabalhos de sementeiras), após o que decresce definitivamente.

GRÁFICO 61 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1883

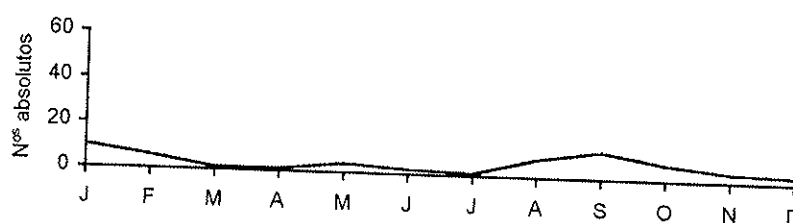


GRÁFICO 62 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1884

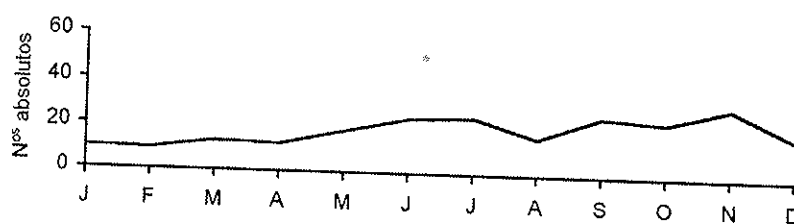
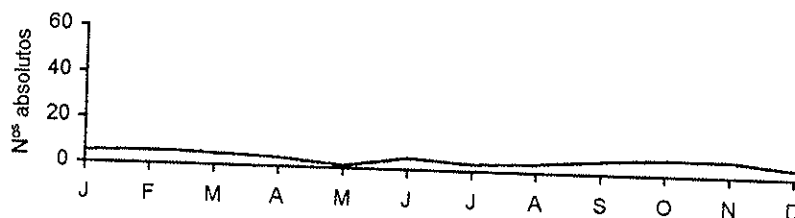


GRÁFICO 63 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1884



Em 1884, o termo, embora apresente algumas flutuações ao longo de todo o ano (Gráfico 63), não atinge os valores verificados no ano anterior. Contudo, uma notícia publicada num periódico eborense fornece-nos a explicação para a subida observada em Julho de 1884 embora não especifique com clareza qual a moléstia a que se refere: “Consta-nos que na aldeia de S.Manços, d’este concelho, existe mais d’um foco d’infecção, que já hoje são causa de doenças endemias n’aquella aldeia, e que poderão ser perniciosissimas (...)”¹⁴⁴

As freguesias da cidade fustigadas em 1884 (Gráfico 62), apresentam os seus valores mais elevados nos meses de Junho e Julho, Setembro e Novembro. Contudo, nestes intervalos, embora a mortalidade decresça, apresenta níveis mais elevados do que nos meses considerados “normais”.

QUADRO 81- A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1883

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	5	4	9	55.6	44.4
F	4	3	7	57.1	42.9
M	2	5	7	28.6	71.4
A	2	1	3	66.7	33.3
M	3	2	5	60.0	40.0
J	1	2	3	33.3	66.7
J	4	3	7	57.1	42.9
A	13	5	18	72.2	27.8
S	10	4	14	71.4	28.6
O	8	8	16	50.0	50.0
N	7	4	11	63.6	36.4
D	5	4	9	55.6	44.4
TOTAL	64	45	109	58.7	41.3

QUADRO 82 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1884

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	8	2	10	80.0	20.0
F	2	7	9	22.2	77.8
M	8	5	13	61.5	38.5
A	3	9	12	25.0	75.0
M	6	12	18	33.3	66.7
J	16	8	24	66.7	33.3
J	15	10	25	60.0	40.0
A	4	12	16	25.0	75.0
S	15	11	26	57.7	42.3
O	10	14	24	41.7	58.3
N	17	14	31	54.8	45.2
D	8	10	18	44.4	55.6
TOTAL	112	114	226	49.6	50.4

QUADRO 83 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1884

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	2	3	5	40.0	60.0
F	4	2	6	66.7	80.0
M	1	4	5	20.0	25.0
A	3	1	4	75.0	100
M	0	1	1	0.0	100.0
J	2	3	5	40.0	60.0
J	2	1	3	50.0	50.0
A	2	2	4	50.0	50.0
S	4	2	6	66.7	33.3
O	3	4	7	42.9	57.1
N	4	3	7	57.1	42.9
D	2	2	4	50.0	50.0
TOTAL	31	26	57	54.4	45.6

Nestes dois anos de crise foram registados nos Livros Paroquiais (nas freguesias em crise), um total de 392 óbitos; 226 na cidade de Évora e 166 nas freguesias do termo.

QUADRO 84 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1883

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	1		1	2	3	2	2	8	5	1	2	2	29	26.6
1-4	2	1					4	4	5	8	5	2	31	28.4
5-9			1			1	1	1	1			2	7	6.4
10-19	1	2	1									1	5	4.6
20-29		1	1							1	1	1	5	4.6
30-39	1			1				1		1		1	5	4.6
40-49	1	1	1					1					4	3.7
50-59		1			1			1		2			5	4.6
60-69	2	1	1					1	1	1	1		8	7.3
70 ou mais desconhe.	1		1		1			1	1	2	2		9	8.3
TOTAL	9	7	7	3	5	3	7	18	14	16	11	9	109	

QUADRO 85 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1884

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	3	2	2	2	4	8	11	2	3	7	4	6	54	23.9
1-4	3	4	4	5	4	7	7	1	9	6	8	3	61	27.0
5-9				1	1	2	1*	3	2	2	3	1	16	7.1
10-19					1			2	2	1		2	8	3.5
20-29	1	1	1		3				2				8	3.5
30-39					1		2		2	2	2		9	4.0
40-49	1			1		1		1		4	3		11	4.9
50-59			1		1	2	2	1	2		5	1	15	6.6
60-69	1		1	1	2	1	1	3	2	1	2		15	6.6
70 ou mais desconhe.	1	2	4	2	1	3	1	3	2	1	4	5	29	12.8
TOTAL	10	9	13	12	18	24	25	16	26	24	31	18	226	

QUADRO 86 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1884

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	2	1		2			1		1	4	2	1	14	25.0
1-4		1	1		1	2		1			1		7	12.5
5-9							1	1	2		1		5	8.9
10-19			1						1				2	3.6
20-29	1	1		1		1			1				5	8.9
30-39			1			1			1		1		4	7.1
40-49			1			1		1					3	5.4
50-59							1			1	1	1	4	7.1
60-69		1		1				1					3	5.4
70 ou mais desconhe.	1	2	1							1	1	2	8	14.3
TOTAL	5	6	5	4	1	5	3	4	6	7	7	4	57	

Nas freguesias do termo (Quadro 81) o ano de 1883, vitimou mais homens do que mulheres, respectivamente 64 e 45 indivíduos. Nos meses mais mortíferos - Agosto e Setembro - é bastante significativa esta diferença entre ambos os sexos; 23 óbitos masculinos e apenas 9 óbitos femininos. Estas freguesias em 1884 manifestam a mesma tendência face à sobremortalidade masculina, embora a mesma já não se apresente de forma tão evidente.

Quanto à cidade de Évora, a morte fustigou em termos totais de forma bastante idêntica ambos os sexos. Contudo, o mês de Agosto, em que se verificou um decréscimo nos valores obituários, flagelou sobretudo o feminino; com 12 óbitos, enquanto que no sexo oposto apenas ocorreram 4. Se tivermos em consideração os meses em que foram registados mais de 20 óbitos - Junho, Julho, Setembro, Outubro e Novembro, apenas em Outubro o número de mortes femininas excedeu as masculinas. Isto significa que em ambos os espaços, nos meses de maior mortalidade os homens apresentam-se mais indefesos perante a morte.

Em 1883 a maior mortalidade afectou muitas crianças até aos 4 anos de idade, totalizando estas 55,0% do total dos óbitos registados nas freguesias do termo da cidade de Évora ocorrendo sobretudo entre os meses de Agosto a Novembro. Trata-se de uma mortalidade tipicamente estivo-outonal. Contudo, é difícil dissociar as doenças típicas desta época e destes grupos de idades, de outros factores relacionados com as deficiências ao nível da higiene. "De higiene rural nem é bom falar! O povo das aldeias, sem noções higienicas de espécie alguma, vive no meio de estrumeiras, pocilgas e tôda a sorte de imundícies, bebendo águas de poços contaminados ou de fontes públicas conspurcadas, abandonando nos campos animais mortos de carbúnculos ou aproveitando-lhes as peles imprudentemente (...)"¹⁴⁵ Os outros grupos que apresentam uma mortalidade elevada são os dos indivíduos entre 60-69 anos e de 70 ou mais anos.

Em 1884 as crianças até aos 4 anos continuam a ser as mais afectadas. Contudo, na cidade, o grupo etário 1-4 anos é mais atingido do que o com menos de um ano. Situação inversa ocorre nas freguesias do termo, em que a mortalidade incide sobremaneira nas crianças com menos de um ano de vida. Quanto ao grupo etário dos indivíduos com 70 ou mais anos, o seu número é bastante superior ao verificado no ano anterior.

QUADRO 87 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1883

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias				1	1				1		1	1	5	17.2
7-27 dias	2				1	1		1	2		1		8	27.6
≥ 1 Mês						1			1			1	3	10.3
≥ 2 Meses			1					3					4	13.8
≥ 3 Meses													0	0.0
≥ 4 Meses					1		1		1				3	10.3
≥ 5 Meses								2					2	6.9
≥ 6 Meses				1									1	3.4
≥ 7 Meses													0	0.0
≥ 8 Meses													0	0.0
≥ 9 Meses								1					1	3.4
≥ 10 Meses										1			1	3.4
≥ 11 Meses								1					1	3.4
<1 Ano	2	0	1	2	3	2	1	8	5	1	2	2	29	

QUADRO 88 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1884

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias						1	1		1			2	5	9.3
7-27 dias	2		1		1	1							5	9.3
≥ 1 Mês	1		1	1	1	1		1		1	1		8	14.8
≥ 2 Meses		1			1	1	2			1			6	11.1
≥ 3 Meses		1				1	2		1			1	6	11.1
≥ 4 Meses						1	3			1	1	1	7	13.0
≥ 5 Meses							2		1	1			4	7.4
≥ 6 Meses												1	1	1.9
≥ 7 Meses										1			1	1.9
≥ 8 Meses				1						1	1	1	4	7.4
≥ 9 Meses								1		1	1		3	5.6
≥ 10 Meses					1	2	1						4	7.4
≥ 11 Meses													0	0.0
<1 Ano	3	2	2	2	4	8	11	2	3	7	4	6	54	

QUADRO 89 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1884

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias							1					1	2	14.3
7-27 dias	1			1					1	2			5	35.7
≥ 1 Mês	1	1		1							1		4	28.6
≥ 2 Meses													0	0.0
≥ 3 Meses													0	0.0
≥ 4 Meses													0	0.0
≥ 5 Meses										2			2	14.6
≥ 6 Meses													0	0.0
≥ 7 Meses													0	0.0
≥ 8 Meses											1		1	7.1
≥ 9 Meses													0	0.0
≥ 10 Meses													0	0.0
≥ 11 Meses													0	0.0
<1 Ano	2	1	0	2	0	0	1	0	1	4	2	1	14	

A mortalidade infantil ocorre sobretudo durante o primeiro mês de vida nas freguesias rurais em ambos os anos em estudo, enquanto que na cidade é a partir desta idade e até aos quatro meses de vida que se verificou o maior número de óbitos, consequência das péssimas condições em que procurava sobreviver a maior parte da população residente nas cidades.

Não podemos porém, deixar de considerar o surto de varíola, bem como a má qualidade dos produtos ingeridos pelas crianças. A propósito da qualidade do leite, seu principal alimento, refere Fernando Correia: “A fiscalização de leites, de tal importância, pelo facto do leite ser o alimento das crianças e dos doentes, é em geral descurada pelas câmaras”¹⁴⁶. O mesmo médico refere ainda¹⁴⁷ que os leiteiros deitam água ou outras misturas no leite e que a falsificação de outros géneros alimentícios é frequente. O leite de burras era também outra bebida generalizada devido ao baixo preço a que era vendido, o que o tornava acessível aos menos abastados. A venda do mesmo é anunciada no jornal Folha d’Evora: “Leite de Burras

Muito novo, de 3 mezes. (...)”¹⁴⁸

Por outro lado a ignorância dos progenitores provocava a morte dos recém-nascidos, uma vez que a sua alimentação igualava a dos adultos (a qual já por si também era deficiente). “... as empregadas da Creche encarregadas (...) de vigiar as fezes das crianças, vão encontrar em algumas, de bebés de poucos meses, vestígios de café, hortaliças e até caroços de fruta!”¹⁴⁹

GRÁFICO 64 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1883

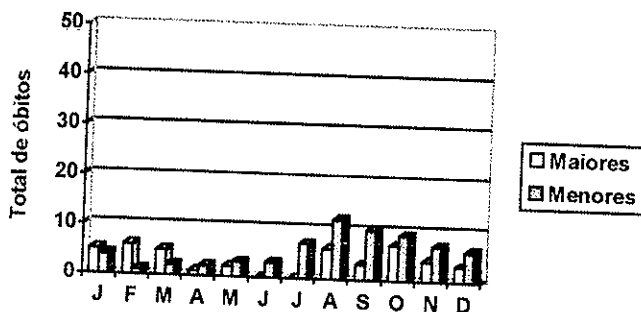


GRÁFICO 65 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1884

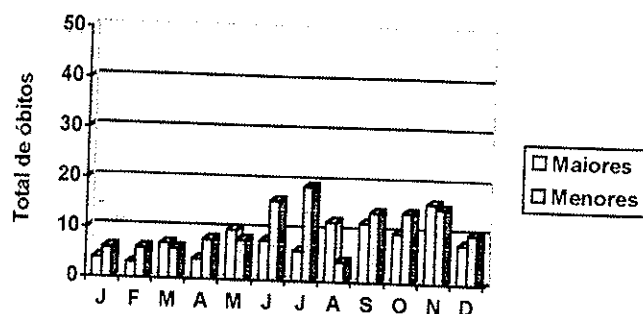
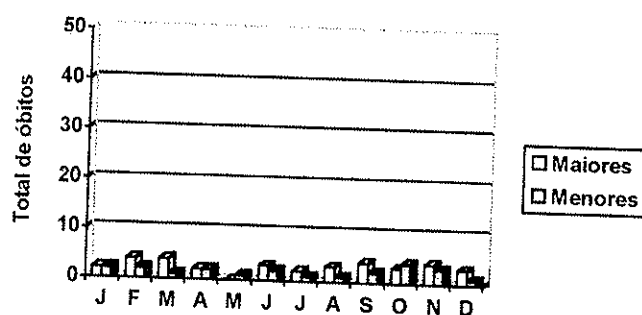


GRÁFICO 66 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1884



O ano de 1883 é já marcado pela maior sobremortalidade dos menores face aos maiores a partir do mês de Abril e atingindo valores significativos em Agosto e até final do ano, demarcando-se assim da linha dos maiores. Estes, só nos três primeiros meses deste ano superam a mortalidade dos menores.

A sobremortalidade dos maiores verifica-se em Fevereiro e Março no ano seguinte nas freguesias atingidas do termo, bem como no Verão e em Novembro e Dezembro. Quanto à cidade, a mortalidade de maiores e menores é praticamente idêntica durante os primeiros cinco meses de 1884. Contudo, Junho e Julho são marcados pela sobremortalidade dos últimos. O mês de Agosto, tal como se verificou nas freguesias do termo é caracterizado pela sobremortalidade de maiores.

Em linhas gerais podemos concluir que a mortalidade de menores, salvo alguns meses excepcionais, é superior à dos indivíduos maiores¹⁵⁰.

Relativamente a estes anos, foram também encontrados no Arquivo da Santa Casa da Misericórdia mapas mensais alusivos aos óbitos registados no Hospital do Espírito Santo de Évora. Para cada um deles procedemos à selecção das dez principais causas de morte e respectiva percentagem face ao total de número de óbitos ocorridos neste estabelecimento hospitalar.

No agrupamento das moléstias, utilizámos procedimento idêntico ao da crise anterior, uma vez que considerámos doenças pulmonares todas aquelas que apareciam referenciadas como “Tuberculose”, “Pneumonia” (typhosa ou dupla) “Thisica pulmonar” e “Congestão pulmonar”. Agrupámos também as doenças que considerámos como sendo do foro psicológico e que aparecem mencionadas como “idiotismo”, “alienação mental” ou “loucura furiosa”. Não incluímos neste grupo de causas de morte o “amollecimento cerebral”, uma vez que esta designação nos deixa dúvidas quanto às características específicas da doença. Por sua vez, agrupámos nas lesões cardíacas todas as doenças assim referenciadas, bem como as denominadas “Aperto Mitral”, Lesão Mitral” e “Hypertrofia do coração”.

QUADRO 90 - ÓBITOS REGISTADOS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA EM 1883 E 1884

1883			1884		
Causa de morte	Nº de Casos	%	Causa de morte	Nº de Casos	%
Doenças pulmonares	45	22.1	Doenças pulmonares	48	21.7
Congestão cerebral	28	13.7	Variola	25	11.3
Gastro-enterite	20	9.8	Congestão cerebral	21	9.5
Lesão cardíaca	20	9.8	Lesão cardíaca	14	6.4
Febre typhoide	7	3.4	Febre typhoide	11	5.0
Doenças de foro psicológico	6	2.9	Velhice	10	4.5
Velhice	6	2.9	Gastro-enterite	9	4.1
Impaludismo	4	2.0	Anasarca	6	2.7
Erysipela	2	1.0	Doenças de foro psicológico	4	1.8
Anasarca	2	1.0	Febre puerperal	4	1.8
Outras causas	64	31.4	Outras causas	69	31.2
Total	204	100	Total	221	100

Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora, Maço 356

Dos doentes falecidos neste Hospital em 1883, 141 eram do sexo masculino e 63 do sexo feminino, o que representa respectivamente 69.1% e 30.9% do total de óbitos. No ano seguinte ocorreram no mesmo estabelecimento hospitalar 178 óbitos no sexo masculino e 43 no sexo feminino, que constituem respectivamente 80.5% e 19.5% do total dos óbitos verificados. Mais uma vez se pode verificar que a ocorrência aos serviços hospitalares é mais frequente por parte dos homens.

As doenças pulmonares continuam a ser a principal causa de morte seguidas por congestões cerebrais, lesões cardíacas e gastro-enterites (estas devido à deficiente explicitação da doença que esteve na origem do óbito). Contudo, as doenças mentais constituíam também uma presença significativa, tanto mais que

com maior facilidade esses indivíduos eram encaminhados para instituições hospitalares.

Em 1884, a varíola constitui a segunda causa de morte no Hospital do Espírito Santo. Os mapas obituários permitem-nos saber quais os meses em que teve incidência este flagelo, bem como as idades mais afectadas.

QUADRO 91 - SAZONALIDADE DO SURTO DE VARÍOLA (1884)

Meses	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	Total
Óbitos	1	1	2	5	1	2	2	2	3	1	1	4	25

Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora, Maço 356

QUADRO 92 - ÓBITOS RESULTANTES DE VARÍOLA SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE (1884)

Grupos de idade:	Nº de óbitos
- 1	0
1 - 9	6
10 - 19	1
20 - 29	11
30 - 39	5
40 - 49	0
50 - 59	1
60 e mais	0

Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora, Maço 356

Em termos sazonais, o surto de varíola teve especial incidência nos meses de Abril e de Dezembro. Por sua vez, no Hospital o grupo mais atingido foi o dos indivíduos com idades compreendidas entre 20-29 anos, bem como o grupo de idades seguinte (30-39 anos). As crianças entre 1 e 9 anos foram também um grupo fustigado, enquanto que os menores de um ano parecem excluídos deste surto. Os indivíduos com idades superiores a 40 anos também são pouco afectados.

Não efectuámos este tipo de análise segundo os sexos, uma vez que a grande afluência dos homens ao hospital, quando comparada com a das mulheres, iria evidenciar a incidência da doença naquele sexo o que poderia não corresponder à realidade.

Contudo, os meses de maior mortalidade registados nos livros paroquiais consultados, não coincidem com estes valores, uma vez que os meses de Abril e Dezembro não foram os mais gravosos, nem temos referência à varíola como causa de morte. No que respeita às idades mais afectadas, o grupo considerado entre 1 e 9 anos é, na cidade o mais atingido (Quadro 85), o que coincide com as idades constantes nos registos do Hospital do Espírito Santo. Quanto aos menores de 1 ano

cujo registo é inexistente no referido hospital, apresentam um valor significativo nas freguesias do termo: 25% (cf. Quadro 86), do que se conclui que o seu falecimento ocorre na residência, não havendo por isso ocorrência ao hospital (talvez devido ao receio de percorrer a distância até à urbe atendendo à fragilidade dos recém-nascidos).

No início de 1883 a mortalidade no Hospital do Espírito Santo foi elevada (21 óbitos no mês de Janeiro) vindo contudo a diminuir gradualmente até ao mês de Abril, após o que se registou um novo acréscimo. Os meses de Novembro e Dezembro foram os de maior morbidade. Contudo, 1884 é um ano bastante crítico em termos de mortalidade no referido hospital. O mês de Abril, habitualmente benigno, apresenta valores obituais elevados, aos quais não é alheio o surto de varíola. Para a propagação da mesma terá concorrido também a falta de vacinação, uma vez que dos 25 indivíduos vitimados por esta epidemia, apenas 3 a efectuaram.

QUADRO 93 - SAZONALIDADE DOS ÓBITOS REGISTADOS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA EM 1883-84

Meses	1883	1884
	Nº de óbitos	Nº de óbitos
J	21	18
F	18	11
M	17	14
A	11	22
M	18	19
J	9	15
J	14	15
A	16	23
S	17	27
O	18	20
N	23	22
D	22	30
Total	204	221

Entre os meses de Agosto e Dezembro, a mortalidade é bastante intensa, atingindo o seu auge neste último mês, o que por sua vez coincide com um valor significativo (quando comparado com os outros meses) nos óbitos aos quais foi atribuída a varíola como principal causa de morte.

São apontadas soluções: "(...) restringir quanto possível os direitos alfandegários, tornar fácil a circulação comercial e, finalmente, importar do estrangeiro o que o solo patrio não produziu."¹⁵²

Embora a metodologia por nós adoptada não tenha indiciado 1891 como ano de crise, os documentos que se seguem confirmam a prossecução da crise de 1890 e mesmo o seu agravamento.

"Falta de moeda

Denota-se em Evora a grande falta de moeda, mesmo o cobre vae desaparecendo, o que torna difficil o trôco das notas, visto que d'estas, de pequeno valor, é raro encontrarem-se para facilitarem os trocos.

O commercio está quasi paralisado e as crises accentuam-se progressivamente."¹⁵³

"Importação e Exportação

De janeiro a abril, inclusivé, de este anno, foi de 17.918:103\$000 réis o valor de mercadorias importadas pelas nossas alfandegas. Nos mesmos mezes de 1890 a importação de mercadorias fôra no valor de réis 15.294:072\$000. (...)"¹⁵⁴

Em 1890, o surto de gripe, vulgarmente designado por influenza, contribuiu ainda para o aumento da mortalidade no concelho. Os periódicos eborenses, referem-nos inúmeros casos de influenza, que foram comuns a outras zonas do país em idêntico período. "Tem grassado com intensidade em Lisboa e n'algumas outras terras do reino a "influenza", "grippe" ou "dengue", tres "pessoas" distinctas mas só uma doença verdadeira."¹⁵⁵

"Influenza

Acham-se atacados d'esta epedemia, muitos estudantes do lyceu d'esta cidade."¹⁵⁶

Alguns cidadãos mais influentes do núcleo eborense figuram nos periódicos, referindo-se a doença ou a causa de morte e os exemplos transcritos revelam a expansão da doença bem como a sua degeneração em doenças pulmonares.

"Foi atacado ha dias de influenza o nosso amigo e condiscipulo Manuel Antonio d'Almeida Junior. (...)"¹⁵⁷

"Dr.Manuel de Paula de Rocha Vianna

Falleceu no dia 20, pelas 3 horas da madrugada, (...) victima d'uma congestão pulmonar. (...)»¹⁵⁸

Contudo, notícias publicadas permitem-nos constatar o facto de a influenza estar propagada por todo o país, bem como da gravidade de que se reveste visto o seu contágio ser fácil e as populações não cumprirem os cuidados higiénicos impostos pelos serviços de saúde. Assim, muitos doentes sujeitos a quarentena¹⁵⁹ saem à rua, contagiam outras pessoas, recusam internamento.

“No Concelho de Lamego está no seu maior auge a epidemia de influenza.

Os hospitaes estão cheios de doentes e muitos d'elles, quando ali entram, já vão com pneumonias e febres typhoides declaradas.»¹⁶⁰

“Em Vianna do Castello esta doença tem invadido todos os domicilios. A principio não apresenta gravidade, mas quasi sempre degenera em pneumonias e febres typhicas, o que tem concorrido muito para a mortalidade, n'estes dois ultimos mezes, n'aquelle districto.

Em quasi todo o norte do paiz se tem desenvolvido com certa intensidade esta epidemia. (...)»¹⁶¹ Também em Lisboa a influenza se fez sentir, alterando a percentagem de mortes devidas a complicações do aparelho respiratório.¹⁶²

GRÁFICO 67 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1890

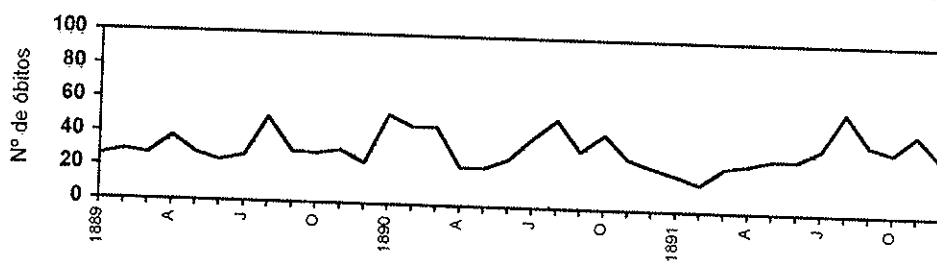


GRÁFICO 68 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1890

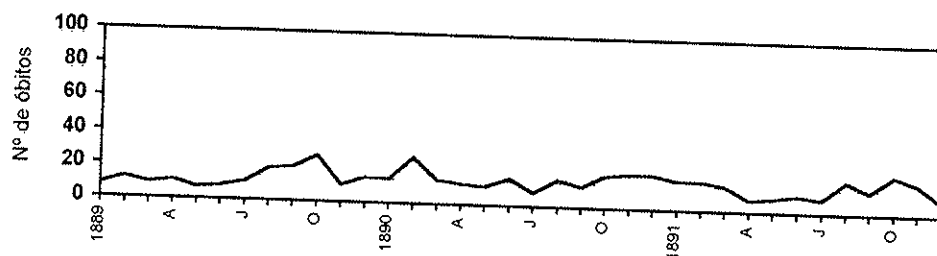
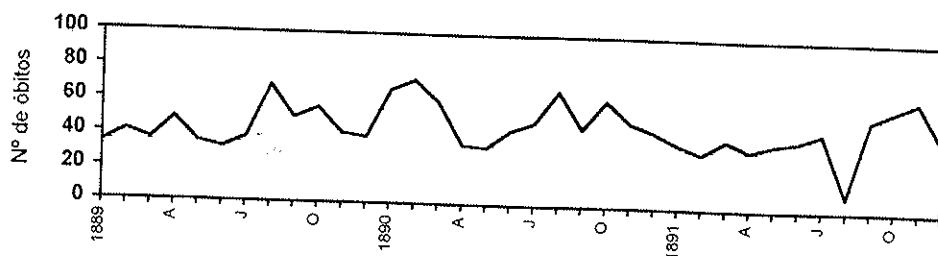


GRÁFICO 69 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE ÉVORA EM 1890



A influenza, além de se estender até 1891, atacou algumas zonas de Espanha, como é o caso da zona fronteiriça de Badajoz, atingindo mesmo os grupos sociais menos expostos como é o caso de membros do clero recolhidos em conventos. "Em poucos dias teem morrido quatro freiras do convento de Sant'Anna, em Badajoz, entre ellas a abadeça. No mesmo convento encontram-se mais freiras enfermas."¹⁶³

No entanto, os gráficos representativos da mortalidade sazonal, apenas indiciam sobremortalidade nos meses de Agosto, Setembro e Outubro de 1889. Em 1890 o ritmo da morte recrudescer em Janeiro, prolongando-se até Março. Após uma diminuição nos meses de Abril e Maio, os seus valores voltam a elevar-se de forma súbita, embora não tenham superado os valores registados no início de 1890. A partir de Novembro a mortalidade diminui gradualmente. Contudo, em 1891, verifica-se um novo aumento que atinge o auge no mês de Agosto. Trata-se pois, de uma crise estrutural que abarcou os anos imediatamente envolventes.

Embora apenas duas freguesias urbanas tenham sido atingidas, os seus valores em termos obituários reais são bastante superiores aos das cinco freguesias do termo, uma vez que aquelas são as duas freguesias mais populosas da urbe.

GRÁFICO 70 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1890

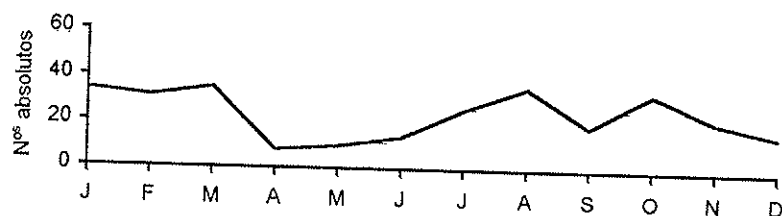
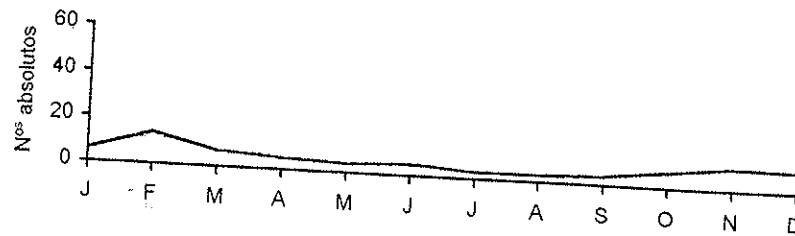


GRÁFICO 71 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1890



Quanto à linha evolutiva dos meios atingidos por crise, apenas coincidem no mês de Fevereiro. A cidade comportava desde o ano anterior os elevados níveis de mortalidade que só diminuem no mês de Abril. Em Junho a tendência é de novo aumento que atinge o seu pico no mês de Agosto. Setembro foi um mês mais benigno, mas em Outubro deflagra outro surto epidémico que vai diminuindo gradualmente até final do ano.

QUADRO 95 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1890

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	22	11	34*	66.2	33.8
F	17	14	31	54.8	45.2
M	18	17	35	51.4	48.6
A	3	5	8	37.5	62.5
M	5	5	10	50.0	50.0
J	6	8	14	42.9	57.1
J	15	10	26*	59.6	40.4
A	19	17	36	52.8	47.2
S	9	10	19	47.4	52.6
O	13	20	34*	39.7	60.3
N	11	11	22	50.0	50.0
D	8	8	16	50.0	50.0
TOTAL	146	136	285	51.8	48.2

* situação em que os registos não especificam o sexo de um dos falecidos

QUADRO 96 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1890

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	4	2	6	66.7	33.3
F	8	6	14	57.1	42.9
M	3	4	7	42.9	57.1
A	3	2	5	60.0	40.0
M	2	2	4	50.0	50.0
J	2	3	5	40.0	60.0
J	0	3	3	0.0	100
A	2	1	3	66.7	33.3
S	1	3	4	25.0	75.0
O	2	5	7	28.6	71.4
N	4	6	10	40.0	60.0
D	3	6	9	33.3	66.7
TOTAL	34	43	77	44.2	55.8

Nas zonas rurais, os valores de mortalidade elevados também advêm do ano anterior, atingindo o valor máximo no mês de Fevereiro. Outubro, Novembro e Dezembro são também meses de mortalidade elevada embora não tenham atingido o valor máximo ocorrido no mês de Janeiro. De acordo com esta linha evolutiva podemos constatar que a crise se estendeu até ao ano seguinte, uma vez que Dezembro ainda não se apresenta um mês benigno.

Na cidade de Évora os homens foram mais fustigados pela mortalidade do que as mulheres, embora a diferença entre ambos não seja muito significativa. Situação idêntica mas em sentido inverso face aos sexos atingidos foi a que ocorreu nas freguesias do termo.

Bastante heterogénea é a situação verificada na cidade aquando do surto de gripe no mês de Janeiro, que vitimou 22 indivíduos do sexo masculino e apenas 11 do sexo oposto. No mês de Outubro, as vítimas foram em maioria do sexo feminino (20), enquanto que foram vitimados 13 indivíduos do sexo masculino. Quanto ao termo, o reduzido número de indivíduos e consequentemente de óbitos, não nos permite detectar nenhum mês em que se registasse disparidade entre ambos os sexos.

Nas freguesias da cidade, a mortalidade que atingiu os menores de um ano de vida representou 36,1% do total de óbitos o que é um valor bastante elevado. Outro grupo assaz fustigado é o que contempla as crianças entre 1 e 4 anos. Seguem-se os indivíduos com 70 ou mais anos.

QUADRO 97 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1890

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	7	14	16	1	1	8	7	18	8	11	7	5	103	36.1
1-4	5	1	8	2	3	1	8	8	2	6	4	2	50	17.5
5-9	1	1	1	1	2	2	2		3	1	1		15	5.3
10-19	1	4				1	1			1			8	2.8
20-29	8	3	3		1		2	1		1	1	1	21	7.4
30-39	3	1	1				1	1	2		3	2	14	4.9
40-49	2			1			1	1	2	4	3	1	15	5.3
50-59	3	2	2			1	2	2	1	2			15	5.3
60-69	1	2		1	2		1	2	1	4	1	1	16	5.6
70 ou mais	3	3	4	2	1	1	1	3		4	2	4	28	9.8
desconhe.													0	0.0
TOTAL	34	31	35	8	10	14	26	36	19	34	22	16	285	

QUADRO 98 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1890

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1	2	3	1	1	1	1	1		2		3	1	16	20.8
1-4	1	3	2	3	1	2			1	1	3	3	20	26.0
5-9	1								1	2	1	3	8	10.4
10-19													0	0.0
20-29		1	1		1						1		4	5.2
30-39						1				2		1	4	5.2
40-49	1	1				1		1			2	1	7	9.1
50-59		2								1			3	3.9
60-69		4	1	1	1		1			1			9	11.7
70 ou mais			2				1	2					6	7.8
desconhe.	1												0	0.0
TOTAL	6	14	7	5	4	5	3	3	4	7	10	9	77	

QUADRO 99 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1890

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias	2		1			1		3	2	2			11	10.7
7-27 dias	1	1	5			2	1	1	2	1	2		16	15.3
≥ 1 Mês	1	3	1	1	1	1		1		2	2		13	12.6
≥ 2 Meses	1	4	4				2	3		1	1	1	17	16.5
≥ 3 Meses	1	3	2					2	1	1	1	1	12	11.7
≥ 4 Meses			1				1						2	1.9
≥ 5 Meses	1	1				1		1				1	5	4.9
≥ 6 Meses			1			1	1	1	1	2	1	1	9	8.7
≥ 7 Meses			1				1	1					3	2.9
≥ 8 Meses								1	2	1			4	3.9
≥ 9 Meses		1				1		1				1	4	3.9
≥ 10 Meses		1						1					2	1.9
≥ 11 Meses						1	1	2		1			5	4.9
<1 Ano	7	14	16	1	1	8	7	18	8	11	7	5	103	

QUADRO 100 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1890

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias			1		1							1	3	18.8
7-27 dias											1		1	6.3
≥ 1 Mês	1			1									2	12.5
≥ 2 Meses											1		1	6.3
≥ 3 Meses		2				1	1			1			5	31.3
≥ 4 Meses													0	0.0
≥ 5 Meses									1				1	6.3
≥ 6 Meses													0	0.0
≥ 7 Meses	1												1	6.3
≥ 8 Meses													0	0.0
≥ 9 Meses													0	0.0
≥ 10 Meses		1											1	6.3
≥ 11 Meses									1				1	6.3
<1 Ano	2	3	1	1	1	1	1	0	2	1	2	1	16	

Tal como na cidade, a mortalidade atinge sobretudo as crianças até aos 4 anos embora a mortalidade entre 1- 4 anos seja ligeiramente superior à das crianças com menos de um ano de idade. Enquanto que na cidade, o grupo etário 5-9 anos decresceu significativamente, nos meios rurais, mantém ainda valores consideráveis.

Outro factor importante prende-se com a mortalidade no grupo 60-69 anos que no meio rural é superior à mortalidade que atinge os indivíduos com 70 ou mais anos.

Em 1890 na cidade de Évora, os meses de maior mortalidade dos menores de 1 ano foram Fevereiro, Março, Agosto e Outubro. Nas freguesias do termo tais conclusões são bastante relativas, uma vez que os óbitos mensais oscilam entre 1 e 3. Contudo, o mês mais mortífero foi o de Fevereiro. Em Janeiro, Setembro e Novembro ocorreram dois óbitos.

Quanto às idades mais afectadas, na cidade a mortalidade de crianças até aos três meses de vida é significativa, sendo os períodos considerados entre os 7 e os 27 dias de vida e 2 meses de idade, os mais críticos. Nas freguesias do termo da cidade a mortalidade incide sobretudo entre os 0-6 dias de vida, um mês e três meses. Esta elevada mortalidade registada à nascença, que representa 18,8% do total dos óbitos das zonas rurais, prende-se muitas vezes com causas endógenas ou mesmo com nascimentos indesejados. “Mais grave é o envenenamento das crianças feito com vinho (...) por terem falhado durante a gravidez as praticas abortivas (...). A maior parte dos nados-mortos foram-no devido a abortos provocados (...)”¹⁶⁴

GRÁFICO 72 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1890

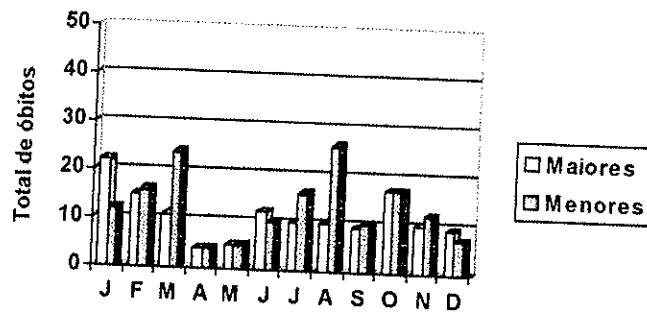
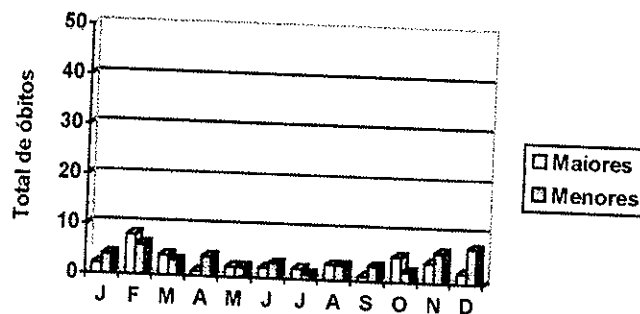


GRÁFICO 73 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1890



Na cidade de Évora (Gráfico 72), a mortalidade de menores, com excepção dos meses de Janeiro e Dezembro, é superior à dos maiores, destacando-se sobretudo nos meses de Março e Agosto. A este propósito não foi alheia a influenza, que atingiu as populações e degenerando em pneumonias. A título de exemplo citamos uma notícia publicada num periódico eborense: “Falleceu no domingo preterito uma filhinha do nosso amigo o Sr. capitão Nunes, victima d’uma pneumonia dupla (...)”¹⁶⁵

Outras doenças infantis atacam frequentemente os menores: “Tem estado gravemente doente com sarampo a interessante filhinha do ex^{mo} Sr. (...)”¹⁶⁶

Quanto à sazonalidade diferencial dos maiores e menores nas freguesias do termo da cidade de Évora (Gráfico 73), as oscilações entre ambos os grupos são frequentes. Contudo, a mortalidade de menores é superior nos meses de Janeiro, Abril, Julho, Setembro, Novembro e Dezembro, atingindo neste último mês o seu valor mais elevado. Os maiores são sobretudo fustigados em Fevereiro, Março, Agosto, Outubro e Novembro.

Relativamente a este ano, o Arquivo do Hospital do Espírito Santo de Évora possui também mapas referentes ao movimento obituário. Contudo constatámos a não existência de mapas respeitantes aos meses de Maio, Julho, Outubro e Novembro. De acordo com esta circunstância, procedemos à análise obituária relativa aos restantes meses desse ano.

QUADRO 101 - ÓBITOS REGISTRADOS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO EM ÉVORA EM 1890

Causa de morte	Nº de Casos	%
Doenças pulmonares	37	25.9
Congestão cerebral	20	14.0
Lesões cardíacas	14	9.8
Velhice	8	5.6
Cachexia	6	4.2
Bronquite	5	3.4
Asthma	4	2.8
Cirroze	3	2.1
Desenteria	3	2.1
Febre tifóide	3	2.1
Outras causas	40	28.0
Total	159	100

Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora, Maço 356

Tal como vem sendo habitual na época em estudo, as doenças pulmonares constituem a principal causa de morte. Curiosamente, embora se trate de um ano de

forte mortalidade devido a “influenza”, tal causa de morte não surge nos registos hospitalares. Por outro lado a hipótese da mesma degenerar em doenças pulmonares, também não nos parece plausível, uma vez que o número de óbitos considerados nas doenças pulmonares (37) é em número inferior ao da crise de 1883-84 em que as mesmas provocaram respectivamente 45 e 48 óbitos. As congestões cerebrais e as lesões cardíacas continuam também a provocar elevado número de óbitos. Embora não se trate propriamente de uma doença, a velhice aparece novamente apontada como causa de morte. Por outro lado, a varíola continua a afectar as populações. Esta doença surge como a décima causa de morte mais frequente no hospital da cidade.

Os mapas disponíveis, embora lacunares (não se encontram os óbitos referentes aos meses de Maio, Junho, Outubro e Novembro) permitem-nos a apreciação da sazonalidade de morte nessa instituição, que passamos a apresentar sob a forma de quadro.(Quadro 102)

QUADRO 102 - SAZONALIDADE DA MORTE NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO EM ÉVORA EM 1890

Meses	Nº de óbitos
J	20
F	12
M	23
A	19
Jul	13
A	17
S	15
D	24

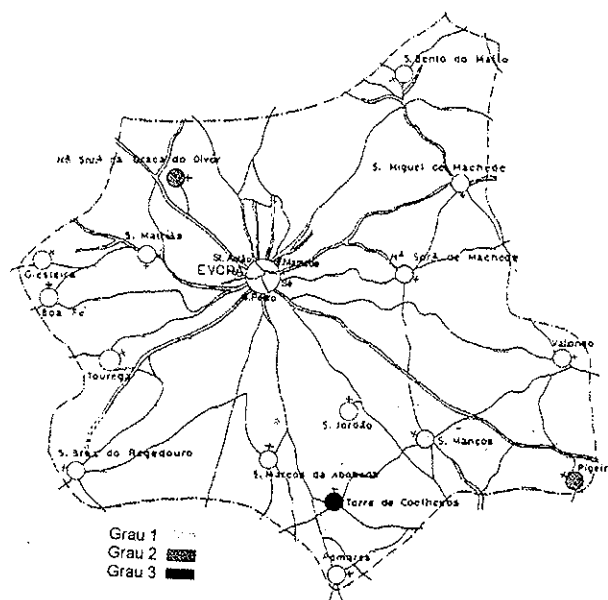
Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora, Maço 356

Tal como já constatámos aquando da apreciação sazonal dos óbitos registados na cidade de Évora nesta segunda metade de Oitocentos, os valores mais elevados em termos de mortalidade, registam-se nos meses de Janeiro, Março, Agosto e Outubro. Por outro lado, no mês de Dezembro ocorreu no Hospital o maior número de óbitos verificado neste ano, o que coincide com os elevados valores da mortalidade nas freguesias rurais, de onde provinha grande parte dos internados.

6.8 A crise de 1897

A crise que no final do século XIX atingiu as populações do concelho de Évora ocorre em 1897, após um ano de mortalidade normal. Verifica-se que atinge seis freguesias, do total das dezasseis que constituem o termo da cidade: Sendo uma crise exclusivamente rural, afecta 37,5% das freguesias rurais. Em termos concelhios esse valor percentual desce para 30%.

MAPA 16 - INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1897



QUADRO 103 - INTENSIDADE DA CRISE DE 1897

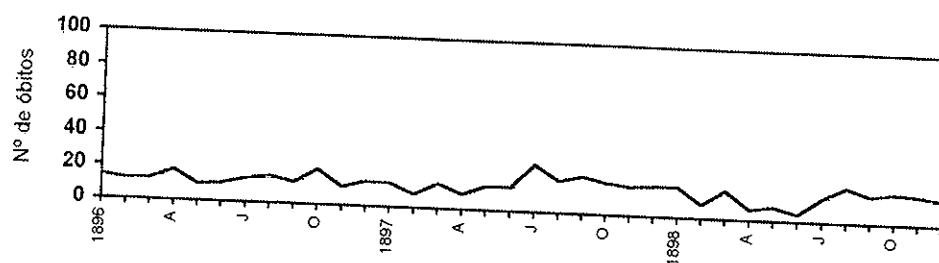
FREGUESIAS	1897
Termo	
N ^a Sr ^a da Graça do Divôr	2
N ^a Sr ^a da Natividade de Machede	1
N ^a Sr ^a do R. de T. de Coelheiros	3
S. Bento do Matto	1
S. Manços	1
S. Vicente do Pigeiro	2

As intensidades oscilam entre os valores 1 e 3, sendo este último registado na freguesia de N^a Sr^a do Rosário de Torre dos Coelheiros, tratando-se aqui de uma crise média, enquanto que todas as outras são crises menores.

No segundo semestre de 1897 a mortalidade aumenta de forma significativa, mantendo-se elevada até Janeiro de 1898. O seu auge situa-se no mês de Julho e embora decresça, os valores são ainda muito expressivos, o que nos demonstra a

forma como a flutuação da mortalidade era ainda uma constante neste final de século. Relativamente às causas de morte sabemos apenas que o país é afectado nos anos de 1897-98 por uma crise de varíola¹⁶⁷. Curioso ainda é o facto desta crise não ter atingido nenhuma freguesia da cidade de Évora.

GRÁFICO 74 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1897



Uma vez que se trata de uma crise exclusivamente rural, alguns factores poderão eventualmente contribuir para esta situação, nomeadamente aqueles que se prendem com a falta de condições sanitárias e de higiene, aliadas à ignorância das populações. "...instalam-se cães e outros animais dentro de casas, nos quintais amontoam-se estrumes, muitas vezes junto de poços, cujas águas os donos depois bebem (...)"¹⁶⁸ "os lavradores que, por economia não (...) vacinam os seus porcos, as suas cabras ou os seus cães e por imprevidência os vêem morrer, aproveitando aos primeiros, muitas vezes, a carne para enchidos ou tornando as suas propriedades focos de paludismo, de carbunculose, de peste porcina, de raiva e de tantas outras epizootias, muitas delas transmissíveis ao homem."¹⁶⁹

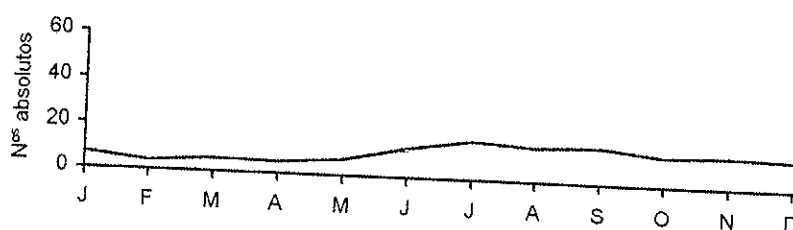
Por outro lado, as condições climatéricas parecem também ter sido prejudiciais para a agricultura, tal como comprova a notícia publicada no periódico eborense "Diário do Alemtejo":

"Continuam os grandes calores a prejudicar os primeiros trabalhos da lavoura. As queixas por Hespanha são iguaes, segundo lemos na imprensa agricola d'ali."¹⁷⁰

Quanto aos géneros alimentares cuja qualidade continua a ser bastante deficiente constituem ainda um foco permanente de doenças relacionadas com o aparelho digestivo. Além disso, os elevados preços que se praticam não os tornam acessíveis às camadas economicamente desfavorecidas da população, as quais estão sujeitas a carências alimentares e frequentemente mais expostas às doenças. "Por

essas lojas de comestíveis, vende-se azeite e toucinho rançoso, que inutilisa as comidas (...) taes generos se vendem carissimos, como se fossem de primeira qualidade. Nas mesmas condições de sanidade estão os queijos pequenos (...)"¹⁷¹

GRÁFICO 75 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1897



Relativamente às freguesias atingidas, o aumento de mortalidade verifica-se a partir do mês de Junho, atingindo o valor mais expressivo em Julho. Contudo, a estacionalidade desta mortalidade de crise é bastante homogénea no conjunto das freguesias atingidas, como comprova a inexistência de grandes oscilações mensais.

QUADRO 104 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1897

MESES	H	M	TOTAL	%H	%M
J	3	4	7	42.9	57.1
F	2	2	4	50.0	50.0
M	4	2	6	66.7	33.3
A	0	5	5	0.0	100
M	3	4	7	42.9	57.1
J	6	7	13	46.2	53.8
J	5	12	17	29.4	70.6
A	7	8	15	46.7	53.3
S	11	5	16	68.8	31.2
O	4	9	13	30.8	69.2
N	11	3	14	78.6	21.4
D	8	5	13	61.5	38.5
TOTAL	64	66	130	49.2	50.8

Nas freguesias em crise foram registados um total de 130 óbitos. Em termos globais a mortalidade atingiu de forma idêntica ambos os sexos. Contudo, nos meses de Junho, Julho e Agosto, ou seja, quando os valores de mortalidade se tornam bastante significativos, o sexo feminino foi o mais afectado. O mês de Setembro atingiu de forma intensa o sexo masculino - 11 óbitos - enquanto que no sexo feminino só foram registados 5 óbitos. O mês de Novembro indicia igual tendência de sobremortalidade masculina. Podemos concluir que inicialmente o sexo feminino

foi o mais afectado pela elevada mortalidade, após o que se inverte a situação. Mais uma vez a sobremortalidade masculina coincide nos meios rurais com a época das sementeiras.

QUADRO 105 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1897

G. Id.	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
-1				1	1	4	1	7	4	5	1	1	25	19.2
1-4		1	1		1	6	8	2	5	1	3	2	30	23.1
5-9	1	1	1	1	1				1	1			7	5.4
10-19		2		1		1		1		1		1	7	5.4
20-29			1		2	1	2	1			2	2	11	8.5
30-39										1		1	2	1.5
40-49	1			1	1		1		2	1		2	9	6.9
50-59			1	1				2	2			1	7	5.4
60-69	1		1			1		1	2	1	3	1	11	8.5
70 ou mais	4		1		1		3	1	3	2	4	2	21	16.2
desconhe.													0	0.0
TOTAL	7	4	6	5	7	13	17	15	17	13	13	13	130	

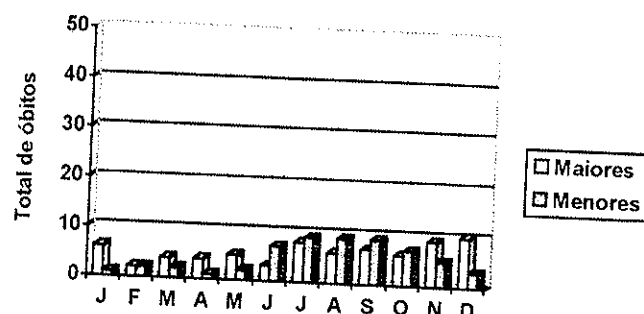
Nas freguesias atingidas, os dois primeiros grupos de idade que englobam as crianças até aos 4 anos são os que apresentam maior mortalidade. Estes valores são significativos, pois embora o grupo com menos de um ano represente 19,2% dos óbitos e o grupo 1-4 anos represente 23,1% dos mesmos, não nos devemos esquecer de que o primeiro engloba apenas um ano, enquanto que o segundo grupo de idade agrega quatro. O grupo que representa os indivíduos com 70 ou mais anos tem valores também bastante significativos. Interessante é o facto de todos os registos apresentarem a idade do falecido o que sugere uma menor ignorância face à data de nascimento ou já a tendência para a atribuição de um ano de nascimento ainda que pouco preciso.

QUADRO 106 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1897

IDADES	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOTAL	%
0-6 dias				1				1	2			1	5	20.0
7-27 dias					1			2	1	1			5	20.0
≥ 1 Mês								1					1	4.0
≥ 2 Meses								1	1	1			3	12.0
≥ 3 Meses										1			1	4.0
≥ 4 Meses						1		1					2	8.0
≥ 5 Meses											1		1	4.0
≥ 6 Meses													0	0.0
≥ 7 Meses						1							1	4.0
≥ 8 Meses						2							2	8.0
≥ 9 Meses										2			2	8.0
≥ 10 Meses													0	0.0
≥ 11 Meses							1	1					2	8.0
<1 Ano	0	0	0	1	1	4	1	7	4	5	1	1	25	12.0

A distribuição da mortalidade infantil nestas freguesias permite-nos constatar que durante o primeiro ano de vida a morte incidiu sobretudo nas crianças até aos 27 dias de vida. De todos os óbitos registados neste grupo de idades o mês mais mortífero foi o de Agosto.

GRÁFICO 76 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1897



A sobremortalidade das crianças com menos de 7 anos ocorreu nos meses de Junho a Outubro, sendo tipicamente estivo-outonal. Nos restantes meses a mortalidade dos maiores supera a dos menores apenas com excepção de Fevereiro em que o número de óbitos é igual para ambos os grupos. Em termos gerais, a linha evolutiva dos menores é constante; atinge o valor mais elevado em Junho e decresce lentamente até final do ano.

Relativamente a este ano, o Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora possui os registos obituários do Hospital do Espírito Santo. Contudo, os mapas relativos aos meses de Maio e Outubro não constam do espólio desse ano, o que só tornou possível a apreciação dos restantes meses.

QUADRO 107 - ÓBITOS REGISTADOS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO EM ÉVORA EM 1897

Causa de morte	Nº de Casos	%
Doenças pulmonares	46	28.9
Cachexia	15	9.4
Congestão cerebral	12	7.5
Lesão cardíaca	9	5.7
Variola	7	4.4
Febre typhoide	7	4.4
Apoplexia	5	3.1
Cancros diversos	5	3.1
Difteria	5	3.1
Velhice	4	2.5
Outras causas	44	27.9
Total	159	100

Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora, Maço 1541

No que concerne às causas de morte, tal como se registou em todos os anos de mortalidade excepcional da segunda metade do século XIX, as doenças pulmonares encontram-se em primeiro lugar.

Estas doenças assumem um papel constante na vida das populações de tal forma que, apesar de nos encontrarmos já no final do século XIX, a publicidade prometendo a sua cura continua a abundar nos periódicos:

“Tosses, Constipações, Bronchites, Asthma, Coqueluche e outros padecimentos dos órgãos respiratorios.

Curam-se com os Rebuçados Milagrosos (saccharolides d’Alcatrão compostos), (...) cuja efficacia tem sido comprovada por milhares de pessoas que tem feito uso d’elles e confirmada em attestados medicos (...)”¹⁷²

A “cachexia” (designação da época para a qual não encontramos correspondência actual) apresenta-se como a segunda principal causa de morte. Trata-se no entanto, de uma doença associada à velhice, uma vez que surge frequentemente designada como “cachexia senil”.

Os casos de varíola e de febre tifóide são também em número significativo. Não devemos alhear-nos do facto de que estes óbitos constituem apenas uma amostra, na medida em que muitos indivíduos morrem no seu domicílio. Assim, todas estas causas de morte assumem certamente contornos mais graves no contexto concelhio populacional, não se cingindo aos óbitos registados no Hospital da cidade. A este propósito noticia-nos um periódico que “trez vindimeiros adoeceram de febres (...)”¹⁷³

QUADRO 108 - SAZONALIDADE DA MORTE NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO EM ÉVORA EM 1897

Meses	Nº de óbitos
J	11
F	21
M	12
A	9
J	24
J	14
A	17
S	17
N	16
D	18

Fonte: Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora, Maço 1541

Nota: Não existem registos referentes aos meses de Maio e Outubro.

Em termos sazonais, relativamente aos meses para os quais temos o número total de óbitos, Fevereiro e Junho, apresentam valores obituários bastante significativos. Contudo, estes meses que no hospital são os mais mortais, não coincidem com os meses de maior mortalidade que se encontram nos registos paroquiais (Julho e Setembro). Por outro lado, os registos paroquiais contêm apenas o registo de quatro óbitos no mês de Fevereiro, enquanto que no hospital de Évora o total de óbitos neste mês foi 21.

Conclusões

Dependente de fontes manuscritas e impressas, damos por concluído este nosso trabalho, o qual poderá ainda ser desenvolvido atendendo à grande quantidade de fontes existentes para o período em estudo, e cuja consulta, devido à falta de disponibilidade, fomos forçados a seleccionar. Contudo, a sua elaboração apenas teve como objectivo complementar os estudos já efectuados sobre esta temática em outras zonas do País, bem como o estudo da mortalidade nas freguesias do termo deste concelho, efectuado por Maria Graça David de Moraes.

Uma vez que se impõe uma conclusão no fim deste estudo, não queríamos deixar de referir a dificuldade que tivemos em identificar a natureza das oito crises que marcaram o concelho de Évora. Embora algumas surjam bem definidas e correspondam a surtos de cólera-morbus (1855-58), de cólera e variola (1883-84) ou de influenza (1890), outras há em que se torna impossível distinguir a sua natureza epidémica e/ou de subsistência. Constatámos no entanto, que a maior parte da mortalidade de crise, incluindo a de natureza epidémica, obedeceu a um esquema sazonal bem definido.

Nos períodos considerados de crise, embora os valores sejam bastante mais elevados do que nos anos considerados "normais", os maiores "picos" encontram-se a partir do mês de Julho e estendem-se até Outubro, o que pressupõe a correlação da mortalidade com as temperaturas mais elevadas e portanto propícias à estagnação das águas e deterioração dos bens alimentares.

Por outro lado, os meses de Dezembro e Janeiro apresentam também valores significativos no que concerne à mortalidade. Este ciclo mantém-se constante, independentemente de anos normais ou anos de crise, variando apenas consoante o volume de óbitos.

Contudo, este esquema cíclico não é idêntico nos dois espaços em estudo - rural e urbano. Na cidade a mortalidade atinge os valores mais elevados nos meses de Julho e Agosto, enquanto que no termo o mesmo só se verifica nos meses de Setembro e Outubro (o que coincide com a época das sementeiras). Assim, é na cidade que inicialmente se

verificam os valores mais elevados da mortalidade, os quais só posteriormente se estendem às zonas rurais circundantes.

A existência de dois períodos anuais com elevada mortalidade (os meses mais quentes e os meses mais frios) prende-se com a elevada amplitude térmica que caracteriza a região alentejana. No Verão morria-se com febres tifóides, gastro-enterites e cóleras. No Inverno as principais causas eram as gripes, as pneumonias e o tifo.

Relativamente às causas de morte, as mais frequentes no Hospital do Espírito Santo de Évora foram sem dúvida as doenças pulmonares, o que revela a morbilidade com que este tipo de moléstias atingia as populações da segunda metade de Oitocentos, no que não era uma especificidade da província alentejana.

No que respeita aos sexos, não encontramos nenhuma diferença significativa na forma como a morte atingiu cada um deles. Os grupos etários são afectados consoante a origem da moléstia e a época do ano e embora a mortalidade das crianças seja sempre bastante elevada, a variável ataca indivíduos adultos com idades diversificadas, não se verificando especial incidência por nenhuma delas.

Comparando os indivíduos maiores de 7 anos com os menores, estes últimos foram os mais atingidos pela morte, sobretudo nos meses mais quentes do ano, geralmente vítimas de febres várias e gastro-enterites que advinham com maior intensidade neste período.

Também no que respeita à mortalidade infantil e juvenil constatámos a existência do seu carácter diferencial nos espaços rural e urbano. Assim, na cidade, a mortalidade neste grupo atingiu sobretudo os menores de 1 ano de idade, enquanto que no termo o grupo mais afectado foi o das crianças entre 1 e 4 anos de idade. Por outro lado, a mortalidade dos menores de 1 ano ocorreu sobretudo nos primeiros três meses de vida. Esta situação foi mais frequente no espaço urbano, uma vez que o contágio nos primeiros dias de vida se tornava mais fácil devido à grande concentração de seres humanos no mesmo espaço físico.

Durante os 51 anos de observação que integraram este nosso estudo, deparámo-nos com um concelho onde as crises de mortalidade nunca atingiram intensidades superiores a 3, predominando as crises de grau 1 e 2. Em nenhum destes momentos encontramos no concelho de Évora uma mortalidade de crise desencadeadora de pânico e fuga colectiva. A

morte com maior ou menor intensidade, assim como a presença constante das doenças fazia parte do quotidiano dos alentejanos na segunda metade do século XIX.

A análise global de todos os períodos de sobremortalidade no concelho de Évora permitiu-nos ainda verificar que na última década do século XIX as crises de mortalidade praticamente desapareceram na cidade (apenas se registou uma crise em 1892) enquanto que no meio rural continuaram a verificar-se com a mesma periodicidade e intensidade das décadas anteriores. Tal facto, parece pois, reflectir uma melhoria nas condições sanitárias das populações urbanas, permitindo-lhes uma maior resistência às doenças e o consequente prolongamento da vida humana, que se acentuarão durante o século XX.

Fontes

Fontes manuscritas

Registos paroquiais - Arquivo Distrital de Évora

Freguesias da cidade:

- Sé; livros n^{os} 108 a 112, 150 a 167, 214 a 225 e 279 a 286.
- S^{to}. Antão; livros n^{os} 58, 67 a 70, 106 a 123, 155 a 166 e 213 a 220.
- S. Mamede; livros n^{os} 34, 36, 37, 38, 75 a 92, 120 a 131 e 179 a 186.
- S. Pedro; livros n^{os} 21 a 24, 92 a 121 e 163 a 170.

Freguesias do termo da cidade:

- Nossa Senhora da Boa Fé; livros n^{os} 19 a 22 e 59 a 76, 101 a 112 e 151 a 158.
- Nossa Senhora da Graça do Divor; livros n^{os} 20 a 24, 61 a 78, 104 a 115 e 154 a 161.
- Nossa Senhora da Natividade de Machede; livros n^{os} 31 a 34, 71 a 88, 113 a 124 e 164 a 171.
- Nossa Senhora da Tourega; livros n^{os} 19 a 23, 60 a 77, 103 a 114 e 153 a 160.
- Nossa Senhora do Rosário de Torre de Coelheiros; livros n^{os} 19 a 22 e 58 a 75.
- S. Bento de Pomares; livros n^{os} 15 a 18, 29 a 33 e 56 a 66.
- S. Bento do Matto; livros n^{os} 29 a 32, 69 a 86, 113 a 124 e 163 a 170.
- S. Braz do Regedouro; livros n^{os} 21 a 24, 61 a 78, 103 a 114 e 153 a 160.

- S. Jordão; livros n^{os} 12 a 15, 51 a 68, 95 a 106 e 145 a 152.
- S. Manços; livros n^{os} 18 a 20, 56 a 73 e 115 a 125.
- S. Marcos da Abóbada; livros n^{os} 22, 24, 25, 62 a 79, 104 a 115 e 153 a 160.
- S. Mathias; livros n^{os} 30 a 34, 71 a 88, 113 a 124 e 162A a 169.
- S. Miguel de Machede; livros n^{os} 23 a 26, 63 a 80, 105 a 116 e 155 a 162.
- S. Sebastião da Giesteira; livros n^{os} 15 a 18, 55 a 72, 101 a 108 e 147 a 154.
- S. Vicente de Vallongo; livros n^{os} 13 a 15, 54 a 73 e 116 a 126.
- S. Vicente do Pigeiro; livros n^{os} 18 a 21, 58 a 75 e 100 a 110.

Registos paroquiais - Arquivo da Conservatória do Registo Civil
(do ano de 1881 a 1900; livros não classificados)

- Nossa Senhora da Boa Fé
- Nossa Senhora da Graça do Divor
- Nossa Senhora da Natividade de Machede
- Nossa Senhora da Tourega
- Nossa Senhora do Rosário de Torre de Coelheiros
- S. Bento de Pomares
- S. Bento do Matto
- S. Braz do Regedouro
- S. Jordão
- S. Manços
- S. Marcos da Abóbada
- S. Mathias
- S. Miguel de Machede
- S. Sebastião da Giesteira
- S. Vicente de Vallongo
- S. Vicente do Pigeiro

Arquivos da Câmara Municipal de Évora - Estatística obituária e sanitária e actas das sessões.

- Livros n^{os} 115 a 118, 123 a 125, 129 e 130.

Arquivo da Santa Casa da Misericórdia

- Mapas do movimento de entradas e saídas dos doentes no Hospital do Espírito Santo de Évora (1838-1870); Maço 193.

- Dietas e papeletas dos doentes internados no Hospital do Espírito Santo de Évora; Maço 195.

- Registo do movimento de entradas, saídas e óbitos; Maços 348 a 352 e 354 a 359.

- Mapas dos falecidos (1888 a 1901); Maço 1541.

Fontes impressas

Archivo Eborensis, Typ. Eborensis de F.C. Bravo, Évora, 1893.

As freguesias rurais de Évora, Boletim da Feira de S.João, C.M.E., Évora, 1992.

BAPTISTA, João Maria, *Chorographia Moderna do Reino de Portugal*, Vol.V (Provincias do Alemtejo e Algarve) Typographia da Academia Real das Sciências, Lisboa, 1876.

BARATA, António Francisco, *Évora Antiga*, Minerva Comercial, 1909.

Censo no 1º de Janeiro de 1864, Estatística de Portugal, População, Imprensa Nacional, Lisboa, 1868.

Censo no 1º de Janeiro de 1878, Estatística de Portugal, População, Imprensa Nacional, Lisboa, 1881.

Censo da População do Reino de Portugal no 1º de Dezembro de 1890, 3 Vols., Imprensa Nacional, Lisboa, 1896-1900.

Censo da População do Reino de Portugal no 1º de Dezembro de 1900 (Quarto Recenseamento geral da população), 3 Vols., Imprensa Nacional, Lisboa, 1900-1906.

Collecção Official da Legislação Portuguesa, redigida por José M. de C. N. Leite e Vasconcellos, anos de 1859 e 1862, Imprensa Nacional, Lisboa, 1860 e 1863.

COSTA, António Carvalho da, *Chrografia Portugueza e Descripçam Topographica do Reino de Portugal*, 3 volumes, Lisboa, 1868-69.

ESPANCA, Túlio, *Inventário dos antigos arquivos da Câmara e do Real Celeiro Comum de Évora*, Cadernòs de História e Arte Eborense, IX, Évora, 1949.

Constituiçoens do Arcebispado de Évora, D. João de Mello, Évora, 1753.

Guia de Évora e seus arredores, B.N.L., 1923.

LEAL, José Joaquim, *Diccionario Estadístico - Geográfico do Reino de Portugal*, Typographia de Desiderio Marques Leitão, Lisboa, 1822.

MARRECA, António d'Oliveira, *Parecer e Memória sobre a proposta, que apresentou o Sr. Alexandre Herculano, para que a secção de sciencias economicas e administrativas redigisse um projecto de Estadística*, Typografia da Academia, Lisboa, 1854.

MONTE, Gil do, *O Jornalismo Eborense (1846-1976)*, 2ª ed., Gráfica Eborense, Évora, 1978.

PIMENTEL, Leonel, *Bibliografia Alentejana existente na Biblioteca da Escola Secundária Gabriel Pereira de Évora*, C.M.E., Évora, 1991.

Relatório da Epidemia de Cholera - Morbus em Portugal nos Annos de 1855 e 1856 feito pelo Conselho de Saude Publica do Reino, Parte I, Lisboa, Imprensa Nacional, 1858.

Relatórios sobre o Estado da Administração nos Distritos Administrativos do Continente e Ilhas Adjacentes no anno de 1866, Imprensa Nacional, Lisboa 1868.

Subsídios para a Bibliografia da História Local Portuguesa, B.N.L., Lisboa, 1933.

De referir ainda a consulta a *jornais* da cidade, dos quais se poderá extrair informação referente aos períodos de crise. São eles:

A Fôlha d'Évora - 1889 - N^{os} 1 a 26

A Seringa - 1890 - N^{os} 1, 9 e 20

Diário do Alemtejo - 1897

Évora Postal - 1895 - 1896 - N^{os} 1 a 6, 8, 9 e 10

O Operário - 1884 - 1890 - N^{os} 1 a 22

O Scholastico Eborense - 1861 - 1863 - N^{os} 1 a 53

Perseverança - 1867 - 1868 - N^{os} 1 a 17

Progresso do Alemtejo - 1883/84 - N^{os} 2 a 88

Revista Eborense - 1889 - 1890 - N^{os} 1 a 25

Sul de Portugal - 1866 - N^o 1

Bibliografia

- ADAMS**, Paul Vauthier, "Mortality Crises in nineteenth Century France", *Las grandes mortalités: étude méthodologique des crises démographiques du passé*, Ordina, Ed., Liège, 1979, pp.29-31.
- ALMEIDA**, Fortunato de, *História da Igreja em Portugal*, vol. II, Livraria Civilização Editora, Barcelos, 1986.
- ALVAREZ SANTALO**, León C., *La población de Sevilla en el primer tercio del siglo XIX*, Sevilla, 1974.
- APPLEBY**, A., "Crises of mortality: periodicity, intensity, chronology and geographical extent", in AAVV, *Las grandes mortalités: étude méthodologique des crises démographiques du passé*, Liège, 1979, pp.183-294.
- ARIÈS**, Philippe, *História da Morte no Ocidente*, Col. Teorema, Lisboa, 1988.
- ARROTEIA**, Jorge Carvalho, *A evolução demográfica portuguesa*, Col. Biblioteca Breve, Lisboa, 1984.
- ARROTEIA**, Jorge Carvalho, "Aspectos demográficos e sociais da população portuguesa no período 1864-1981: uma análise regional", in *Estudos Demográficos*, nº30, Lisboa, 1991, pp.31-39.
- BAIROCH**, Paul, *Population urbaine et taille des villes en Europe de 1600 à 1970*, R.H.E.S., nº54, Paris, 1976.
- BARATA**, António Francisco, *Évora Antiga*, Minerva Comercial, Évora, 1909.
- BARATA**, António Francisco, *Évora e os seus arredores*, Notícias d'Évora, Évora, 1904.
- BARATA**, António Francisco, *Alentejo Histórico, religioso, civil e industrial no distrito de Évora*, Typ. Eborense, Évora, 1893.

BARBOSA, I. de Vilhena, *As cidades e villas da Monarchia Portugueza que teem Brasão D'Armas*, vol. I, Typographia do Panorama, Lisboa, 1860.

BIDEAU, Alain, "Mecanismos auto-reguladores de populações tradi-cionais", *População e Sociedade - Evolução das Sociedades Pré-Industriais*, Vozes, Petrópolis, 1984, pp.47-68.

CABOURDIN, Guy, "Qu'est-ce qu'une crise?" in *Histoire de la population française*, Vol.II, 1988, pp.175-192.

CABRAL, Manuel Villaverde, *O Desenvolvimento do Capitalismo em Portugal no Século XIX*, 3ª ed., Lisboa, Regra do Jogo, 1981.

CABRAL, Manuel Villaverde, *Portugal na Alvorada do Século XX*, Lisboa, Regra do Jogo, 1979

CARQUEJA, Bento, *O Povo Portuguez. Aspectos Sociais e Económicos*. Porto, 1916.

CARRILHO, Maria José "Aspectos demográficos e sociais da população portuguesa no período 1864-1981: evolução global do continente português", in *Estudos Demográficos*, nº30, Lisboa, 1991, pp.95-134.

CONIM, Custódio N.P.S., *Algumas características sobre a qualidade dos dados censitários - Recenseamentos da população 1864--1970*, Estudos 57, I.N.E., Lisboa, 1980.

CORREIA, Fernando da Conceição, *A Centralização dos Serviços de Higiene*, Typografia Labor, Lisboa, 1932.

CORREIA, Fernando da Conceição, *Problemas de Higiene e Puericultura*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1932.

CORREIA, Fernando da Silva, "Portugal dans l'Histoire de l'Hygiène, in *III^e Congrès International de l'Histoire des Sciences. Actes, Conférences et communications*, Lisboa, 1936, pp.354-365.

COSTA, Fernando Marques da, "Transformações sociais na transição do Antigo Regime", in *História de Portugal Contemporâneo*, Vol.I, Alfa, 1990, pp.223-234.

CRESPO, Jorge, *A História do Corpo*, Col. Memória e Sociedade, Lisboa, Difel, 1990.

DAVID, Henrique Rodrigues, *As crises de mortalidade no concelho de Braga (1700-1880)*, Vol. I, Dissertação para Doutoramento em História Moderna e Contemporânea apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto, 1992.

DEL PANTA, Lorenzo, *Le Epidemie nella storia demografica italiana*, (secoli XIV-XIX), Turim, Loesher Ed., 1980.

DICIONÁRIO de HISTÓRIA de PORTUGAL, org. por Joel Serrão, 6 Vols. 2ª ed., Porto, Figueirinhas Ed., 1981.

DUPÂQUIER, Jacques, "De l'animal à l'homme: le mécanisme régulateur des populations traditionnelles", *Revue de l'Institut de Sociologie*, nº2, pp.177-211.

DUPÂQUIER, * Jacques, "Histoire et Démographie", *Population*, Número Especial, I.N.E.D., Paris, 1977, pp.298-318.

ESPANCA, Túlio, *Património Artístico do Concelho de Évora, Arrolamento das Freguesias Rurais*, Câmara Municipal de Évora, Évora, 1975.

EVANGELISTA, João, *Um Século de população portuguesa (1864-1960)*, Centro de Estudos Demográficos, I.N.E., Lisboa, 1971.

GODINHO, Vitorino Magalhães, "Preços", in *Dicionário de História de Portugal*, Vol.VI, pp.488-520.

Guia de Portugal, Extremadura, Alentejo, Algarve, Vol.II, Biblioteca Nacional, Lisboa, 1927.

GUICHARD, François, *Atlas Demográfico de Portugal*, Col. Horizonte, Lisboa, Liv. Horizonte, 1982.

HENRY, Louis, *Técnicas de Análise em Demografia Histórica*, Lisboa, Gradiva, 1988.-

IMHOF, Arthur, "Recherches macroregionales sur la mortalité en Europe septentrionale sous l'Ancien Régime", *Les Grandes mortalités; étude méthodologique des crises démographiques du passé*, Ordina Ed., Liège, 1979, pp.139-152.

JORGE, Ricardo, *Les anciennes épidémies de peste en Europe comparées aux épidémies modernes*, Lisboa, Imp. Nacional, 1932.

JUSTINO, David, *A Formação do Espaço Económico Nacional - Portugal 1810-1913*, 2 volumes, Col. Documenta Histórica, Ed. Vega, Lisboa, 1988, 1989.

JUSTINO, David, "Crises e decadência da Economia Cerealífera Alentejana no século XVIII", in *Revista de História Económica e Social*, nº7 Lisboa, Sá da Costa, 1981, pp.29-80.

JUSTINO, David, *La Mortalité des Enfants dans le Monde et dans l'Histoire*, dirig. P.-M. Boulanger e Domonique Tabutin, Lovaiina, 1980.

LEBRUN, François, "Les crises démographiques en France aux XVIII^e Siècles", *Annales E.S.C.*, 1980, pp.205-234.

LE GOFF, Jacques, *As Doenças têm história*, Lisboa, Terramar Ed., 1985.

LE MOS, Baptista de, *Terras Portuguesas, Arquivo Historico-Corográfico ou Corografia Histórica Portuguesa*, Tip. Camões Editora, Póvoa de Varzim, 1932.

MANUEL, Caetano da Câmara, *Atravez a cidade de Évora*, 5^a ed., Minerva Comercial Lda. Évora, s.d.

MARCÍLIO, Maria Luísa; **CHARBONNEAU**, Hubert, *Démographie Historique*, P.U.F., Paris, 1979.

MARQUES, A. H. de Oliveira, *História de Portugal*, 10^a ed., Vol.III, Lisboa, Palas Ed., 1983.

MATTOSO, José, dir. *História de Portugal*, Vol. III - No Alvorecer da Modernidade, Círculo de Leitores, Lisboa, 1993.

MORAIS, Maria da Graça C. L. David de, *A Mortalidade nas Freguesias do Termo da Cidade de Évora na segunda metade do séc. XIX*, tese de mestrado em Demografia Histórica e Social, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1988.

MOREDA, Vicente Pérez, *Las Crisis de mortalidad en España interior - siglos XVI - XIX, Siglo Veintiuno de España*. Editores S.A., Madrid, 1980.

MOREIRA, Maria João Guardado, *Vida e Morte no Concelho de Idanha a Nova*, Livros Horizonte, Lisboa, 1994.

NAZARETH, J. Manuel; e SOUSA, Fernando; PINTO, Maria Luís Rocha, *A demografia portuguesa em finais do Antigo Regime - aspectos sócio-demográficos de Coruche*, Cadernos da Revista de História Económica e Social, nº4, Sá da Costa Ed., Lisboa, 1983.

NAZARETH, J. Manuel; e SOUSA, Fernando, *A demografia portuguesa do Antigo Regime - Samora Correia 1790*, Estudos e Documentos I.C.S. nº117, série estudos da População e Ecologia Humana nº1, Ed. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa, Lisboa, 1987.

NAZARETH, J. Manuel; *Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa*, Ed. Presença, Lisboa, 1988.

PEREIRA, Gabriel, "O Dicionário Geográfico do P^e. Luís Cardoso", *O Archeologo Português*, dir. J. Leite de Vasconcelos, Vol.I, Imprensa Nacional, Lisboa, 1895, pp.267-271.

PEREIRA, Gabriel, *Estudos Eborenses*, Vol.I, 2^a ed., Editora Nazareth, Évora, 1974.

PEREIRA, Gabriel, *Documentos históricos da cidade de Évora*, 2º vol, Typographia da Casa Pia, Évora, 1885 - 1887.

PINTO, Maria Luís Rocha, *Crises de Mortalidade e Dinâmica Populacional nos séculos XVII e XIX na região de Castelo Branco*, tese de doutoramento em Demografia, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1993.

RODRIGUES, Teresa Maria Ferreira, *A População Portuguesa nos séculos XIX e XX. O acentuar das assimetrias de crescimento regional*, in "População e Sociedade", nº 1, Porto, 1995.

RODRIGUES, Teresa Maria Ferreira, "As estruturas populacionais", in *História de Portugal*, dir. José Mattoso, Vol. III, Círculo de Leitores, Lisboa, 1993, pp. 197-241.

RODRIGUES, Teresa Maria Ferreira, *Crises de Mortalidade em Lisboa, Séculos XVI e XVII*, Livros Horizonte, Lisboa, 1990.

RODRIGUES, Teresa Maria Ferreira, *Lisboa no Século XIX - Dinâmica Populacional e crises de mortalidade*, tese de doutoramento em História Económica e Social dos Séculos XIX e XX, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, 1993.

RODRIGUES, Teresa Maria Ferreira e **PINTO**, Maria Luís Rocha, *O crescimento urbano no Portugal Oitocentista*, Rev. "População e Sociedade", nº 2, Porto (no prelo).

RODRIGUES, Teresa Maria Ferreira et. al., *Para o estudo das pestes e epidemias na Lisboa quinhentista*, in "Revista do Centro de Estudos Históricos e Etnológicos", Ferreira do Zêzere, 1986.

RODRIGUES, Teresa Maria Ferreira, *Viver e Morrer na Lisboa Oitocentista, Migrações, mortalidade e desenvolvimento*, Cosmos, Col. História, nº 10, Lisboa, 1995.

SANT'ANA, J. Firmino, "A Mortalidade da População Portuguesa e suas principais causas", in *Congresso do Mundo Português*, Vol.XVII, Lisboa, 1940, pp.140-180.

SERRÃO, Joel, *Demografia Portuguesa - Fontes de demografia portuguesa 1800-1862*, Col. Horizonte nº19, Livros Horizonte, Lisboa, 1973.

SERRÃO, Joel, *Temas oitocentistas*, Tom.I, Lisboa, Livros Horizonte, 1980.

SILBERT, Albert, *Le Portugal Méditerranéen a la fin de l'ancien Régime - XVIIIe Début du XIX Siècle*, Éditions Jean Touzot, Paris, 1966

SILVA, L. A. Rebello da, *Memoria Sobre a População e a Agricultura de Portugal desde a Fundação da Monarchia até 1865*, Lisboa, Imp. Nac., 1868.

SOUSA, F. L. Pereira de, *O Megatismo no 1º de Novembro de 1755 em Portugal*, Distritos de Évora e Beja, vol II, Tipografia do Comércio, Lisboa, 1916.

VALLIN, Jacques, "La mortalité en Europe de 1720 à 1914: tendances a long terme et changements de structure par sexe e par age", *Annales de Démographie Historique*, Ed. École des Hautes Études en Science Sociales, Paris, 1989, pp.31-54.

Índice de gráficos

GRÁFICO 1 - PIRÂMIDE DE IDADES NA CIDADE DE ÉVORA EM 1864	51
GRÁFICO 2 - PIRÂMIDE DE IDADES NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1864	52
GRÁFICO 3 - PIRÂMIDE DE IDADES NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1864	53
GRÁFICO 4 - PIRÂMIDE DE IDADES NA CIDADE DE ÉVORA EM 1878.....	54
GRÁFICO 5 - PIRÂMIDE DE IDADES NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1878	55
GRÁFICO 6 - PIRÂMIDE DE IDADES NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1878	55
GRÁFICO 7 - PIRÂMIDE DE IDADES NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1890	56
GRÁFICO 8 - PIRÂMIDE DE IDADES NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1900	57
GRÁFICO 9 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO ANUAL DE ÓBITOS NA CIDADE DE ÉVORA (1840-1900)	65
GRÁFICO 10 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO ANUAL DE ÓBITOS NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE (1840-1900).....	65
GRÁFICO 11 - EVOLUÇÃO DO NÚMERO ANUAL DE ÓBITOS NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE ÉVORA (1840-1900).....	65
GRÁFICO 12 - COMPARAÇÃO DA SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE E NA CIDADE DE ÉVORA (1850-1900).....	69
GRÁFICO 13 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855-57	90
GRÁFICO 14 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855-57.....	91
GRÁFICO 15 - A SOBREMORTALIDADE NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1855-57	91
GRÁFICO 16 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1855	93
GRÁFICO 17 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855	93

GRÁFICO 18 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1856	93
GRÁFICO 19 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1856	93
GRÁFICO 20 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1857	93
GRÁFICO 21 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855	104
GRÁFICO 22 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855	104
GRÁFICO 23 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1856	104
GRÁFICO 24 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1856	104
GRÁFICO 25 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1857	105
GRÁFICO 26 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1863-64	110
GRÁFICO 27 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1863-64	110
GRÁFICO 28 - A SOBREMORTALIDADE NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1863-64	111
GRÁFICO 29 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1863	111
GRÁFICO 30 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1863	111
GRÁFICO 31 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1864	112
GRÁFICO 32 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1864	112

GRÁFICO 33 - A SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1863	119
GRÁFICO 34 - A SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1863.....	120
GRÁFICO 35 - A SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1864	120
GRÁFICO 36 - A SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1864.....	120
GRÁFICO 37 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1868	124
GRÁFICO 38 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1868	124
GRÁFICO 39 - A SOBREMORTALIDADE NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1868...	124
GRÁFICO 40 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1868	127
GRÁFICO 41 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1868	128
GRÁFICO 42 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1868	132
GRÁFICO 43 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1868	132
GRÁFICO 44 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1873	137
GRÁFICO 45- A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1873	137
GRÁFICO 46 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE ÉVORA EM 1873	137
GRÁFICO 47 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1873	138

GRÁFICO 48 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1873	138
GRÁFICO 49 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1873	143
GRÁFICO 50 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1873	143
GRÁFICO 51 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1881	147
GRÁFICO 52 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1881	147
GRÁFICO 53 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE ÉVORA EM 1881	147
GRÁFICO 54 - A SAZONALIDADE DA MORTE NA FREGUESIA ATINGIDA NA CIDADE DE ÉVORA EM 1881	147
GRÁFICO 55 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1881	148
GRÁFICO 56 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NA FREGUESIA ATINGIDA NA CIDADE DE ÉVORA EM 1881	152
GRÁFICO 57 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1881	152
GRÁFICO 58 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1883-84	161
GRÁFICO 59 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1883-84	161
GRÁFICO 60 - A SOBREMORTALIDADE NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1883-84	161
GRÁFICO 61 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1883	162
GRÁFICO 62 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1884	162

GRÁFICO 63 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1884	162
GRÁFICO 64 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1883	167
GRÁFICO 65 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1884	168
GRÁFICO 66 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1884	168
GRÁFICO 67 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA EM 1890	174
GRÁFICO 68 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1890	174
GRÁFICO 69 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO CONCELHO DE ÉVORA EM 1890	175
GRÁFICO 70 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1890	175
GRÁFICO 71 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1890	176
GRÁFICO 72 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1890	179
GRÁFICO 73 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1890	179
GRÁFICO 74 - A SOBREMORTALIDADE NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1897	183
GRÁFICO 75 - A SAZONALIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1897	184
GRÁFICO 76 - SAZONALIDADE DIFERENCIAL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1897	186

Índice de Mapas

MAPA 1.....	40
MAPA 2.....	44
MAPA 3.....	44
MAPA 4.....	46
MAPA 5 - INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1855.....	85
MAPA 6 - INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1856.....	86
MAPA 7 - INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1857.....	86
MAPA 8 - A INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1863.....	107
MAPA 9 - A INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1864.....	108
MAPA 10 - A INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS DO CONCELHO DE ÉVORA EM 1868.....	123
MAPA 11 - INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1873.....	136
MAPA 12 - A INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS DO CONCELHO DE ÉVORA EM 1881.....	146
MAPA 13 - A INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS DO CONCELHO DE ÉVORA EM 1883.....	155
MAPA 14 - A INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS DO CONCELHO DE ÉVORA EM 1884.....	156
MAPA 15 - INTENSIDADE DE MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1890.....	172
MAPA 16 - INTENSIDADE DA MORTE NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO CONCELHO DE ÉVORA EM 1897.....	182

Índice de quadros

QUADRO 1 - VOLUME E TAXA DE CRESCIMENTO TOTAL DA POPULAÇÃO DO CONCELHO DE ÉVORA ENTRE 1864 E 1900	47
QUADRO 2 - RELAÇÃO ALMAS/FOGOS NAS FREGUESIAS DO CONCELHO	49
QUADRO 3 - NÚMERO MÉDIO DE HABITANTES POR FOGO NAS FREGUESIAS URBANAS (1864-1900)	50
QUADRO 4 - NÚMERO MÉDIO DE HABITANTES POR FOGO NAS FREGUESIAS DO TERMO (1864-1900)	50
QUADRO 5 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO NO CONCELHO DE ÉVORA POR GRANDES GRUPOS DE IDADES EM 1864	57
QUADRO 6 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO NO CONCELHO DE ÉVORA POR GRANDES GRUPOS DE IDADES EM 1878	57
QUADRO 7 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO DO CONCELHO DE ÉVORA POR GRANDES GRUPOS DE IDADE EM 1890	58
QUADRO 8 - ESTRUTURA ETÁRIA DA POPULAÇÃO DO CONCELHO DE ÉVORA POR GRANDES GRUPOS DE IDADE EM 1900	58
QUADRO 9 - ÍNDICES-RESUMO DE 1864 E 1878.....	60
QUADRO 10 - ÍNDICES-RESUMO DE 1890 E 1900.....	60
QUADRO 11 - REPARTIÇÃO MENSAL DOS ÓBITOS NA CIDADE DE ÉVORA.....	68
QUADRO 12 - REPARTIÇÃO MENSAL DOS ÓBITOS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA	68
QUADRO 13 - REPARTIÇÃO MENSAL DOS ÓBITOS NO CONCELHO DE ÉVORA	68
QUADRO 14 - AS CRISES DE MORTALIDADE NA CIDADE DE ÉVORA SEGUNDO O NÚMERO DE FREGUESIAS ATINGIDAS E A SUA MAGNITUDE	73
QUADRO 15 - AS CRISES DE MORTALIDADE NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA SEGUNDO O NÚMERO DE FREGUESIAS ATINGIDAS E A SUA MAGNITUDE	74
QUADRO 16 - AS CRISES DE MORTALIDADE NO CONCELHO DE ÉVORA SEGUNDO O NÚMERO DE FREGUESIAS ATINGIDAS E A SUA MAGNITUDE	76
QUADRO 17 - INTENSIDADE DAS CRISES GERAIS NA CIDADE DE ÉVORA	77

QUADRO 18 - INTENSIDADE DAS CRISES GERAIS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA	77
QUADRO 19 - INTENSIDADE DAS CRISES GERAIS NO CONCELHO DE ÉVORA..	78
QUADRO 20 - ANOS DE MORTALIDADE EXTRAORDINÁRIA (1850-1900).....	80
QUADRO 21 - MORTALIDADE NORMAL E EXTRAORDINÁRIA (1850-1900).....	82
QUADRO 22 - MAGNITUDES DAS CRISES POR FREGUESIAS (1850-1900).....	83
QUADRO 23 - INTENSIDADE DA CRISE DE 1855-57.....	86
QUADRO 24 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1855	96
QUADRO 25 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855.....	96
QUADRO 26 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1856	97
QUADRO 27 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1856.....	97
QUADRO 28 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1857.....	97
QUADRO 29 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1855	99
QUADRO 30 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855	99
QUADRO 31 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1856	99
QUADRO 32 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1856	100
QUADRO 33 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1857	100
QUADRO 34 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1855	101

QUADRO 35 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1855	102
QUADRO 36 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1856	102
QUADRO 37 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1856	102
QUADRO 38 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1857	103
QUADRO 39 - ÓBITOS REGISTRADOS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA	106
QUADRO 40 - INTENSIDADE DA CRISE DE 1863-64.....	108
QUADRO 41 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1863	113
QUADRO 42 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1863.....	113
QUADRO 43 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1864	114
QUADRO 44 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1864.....	114
QUADRO 45 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1863	115
QUADRO 46 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1863	115
QUADRO 47 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1864.....	116
QUADRO 48 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1864	117
QUADRO 49 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS.....	117
QUADRO 50 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS.....	118

QUADRO 51 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1864	118
QUADRO 52 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1864	119
QUADRO 53 - MOVIMENTO DOS DOENTES NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA NOS ANOS DE 1863-64.....	121
QUADRO 54 - INTENSIDADE DA CRISE DE 1868	123
QUADRO 55 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1868	128
QUADRO 56 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1868.....	128
QUADRO 57 - MORTES REGISTADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1868	130
QUADRO 58 - MORTES REGISTADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1868	130
QUADRO 59 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1868	131
QUADRO 60 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1868	131
QUADRO 61 - MOVIMENTO DO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA EM 1868	133
QUADRO 62 - INTENSIDADE DA CRISE DE 1873	136
QUADRO 63 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1873	139
QUADRO 64 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1873.....	139
QUADRO 65 - MORTES REGISTADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1873	140
QUADRO 66 - MORTES REGISTADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1873	140

QUADRO 67 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1873	141
QUADRO 68 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1873	141
QUADRO 69 - ÓBITOS REGISTRADOS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA NO ANO DE 1873	144
QUADRO 70 - PRINCIPAIS CAUSAS DE MORTE REGISTRADAS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA EM 1873	144
QUADRO 71 - INTENSIDADE DA CRISE DE 1881	146
QUADRO 72 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NA FREGUESIA ATINGIDA NA CIDADE DE ÉVORA EM 1881	149
QUADRO 73 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1881.....	149
QUADRO 74 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1881	150
QUADRO 75 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1881	150
QUADRO 76 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NA FREGUESIA ATINGIDA NA CIDADE DE ÉVORA EM 1881	151
QUADRO 77 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1881	151
QUADRO 78 - ÓBITOS REGISTRADOS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO EM 1881	153
QUADRO 79 - SAZONALIDADE DAS MORTES NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO EM 1881	154
QUADRO 80- INTENSIDADE DA CRISE DE 1883-84	156
QUADRO 81- A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1883.....	163
QUADRO 82 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1884	163
QUADRO 83 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS	163

QUADRO 84 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1883	164
QUADRO 85 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1884	164
QUADRO 86 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1884	164
QUADRO 87 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1883	166
QUADRO 88 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1884	166
QUADRO 89 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1884	166
QUADRO 90 - ÓBITOS REGISTRADOS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA EM 1883 E 1884	169
QUADRO 91 - SAZONALIDADE DO SURTO DE VARÍOLA (1884)	170
QUADRO 92 - ÓBITOS RESULTANTES DE VARÍOLA SEGUNDO OS GRUPOS DE IDADE (1884)	170
QUADRO 93 - SAZONALIDADE DOS ÓBITOS REGISTRADOS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO DE ÉVORA EM 1883-84	171
QUADRO 94 - INTENSIDADE DA CRISE DE 1890	172
QUADRO 95 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1890	176
QUADRO 96 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1890.....	176
QUADRO 97 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1890	177
QUADRO 98 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1890	178
QUADRO 99 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NA CIDADE DE ÉVORA EM 1890	178

QUADRO 100 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1890	178
QUADRO 101 - ÓBITOS REGISTRADOS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO EM ÉVORA EM 1890	180
QUADRO 102 - SAZONALIDADE DA MORTE NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO EM ÉVORA EM 1890	181
QUADRO 103 - INTENSIDADE DA CRISE DE 1897	182
QUADRO 104 - A MORTALIDADE DIFERENCIAL SEGUNDO OS SEXOS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1897.....	184
QUADRO 105 - MORTES REGISTRADAS NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1897	185
QUADRO 106 - DISTRIBUIÇÃO DA MORTALIDADE INFANTIL NAS FREGUESIAS ATINGIDAS NO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA EM 1897	185
QUADRO 107 - ÓBITOS REGISTRADOS NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO EM ÉVORA EM 1897	186
QUADRO 108 - SAZONALIDADE DA MORTE NO HOSPITAL DO ESPÍRITO SANTO EM ÉVORA EM 1897	187

Notas

- ¹ - Cf. Capítulo I do presente estudo.
- ² - Maria da Graça David de Morais, *A Mortalidade nas Freguesias do Termo da Cidade de Évora na segunda metade do século XIX ...*
- ³ - Para uma abordagem desta temática veja-se Teresa Rodrigues, *Lisboa no século XIX ...*; Henrique David, *As crises de Mortalidade ...*; Maria Luís Rocha Pinto, *Crises de Mortalidade ...*; Graça Morais, *A Mortalidade nas Freguesias do Termo da Cidade de Évora ...*
- ⁴ - Veja-se J.Dupâquier, "De l'animal à l'homme: le mécanisme régulateur des populations traditionnelles", pp. 177-211.
- ⁵ - Maria Luís Rocha Pinto, *Crises de Mortalidade e Dinâmica Populacional nos Séculos XVIII e XIX na Região de Castelo Branco*, p.18.
- ⁶ - *Recenseamentos Gerais da População*, 1864 e 1911.
- ⁷ - Joel Serrão, *Temas oitocentistas*, Tom.I, p.167.
- ⁸ - A propósito desta classificação veja-se Del Panta, *Le Epidemie nella storia demografica italiana...*
- ⁹ - Jorge Crespo, *A História do Corpo*, pp.18-19.
- ¹⁰ - Teresa Ferreira Rodrigues, *Um caso de mortalidade diferencial urbana - A Lisboa dos séculos XVI a XIX*, p. 11.
- ¹¹ - «O Scholastico Eborense», Anno I, nº12, Évora, 15 de Março de 1862, p.4.
- ¹² - «O Scholastico Eborense», Anno I, nº24, Évora, 30 de Julho de 1862, p.2.
- ¹³ - «O Scholastico Eborense», Anno I, nº22, Évora, 1 de Julho de 1862, p.4.
- ¹⁴ - «Revista Eborense», Anno I, nº 16, Évora, 15 de Dezembro, 1889, p. 4.
- ¹⁵ - Livro 2º dos Originaes da Camara de Evora, p. 108 (113), in António Francisco Barata, *Evora Antiga*, p. 34.
- ¹⁶ - «O Scholastico Eborense», Anno I, nº11, Évora, 1 de Março de 1862, p.p. 3-4.
- ¹⁷ - «Revista Eborense», Anno I, nº 24, Évora, 23 de Fevereiro, 1890, p. 4.
- ¹⁸ - «O Operário», Anno I, nº 2, Évora, 29 de Setembro de 1889, p.4.
- ¹⁹ - «O Operário», Anno I, nº 1, Évora, 22 de Setembro de 1889, p.4.
- ²⁰ - Fernando da Conceição Correia, *A centralização dos Serviços de Higiene*, p. 141.
- ²¹ - Luiz Soares e Barboza, «Memória sobre as enfermidades que tem grassado na Cidade de Leiria, e seu termo», *Jornal de Coimbra*, III, XIII, Lisboa, 1813, pp.79 e 82 in Jorge Crespo, ob. cit. p.125.
- ²² - «Programa da Academia Real das Sciencias de Lisboa, anunciado na sessão pública de 19 de Dezembro de 1813, *História e Memórias*, XI, parte I, Lisboa, 1831, p.XXVI, in Jorge Crespo, ob. cit. p.131.
- ²³ - «Recopilação das Contas dos Facultativos», *Jornal de Coimbra*, III, XV, Lisboa, 1813, p.225, in Jorge Crespo, ob. cit. p.138.

- ²⁴ - «O Scholastico Eborense», Anno I, nº2, Évora, 10 de Junho de 1862, p. 3.
- ²⁵ - «O Scholastico Eborense», Anno II, nº51, Évora, 1 de Maio de 1863, p. 3.
- ²⁶ - François Guichard, *Atlas Demográfico de Portugal*, p.12.
- ²⁷ - «O Scholastico Eborense» Anno I, nº11, Évora, 1 de Março de 1862, p.3.
- ²⁸ - Luis Gonzaga da Silva, «Introdução Histórico-Médica para as Observações Médicas, em a Villa de Santarém ...», *Jornal de Coimbra*, III, XIV, Lisboa, 1813, pp.140 e 147, in Jorge Crespo, ob. cit. p.243.
- ²⁹ - «Recopilação das Contas dos Facultativos», *Jornal de Coimbra*, III, XV, Lisboa, 1813, p.229; «Conta do Médico de Alvito», *Jornal de Coimbra*, III, XVI, Lisboa, 1813, p.346 in Jorge Crespo, ob. cit. p.248.
- ³⁰ - ANTT, Intendência de Polícia, Avisos e Portarias, M.57, Doc.72, de Julho de 1827, in Jorge Crespo, ob. cit. pp.255-256.
- ³¹ - ANTT, Intendência da Polícia, Avisos e Portarias, M.57, Doc.425 de Dezembro de 1827, in Jorge Crespo ob. cit. p.256.
- ³² - *Guia de Portugal*, Vol. II, p.22.
- ³³ - Jorge Crespo, ob. cit. p.145.
- ³⁴ - «Évora Postal», Anno II, nº5, Évora, 22 de Julho de 1896, p.2.
- ³⁵ - Jorge Gaspar de Oliveira Rolão, «Breve descrição topographica da Villa d'Alpedrinha e seu districto, na comarca de Castello-Branco», *Jornal de Coimbra*, V, XXV, Lisboa, 1814, p.18, in Jorge Crespo, ob. cit. p.129.
- ³⁶ - Andrade Corvo, Relatório sobre a Exposição Agrícola de Paris, in Manuel Villaverde Cabral, *O desenvolvimento do Capitalismo em Portugal no século XIX*, pp.216-217.
- ³⁷ - «Conto de José Manoel Chaves ...» *Jornal de Coimbra*, II, XXVII, Lisboa, 1814, p.190 in Jorge Crespo, ob. cit. p.23.
- ³⁸ - «O Scholastico Eborense», Anno II, nº46, Évora, 1 de Março de 1863, pp.3-4.
- ³⁹ - «O Scholastico Eborense», Anno I, nº11, Évora, 1 de Março de 1862, p.3.
- ⁴⁰ - ANTT, Ministério do Reino, *Negócios de Saúde Pública*, M.69, Doc.262, Officio do Juiz de Fora de Monsaraz, de 24 de Setembro de 1823, in Jorge Crespo, ob. cit. p.327.
- ⁴¹ - «O Scholastico Eborense», Anno I, nº26, Évora, 10 de Agosto de 1862, p.3.
- ⁴² - «O Scholastico Eborense», Anno I, nº16, Évora, 1 de Maio de 1862, p.3.
- ⁴³ - Ibidem.
- ⁴⁴ - Fortunato de Almeida, *História da Igreja em Portugal*, Vol. II, p. 568.
- ⁴⁵ - Teresa Ferreira Rodrigues, *Lisboa no século XIX - Dinâmica Populacional e crises de mortalidade*, p. 75.
- ⁴⁶ - Ibidem.
- ⁴⁷ - Registo Paroquial da freguesia de Santo Antão, livro 67, p.100, 1853.

⁴⁸ - Tratar-se-á de trabalhadores rurais.

⁴⁹ - Jorge Carvalho Arroiteia, *A evolução demográfica portuguesa*, p.21.

⁵⁰ - Relativamente à qualidade dos censos a nível nacional, veja-se Teresa Ferreira Rodrigues, *Lisboa no Século XIX ...*, pp. 52-68.

⁵¹ - Este método baseia-se na construção de um índice de regularidade dos sexos e de dois índices de regularidade das idades em que aquele é sintetizado pela média das diferenças absolutas entre as relações de masculinidade dos grupos sucessivos. Os índices de regularidade das idades são sintetizados pela média das diferenças absolutas entre as relações de regularidade e o nº 100. O I.C.N.U. obtém-se dando um coeficiente 3 ao índice de regularidade dos sexos e um coeficiente 1 aos outros dois. Quanto à grelha classificativa para interpretação dos resultados, considera-se que

< 20 - Bom

20-40 - Mau

> 40 - Muito Mau

(a este propósito ver ainda J.Manuel Nazareth, *Principios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa*, pp. 191-192).

⁵² - «A preliminary suggestion for the measurement of mortality crises», in AAVV, *Les grandes mortalités ...*, pp.21-28, in Maria João Guardado Moreira, *Vida e Morte no Concelho de Idanha-a-Nova*, p.51.

⁵³ - in Maria João Guardado Moreira, ob. cit., pp.53-54.

⁵⁴ - A este propósito veja-se Graça Morais, *A Mortalidade nas Freguesias do Termo da Cidade de Évora ...*

⁵⁵ - Vicente Pérez Moreda, *Las Crisis de mortalidad en Espana interior - siglos XVI-XIX, Siglo Veintiuno de Espana*, p.108.

⁵⁶ - *Guia de Portugal*, ob.cit., p. 19.

⁵⁷ - Túlio Espanca, *Património Artístico do Concelho de Évora*, p. 9.

⁵⁸ - Veja-se deste autor *Estudos Eborenses ... e Documentos históricos da cidade de Évora ...*

⁵⁹ - Reformulação do mapa publicado in Maria da Graça David de Morais, *A Mortalidade nas Freguesias do Termo da Cidade de Évora*, p. 31.

⁶⁰ - Túlio Espanca, *Património Artístico do Concelho de Évora*, p. 8.

⁶¹ - *Guia de Portugal*, ob.cit., p.p. 25-26.

⁶² - Cf. António Carvalho da Costa, *Chorografia Portuguesa e Descrição Topographica do Reino de Portugal ...* e António Francisco Barata, *Évora e os seus arredores ...*

⁶³ - veja-se deste autor *Estudos Eborenses e Documentos Históricos da Cidade de Évora ...*

⁶⁴ - Teresa Ferreira Rodrigues, "As estruturas populacionais", in José Mattoso, dir. *História de Portugal*, Vol. III, p. 230.

⁶⁵ - Jorge Carvalho Arroiteia, ob.cit., p. 55.

⁶⁶ - in Boletim "A Cidade de Évora", nºs 43-44, Câmara Municipal de Évora, Évora, 1960-61.

⁶⁷ - Francisco Luiz Pereira de Sousa, *O Megatismo no 1º de Novembro de 1755 em Portugal*, Vol.II, p.73.

⁶⁸ - Caetano da Câmara Manuel, *Atravez a cidade de Évora*, p. 74.

⁶⁹ - Gabriel Pereira in *Guia de Portugal*, ob.cit., p. 37.

⁷⁰ - Caetano da Câmara Manuel, ob.cit., p. 84.

⁷¹ - Caetano da Câmara Manuel, ob.cit., p. 83.

⁷² - Segundo a descrição de I.de Vilhena Barbosa, *As Cidades e Villas da Monarchia Portuguesa que teem Brasão D'Armas*, Vol.I, p. 167.

⁷³ - Caetano da Câmara Manuel, ob.cit., pp. 66-68.

⁷⁴ - in Boletim "A Cidade de Évora", nºs 43-44, Câmara Municipal de Évora, Évora, 1960-61.

⁷⁵ - O cálculo do ritmo de crescimento anual médio permite-nos observar quanto é que uma população cresceu por ano num determinado período de tempo. Para a realização desta medição baseámo-nos no método do crescimento geométrico, cuja fórmula é:

$$\log \frac{P_n}{P_o} = n \log (1 + a)$$

Po

Pn - representa a população num determinado momento (neste caso 1900).

Po - representa a população em 1864.

n - amplitude do período em causa.

Entre os dois momentos - Pn e Po - a população cresce a um determinado ritmo por ano: a.

(a este propósito veja-se J.Manuel Nazareth, *Princípios e Métodos de Análise ...*, pp. 164-166).

⁷⁶ - O cálculo da densidade populacional por freguesia não foi efectuado, uma vez que a delimitação geográfica das mesmas é inexistente.

⁷⁷ - Jorge Carvalho Arroiteia, ob.cit., p. 26.

⁷⁸ - Teresa Maria Ferreira Rodrigues, *Lisboa no século XIX - Dinâmica Populacional e Crises de Mortalidade*.

⁷⁹ - Maria Luís Rocha Pinto, *Crises de Mortalidade e Dinâmica Populacional nos séculos XVII e XIX na região de Castelo Branco*.

⁸⁰ - A este propósito veja-se J.Manuel Nazareth, *Princípios e Métodos de Análise ...*, pp. 251-252.

⁸¹ - Ver ainda a este propósito Jorge Crespo, ob.cit. e Teresa Ferreira Rodrigues, *O quotidiano da morte no Portugal Moderno (séculos XVI-XVIII)*.

⁸² - Em certas partes do País existiam livros separados de menores e maiores de 7 anos, que permitia verificar a desigualdade das curvas sazonais consoante as idades. No entanto, tal não acontece em relação a Évora.

- ⁸³ - Ver método de Dupâquier explicitado no capítulo II (a metodologia), p. 37
- ⁸⁴ - Ver explicação da fórmula na p. 37
- ⁸⁵ - Sobre este assunto ver Teresa Ferreira Rodrigues, *Lisboa no século XIX - Dinâmica Populacional e crises de mortalidade*, pp. 400-402.
- ⁸⁶ - Arquivo da Câmara Municipal de Évora, livro nº 116, pp. 221-222.
- ⁸⁷ - Arquivo da Câmara Municipal de Évora, livro nº 117, p. 60.
- ⁸⁸ - Idem p. 81.
- ⁸⁹ - Arquivo da Câmara Municipal de Évora, livro nº 115, p. 196.
- ⁹⁰ - Arquivo da Câmara Municipal de Évora, livro nº 117, p. 68.
- ⁹¹ - Archivo Eborense, Typ. Eborense de F.C.Bravo, Évora, 1893, p. 235.
- ⁹² - Arquivo da Câmara Municipal de Évora, livro nº 116, p. 278.
- ⁹³ - Idem, Livro 117, p. 179.
- ⁹⁴ - Arquivo da Câmara Municipal de Évora, livro nº 117, p. 185.
- ⁹⁵ - O Scholastico Eborense, Anno I, nº 9, Évora, 1 de Fevereiro de 1862, p. 2
- ⁹⁶ - J.Manuel Nazareth, *Princípios e Métodos de Análise ...*, pp. 246-247.
- ⁹⁷ - Henrique Rodrigues David, *As crises de mortalidade no concelho de Braga (1700-1880)*, vol I, p. 235.
- ⁹⁸ - Arquivo da Câmara Municipal de Évora, livro nº 124, p. 1.
- ⁹⁹ - Archivo Eborense, Typ Eborense de F.C. Bravo, Évora, 1893, p. 255.
- ¹⁰⁰ - Idem, p. 255.
- ¹⁰¹ - O Scholastico Eborense, Anno II, nº 53, Évora, 10 de Junho de 1863, p. 3.
- ¹⁰² - O Scholastico Eborense, Anno II, nº 50, Évora, 10 de Abril de 1863, p. 3.
- ¹⁰³ - Fernando da Conceição Correia, *Problemas de Higiene e Puericultura*, p. 31.
- ¹⁰⁴ - Ver Teresa Ferreira Rodrigues, *Lisboa no século XIX - Dinâmica Populacional e crises de mortalidade ...* e Maria Luís Rocha Pinto, *Crises de Mortalidade e dinâmica populacional em Castelo Branco ...*
- ¹⁰⁵ - Perseverança, Anno 1, nº 2, Évora, 17 de Novembro de 1867, p.1.
- ¹⁰⁶ - Perseverança, Anno 1, nº 3, Évora, 24 de Novembro de 1867, p.2.
- ¹⁰⁷ - Perseverança, Anno 1, nº 5, Évora, 8 de Dezembro de 1867, p.3.
- ¹⁰⁸ - Perseverança, Anno 1, nº 16, Évora, 20 de Março de 1868, p.3.
- ¹⁰⁹ - Perseverança, Anno 1, nº 17, Évora, 1 de Abril de 1868, p.1.
- ¹¹⁰ - Perseverança, Anno 1, nº 7, Évora, 1 de Janeiro de 1868, p.3.
- ¹¹¹ - Ibidem.
- ¹¹² - Arquivo da Câmara Municipal de Évora, livro nº 125, p. 137.
- ¹¹³ - Arquivo da Câmara Municipal de Évora, Maço nº 125, p. 69.

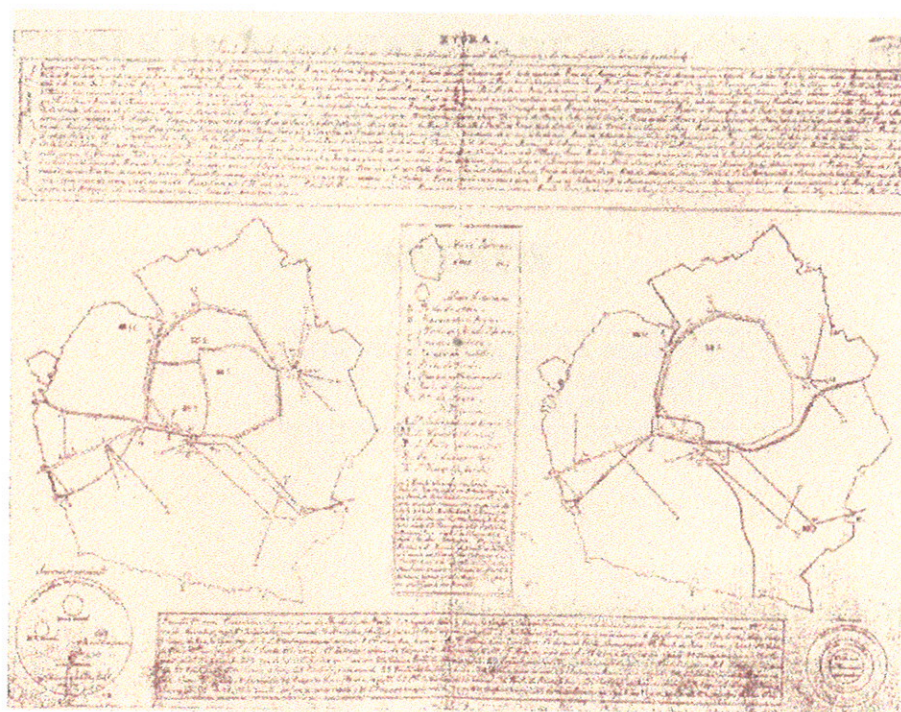
- ¹¹⁴ - Arquivo da Câmara Municipal de Évora, Maço nº 125, p. 43.
- ¹¹⁵ - Perseverança, Anno 1, nº 7, Évora, 5 de Janeiro de 1868, p.3.
- ¹¹⁶ - Perseverança, Anno 1, nº 10, Évora, 19 de Janeiro de 1868, p. 1.
- ¹¹⁷ - Idem, p. 4.
- ¹¹⁸ - Perseverança, Anno 1, nº 11, Évora, 26 de Janeiro de 1868, pp.3-4.
- ¹¹⁹ - Fernando da Silva Correia, Portugal dans l'Histoire de l'Higiene ..., pp. 354-365.
- ¹²⁰ - As crises de mortalidade no concelho de Braga (1700-1880), Vol.I, pp. 241-245.
- ¹²¹ - Fernando da Conceição Correia, *Problemas de Higiene e Puericultura*, Imprensa da Universidade de Coimbra, Coimbra, 1932, p. 3.
- ¹²² - Fernando da Conceição Correia, *Problemas de Higiene e Puericultura*, p. 12.
- ¹²³ - Arquivo da Santa Casa da Misericórdia de Évora, Maço 352, p. 103.
- ¹²⁴ - A este propósito veja-se Jorge Crespo, *A História do Corpo*, pp. 120-121.
- ¹²⁵ - Manuel Villaverde Cabral, *Portugal na Alvorada do Século XX*, pp. 212-236.
- ¹²⁶ - Fernando da Conceição Correia, *Problemas de Higiene e Puericultura*, p. 147.
- ¹²⁷ - Ibidem p. 112.
- ¹²⁸ - Fernando da Conceição Correia, *Problemas de Higiene e Puericultura*, pp. 56-57.
- ¹²⁹ - Fernando da Conceição Correia, *Problemas de Higiene e Puericultura*, pp. 134-135.
- ¹³⁰ - Progresso do Alemtejo, Anno I, nº 4, Évora, 13 de Outubro de 1883, p. 2.
- ¹³¹ - Idem, p. 3.
- ¹³² - Ibidem.
- ¹³³ - Progresso do Alemtejo, Anno I, nº 5, Évora, 17 de Outubro de 1883, Évora, p. 3.
- ¹³⁴ - Idem, nº 8, Évora, 27 de Outubro de 1883, p. 3.
- ¹³⁵ - Progresso do Alemtejo, Anno I, nº 84, Évora, 19 de Julho de 1884, p. 3.
- ¹³⁶ - Progresso do Alemtejo, Anno I, nº 80, Évora, 9 de Julho de 1884, p. 1.
- ¹³⁷ - Progresso do Alemtejo, Anno I, nº 83, Évora, 16 de Julho de 1884, p. 2.
- ¹³⁸ - Progresso do Alemtejo, Anno I, nº 83, Évora, 16 de Julho de 1884, p. 3.
- ¹³⁹ - Idem, nº 88, Évora, 2 de Agosto de 1884, p. 3.
- ¹⁴⁰ - Progresso do Alemtejo, Anno I, nº 87, Évora, 30 de Julho de 1884, p. 2.
- ¹⁴¹ - Idem, nº 85, Évora, 23 de Julho de 1884, p. 2.
- ¹⁴² - Progresso do Alemtejo, Anno I, nº 85, Évora, 23 de Julho de 1884, p. 2.
- ¹⁴³ - Progresso do Alemtejo, Anno I, nº 88, Évora, 2 de Agosto de 1884, p. 3.
- ¹⁴⁴ - Progresso do Alemtejo, Anno I, nº 84, Évora, 19 de Julho de 1884, p. 2.
- ¹⁴⁵ - Fernando da Conceição Correia, *Problemas de Higiene e Puericultura*, pp. 223-224.
- ¹⁴⁶ - Fernando da Conceição Correia, *A Centralização dos Serviços de Higiene*, p. 19.
- ¹⁴⁷ - Ver do mesmo autor, *Problemas de Higiene e Puericultura*, p. 111.

- ¹⁴⁸ - Folha d'Évora, Anno I, nº 9, Évora, 23 de Agosto de 1891, p. 3.
- ¹⁴⁹ - Fernando da Conceição Correia, *Problemas de Higiene e Puericultura*, p. 28.
- ¹⁵⁰ - Situação excepcional foi a registada nas freguesias atingidas do termo da cidade no ano de 1884, em que o número de óbitos de maiores é significativamente superior ao dos menores (cf. Gráfico 66).
- ¹⁵¹ - Revista Eborense, Anno 1, nº 24, Évora, 23 de Fevereiro de 1890, p. 1.
- ¹⁵² - Revista Eborense, Anno 1, nº 18, Évora, 5 de Janeiro de 1890, p. 1.
- ¹⁵³ - Folha d'Évora, Anno 1, nº 11, Évora, 30 de Agosto de 1891, p. 3.
- ¹⁵⁴ - Ibidem.
- ¹⁵⁵ - Revista Eborense, Anno 1, nº 18, Évora, 5 de Janeiro de 1890, p. 4.
- ¹⁵⁶ - Idem, nº 19, Évora, 12 de Janeiro de 1890, p. 4.
- ¹⁵⁷ - Revista Eborense, Anno 1, nº 23, Évora, 9 de Fevereiro de 1890, p. 4.
- ¹⁵⁸ - Idem, nº 24, Évora, 23 de Fevereiro de 1890, p. 1.
- ¹⁵⁹ - Ver Fernando da Conceição Correia, *Problemas de Higiene e Puericultura*, pp. 93-94.
- ¹⁶⁰ - Folha d'Évora, Anno 1, nº 14, Évora, 10 de Setembro de 1891, p. 3.
- ¹⁶¹ - Folha d'Évora, Anno 1, nº 16, Évora, 17 de Setembro de 1891, p. 3.
- ¹⁶² - Teresa Ferreira Rodrigues, *Lisboa no século XIX - Dinâmica Populacional e Crises de Mortalidade*, pp. 375-376.
- ¹⁶³ - Folha d'Évora, Anno 1, nº 15, Évora, 13 de Setembro de 1891, p. 3.
- ¹⁶⁴ - Fernando da Conceição Correia, *Problemas de Higiene e Puericultura*, pp. 54-55.
- ¹⁶⁵ - Revista Eborense, Anno 1, nº 21, Évora, 26 de Janeiro de 1890, p. 4.
- ¹⁶⁶ - Ibidem.
- ¹⁶⁷ - Maria Luís Rocha Pinto, *Crises de Mortalidade e Dinâmica Populacional nos Séculos XVIII e XIX na Região de Castelo Branco*, p.421.
- ¹⁶⁸ - Fernando da Conceição Correia, *Problemas de Higiene e Puericultura*, p. 223.
- ¹⁶⁹ - Idem p. 114.
- ¹⁷⁰ - *Diário do Alemtejo*, Anno XII, Évora, 6 de Outubro de 1897, p. 1.
- ¹⁷¹ - *Diário do Alemtejo*, Anno XII, Évora, 9 de Outubro de 1897, p. 1.
- ¹⁷² - *Diário do Alemtejo*, Anno XII, Évora, 1 de Outubro de 1897, p. 3.
- ¹⁷³ - *Diário do Alemtejo*, Anno XII, Évora, 9 de Outubro de 1897, p. 4.

ALICE MARIA FERREIRA MENDONÇA

AS CRISES DE MORTALIDADE NO CONCELHO DE
ÉVORA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX

ANEXOS



Lisboa

1996

303
MEN cri
T/D

ALICE MARIA FERREIRA MENDONÇA

**AS CRISES DE MORTALIDADE NO CONCELHO DE
ÉVORA NA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XIX**

ANEXOS

UNIVERSIDADE DA MADEIRA
SECTOR DE DOCUMENTAÇÃO
E ARQUIVO

Tese de Mestrado em Demografia Histórica e
Social apresentada à Faculdade de Ciências
Sociais e Humanas da Universidade Nova de
Lisboa

Lisboa

1996

Índice

Anexo I - Gráficos 1 a 20 - Sazonalidade da Morte nas Freguesias do Concelho de Évora (1850 - 1900).....	IV
Anexo II - Quadros 1 a 54 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora.....	XII
Anexo III - Quadros 1 a 23 - Óbitos Registados nos Livros paroquiais das Freguesias do Concelho de Évora.....	LXVII

**Anexo I - Gráficos 1 a 20 - Sazonalidade da Morte nas
Freguesias do Concelho de Évora (1850 - 1900)**

Anexo I

Gráfico 1

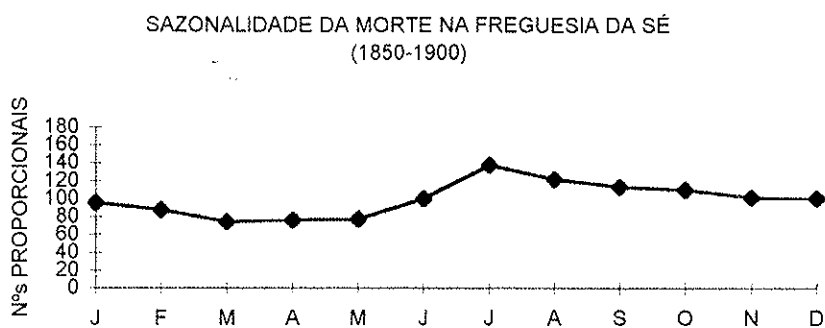


Gráfico 2

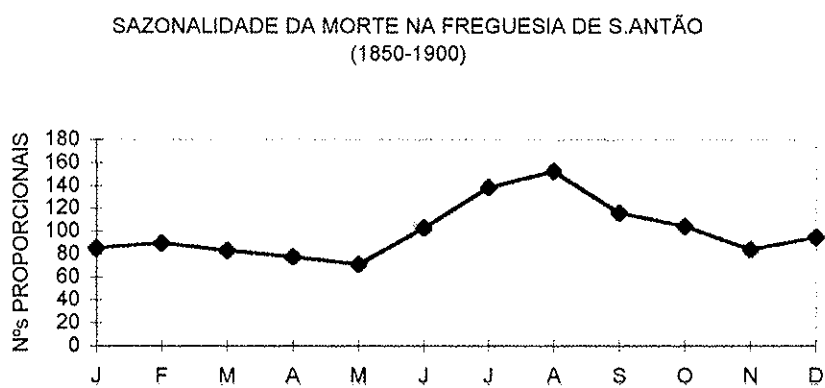
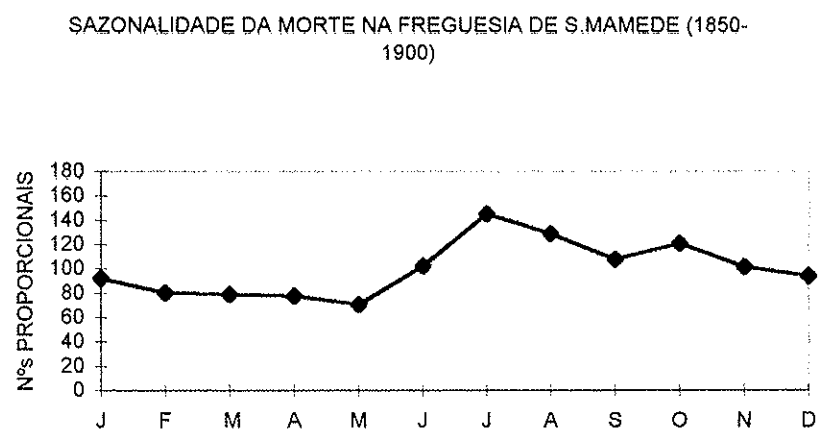


Gráfico 3



Anexo I

Gráfico 4

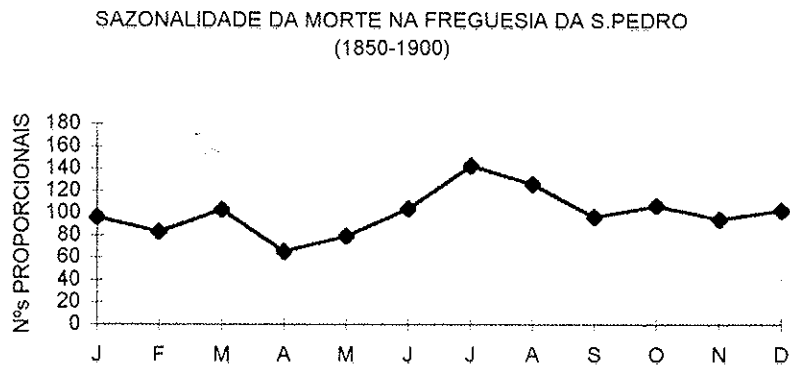


Gráfico 5

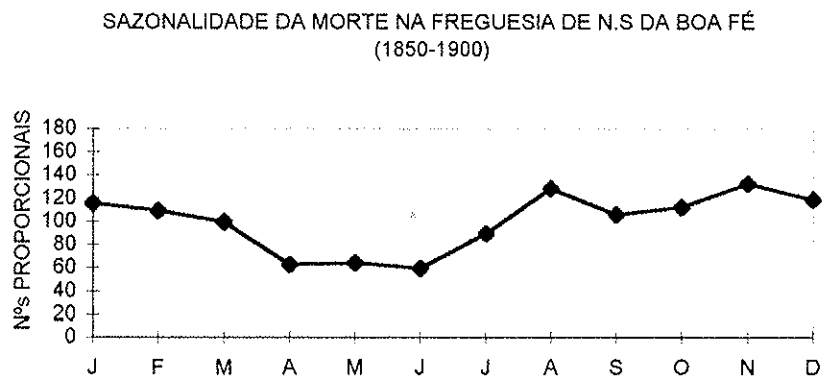
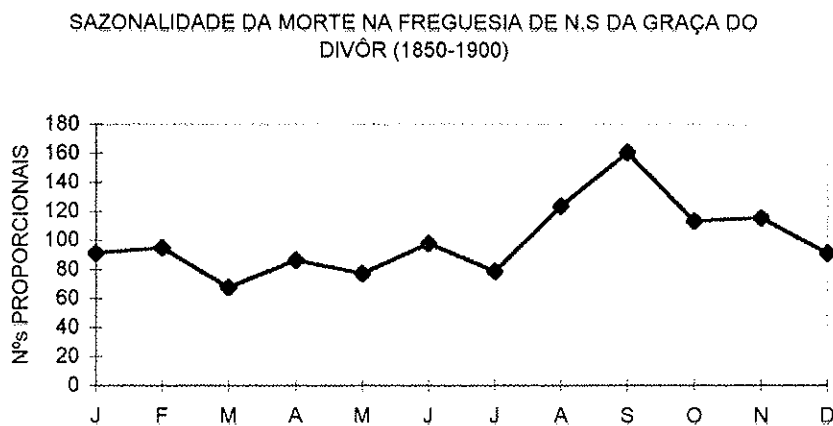


Gráfico 6



Anexo I

Gráfico 7

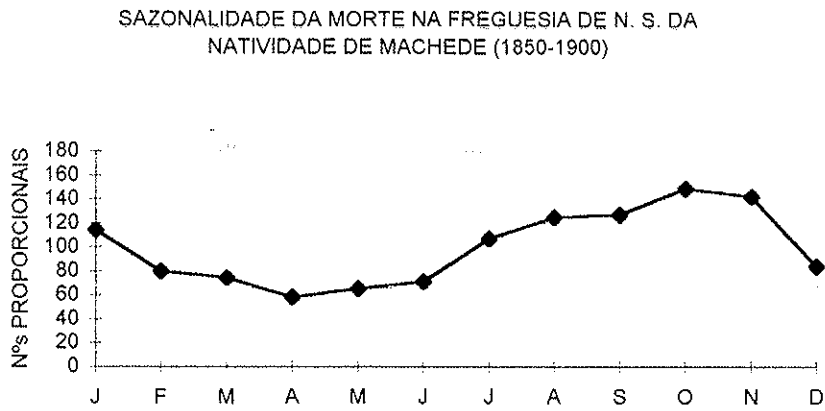


Gráfico 8

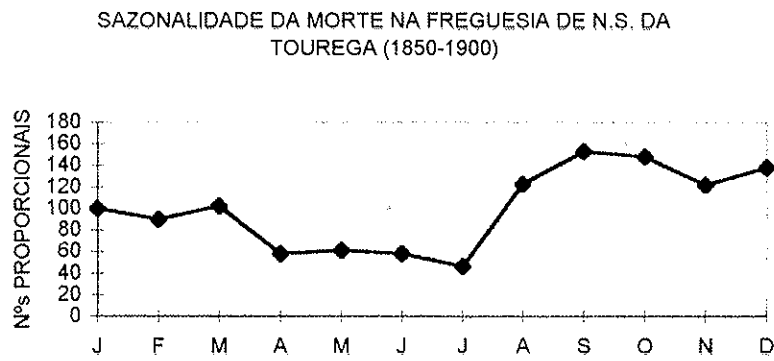
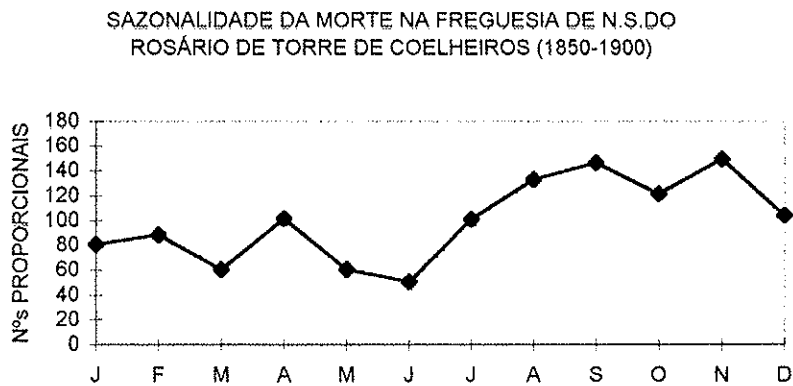


Gráfico 9



Anexo I

Gráfico 10

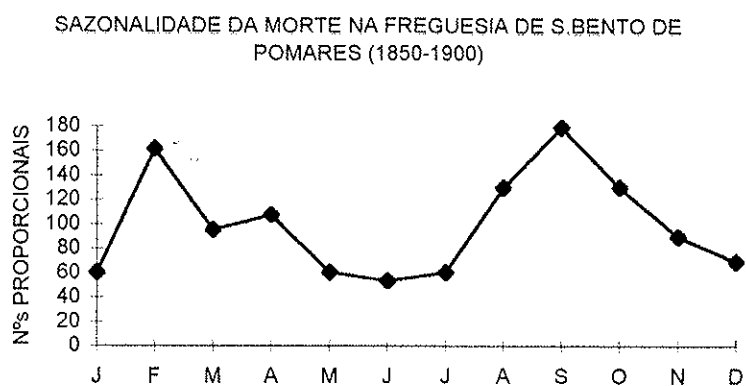


Gráfico 11

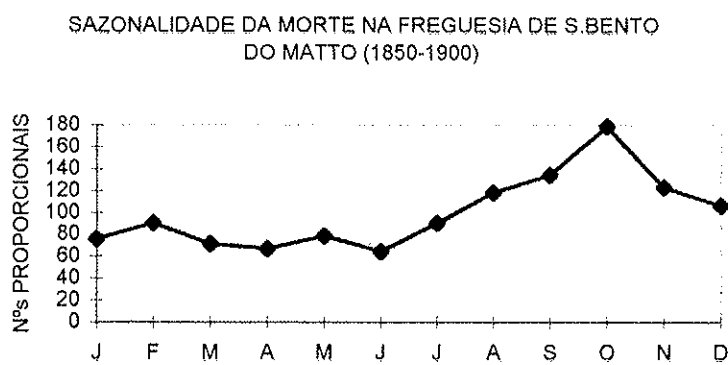
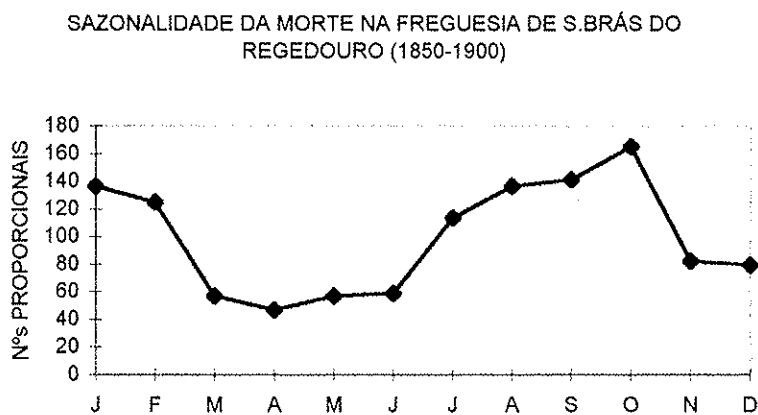


Gráfico 12



Anexo I

Gráfico 13

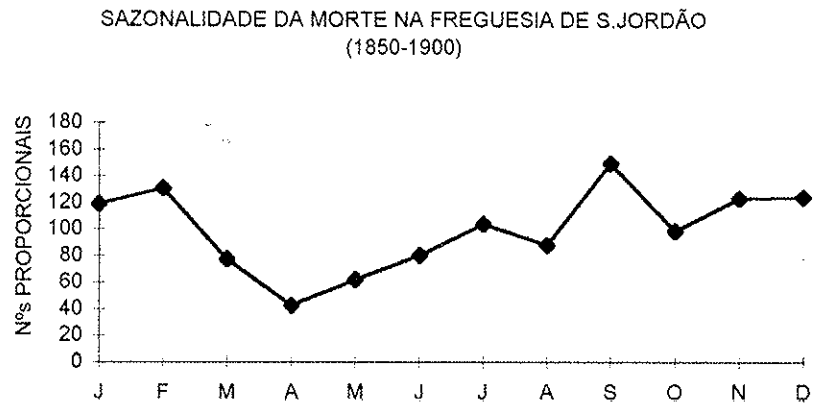


Gráfico 14

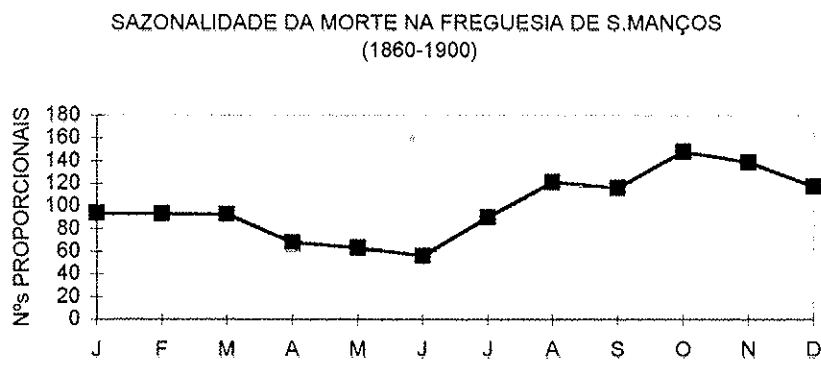
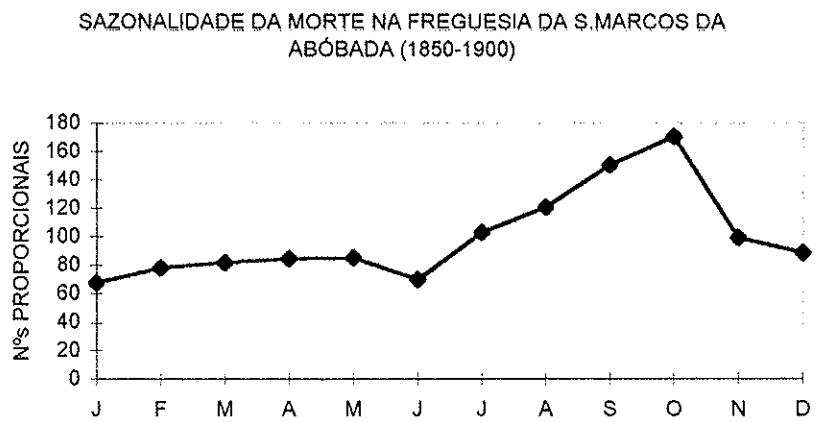


Gráfico 15



Anexo I

Gráfico 16

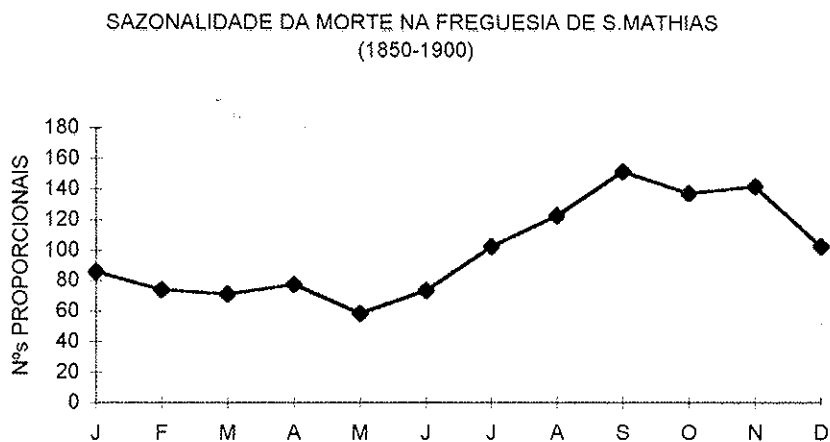


Gráfico 17

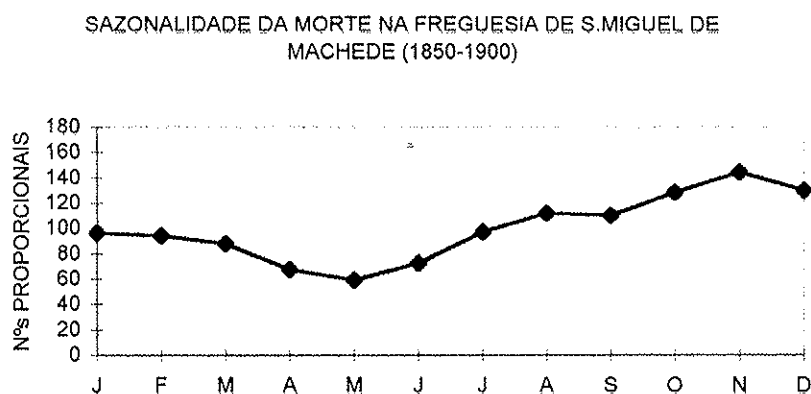
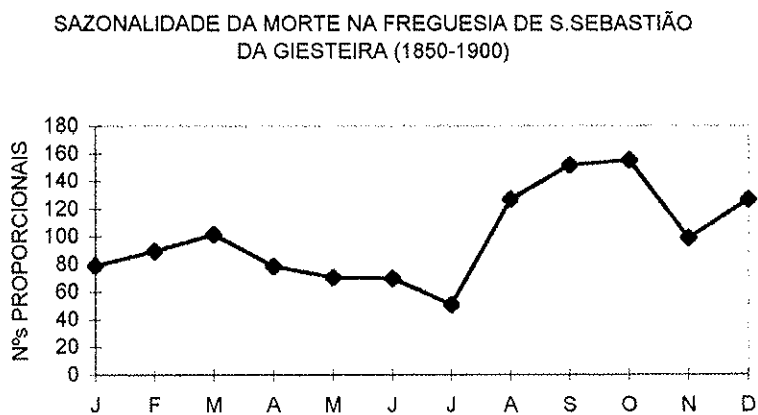


Gráfico 18



Anexo I

Gráfico 19

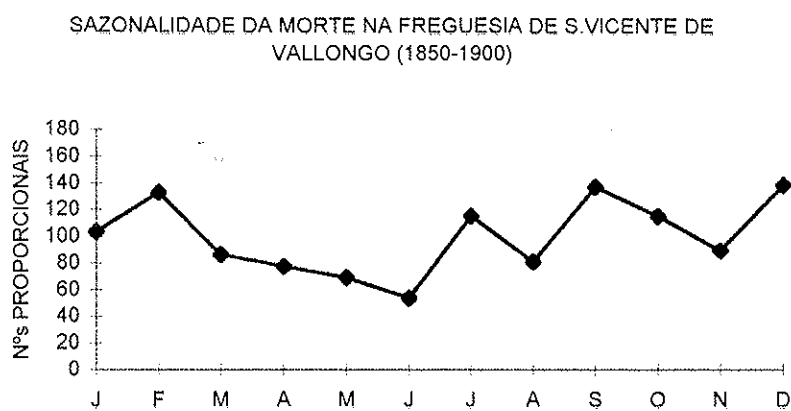
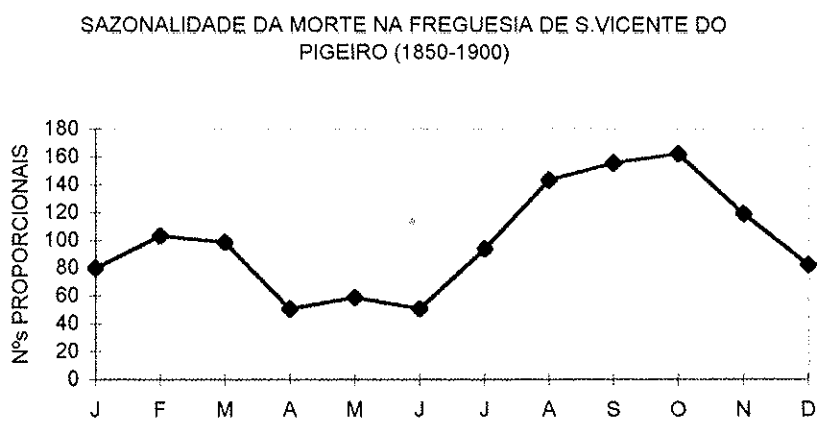


Gráfico 20



**Anexo II - Quadros 1 a 54 - Mapa dos Falecidos no Hospital do
Espírito Santo de Évora**

Anexo II

Quadro 1 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de Janeiro de 1881

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Pleuropneumonia	M	30	Hortelão	Não
Variola	M	34	Lagareiro	Não
Variola	M	31	Carreiro	Não
Gastro enterite	M	42	Criado de servir	Não
Tuberculose	M	30	Trabalhador	Não
Erysipela da face	F	95		Sim
Variola	M	34	Trabalhador	Não
Hemorragia cerebral	M	75	Alvaneo	Sim
Cacheyia scorbutica	F	49		Não
Gastro enterite	M	30	Trabalhador	Sim
Velhice	M	70	Mendigo	Não
Erysipela gangrenosa	M	22	Trabalhador	Sim
Variola	M	17	Ganadeiro	Não
Delirum tremens	M	36	Criado de servir	Sim
Perniciosa algida	M	67	Trabalhador	Sim
Gangrena	M	45	Trabalhador	Não
Cancro do penis	M	68	Trabalhador	Não

* dois dos falecidos que entraram agonizantes eram do sexo feminino.

Nota: continua a ser importante a ilegitimidade que consta das fichas.

Anexo II

Quadro 2 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Fevereiro de 1881

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Lesão do coração	F	60		Sim
Variola	M	47	Trabalhador	Não
Colica	M	21	Trabalhador	Sim
Anazorca	M	14	Pastor	Sim
Lesão do coração	F	72		Sim
Peripneumonia	F	22		Sim
Apoplexia	F	79		Sim
Febre typhoide	M	27	Trabalhador	Não
Lesão do coração	M	52	Trabalhador	Não
Diarrhea	M	67	Criado de servir	Não
Tiro de bala	M	18	Abegar	Sim
Tisico Pulmonar	M	25	Trabalhador	Sim
Varíola	M	23	Trabalhador	Sim
Tisico pulmonar	F	18		Sim
Hematemeza	M	44	Mendigo	Não
Variola	M	18	Trabalhador	Não
Lesão do coração	M	54	Trabalhador	Não
Pneumonia	M	84	Alfaiate	Não
Hydropnia	M	69	Trabalhador	Não

Anexo II

Quadro 3 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Março de 1881

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Anazorca	M	57	Moleiro	Não
Entrou moribundo	M	40	Criado de servir	
Hemorragia cerebral	M	60	Criado de servir	Sim
Anemia	M	64	Trabalhador	Sim
Gastro enterite	M	62	Sua agencia	Não
Varíola	M	22	Trabalhador	Sim
Varíola	F	26		Não
Tísica pulmonar	M	27	Trabalhador	Sim
Varíola	M	22	Trabalhador	Não
Hemorragia cerebral	M	78	Ganadeiro	Não
Amolecimento cerebral	F	83		Sim
Varíola	M	15 dias		Não
Intermitente perniciososa	M	60	Trabalhador	Não
Cystite chronica	M	75	Criado de servir	Não
Amolecimento cerebral	F	61		Sim

Anexo II

Quadro 4 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Abril de 1881

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Meningite	M	66	Alvanero	Sim
Diarrhea	F	87	-	Não
Anararca	M	33	Sapateiro	Sim
Lesão do coração	F	64	-	Não
Apoplexia	F	63	-	Não
Diarrhea	F	73	-	Não
Cacheyia	F	30	-	Não
Anararca	M	65	Mendigo	Não
Lesão do coração	M	60	Cadeireiro	Sim
	M	72 horas		Não
Cacheyia	M	73	Trabalhador	Não
Azeite (?) Arcite (?)	M	41	Trabalhador	Não

Anexo II

Quadro 5 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Maio de 1881

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Tísica pulmonar	F	27		Sim
Nephrite abdominoza	M	20	Trabalhador	Sim
Febre puerperal	M	20		Não
Cystite	M	78	Trabalhador	Não
	F	31		Sim
Gastro enterite	M	70	Trabalhador	Não
Escrophulas	M	40	Pastor	Não
Scarlatina	M	50	Trabalhador	Não
	F	62		Sim
Variola	F	4		Não
Variola	M	16	Trabalhador	Sim
Endocardite	M	29	Criado de servir	Sim
Cystite	M	69	Tendeiro	Não
Endocardite	M	62	Criado de servir	Sim

Anexo II

Quadro 6 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Junho de 1881

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Volvo	M	29	Trabalhador	Não
Seirro do estomago	M	66	Criado de servir	Não
Peripneumonia	M	50	Trabalhador	Sim
Entrou moribundo	M	64	Trabalhador	Não
Adinemia	F	13		Sim
Carcinoma na face	F	78		Sim
Febre puerperal	F	30		Sim
Pneumonia	M	36	Trabalhador	Não
Pneumonia	M	22	Trabalhador	Sim
Lesão do coração	F	75		Sim
Febre typhoide	F	70		Sim
Apoplexia	M	93	(Lazaro)	Não
Febre typhoide	F	79		Sim
Meningite	M	70	Caldeireiro	Não
Diarrhea	F	70		Sim

Anexo II

Quadro 7 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Julho de 1881

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Febre typhoide	M	60	Trabalhador	Não
Ascite	M	40	Trabalhador	Não
Fleimão difuso	M	50	Trabalhador	Não
Atonia	F	42		Não
Febre typhoide	F	48		Não
Enterite chronica	F	80		Não
Tisica pulmonar	F	31		Sim
Gastro enterite	F	81		Não
Hemorragia cerebral	M	76	Mendigo	Não
Febre typhoide	F	9		Não
Febre typhoide	M	60	Pastor	Não
Febre typhoide	M	20	Trabalhador	Não

Anexo II

Quadro 8 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de Agosto de 1881

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Tísica	M	36	Sapateiro	Não
Metrite por aborto	F	48		Sim
Leyrho	M	55	Criado de servir	Sim
Febre typhoide	M	90	Mendigo	Sim
Fractura na perna	M	64	Trabalhador	Não
Gastro enterite	F	64		Não
Anasarca	M	53	Cozinheiro	Não
Febre typhoide	M	60	Trabalhador	Não
Hemorragia cerebral	M	60	Trabalhador	Não
Hystesia	F	67		Não
Gastro enterite	M	75	Pastor	Não
Tísica pulmonar	M	30	Pastor	Sim
Tísica pulmonar	M	35	Trabalhador	Não
Endocardite	M	18	Pastor	Não
Gastro enterite	F	55		Não
Entrou agonizante	M	28	Trabalhador	?
Entrou agonizante	F	50		Não
Anararca	F	43		Sim
Entrou agonizante	M	39	Trabalhador	Sim
Carcinoma na face	M	60	Trabalhador	Não
Tísica pulmonar	M	31	Trabalhador	Não

Anexo II

Quadro 9 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Setembro de 1881

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Lesão do coração	M	27	Trabalhador	Não
Pneumonia	M	36	Trabalhador	Não
Hemorragia cerebral	M	86	Mendigo	Sim
Diarrhea	F	6 meses		Não
Congestão cerebral	F	50		Não
Entrou moribundo	M			
	F	65		Sim
Tymponite	M	39	Ganadeiro	Sim
Moribundo	M	60	Trabalhador	Não
Febre typhoide	M	90	Trabalhador	Não
Febre typhoide	M	60	Trabalhador	Não
Hidropesia	M	33	Carreiro	Não
Gangrena na perna	M	58	Criado de servir	Sim
Pneumonia	F	81		Não
Febre typhoide	F	35		Sim

Anexo II

Quadro 10 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Outubro de 1881

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Tipho	M	46	Trabalhador	Não
Adinemia	M	52	Trabalhador	Não
Hydropesia	M	45	Trabalhador	Não
Febre typhoide	M	64	Trabalhador	Não
	F	70		Não
Tisica pulmonar	M	31	Trabalhador	Não
Encephalite traumatica	M	60	Trabalhador	Sim
Diarrhea	F	60		Não
Tisica pulmonar	M	26	Sua agencia	Não
Velhice	F	62		Sim
Pneumonia	M	80	Trabalhador	Não
Apoplexia	M	80	Moleiro	Não
Pneumonia	M	58	Trabalhador	Não
Diarrhea	M	86	Trabalhador	Não
Perniciosa	M	64	Trabalhador	Não
Anasarca	M	64	Trabalhador	Não
Tisica pulmonar	F	52		Sim
Diarrhea	M	74	Trabalhador	Não
Scorbuto	M	46	Trabalhador	Não
Congestão pulmonar	M	62	Sapateiro	Não
Obstrução do baço	M	26	Ganadeiro	Sim
Hepatite	F	28		Não
Abecefo	M	33	Carpinteiro	Sim

Anexo II

Quadro 11 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Novembro de 1881

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Febre typhoide	M	18	Trabalhador	Não
Anasarca	M	65	Trabalhador	Não
Hydropesia	M	48	Caldeireiro	Sim
Febre typhoide	M	55	Trabalhador	Não
Meningite	M	26	Trabalhador	Não
Peripneumonia	M	27	Trabalhador	Sim
Erysipela da face	M	64	Trabalhador	Sim
Nona	M	91	Trabalhador	Não
Ferida no abdomen	M	9		Não
Pneumonia	F	66		Não
Erysipela na face	M	55	Sapateiro	Sim
Cyanose	M	30	Mendigo	Sim
Diarrhea	M	64	Pastor	Não
Anasarca	F	60		Não
Hemotemese	M	27	Polícia civil	Sim
Diarrhea	F	36		Não
Peripneumonia	F	47		Não
Fleimão difuso	F	32		Não
Erysipela na face	M	46	Canteiro	Não
Hydropesia	M	50	Trabalhador	Não
Cobro	F	75		Não

Existem 2 óbitos cujas causas são: Apoplexia - não há identificação

outro chegou moribundo - não inclui

Anexo II

Quadro 12 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Dezembro de 1881

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Abcesso frio	M	60	Trabalhador	Não
Tisica pulmonar	M	46	Trabalhador	Não
Enterite chronica	M	64	Abegão	Não
Abcesso da fossa iliaca	F	8		Sim
Velhice	M	80	Trabalhador	Não
Tisica laringea	M	37	Alfaiate	Sim
Phlbite correcativa à amputação da perna pela coxa	M	30	Moleiro	Sim
Tisica pulmonar	M	40	Trabalhador	Não
Angina maligna	M	43	Trabalhador	Não
Endocardite	M	50	Mendigo	Não
Diarrhea	M	70	Lazaro	Não
Entrou moribundo	M	56	Sapateiro	Sim
Anasarca	M	40	Trabalhador	Sim
Diarrhea	F	60		Não
Endocardite	M	60	Trabalhador	Sim
Diarrhea chronica	M	48	Serrelheiro	Não

Anexo II

Quadro 13 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Janeiro de 1883

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Impaludismo	M	52	Trabalhador	Não
Tuberculose	M	50	Negociante	Sim
Febre typhoide	M	49	Criado de servir	Sim
Velhice	M	70	Mendigo	Não
Congestão cerebral	M	60	Seareiro	Não
Tuberculose pulmonar	M	24	Trabalhador	Sim
Lesão mitral	F	7		Sim
Fleimão	M	60	Trabalhador	Não
Congestão cerebral	M	60	Albardeiro	Sim
Amolecimento cerebral	F	53		Não
Pneumonia	M	53	Mendigo	Sim
Lesão cardíaca	F	48		Sim
Impaludismo	F	37		Sim
Apoplexia	M	62	Sapateiro	Sim
Congestão cerebral	M	50	Mendigo	Não
Thisica pulmonar	M	36	Trabalhador	Não
Miseria	M	63	Sapateiro	Não
Impaludismo	M	25	Mendigo	Não
Congestão cerebral	M	65	Pastor	Não
Epilepsia	M	56	Criado de servir	Sim
Congestão cerebral	M	77	Burriqueiro	Sim

Anexo II

Quadro 14 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Fevereiro de 1883

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Lesão cardíaca	F	74		Não
Ferida na cabeça	M	49	Alvanco	Sim
Tuberculose pulmonar	F	25		Sim
Idiotismo	F	70		Sim
Idiotismo	F	46	Mendiga	Sim
Lesão cardíaca	F	60		Sim
Bronchite capillar	M	62	Seareiro	Não
Amolecimento cerebral	M	48	Trabalhador	Sim
Velhice	F	84		Não
Eclampsia	F	32		Ignore-se
Pneumonia Typhosa	M	33	Mendigo	Sim
Tuberculose	M	44	Criado de servir	Não
Moribundo	M	47	Trabalhador	Sim
Febre typhoide	M	63	Trabalhador	Sim
Lesão cardíaca	M	79	Mendigo	Não
Vólvo	F	43		Sim
Gastro enterite	M	78	Lazaro do Hosp.	Não
Alienação mental	M	54	Lazaro do Hosp.	Não

Anexo II

Quadro 15 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Março de 1883

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Congestão cerebral	M	67	Lazaro do Hosp.	Sim
Pneumonia dupla	M	48	Trabalhador	Sim
Velhice	M	75	Mendigo	Sim
Lesão cardíaca	F	40		Ignora
Lesão cardíaca	F	57		Não
Carbunculo	M	96	Mendigo	Não
Congestão cerebral	F	70		Ignora
Hypertrophia do baço	M	25	Trabalhador	Sim
Congestão cerebral	M	50	Trabalhador	Sim
Pneumonia typhosa	M	52	Trabalhador	Não
Congestão cerebral	M	11	Criado de servir	Sim
Lesão cardíaca	M	64	Criado de servir	Sim
Carbunculo	M	35	Trabalhador	Sim
Febre typhoide	M	76	Pastor	Não
Bronchite	F	60		Não
Congestão cerebral	F	64		Sim
D. ^a	M	70	Mendigo	Sim

Anexo II

Quadro 16 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Abril de 1883

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Hipertrophia do coração	F	60		Não
Erisipela da face	F	84		Não
Ulceras no recto	F	40		Sim
Moribundo	M	58	Criado de servir	Sim
Febre typhoide	M	60	Mendigo	Sim
Goma escrophulosa na base do cerebro	F	12		Sim
Congestão pulmonar	M	69	Trabalhador	Não
Congestão pulmonar	M	70	Trabalhador	Não
Cacheria cocrophuloso	M	14	Trabalhador	Não
Thisica pulmonar	M	29	Trabalhador	Não
Thisica pulmonar	M	25	Trabalhador	Não

Anexo II

Quadro 17 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Maio de 1883

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Erisipela da face	M	53	Trabalhador	Sim
Apoplexia	M	55	Coiteiro	Não
Congestão cerebral	M	69	Lazaro no Hosp.	Não
Congestão cerebral	M	66	Trabalhador	Não
Lesão cardíaca	M	70	Boieiro	Sim
Apoplexia cerebral	M	69	Correeiro	Sim
Lesão mitral	M	50	Trabalhador	Não
Moribundo	F	65		Não
Tuberculose pulmonar	M	45	Trabalhador	Não
Tuberculose	M	29	Trabalhador	Sim
Congestão cerebral	M	75	Lazaro no Hosp.	Não
Congestão cerebral	F	62		Sim
Angina pectoris	M	69	Trabalhador	Não
Sarampo	M	35	Trabalhador	Não
Peritonite e derramamento	M	25	Trabalhador	Não
Congestão pulmonar	M	42	Ganadeiro	Não
Tuberculose	M	13	Trabalhador	Sim
Idiota	F	41		Não

Anexo II

Quadro 18 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Junho de 1883

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Hemorragia cerebral	M	60	Trabalhador	Sim
Hypertrofia de coração	M	59	Trabalhador	Sim
Peritonite	F	10		Sim
Tuberculose pulmonar	M	19	Trabalhador	Sim
Pneumonia typhosa	M	68	Sapateiro	Não
Pneumonia	M	44	Sapateiro	Não
Hypertrophia de figado	F	37		Sim
Abcessona entrada da laringe	M	62	Trabalhador	Não
Hemorragia cerebral	F	45		Não

Anexo II

Quadro 19 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Julho de 1883

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Hypertrophia do coração	M	22	Trabalhador	Sim
Hypertrophia do fígado	M	36	Trabalhador	Sim
Invalido	M	75	Mendigo	Não
Moribundo	F	61		Não
Tuberculose pulmonar	M	36	Trabalhador	Não
Moribundo	F	65		Sim
Anasarca	M	67	Trabalhador	Não
Desenteria	F	38		Sim
Tuberculose	F	22		Sim
Pneumonia tifosa	M	51	Trabalhador	Não
Aperto mitral	F	55		Sim
Idiota	F	27		Sim
Tuberculose pulmonar	M	66	Trabalhador	Sim
Lesão cardíaca	M	66	Calceteiro	Não

Anexo II

Quadro 20 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Agosto de 1883

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Gastro enterite	M	53	Mendigo	Sim
Nevralgia cerebral	M	72	Pastor	Não
Hernia estrangulada	M	60	Trabalhador	Ignora
Febre gastrica	M	29	Trabalhador	Sim
Chlorose	F	30		Sim
Gastro enterite	M	60	Mendigo	Não
Pneumonia	M	33	Trabalhador	Não
Apoplexia cerebral	M	62	Bolleeiro	Não
Anemia senil	M	67	Trabalhador	Não
Dysenteria	M	80	Ganadeiro	Não
Tuberculose pulmonar	F	24		Sim
Febre perniciososa	M	55	Criado de servir	Sim
Thisica pulmonar	F	40		Sim
Pneumonia typhosa	M	33	Trabalhador	Ignora
Pneumonia	M	63	Criado de servir	Não
Alienação mental	M	48	Trabalhador	Não

Anexo II

Quadro 21 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Setembro de 1883

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Tuberculose	F	24		Sim
Contusão cerebral	F	70		Sim
Congestão cerebral	M	88	Alfaiate	Ignore-se
Gastro enterite	F	42		Sim
Congestão cerebral	M	21	Trabalhador	Sim
Hemorragia cerebral	M	21	Trabalhador	Sim
Anemia	M	23	Trabalhador	Sim
Dysenteria	F	71		Não
Febre typhoide	M	47	Trabalhador	Ignore-se
Dysenteria chronica	M	68	Trabalhador	Sim
Hypertrophia do baço e figado	M	47	Mendigo	Sim
Gastro enterite cronica	M	36	Trabalhador	Sim
Carcimonia do utero	F	42		Sim
Aperto mitral	M	50	Lazaro no Hosp.	Sim
Dysenteria	M	70	Mendigo	Ignora-se
Gastro enterite	M	63	Mendigo	Sim
Febre puerporal	F	16	Meretriz	Sim

Anexo II

Quadro 22 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Outubro de 1883

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Anasarca	F	42		Sim
Tuberculos pulmonares	M	25	Criado de servir	Sim
Apoplexia cerebral	F	50		Sim
Comoção cerebral	M	58	Trabalhador	Não
Tuberculose	M	24	Criado de servir	Sim
Bronchite	M	43	Ferrador	Sim
Pneumonia	M	50	Trabalhador	Não
Moribundo	M	74	Mendigo	Não
Pneumonia typhosa	F	47		Não
Gastro enterite typhosa	M	19	Trabalhador	Sim
Tuberculose	F	8		Sim
Typho	F	23	Meretriz	Sim
Tisica pulmonar	F	26		Não
Velhice	F	72		Sim
Velhice	M	89	Mendigo	Sim
Tisica pulmonar	M	32	Trabalhador	Não
Anemia	F	57		Não
Insuficiencia mitral	F	75		Não

Anexo II

Quadro 23 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
 Novembro de 1883

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Aperto do grosso intestino	M	37	Trabalhador	Não
Ferida penetrante no estômago	M	19	Trabalhador	Não
Gastro enterite chronica	M	80	Mendigo	Sim
Gastro enterite chronica	M	60	Moleiro	Sim
Velhice	F	75	Mendiga	Não
Impaludismo	M	9		Não
Pneumonia	F	34		Não
Tumores escrophulosos	F	20		Não
Tuberculose pulmonar	M	53	Trabalhador	Não
Derrame purulento na perna	M	50	Trabalhador	Não
Ictricia	F	52		Sim
Dysenteria	M	38	Mendigo	Não
Variola	M	21	Padeiro	Não
Myelite	M	46	Trabalhador	Sim
Lesão mitral	M	62	Carreiro	Não
Gastro enterite	M	67	Trabalhador	Não
Fístila na nádega e anemia senil	M	76	Mendigo	Sim
Queimaduras	M	84	Mendigo	Sim
Lesão cardiaca	M	70	Carpinteiro	Sim
Pneumonia	F	25		Sim
Gastro enterite	M	60	Mendigo	Sim
Febre typhoide	M	74	Trabalhador	Não
Cancro do penis	M	67	Boieiro	Não

Anexo II

Quadro 24 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Dezembro de 1883

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Lesão mitral	F	60		Sim
Chlorose	M	66	Sapateiro	Não
Congestão cerebral	M	63	Alvaneio	Não
Espinha ventosa	F	36		Não
Lesão mitral	F	75		Não
D ^a Cardíaca	F	60		Não
D ^a	M	70	Trabalhador	Sim
Aperto mitral	F	59		Sim
Gastro enterite	F	60	Mendiga	Sim
Congestão cerebral	F	70		Não
Tuberculose	M	24	Trabalhador	Não
Thypho	M	40	Trabalhador	Não
Dysenteria chronica	F	48		Não
Dyarrhea	F	84		Não
Apoplexia cerebral	F	50		Sim
Angina tuberculosa	M	8		Não
Pneumonia	M	70	Trabalhador	Não
D ^a	F	38		Não
Tuberculose	F	12		Sim
Pneumonia	F	50		Não
D ^a	F	30		Sim
Apoplexia	F	10		Sim

Anexo II

Quadro 25 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Janeiro de 1884

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Moribundo	M	33	Trabalhador	Não
Pneumonia	M	35	Trabalhador	Sim
Apoplexia cerebral	M	76	Esparteiro	Não
Queimadura pelo corpo	M	34	Trabalhador	Não
Tuberculose pulmonar	M	20	Trabalhador	Sim
Lesão cardíaca	M	63	Trabalhador	Não
D ^a mitral	M	60	Sapateiro	Não
Congestão cerebral	M	77	Trabalhador	Sim
Debilidade senil	M	50	Trabalhador	Não
Bexigas com afluentes	M	50	Trabalhador	Não
Pneumonia typhosa	M	69	Trabalhador	Não
Congestão cerebral	M	20	Mendigo	Não
Tuberculose	F	10		Sim
Congestão cerebral	M	79	Alvanco	Não
Asthma	M	73	Lasaro	Sim
Congestão cerebral	F	74		Sim
Variola	M	8		Não
Debilidade senil	M	73	Ganadeiro	Não

Anexo II

Quadro 26 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Fevereiro de 1884

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Idiotismo	M	19	Trabalhador	Não
Desconhecida	F	78		Não
Lesão cardíaca	M	50	Trabalhador	Não
Dysenteria chronica	M	50	Trabalhador	Não
Pneumonia dupla	F	39		Sim
Gastralgia e anemia	M	55	Serralheiro	Sim
Gastro enterite	M	61	Taberneiro	Não
Congestão pulmonar	M	42	Ganadeiro	Não
Variola	M	22	Trabalhador	Não
Lesão mitral	M	64	Trabalhador	Sim
Cirrho e lesão cardíaca	M	40	Carpinteiro	Sim

Anexo II

Quadro 27 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Março de 1884

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Congestão pulmonar	M	44	Moleiro	Não
Congestão cerebral	M	60	Mendigo	Sim
?	F	23		Não
Gastro enterite	M	40	Trabalhador	Não
Pneumonia	M	44	Trabalhador	Não
Anasarca	M	21	Trabalhador	Não
Congestão cerebral	F	13		Sim
Tuberculose pulmonar	M	22	Criado de servir	Sim
Congestão cerebral	M	13		Não
Variola confluyente	F	27		Sim
Pleuriz	M	30	Trabalhador	Sim
Myelite chronica	F	58		Sim
Variola confluyente	F	31		Não
Congestão cerebral	M	37	Trabalhador	Não

Anexo II

Quadro 28 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Abril de 1884

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Anemia	M	69	Ganadeiro	Não
Bronchite	M	50	Ganadeiro	Sim
Amolecimento da espinha	F	30		Sim
Tisica	M	75	Trabalhador	Não
Anasarca	M	60	Eguariceiro	Não
Variola confluyente	F	29		Não
Anasarca	M	76	Trabalhador	Não
Tuberculose pulmonar	M	22	Ganadeiro	Não
Amolecimento cerebral	M	40	Sua agencia	Sim
Congestão cerebral	M	84	Criado de servir	Sim
Pleuropneumonia	M	48	Trabalhador	Não
Velhice	F	78		Não
Rheumatismo chronico	M	69	Mendigo	Não
Pneumonia	F	76	Mendigo	Não
Variola confluyente	M	4		Não
Apoplexia cerebral	F	74		Sim
Variola confluyente	M	11	Criado de servir	Não
Anasarca	M	56	Trabalhador	Sim
Lesão cardiaca	M	68	Trabalhador	Não
Variola	F	4		Não
Tabardilha	F	18	Criada de servir	Sim
Variola confluyente	F	6		Sim

Anexo II

Quadro 29 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Maio de 1884

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Anasarca	M	64	Sapateiro	Sim
Abcesso difuso na coxa	F	48		Sim
Lesão cardíaca	M	79		Sim
Variola	M	60	Trabalhador	Sim
Congestão cerebral	M	60	Trabalhador	Não
Fractura do humero	M	10	Criado de servir	Não
Tuberculose	M	40	Trabalhador	Não
Cancro	F	28		Sim
Congestão pulmonar	F	84		Não
Hypertrofia do figado	M	30	Trabalhador	Não
Ademia	M	63	Trabalhador	Não
Congestão pulmonar	F	51		Sim
Pneumonia	M	41	Trabalhador	Não
Hypertrofia do figado	M	30	Trabalhador	Não
Congestão pulmonar	M	51	Sapateiro	Não
Congestão cerebral	F	60		Sim
Embaraço gastrico	M	59	Ganadeiro	Não
Tuberculose	M	37	Trabalhador	Não
Bronquite crónica e anemia	M	35	Trabalhador	Não

Anexo II

Quadro 30 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Junho de 1884

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Loucura furiosa	M	40	Alvaneo	Sim
Pneumonia	M	60	Trabalhador	Sim
D ^a Cascosa	M	22	Trabalhador	Não
Febre tifóide	M	65	Cantoneiro	Ignora-se
Purpura hemorragia	M	35	Trabalhador	Sim
Lesão mitral	M	38	Trabalhador	Não
Brigt.	M	4	-	Não
Febre tifoide	M	63	Trabalhador	Não
Abcesso dif. na perna	M	34	Trabalhador	Não
Variola	M	33	Trabalhador	Não
D ^a	M	24	Criado de servir	Não
Velhice	F	66	-	Sim
Gastro enterite senil	M	68	Mendigo	Não
Febre tifoide	M	34	Trabalhador	Sim
Variola confluyente	M	35	Criado de servir	Sim

Anexo II

Quadro 31 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Julho de 1884

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Variola e Febre typhoide	M	30	Trabalhador	Não
Febre puerperal	F	24		Não
Moribundo	M	57	Trabalhador	Não
Pneumonia dupla	M	43	Trabalhador	Não
Desconhecida	F	6	-	Sim
Icterícia	F	44	-	Não
Variola	M	30	Trabalhador	Não
Congestão cerebral	F	78	-	Sim
Pneumonia dupla	M	38	Trabalhador	Não
Tetano	M	22	Trabalhador	Não
Tumor no joelho	M	13	Criado de servir	Sim
Pneumonia	M	33	Trabalhador	Não
Dysenteria chronica	M	21	Trabalhador	Não
Velhice	F	84	-	Não
Congestão cerebral	F	8	-	Sim

Anexo II

Quadro 32 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Agosto de 1884

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Rachitismo	M	2	-	Sim
Febre puerperal	F	42	Costureira	Não
Congestão cerebral	M	70	Trabalhador	Não
Febre typhoide	M	74	Sapateiro	Não
Invalida	F	60	-	Sim
Ascite	M	46	Trabalhador	Não
Hydropesia	M	58	Mendigo	Sim
Variola	F	6	-	Não
Tuberculose pulmonar	F	38	-	Sim
Erisipela geral	M	25	Lavrador	Sim
Indeterminada	M	63	Sapateiro	Sim
Amolecimento cerebral	F	49	-	Não
Úlcera no estômago	M	46	Trabalhador	Não
Não classificada	M	54	Hortalão	Não
Moribundo	M	80	Mendigo	Sim
Pneumonia	F	40	-	Não
Anasarca	M	27	Ganadeiro	Não
Impaludismo	M	5	-	Não
Rheumatismo	F	66	Mendiga	Não
Febre tifoide	F	25	-	Não
Variola	F	8	-	Não
D ^a puerperal	M	27	Trabalhador	Não
Febre typhoide	M	63	Trabalhador	Não

Anexo II

Quadro 33 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Setembro de 1884

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Debilidade senil	M	80	Lasaro	Sim
Lesão da espinha	M	37	Hortalão	Não
Variola	M	23	Trabalhador	Não
Rachitismo	F	2	-	Ignora
Lesão mitral	M	63	Trabalhador	Sim
Variola	M	20	Rolheiro	Não
Pneumonia tifosa	F	84	-	Não
Idiotismo	F	31	-	Sim
Typho	M	27	Rolheiro	Sim
Congestão cerebral	F	62	Mendiga	Sim
Fractura de humero	M	7	-	Sim
Ascite	F	66	-	Não
Variola conf.	M	26	Criado de servir	Não
Debilidade senil	F	70	-	Não
Tuberculose generalizada	F	10	-	Sim
Retenção d'ourinas	M	55	Trabalhador	Não
Escarlatina	M	12	Ganadeiro	Sim
Hydropesia	M	26	Trabalhador	Ignora
Pneumonia typhosa	F	28	-	Não
Dysenteria senil	M	80	Trabalhador	Não
Moribundo	M	75	Trabalhador	Não
Cyrrhose	M	36	Sapateiro	Sim
Embaraço gastrico	M	25	Feitor	Sim
Congestão cerebral	M	75	Jornaleiro	Não
Anemia	F	42		Sim
Pneumonia dupla	M	52	Ganhão	Não
Pneumonia	F	35		Sim

Anexo II

Quadro 34 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Outubro de 1884

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Tísica pulmonar	M	60	Trabalhador	Não
Tumor branco	F	59	-	Não
Abcesso no estomago	M	27	Trabalhador	Sim
Anemia	F	68	Mendiga	Não
Bexigas	F	3	-	Não
Inpaludismo	M	2	-	Não
Amolecimento cerebral	F	74	-	Não
Diarrhea	F	90	-	Não
Tuberculose	M	49	Sapateiro	Não
Gangrena no braço	F	58	Mendiga	Sim
Anemia	F	18	-	Não
..... na espinha	M	37	Trabalhador	Não
Purpura hemorragica	F	10	-	Não
Debilidade senil	F	75	-	Não
Pneumonia	M	50	Trabalhador	Sim
D ^a	M	60	Trabalhador	Não
Variola	M	23	Fogneteiro	Não
Febre tifoide	M	65	Trabalhador	Não
Peritonite puerpural	F	30	-	Não
Pneumonia	M	28	Trabalhador	Não

Anexo II

Quadro 35 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
 Novembro de 1884

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Debilidade senil	M	83	Sapateiro	Não
Cyrrhose do figado	F	45	-	Sim
Anemia	F	56	Mendiga	Não
Carbunculo	M	34	Trabalhador	Ignora-se
Paralysis intestinal	M	49	Trabalhador	Sim
Pneumonia	M	26	Caldeireiro	Não
D ^a	M	42	Trabalhador	Não
Lesão cardiaca	F	18	-	Não
Insuficiencia mitral	M	60	Cortador	Não
Anemia paludosa	M	6	-	Não
Pneumonia dupla	M	25	Trabalhador	Sim
Variola confluyente	M	25	Trabalhador	Não
Pneumonia	M	35	Trabalhador	Não
Lesão cardiaca	F	25	-	Sim
Tuberculose	M	30	-	Sim
Congestão cerebral	F	40	-	Não
Gastro enterite	M	85	Lasaro do hosp.	Não
Tuberculose	F	20	-	Sim
Lesão cardiaca	F	70	-	Não
D ^a	F	46	-	Sim
Febre typhoide	F	24	-	Não
Syphilis	M	24	Trabalhador	Sim

Anexo II

Quadro 36 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Dezembro de 1884

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Variola	M	50	Ganadeiro	Sim
Erysipela	M	32	Trabalhador	Não
Dysenteria chronica	M	60	Mendigo	Sim
Pneumonia typhosa	F	40	-	Sim
Pneumonia	M	48	Trabalhador	Não
Febre typhoide	M	70	Trabalhador	Não
Pneumonia dupla	F	58	-	Não
Velhice	F	82	-	Não
Pneumonia dupla	M	28	Trabalhador	Não
Tuberculose	M	54	Trabalhador	Sim
Lesão cardiaca	M	58	Trabalhador	Não
Brigt.	M	15	Trabalhador	Sim
Variola	M	26	Trabalhador	Não
Carbunculo	M	61	Trabalhador	Sim
Pyoemia	M	53	Trabalhador	Sim
Variola confluyente	M	27	Pastor	Não
Febre typhoide	M	50	Trabalhador	Sim
Infecção purulenta	M	50	Trabalhador	Não
Edema geral	F	47	-	Sim
Hypertrofia de figado	M	30	Sapateiro	Sim
Tuberculose	M	36	Trabalhador	Sim
Pneumonia dupla	M	60	Boieiro	Sim
D ^a	F	70	-	Não
Lesão cardiaca	M	62	Servo do esquife	Não
Variola confluyente	M	26	Carreiro	Não
Hemorragia cerebral	M	49	Trabalhador	Não
Congestão cerebral	M	83	Trabalhador	Não
Bronchite	M	80	Trabalhador	Não
Congestão pulmonar	M	79	Lazaro no hosp.	Não
Idiotismo	F	42	-	Sim

Anexo II

Quadro 37 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de Janeiro de 1890

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Meningite	M	50	Trabalhador	Sim
Abcesso do fígado	M	30	Trabalhador	Não
Cistite	M	82	Lazaro	Não
Lymphatismo	M	32	Sapateiro	Sim
Cirrose do fígado	F	40		Sim
Congestão cerebral	F	60		Sim
Congestão cerebral	F	77		Não
Cachexia	M	60	Criado de servir	Não
Tuberculose	M	37	Sapateiro	Sim
Congestão cerebral	F	65		Não
Pneumonia dupla	M	57	Trabalhador	Sim
Debilidade senil	F	74		Sim
Congestão	M	70	Trabalhador	Sim
Debilidade senil	F	79	Lazara	Não
Velhice	F	89		Sim
Pyoemia	M	83	Trabalhador	Não
Diathese cancerosa	F	55		Não
Cistite purulenta	M	84	Criado de servir	Não
Lesão cardíaca	M	70	Moleiro	Sim
Lesão cardíaca	F	84		Não

Anexo II

Quadro 38 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
 Fevereiro de 1890

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Velhice	M	102	Trabalhador	Sim
Tuberculose	F	38		Sim
Tuberculose	M	25	Trabalhador	Sim
Congestão cerebral	M	19	Trabalhador	Não
Bronquite cronica	M	57	Alfaiate	Sim
Cacheyia senil	M	89	Trabalhador	Sim
Gastrite cronica	M	46	Trabalhador	Sim
Asthma	M	32	Trabalhador	Sim
Congestão cerebral	M	88	Trabalhador	Não
Erysipela na perna	M	29	Sapateiro	Sim
Congestão cerebral	M	80	Trabalhador	Não
Tuberculose	M	36	Trabalhador	Sim

Anexo II

Quadro 39 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Março de 1890

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Pneumonia	M	44	Trabalhador	Sim
Pneumonia	M	35	Peixeiro	Sim
Asthma	M	61	Negociante	Não
Coqueluche	M	8		Sim
Asthma	M	34	Sapateiro	Não
Angina	M	34	Ferreiro	Sim
Asthma	M	67	Ganadeiro	Sim
Hemorragia cerebral	F	79		Sim
Hemorragia cerebral	M	78	Lazaro	Sim
Pneumonia dupla	M	25	Trabalhador	Sim
Congestão cerebral	M	71	Trabalhador	Não
Pneumonia	M	63	Trabalhador	Sim
Abcesso thoraxico	M	56	Lazaro	Sim
Congestão cerebral	M	60	Ganadeiro	Não
Pneumonia	M	60	Carpinteiro	Não
Tuberculose	M	62	Trabalhador	Não
Lesão cardiaca	M	66	Sapateiro	Não
Lesão cardiaca	M	80	Mendigo	Não
Pneumonia	M	36	Trabalhador	Não
Tuberculose	M	19	Trabalhador	Não
Epilepsia	M	23	Trabalhador	Não
Congestão cerebral	M	73	Mendigo	Não
Cachexia senil	M	72	Trabalhador	Não

Anexo II

Quadro 40 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Abril de 1890

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Congestão cerebral	F	50		Não
Congestão cerebral	M	37	Trabalhador	Não
Tuberculose pulmonar	M	67	Criado de servir	Não
Congestão cerebral	F	60		Sim
Congestão cerebral	M	76		Não
Encefalite	M	33	Trabalhador	Sim
Congestão	F	70		Sim
Congestão	F	66		Sim
Tuberculose	M	39	Mendigo	Sim
Pneumonia dupla	M	48	Trabalhador	Sim
Congestão cerebral	F	46		Sim
Tuberculose	M	40		Não
Lesão cardíaca	M	64	Trabalhador	Não
Congestão cerebral	M	72	Caneiro	Não
Embaraço gástrico	F	60		Não
Congestão cerebral	F	60		Sim
Tuberculose	F	20	Meretriz	Não
Tuberculose	M	49	Ganadeiro	Não
Anazarca	M	31	Trabalhador	Não

Anexo II

Quadro 41 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Junho de 1890

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Velhice	M	93	Trabalhador	Não
Debilidade senil	F	65		Sim
Hemoptise	M	35	Mendigo	Não
Congestão	M	22	Trabalhador	Sim
Cirrose do figado	F	60		Não
Bronquite cronica	F	65		Sim
Anemia	F	55		Sim
Variola	M	33	Trabalhador	Não
Gangrena	F	70		Não
Cancroze gastrica	M	52	Trabalhador	Não
Pneumonia	M	46	Trabalhador	Não
Pneumonia	M	6		Não
Hidropesia	M	19	Trabalhador	Sim

Anexo II

Quadro 42 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Agosto de 1890

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Desenteria	M	5 mes		Não
Cirrose hepatica	M	50	Canteiro	Não
Tuberculose	F	20		Sim
Dysenteria	F	70		Sim
Lesão cardiaca	M	60	Trabalhador	Não
Lesão cardiaca	M	43	Trabalhador	Não
Tuberculose	F	24		Sim
Carbunculo	M	22	Criado de servir	Sim
Debilidade senil	F	84		Não
Queimadura	F	93		Sim
Mal de Brhugt.	M	26	Trabalhador	Sim
Pneumonia	M	58	Trabalhador	Não
Dysenteria	F	82 *		Não
Tuberculose	M	19	Trabalhador	Sim
Febre tifoide	M	40	Trabalhador	Não
?	M	80	Ganadeiro	Não
Meningite	M	71	Trabalhador	Sim

Anexo II

Quadro 43 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Setembro de 1890

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Lesão cardíaca	M	74	Lazara	Não
Meningite	M	40	Pedreiro	Sim
Bronquite	M	60	Trabalhador	Sim
Lesão cardíaca	F	69		Sim
Pleuropneumonia	M	60	Trabalhador	Sim
Anazarca	M	4		Não
Febre tifoide	F	64		Não
Tuberculos pulmonares	M	60	Doceiro	Não
Parto gunellar	F	35		Sim
Bronchite chronica	M	79	Trabalhador	Não
Variola	F	5		Não
Puerupuloso	F	33		Não
Angina	M	46	Trabalhador	Não
Pneumonia dupla	F	58		Não
Debilidade senil	F	90		Não

Anexo II

Quadro 44 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Dezembro de 1890

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Lesão cardíaca	M	70	?	Não
Pneumonia	F	70	-	Não
Erisipela e febre tifoide	F	47	-	Não
Lesão cardíaca	M	50	Trabalhador	Não
Cachexia senil	M	76	Trabalhador	Não
Congestão pulmonar	F	64	-	Não
Lesão cardíaca	F	47	Criado	Não
Cachexia senil	M	70	Trabalhador	Sim
Lesão cardíaca	M	43	Pedreiro	Sim
Cachexia senil	M	84	Lazaro	Sim
Pneumonia dupla	M	19	-	Sim
Lesão cardíaca	M	66	Trabalhador	Não
Erisipela	F	90	-	Não
Idiotismo	F	61	-	Sim
Pneumonia	M	50	Trabalhador	Não
Pneumonia	M	77	Pedreiro	Não
Pneumonia	M	23	Trabalhador	Não
Tuberculose	M	27	Trabalhador	Sim
Mal de Brigt e pneumonia	M	25	Trabalhador	Sim
Bronquite crónica	M	55	Trabalhador	Não
Tuberculose pulmonar	M	37	Mendigo	Sim
Congestão cerebral	M	70	Guardador	Não
?	M	74	Carpinteiro	Não
Tuberculose	F	41	Carpinteiro	Sim

Anexo II

Quadro 45 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de Janeiro de 1897

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Piaemia	F	62	-	Não
Carie dos ossos	M	76	Trabalhador	?
Pneumonia	M	63	Trabalhador	Não
Pneumonia	M	49	Trabalhador	Sim
Bronquite cronica	M	62	Barbeiro	Sim
Velhice	F	80	-	?
Enterite	F	53	-	Sim
Tuberculose	F	31	-	Sim
Variola confluyente	M	20	Trabalhador	Não
Hemorragia cerebral	M	30	Fiel de mercador.	Não
Couheia (?)	M	77	(não se entende)	Sim

Anexo II

Quadro 46 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Fevereiro de 1897

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Congestão cerebral	M	18	Trabalhador	Sim
Lesão cardíaca	F	56	-	?
Velhice	F	70	-	Sim
Tuberculose	F	40	-	Não
Tuberculose pulmonar	M	33	Vendedor	Sim
Hepatite	F	23	-	Sim
Congestão pulmonar	M	57	Trabalhador	Sim
Variola	F	21	-	Não
Congestão cerebral	M	80	Trabalhador	Sim
Lesão cardíaca	M	28	Trabalhador	Não
Icterícia grave	F	37	-	?
Tumor no joelho	M	34	Trabalhador	Não
Caraechia senil	M	73	-	?
Lesão cardíaca	M	82	Mendigo	?
Tuberculose pulmonar	M	48	Padeiro	Sim
Bronquite capilar	F	79	-	?
Congestão	F	75	-	Não
Gangrena	F	59	-	Não
Congestão cerebral	M	71	Trabalhador	Não
Gangrena	M	60	Trabalhador	Não
Meningite	F	6	-	?

Anexo II

Quadro 47 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Março de 1897

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Diarreia	F	65		?
Mielite	F	43		Sim
Pneumonia	F	42		Sim
Pneumonia	M	59	Trabalhador	Não
Anenrysmas	F	63		?
Hemorragia cerebral	M	67	Lazaro	?
D ^a pulmonar	F	75		Sim
Pneumonia	M	70	Trabalhador	Sim
Debilidade senil	M	73	Trabalhador	Não
Apoplexia	M	59	-	?
Gangrena senil	M	72	-	Não
Lesão cardíaca	M	53	Trabalhador	Sim

Anexo II

Quadro 48 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Abril de 1897

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Luyurphatismo	F	15	-	Sim
Congestão cerebral	M	40	Trabalhador	Sim
Pneumonia	M	46	Trabalhador	Não
Tuberculose pulmonar	M	27	Trabalhador	Não
Cirroze do figado	M	60	Trabalhador	Não
Febre tifoide	M	45	Trabalhador	Sim
Diabetes	M	60	Moleiro	Não
Cacheia senil	M	84	Lazaro	?
Variola	F	8 mes		Não

Anexo II

Quadro 49 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de

Junho de 1897

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Hemorragia	F	4	-	Não
Variola	F	8	-	Não
Variola	F	5	-	Não
Cirroze do figado	M	36	Ganadeiro	Não
Asthma cardiaca	M	67	Sapateiro	Não
Pneumonia tifosa	M	67	Lazaro	Não
Lesão cardiaca	F	60	-	Sim
Congestão cerebral	M	76	?	?
Hemorragia cerebral	M	45	Carpinteiro	?
Queimaduras	F	60	-	?
Congestão pulmonar	M	60	Trabalhador	Não
Epiteliana do penis	M	50	Trabalhador	Não
Lymphatismo	F	10.	-	Sim
Congestão cerebral	M	37	Trabalhador	?
Angina	F	2 mes	-	?
Lesão cardiaca	F	83	-	Sim
Lesão cardiaca	F	59	-	Sim
Variola	F	6	-	Não
Cacheria senil	M	80	?	Não
Apoplexia	F	49	-	Não
Caucheia	M	49	Trabalhador	Não
Metrite	F	28	-	Sim
Meningite	F	23	-	Sim
Tuberculose	F	29	-	Não

Anexo II

Quadro 50 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Julho de 1897

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Cachereia senil	M	65	Trabalhador	Não
Cachereia senil	M	64	Mendigo	?
Diarreia	F	42 dias	-	?
Debilidade	F	45 dias	-	?
Variola	M	24	Trabalhador	?
Febre tifoide	M	61	?	Não
Febre tifoide	M	63	Azylado	Sim
Difteria	F	3	-	Não
Cachereia senil	M	72	Trabalhador	Não
Pneumonia	M	61	Trabalhador	Não
Tuberculose	M	73	Sua agencia	Não
Congestão	M	75	Azylado	Sim
Difteria	M	14	Ganadeiro	Não
Lesão cardiaca	F	80	Azylada	Sim

Anexo II

Quadro 51 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Agosto de 1897

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Tuberculose pulmonar	M	55	Trabalhador	Sim
Tuberculose pulmonar	M	18	Esparteiro	Sim
Pneumonia	F	7	-	Não
Pneumonia	F	28	-	?
Angina	M	38	Trabalhador	Não
Cacheia	F	67	-	Não
Diarreia	F	80	-	Sim
Pneumonia tifosa	M	60	Trabalhador	Sim
Pneumonia	F	28	-	Sim
Cachereia	F	62	-	Sim
Hernia	M	23	Trabalhador	Sim
Lesão cardíaca	M	24	Trabalhador	Sim
Pneumonia	F	11	-	Sim
Febre tifoide	M	74	Trabalhador	Sim
Pneumonia	F	50	-	Sim
Velhice	M	97	Carreiro	Não
Hepatite	F	46	-	Sim

Anexo II

Quadro 52 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Setembro de 1897

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Cachereia	F	60	-	?
Febre tifoide	M	17	Criado de servir	Não
Colica miserere	M	40	Caiador	Sim
Apoplexia	M	67	Criado	?
Difteria	F	5		?
Pneumonia	M	60	Mendigo	Sim
Apoplexia	F	66	-	?
Cirrose	M	23	Trabalhador	Não
Asceite	M	26	Pedreiro	Sim
Lesão cardíaca	F	66	-	Sim
Tuberculose	F	19	-	Sim
Congestão	F	31	-	?
Tuberculose	F	30	-	Sim
Tuberculose	M	43	Alfaiate	Sim
Tuberculose	M	23	Criado de servir	Sim
Lesão cardíaca	F	44		?
Hemorragia uterina	F	42		Não

Anexo II

Quadro 53 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
 Novembro de 1897

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Apoplexia	F	64	-	Não
Cachexia	M	49	Trabalhador	Não
Gangrena	F	2	-	Sim
Pneumonia	M	59	Trabalhador	Sim
Icterícia	M	60	Trabalhador	Não
Diatese cancerosa	F	54	-	Não
Lesão cardíaca	F	48	-	Não
Tuberculose	M	25	Trabalhador	Sim
Febre tifoide	M	77	Trabalhador	-
Cachexia senil	M	60	Trabalhador	-
Tuberculose pulmonar	M	78	Trabalhador	Sim
Pneumonia	F	70	-	Não
Tuberculose pulmonar	M	18	Trabalhador	Não
Congestão pulmonar	M	61	Lazaro	-
Cachexia senil	M	70	Trabalhador	-
Tuberculose pulmonar	F	40	-	-

Anexo II

Quadro 54 - Mapa dos Falecidos no Hospital do Espírito Santo de Évora no mês de
Dezembro de 1897

Causas	Sexo	Idade	Profissão	Foram ou não vacinados
Difteria	M	8	-	-
Cauchexia senil	M	67	Trabalhador	-
Debilidade	F	8 dias	-	-
Apoplexia	F	54	-	-
Tuberculose	M	29	Criado de servir	Sim
Tuberculose	F	40	-	Sim
Sifilis	M	49	Trabalhador	Sim
Lesão cardíaca	M	80	Trabalhador	Não
Tuberculose	F	42	-	-
Tuberculose	F	46	-	Não
Desenteria	M	61	Trabalhador	Não
Anus artificial	F	25	-	Sim
Infiltração urinosa	M	54	Trabalhador	Sim
Tuberculose	F	16	-	Sim
Tuberculose	M	42	-	Não
Tuberculose	F	22	-	Sim
Febre tifoide	M	50	Sapateiro	Sim
Tuberculose	M	54	Carpinteiro	?

**Anexo III - Quadros 1 a 23 - Óbitos Registados nos Livros
paroquiais das Freguesias do Concelho de Évora**

Anexo III

Quadro 1 - ÓBITOS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE SANTO ANTÃO DE 1840 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	M
1840	7	5	5	5	3	10	7	7	6	15	11	5	86		
1841	2	7	4	6	6	11	14	14	4	4	7	4	83		
1842	9	6	5	6	2	9	22	7	12	5	9	2	94		
1843	5	5	9	6	3	7	13	8	5	8	9	7	85		
1844	4	4	8	6	8	4	9	10	13	10	11	7	94		
1845	6	5	2	7	4	6	6	6	6	5	7	7	67		
1846	8	3	7	7	4	6	7	8	11	7	4	9	81		
1847	5	2	7	7	1	6	8	8	9	7	6	4	70		
1848	10	5	7	2	3	6	15	6	9	8	9	8	88		
1849	1	17	17	8	8	8	8	8	4	3	4	5	91		
1850	6	6	3	5	4	5	7	14	5	1	5	2	63	-2.390	
1851	7	4	8	1	3	11	6	10	15	9	3	11	88	0.598	
1852	3	4	3	3	6	4	10	5	9	5	4	11	67	-1.390	
1853	4	7	11	4	3	2	8	9	6	7	5	5	71	-0.769	
1854	7	8	9	1	4	6	11	13	2	5	5	9	80	0.182	
1855	3	2	1	4	2	4	14	17	14	8	6	6	81	0.453	
1856	6	7	6	1	5	4	13	21	6	4	2	9	84	0.651	
1857	5	5	3	5	2	5	9	15	9	5	5	4	72	-0.673	
1858	8	6	4	2	6	3	12	14	5	9	7	3	79	0.054	
1859	8	7	3	10	7	11	12	8	6	6	8	8	94	1.896	1
1860	4	10	3	5	4	9	6	13	9	8	4	7	82	0.448	
1861	5	4	8	3	3	3	8	7	3	4	3	5	56	-3.084	
1862	3	4	5	4	7	6	14	8	8	1	8	7	75	-0.161	
1863	5	13	11	13	6	10	11	6	13	9	6	9	112	3.654	2
1864	9	7	5	3	4	7	14	14	4	4	8	6	85	0.255	
1865	6	5	9	3	7	13	9	10	7	7	2	6	84	0.145	
1866	6	4	6	5	7	8	13	6	6	3	2	6	72	-0.748	
1867	6	1	1	4	6	8	7	8	7	9	5	6	68	-0.930	
1868	5	5	5	12	5	12	10	7	6	7	7	5	86	0.368	
1869	3	6	7	7	4	7	7	5	6	8	11	10	81	-0.028	
1870	5	7	6	5	3	7	14	9	8	8	8	5	85	0.354	
1871	7	6	1	7	3	9	12	20	5	8	6	7	91	0.762	
1872	6	5	4	3	7	2	7	7	4	4	5	5	59	-2.16	
1873	5	3	6	5	6	8	9	14	8	18	8	15	105	1.672	1
1874	13	7	9	4	9	7	8	9	7	6	2	3	84	0.198	

Anexo III

Quadro 1 (cont)

ÓBITOS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE SANTO ANTÃO DE 1840 A 1900 (cont)

1875	9	6	7	1	5	13	11	7	8	5	3	3	78	-0.290	
1876	7	4	12	8	1	9	21	19	12	9	5	2	109	2.319	2
1877	2	3	6	7	6	10	11	6	11	6	8	7	83	-0.112	
1878	7	8	6	8	3	4	11	11	7	7	2	3	77	-0.689	
1879	3	9	7	5	11	8	14	8	7	9	3	11	95	0.726	
1880	11	2	4	6	3	3	5	12	5	11	9	6	77	-0.700	
1881	4	3	4	3	3	8	11	11	7	7	7	7	75	-0.771	
1882	8	8	5	5	6	6	11	8	5	7	5	9	83	-0.084	
1883	6	8	3	4	3	3	7	12	10	8	4	5	73	-1.177	
1884	3	5	5	9	7	13	10	10	20	11	8	11	112	2.752	2
1885	7	3	6	10	0	9	8	15	9	10	4	7	88	0.133	
1886	8	4	7	4	8	7	9	11	7	7	7	4	83	-0.318	
1887	3	7	10	5	7	4	7	16	7	10	5	9	90	0.489	
1888	6	6	4	5	2	5	6	11	6	5	9	6	71	-1.283	
1889	3	7	5	10	8	6	3	15	8	7	4	6	82	-0.230	
1890	13	12	17	1	2	7	12	14	11	12	9	6	116	2.906	2
1891	5	6	7	8	5	3	6	19	11	8	11	7	96	0.596	
1892	8	5	6	7	3	6	10	7	9	6	0	6	73	-1.157	
1893	6	6	2	9	8	5	11	10	6	7	9	14	93	0.308	
1894	10	10	4	3	5	11	9	6	8	9	2	1	78	-0.883	
1895	6	7	4	3	6	3	8	7	8	4	5	6	67	-1.611	
1896	5	3	3	8	7	6	2	11	6	7	6	8	72	-0.937	
1897	4	5	8	3	7	8	9	6	6	10	8	6	80	-0.266	
1898	8	1	5	6	2	4	13	3	6	7	7	6	68	-1.043	
1899	3	3	3	6	4	11	6	3	7	9	8	9	72	-0.726	
1900	3	6	8	3	6	9	8	12	12	9	6	1	83	0.101	

Anexo III

Quadro 2 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DA SÉ DE 1840 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	M
1840	6	4	3	10	5	6	14	28	22	22	20	16	156		
1841	8	5	8	14	3	9	17	12	12	12	17	8	125		
1842	13	11	13	11	7	10	7	16	14	12	7	7	128		
1843	6	7	9	5	5	2	8	5	15	11	12	5	90		
1844	10	5	5	2	10	4	14	14	5	8	5	9	91		
1845	11	8	5	3	7	4	5	17	14	12	10	9	105		
1846	6	8	3	9	8	13	13	18	14	3	6	10	111		
1847	4	5	8	5	7	3	10	18	17	21	14	5	117		
1848	10	4	11	6	1	10	11	17	8	7	9	11	105		
1849	17	14	21	16	10	12	13	16	10	18	7	8	162		
1850	6	6	8	3	4	3	11	6	6	10	13	9	85	-1.460	
1851	7	5	3	6	12	10	12	9	14	11	9	11	109	-0.134	
1852	14	4	10	11	3	7	25	20	11	12	10	11	138	1.304	1
1853	15	11	3	9	3	13	17	17	17	9	12	14	140	1.289	1
1854	11	6	9	15	14	9	22	21	15	25	6	15	168	2.294	2
1855	13	3	5	10	16	4	21	23	21	20	22	10	168	1.723	1
1856	11	8	12	10	8	12	13	23	22	27	12	12	170	1.431	1
1857	15	14	5	4	9	10	13	24	17	18	7	12	148	0.404	
1858	6	9	7	5	9	17	20	15	14	10	12	14	138	-0.045	
1859	16	14	10	5	19	8	19	10	18	14	10	14	157	0.547	
1860	9	9	3	10	9	12	27	15	5	11	9	9	128	-0.542	
1861	9	4	6	11	4	11	13	22	13	21	11	13	138	-0.447	
1862	12	5	10	6	12	23	16	17	14	20	22	19	176	1.838	1
1863	18	13	22	27	12	22	22	15	20	16	10	9	206	3.311	2
1864	11	14	14	15	9	15	30	20	22	17	12	13	192	1.483	1
1865	10	8	15	8	18	27	17	11	15	6	13	11	152	-0.425	
1866	11	21	11	11	10	8	10	9	21	13	13	12	150	-0.440	
1867	15	7	11	15	11	21	14	18	13	10	8	8	161	0.105	
1868	9	7	8	5	11	19	24	8	13	14	9	11	138	-0.924	
1869	18	11	8	7	15	16	19	8	11	10	15	11	149	-0.458	
1870	10	10	10	13	7	15	19	20	9	14	23	17	167	0.336	
1871	8	9	11	7	11	15	21	10	11	10	20	7	140	-1.066	
1872	16	9	7	15	14	11	18	19	17	22	12	9	169	0.278	
1873	6	11	8	8	4	13	14	12	21	16	20	30	163	0.029	
1874	15	8	14	6	17	14	15	3	14	11	9	12	138	-1.326	
1875	9	12	10	8	4	18	14	14	12	13	5	9	128	-2.200	

Quadro 2 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DA SÉ DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	13	4	11	7	8	10	27	26	9	11	10	10	146	-0.319	
1877	12	5	6	4	8	8	19	13	13	14	6	12	120	-2.211	
1878	6	12	6	5	12	11	6	9	12	11	6	6	102	-2.809	
1879	9	11	7	6	13	18	15	14	18	6	13	22	152	0.481	
1880	28	15	16	15	7	7	16	12	6	9	11	13	155	0.609	
1881	16	23	15	7	7	12	17	20	9	14	7	11	158	0.862	
1882	10	8	5	9	8	10	20	14	13	16	12	17	142	-0.055	
1883	11	15	16	6	2	12	18	16	5	15	14	16	146	0.311	
1884	10	15	7	12	8	5	11	11	23	7	20	19	148	0.561	
1885	11	6	8	5	5	5	7	17	11	8	7	8	98	-2.483	
1886	8	10	7	7	6	8	21	14	8	13	2	10	114	-1.091	
1887	5	14	12	9	6	10	14	4	19	11	13	10	127	-0.301	
1888	5	9	6	3	4	7	13	16	14	14	4	11	106	-1.327	
1889	12	11	7	14	7	9	15	18	10	8	19	5	135	0.019	
1890	21	19	18	7	8	7	14	22	8	22	13	10	169	1.819	1
1891	8	4	9	12	10	5	13	17	9	12	23	12	134	-0.014	
1892	17	7	7	11	10	9	19	18	12	15	13	12	150	0.892	
1893	8	13	2	9	14	19	8	8	6	11	8	13	129	-0.178	
1894	11	10	5	5	9	12	10	17	16	8	8	10	121	-0.491	
1895	10	3	3	7	3	8	19	16	13	5	12	13	112	-0.828	
1896	12	7	7	11	22	7	11	* 11	11	12	9	11	131	0.073	
1897	8	13	12	4	7	19	19	11	10	9	14	12	138	0.385	
1898	11	4	7	3	8	7	11	6	8	8	10	5	88	-2.592	
1899	5	4	4	12	8	8	13	10	10	13	13	10	110	-1.011	
1900	12	4	7	7	4	3	11	9	6	15	4	10	92	-1.699	

Anexo III

Quadro 3 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. MAMEDE DE 1837 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	M
1837	1	2	4	3	1	3	0	1	1	4	5	3	28		
1838	3	5	4	1	2	1	1	6	2	2	3	0	30		
1839	7	3	2	2	0	1	2	3	2	5	1	1	29		
1840	2	3	2	2	0	3	3	3	2	3	3	7	33		
1841	7	1	3	1	0	5	3	3	4	5	6	1	39		
1842	0	0	0	0	1*	0	1*	1*	0	0	0	1*	[44]		
1843	0	2	1	1	3	7	3	5	5	3	11	4	45		
1844	2	2	4	4	1	5	7	3	12	4	6	7	57		
1845	0	2	5	2	2	2	3	8	10	2	5	4	45		
1846	8	6	3	2	1	3	9	3	7	8	1	5	56		
1847	9	3	2	4	2	4	9	10	15	5	7	5	75		
1848	4	7	8	2	5	8	8	7	4	7	3	8	71		
1849	11	13	11	6	4	4	6	4	6	7	5	5	82		
1850	4	3	2	2	3	5	3	9	4	5	6	1	47	-0.492	
1851	3	2	4	4	1	1	4	4	3	3	4	7	40	-1.133	
1852	6	4	4	1	1	2	3	9	3	5	8	5	51	-0.369	
1853	4	7	5	2	3	4	2	4	4	6	2	2	45	-0.872	
1854	2	7	2	1	2	2	4	5	5	3	8	3	44	-0.946	
1855	4	2	4	1	3	3	7	9	11	11	14	5	74	1.298	1
1856	4	4	2	4	3	2	6	10	3	8	7	2	55	-0.239	
1857	4	5	3	2	1	2	8	15	6	6	2	1	55	-0.232	
1858	5	9	1	8	3	2	8	0	0	0	0	0	[63]	0.485	
1859	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	[63]	0.572	
1860	0	0	0	0	0	0	9	3	7	12	4	3	[63]	0.931	
1861	5	2	5	4	1	5	2	2	5	5	3	2	41	-1.420	
1862	3	0	4	5	4	5	7	7	7	9	7	11	69	1.371	1
1863	9	8	7	7	5	2	9	5	10	11	8	4	85	2.630	2
1864	7	5	7	9	3	6	9	12	3	6	6	7	80	1.495	1
1865	6	3	7	5	5	11	13	13	7	8	6	5	89	1.970	1
1866	10	9	3	5	10	14	7	10	5	4	7	6	90	1.681	1
1867	7	4	7	8	13	13	13	5	3	10	7	18	108	2.520	2
1868	7	7	9	6	10	18	23	12	8	9	10	8	127	2.875	2
1869	4	4	11	3	7	9	9	9	6	18	11	14	105	1.012	1
1869	8	4	11	3	11	7	13	8	5	8	13	8	99	0.571	
1871	12	5	3	5	7	10	14	10	12	7	11	7	103	0.615	

* Os quatro óbitos referentes a 1842, aparecem registados alternadamente em 1943, daí que naquele ano não tenha sido efectuado nenhum registo.

[] Resultados obtidos com base na média ponderada dos 10 anos envolventes.

Quadro 3 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. MAMEDE DE 1837 A 1900 (Cont.)

1872	12	3	5	8	7	13	16	2	10	12	8	7	103	0.481	
1873	7	5	6	8	3	6	20	12	6	15	10	10	108	0.704	
1874	15	8	12	6	4	12	9	11	7	8	11	7	110	0.717	
1875	3	6	8	8	4	5	11	11	4	5	2	3	70	-3.345	
1876	1	6	3	4	3	12	6	5	6	2	2	2	52	-3.604	
1877	3	6	1	5	5	4	9	5	8	6	5	7	64	-1.687	
1878	8	2	4	9	3	8	9	7	11	4	7	5	77	-0.758	
1879	6	2	6	7	17	6	16	8	11	3	4	8	94	0.244	
1880	11	5	4	9	4	5	10	3	5	16	9	16	97	0.461	
1881	11	8	6	6	7	14	14	15	12	9	6	10	118	1.556	1
1882	9	5	4	5	5	11	8	9	9	5	6	4	80	-0.442	
1883	3	5	11	3	2	4	9	10	8	7	6	5	73	-0.677	
1884	7	4	8	3	11	11	15	6	6	13	23	7	114	1.544	1
1885	7	6	3	1	3	11	9	10	7	13	3	7	80	-0.192	
1886	7	1	7	7	5	6	7	12	15	11	3	6	87	0.106	
1887	4	7	6	7	5	2	12	20	10	13	4	9	99	0.640	
1888	3	9	6	5	6	8	15	10	4	12	5	9	92	0.007	
1889	6	7	7	10	10	6	6	13	10	8	5	8	96	0.189	
1890	12	9	5	11	6	8	12	11	11	8	4	6	103	0.682	
1891	2	3	5	6	8	11	11	17	14	11	6	11	105	0.769	
1892	7	9	10	7	2	4	7	13	7	6	8	4	84	-0.726	
1893	7	4	10	2	3	9	11	4	5	10	7	10	82	-0.950	
1894	5	9	5	3	5	7	18	6	8	8	5	4	83	-1.057	
1895	10	6	5	2	3	2	11	8	7	6	6	9	75	-1.846	
1896	3	4	5	8	3	9	7	18	10	11	8	5	91	0.042	
1897	11	6	4	5	5	11	20	8	8	12	7	3	100	0.959	
1898	4	5	3	6	5	1	8	4	5	10	7	5	63	-2.967	
1899	9	4	2	3	0	3	9	8	11	8	12	7	76	-0.964	
1900	9	3	9	9	2	8	10	14	5	8	4	9	90	0.296	

Anexo III

Quadro 4 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. PEDRO DE 1840 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	M
1840	0	0	0	1	1	0	0	0	2	0	1	7	12		
1841	5	4	3	2	1	6	5	4	3	10	4	0	47		
1842	2	3	6	1	2	7	6	3	8	3	6	4	51		
1843	7	4	9	3	0	4	4	3	5	7	3	5	54		
1844	4	7	3	1	3	3	8	11	3	3	5	4	55		
1845	4	1	3	5	2	4	7	9	4	5	5	3	52		
1846	4	2	2	2	3	2	5	11	8	5	2	8	54		
1847	6	3	2	5	0	1	5	5	5	6	5	3	46		
1848	4	4	9	2	2	1	3	5	5	4	6	3	48		
1849	2	2	5	8	3	3	6	7	4	3	3	3	49		
1850	0	4	7	2	1	5	5	5	0	8	2	6	45	-0.150	
1851	6	4	7	2	1	5	5	5	0	8	2	6	48	-0.614	
1852	8	3	7	1	3	1	11	3	1	4	1	2	45	-1.557	
1853	2	4	4	4	6	2	2	5	2	6	3	6	46	-0.982	
1854	2	2	4	1	2	1	3	6	4	3	2	3	33	-4.531	
1855	4	3	1	2	1	3	4	7	6	5	4	1	41	-1.050	
1856	2	3	3	2	4	2	8	17	4	3	10	10	68	4.294	3
1857	0	1	7	3	0	4	4	5	5	7	1	3	40	-0.831	
1858	5	3	2	1	0	3	7	5	7	6	3	7	49	0.316	
1859	3	3	6	5	1	2	5	3	4	3	4	4	43	-0.396	
1860	3	3	6	1	3	1	3	4	5	2	3	2	36	-1.141	
1861	0	4	4	2	1	5	5	2	1	5	4	3	36	-0.980	
1862	3	2	7	2	1	3	3	4	3	7	4	6	45	0.139	
1863	4	2	6	8	6	5	8	3	2	5	4	4	57	1.418	1
1864	6	1	6	3	2	4	5	5	7	3	6	6	54	0.902	
1865	2	3	1	3	3	2	7	4	2	4	4	3	38	-0.918	
1866	10	3	8	2	1	5	6	6	5	4	3	3	56	0.947	
1867	2	0	6	3	2	4	8	8	6	4	2	7	52	0.852	
1868	2	2	0	5	5	2	12	6	4	3	6	9	56	1.213	1
1869	10	4	5	1	8	7	8	6	5	1	2	6	63	1.907	1
1870	4	2	9	6	6	1	9	4	3	6	5	1	56	0.720	
1871	3	4	4	1	2	7	5	7	10	4	6	7	60	1.044	
1872	9	7	3	4	6	6	12	7	4	7	6	3	74	2.936	2
1873	3	5	2	4	6	5	11	7	6	9	12	12	82	2.972	2
1874	0	4	6	2	6	5	9	4	4	13	2	5	60	0.079	
1875	2	4	2	0	1	10	6	3	6	3	3	1	41	-1.650	

Quadro 4 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. PEDRO DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	7	8	6	3	2	4	10	4	4	2	9	3	62	0.186	
1877	5	2	5	2	8	2	7	3	9	4	6	8	61	0.037	
1878	3	3	5	2	4	7	4	8	1	10	5	4	56	-0.533	
1879	6	4	5	6	2	8	5	8	5	4	6	5	64	0.242	
1880	10	1	8	3	7	4	2	7	6	9	12	3	72	1.006	
1881	1	4	7	2	6	9	7	10	6	3	5	3	63	-0.019	
1882	3	3	5	3	3	9	6	5	5	4	1	4	51	-1.187	
1883	10	4	6	3	6	3	4	6	2	3	3	4	54	-0.686	
1884	5	3	2	3	4	6	11	10	5	5	2	8	64	0.699	
1885	4	4	2	4	4	3	2	10	4	3	1	3	44	-1.809	
1886	2	5	4	2	5	2	3	12	3	6	4	5	53	-0.807	
1887	5	8	4	4	6	5	9	6	8	4	2	7	68	1.274	1
1888	6	4	5	1	2	3	5	9	4	3	4	3	49	-1.205	
1889	5	4	8	4	3	3	3	4	2	6	3	5	50	-0.941	
1890	7	6	6	4	7	6	3	5	4	2	4	3	57	0.023	
1891	6	3	5	2	8	12	8	7	7	6	8	4	76	2.870	2
1892	4	3	6	2	1	3	10	3	7	5	5	4	53	-0.385	
1893	2	1	4	2	5	8	6	2	4	4	3	2	43	-1.494	
1894	8	6	3	2	1	3	8	8	6	8	4	4	61	0.524	
1895	3	2	2	9	3	8	13	3	3	2	4	7	59	0.363	
1896	4	1	3	6	5	5	3	1	3	6	4	6	47	-1.078	
1897	6	5	3	1	8	4	7	3	1	2	2	3	45	-1.177	
1898	5	5	2	3	1	1	8	6	3	4	1	4	43	-1.186	
1899	0	3	4	2	2	7	5	6	4	2	3	2	40	-1.373	
1900	3	3	4	1	2	7	9	4	4	6	5	6	54	0.152	

Anexo III

Quadro 5 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA ENTRE 1840 E 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	M
1840	15	12	10	18	9	19	24	38	32	40	35	35	287		
1841	22	17	18	23	10	31	39	33	23	31	34	13	294		
1842	24	20	24	18	21	26	36	27	34	20	22	14	286		
1843	18	18	28	15	11	20	28	21	30	29	35	21	274		
1844	20	18	20	13	22	16	38	38	33	25	27	27	297		
1845	21	16	15	17	15	16	21	40	34	24	27	23	269		
1846	26	19	15	20	16	24	34	40	40	23	13	32	302		
1847	24	13	19	21	10	14	32	41	46	39	32	17	308		
1848	28	20	35	12	11	25	37	35	26	26	27	30	312		
1849	31	46	54	38	25	27	33	35	24	31	19	21	384		
1850	16	19	20	12	12	18	26	34	15	24	26	18	240	-2.010	
1851	23	12	16	15	18	25	28	29	40	26	22	31	285	-0.326	
1852	31	15	24	16	13	14	49	37	24	26	23	29	301	0.148	
1853	25	29	23	19	15	21	29	35	29	28	22	27	302	0.135	
1854	22	23	24	18	22	18	40	45	26	36	21	30	325	0.720	
1855	24	10	11	17	22	14	46	56	52	44	46	22	364	1.724	1
1856	23	22	23	17	20	20	40	71	35	42	31	33	377	1.711	1
1857	24	25	18	14	12	21	34	59	37	36	15	20	315	-0.114	
1858	24	27	14	16	18	25	47	34	26	25	22	24	302	-0.440	
1859	27	24	19	20	27	21	36	21	28	23	22	26	294	-0.602	
1860	16	22	12	16	16	22	45	35	26	33	20	21	284	-0.717	
1861	19	14	23	20	9	24	28	24	31	35	21	23	271	-1.449	
1862	21	11	26	17	23	37	40	36	32	38	41	43	365	1.613	1
1863	36	36	46	55	29	39	50	29	45	41	28	26	460	3.998	2
1864	33	27	32	30	18	32	58	51	36	31	32	32	411	1.396	1
1865	24	19	32	19	33	53	46	38	31	25	25	25	370	0.441	
1866	37	37	28	23	28	35	36	31	37	24	25	27	368	0.395	
1867	30	12	25	30	32	46	42	39	29	33	22	49	389	0.775	
1868	23	21	22	28	31	51	69	33	31	33	32	33	407	0.949	
1869	35	25	31	18	34	39	43	28	28	37	39	41	398	0.620	
1870	27	23	36	27	27	30	55	41	25	36	49	31	407	0.639	
1871	30	24	19	20	23	41	52	47	38	29	43	28	394	0.203	
1872	43	24	19	30	34	32	53	35	35	45	31	24	405	0.305	
1873	21	24	22	25	19	32	54	45	41	58	50	67	458	2.347	2
1874	43	27	41	18	36	38	41	27	32	38	24	27	392	-0.365	
1875	23	28	27	17	14	46	42	35	30	26	13	16	317	-3.450	

Quadro 5 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NAS FREGUESIAS DA CIDADE DE ÉVORA ENTRE 1840 E 1900 (Cont.)

1876	28	22	32	22	14	35	64	54	31	24	26	17	369	-0.732	
1877	22	16	18	18	27	24	46	27	41	30	25	34	328	-1.964	
1878	24	25	21	24	22	30	30	35	31	32	20	18	312	-1.945	
1879	24	26	25	24	43	40	50	38	41	22	26	46	405	0.612	
1880	60	23	32	33	21	19	33	34	22	45	41	38	401	0.501	
1881	32	38	32	18	23	43	49	56	34	33	25	31	414	0.813	
1882	30	24	19	22	22	36	45	36	32	32	24	34	356	-0.532	
1883	30	32	36	16	13	22	38	44	25	33	27	30	346	-0.649	
1884	25	27	22	27	30	35	47	37	54	36	53	45	438	2.056	2
1885	29	19	19	20	12	28	26	52	31	34	15	25	310	-1.408	
1886	25	20	25	20	24	23	40	49	33	37	16	25	337	-0.724	
1887	17	36	32	25	24	21	42	46	44	38	24	35	384	0.442	
1888	20	28	21	14	14	23	39	46	28	34	22	29	318	-1.241	
1889	26	29	27	38	28	24	27	50	30	29	31	24	363	-0.191	
1890	53	46	46	23	23	28	41	52	34	44	30	25	445	1.968	1
1891	21	16	26	28	31	31	38	60	41	37	48	34	411	0.872	
1892	36	24	29	27	16	22	46	41	35	32	26	26	360	-0.240	
1893	23	24	18	22	30	41	46	24	21	32	27	39	347	-0.538	
1894	34	35	17	13	20	33	45	37	38	33	19	19	343	-0.630	
1895	29	18	14	21	15	21	51	34	31	17	27	35	313	-1.234	
1896	24	15	18	33	37	27	23	41	30	36	27	30	341	-0.539	
1897	29	29	27	13	27	42	55	28	25	33	31	24	363	0.013	
1898	28	15	17	18	16	13	40	19	22	29	25	20	262	-2.572	
1899	17	14	13	23	14	29	33	27	32	32	36	28	298	-1.205	
1900	27	16	28	20	14	27	38	39	27	38	19	26	319	-0.587	

Anexo III

Quadro 6 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE N. S. BOA FÉ DE 1840 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	M
1840	1	1	0	1	2	0	2	0	1	2	0	0	10		
1841	1	1	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	6		
1842	3	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	0	6		
1843	0	0	1	0	1	1	0	1	0	1	0	0	5		
1844	1	2	1	0	0	1	1	1	0	1	1	2	11		
1845	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	3		
1846	1	1	1	1	0	0	1	1	2	2	0	1	11		
1847	1	0	1	0	0	0	4	0	3	2	2	1	14		
1848	0	1	2	0	1	0	0	1	4	4	2	2	17		
1849	5	8	13	4	0	1	0	2	0	0	1	2	36		
1850	0	1	0	0	1	0	0	0	0	4	1	0	7	-0.543	
1851	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	2	4	0.833	
1852	3	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	6	-0.583	
1853	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	1	4	-0.798	
1854	1	0	0	0	1	1	2	2	2	1	2	2	14	0.289	
1855	1	1	0	0	2	0	1	1	1	1	2	0	10	-0.171	
1856	0	0	0	2	1	1	0	1	0	0	0	0	5	-0.815	
1857	0	0	0	1	2	0	0	0	1	0	2	0	6	-0.618	
1858	1	1	1	1	0	0	0	3	2	1	3	1	14	0.332	
1859	1	0	0	1	1	0	3	0	1	0	1	1	9	-0.174	
1860	0	0	0	0	2	0	0	0	0	1	0	0	3	-1.376	
1861	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	4	-0.909	
1862	0	0	2	0	0	0	1	0	1	1	2	0	7	-0.130	
1863	3	0	2	0	1	0	0	0	0	1	1	0	8	0.104	
1864	2	0	1	0	0	0	0	2	0	0	0	0	5	0.826	
1865	1	1	2	1	0	0	2	0	0	1	1	3	12	1.576	1
1866	1	2	1	0	0	2	0	0	1	0	2	1	10	0.806	
1867	0	0	1	1	0	1	0	2	2	1	0	0	8	0.060	
1868	3	1	2	0	0	0	0	0	0	2	3	0	11	0.912	
1869	1	0	2	1	0	0	0	1	0	0	1	1	7	-0.247	
1870	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	4	-1.250	
1871	2	0	1	1	0	0	0	1	0	1	2	0	8	0.151	
1872	1	0	1	0	0	0	1	1	0	2	0	1	7	-0.422	
1873	0	1	0	1	2	0	5	4	6	1	1	2	23	6.329	3
1874	1	1	2	0	2	1	0	0	0	0	0	2	9	-0.098	
1875	1	0	1	1	1	0	0	0	0	2	0	1	7	-0.595	

Quadro 6 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE N. S. BOA FÉ DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	0	1	1	0	0	0	0	2	0	0	1	1	6	-0.697	
1877	1	0	0	0	0	2	2	1	0	0	1	1	8	-0.201	
1878	0	1	0	1	1	0	0	2	1	1	0	2	9	0.000	
1879	0	0	1	0	0	1	0	2	1	2	0	0	7	-0.364	
1880	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	3	-1.174	
1881	0	1	0	0	0	0	0	2	0	2	0	1	6	-0.536	
1882	0	0	1	0	0	1	0	0	2	0	0	0	4	-0.882	
1883	0	1	0	0	0	2	0	0	1	1	0	1	6	-0.417	
1884	0	0	0	0	0	0	0	0	2	3	0	1	6	-0.269	
1885	0	0	0	2	0	1	1	2	1	0	0	1	8	1.084	1
1886	1	2	0	0	0	0	1	2	0	0	0	0	6	-0.172	
1887	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	1	1	4	-1.322	
1888	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	3	1	6	0.057	
1889	0	3	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	4	-1.119	
1890	0	1	1	1	1	1	0	1	0	0	0	2	8	1.901	1
1891	3	2	3	0	0	0	1	0	0	0	0	0	9	2.286	2
1892	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	3	-1.824	
1893	0	0	0	0	0	1	1	0	2	0	0	0	4	-1.087	
1894	1	0	1	0	1	0	2	1	0	0	1	1	8	1.134	1
1895	2	2	0	3	0	0	1	0	0	1	1	0	10	1.951	1
1896	2	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	5	-0.517	
1897	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	1	4	-0.897	
1898	0	1	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	5	-0.470	
1899	1	1	1	1	0	1	0	0	1	0	1	1	8	0.844	
1900	1	2	0	0	1	0	2	0	0	1	0	1	8	0.687	

Anexo III

Quadro 7 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE N. S. DA GRAÇA DO DIVÓR DE 1840 A

1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	M
1840	0	1	0	0	0	1	2	2	3	3	4	1	17		
1841	1	1	1	0	2	2	1	2	3	2	0	0	15		
1842	0	1	0	2	2	2	2	1	4	1	4	1	20		
1843	0	1	0	0	3	0	1	0	1	1	1	0	8		
1844	2	3	0	1	4	2	0	0	2	1	1	2	18		
1845	1	2	5	0	0	1	1	0	3	0	4	0	17		
1846	0	0	0	1	1	1	0	2	1	3	1	0	10		
1847	1	0	1	0	1	0	1	4	3	4	1	2	18		
1848	3	2	1	1	0	0	0	1	1	0	1	0	10		
1849	0	2	3	2	3	1	2	1	1	0	0	1	16		
1850	2	0	1	0	0	1	0	1	3	0	0	0	8	-1.774	
1851	1	1	0	0	3	0	2	0	2	2	1	1	13	-0.232	
1852	2	1	0	0	0	1	1	2	0	1	3	0	11	-0.650	
1853	1	0	0	1	1	2	1	0	4	1	0	0	11	-0.496	
1854	1	1	2	1	1	2	0	0	0	0	0	3	11	-0.621	
1855	4	1	1	1	0	2	1	0	4	1	5	0	20	2.344	2
1856	0	2	2	0	0	1	1	2	8	4	3	1	24	3.019	2
1857	1	2	2	2	2	1	2	4	5	2	3	1	27	2.639	2
1858	1	2	2	1	0	1	1	1	4	5	1	1	20	0.798	
1859	2	0	1	0	0	0	2	2	4	5	5	3	24	1.308	1
1860	0	1	0	0	1	1	1	1	0	0	2	1	8	-1.371	
1861	1	3	1	5	1	0	1	1	2	1	3	1	20	0.478	
1862	0	2	1	0	3	1	1	2	2	1	2	0	15	-0.406	
1863	2	1	4	6	2	0	2	2	3	5	1	2	30	1.967	1
1864	1	1	0	3	1	1	1	7	5	2	2	0	24	0.625	
1865	0	0	0	0	1	1	2	3	1	0	0	2	10	-1.889	
1866	1	0	0	2	0	0	1	2	2	2	3	0	13	-1.056	
1867	2	1	0	1	0	1	3	1	1	1	5	5	21	0.271	
1868	1	1	1	1	1	1	0	1	2	2	2	1	14	-0.687	
1869	1	1	1	0	2	0	2	1	1	0	1	4	14	-0.586	
1870	4	0	1	2	2	0	1	2	5	1	0	2	20	0.484	
1871	1	0	1	1	2	1	0	0	0	2	0	2	10	-0.849	
1872	0	2	2	1	1	1	1	0	0	1	1	1	11	-0.990	
1873	1	4	1	0	1	1	2	0	3	4	2	3	22	0.828	
1874	0	1	1	2	1	1	0	0	0	0	2	1	9	-1.366	
1875	0	3	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	6	-1.814	

Quadro 7 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE N. S. DA GRAÇA DO DIVÔR DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	0	0	1	3	0	4	1	0	0	0	1	0	10	-0.778	
1877	0	0	0	0	0	5	0	1	3	1	1	1	12	-0.323	
1878	4	1	0	2	2	1	0	2	1	4	0	1	18	1.109	1
1879	0	0	1	2	1	1	1	5	4	2	1	6	24	2.186	2
1880	2	1	2	1	0	0	0	0	3	2	2	0	13	-0.203	
1881	7	1	0	0	2	1	0	0	4	2	4	0	21	1.342	1
1882	0	0	0	2	0	1	0	2	2	1	0	0	8	-1.124	
1883	0	1	1	1	3	3	1	2	0	3	0	0	15	0.114	
1884	0	3	0	1	2	0	0	2	4	0	1	3	16	0.431	
1885	3	7	3	0	1	0	0	1	1	0	1	0	17	0.501	
1886	1	0	2	1	1	0	1	3	0	0	0	1	10	-1.161	
1887	1	1	2	1	0	1	1	2	5	1	0	0	15	-0.086	
1888	1	0	1	0	0	3	3	1	2	0	2	1	14	-0.376	
1889	1	0	0	3	0	3	1	0	1	0	2	0	11	-0.962	
1890	1	2	1	1	1	4	0	0	1	1	1	0	13	-0.282	
1891	0	0	1	0	0	2	1	4	1	4	0	0	13	-0.282	
1892	1	1	1	0	0	1	0	2	0	2	1	1	10	-1.194	
1893	0	1	0	0	2	1	3	0	3	1	0	2	13	-0.172	
1894	1	0	1	0	2	4	0	4	0	0	0	0	12	-0.529	
1895	0	1	1	1	0	1	1	0	0	1	2	2	10	-1.340	
1896	1	2	0	1	1	0	0	3	2	0	0	0	10	-1.235	
1897	1	0	0	0	2	2	4	3	0	0	1	1	14	1.118	1
1898	1	1	0	2	1	0	1	3	2	2	1	1	15	1.935	1
1899	0	0	0	1	1	1	0	1	1	1	2	2	10	-1.235	
1900	2	1	0	0	0	0	2	0	1	1	0	0	7	-1.040	

Anexo III

Quadro 8 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE N. S. DA NATIVIDADE DE MACHEDE DE

1840 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	M
1840	1	1	4	1	1	1	5	2	2	0	2	7	27		
1841	1	3	0	1	1	2	2	2	6	7	5	7	37		
1842	13	1	2	2	0	2	4	2	2	1	4	7	40		
1843	2	1	2	1	3	1	2	6	3	2	2	1	26		
1844	2	4	0	1	1	2	1	3	6	4	3	2	29		
1845	2	0	0	0	3	1	3	2	4	6	3	2	26		
1846	1	6	0	3	0	5	0	7	5	6	4	4	41		
1847	1	1	0	0	1	1	4	4	9	8	6	7	42		
1848	8	3	2	1	0	3	0	3	0	1	4	0	25		
1849	1	2	4	10	6	2	4	4	2	4	4	4	46		
1850	3	1	1	0	2	0	1	0	7	8	3	2	28	-0.771	
1851	3	0	0	0	4	1	3	1	8	4	5	0	29	-0.661	
1852	4	1	5	0	0	0	1	6	2	5	1	1	26	-0.944	
1853	2	1	1	2	0	0	0	2	2	3	5	2	20	-1.567	
1854	1	2	2	2	4	2	1	1	3	4	3	1	26	-0.636	
1855	9	1	1	1	3	1	2	10	7	10	7	2	54	2.780	2
1856	2	4	5	1	0	3	3	2	5	9	8	1	43	0.878	
1857	4	3	0	1	1	1	1	4	3	3	3	4	28	-0.549	
1858	1	5	0	1	3	2	2	2	1	4	4	3	28	-0.428	
1859	2	0	2	1	2	1	3	3	2	5	2	0	23	-0.949	
1860	3	1	1	0	1	1	1	4	2	1	1	3	19	-1.188	
1861	2	0	1	0	4	1	3	1	4	2	3	2	23	-0.643	
1862	0	2	2	0	2	1	6	3	3	6	6	5	36	0.669	
1863	5	4	3	3	2	6	3	6	5	7	1	1	46	1.509	1
1864	2	1	2	3	5	1	4	4	2	2	6	3	35	0.218	
1865	1	1	1	2	5	7	5	4	1	4	8	5	44	0.972	
1866	4	0	1	5	2	3	3	0	4	1	1	1	25	-0.815	
1867	2	0	1	0	2	2	1	2	1	3	3	9	26	-0.539	
1868	0	1	2	1	1	1	2	1	2	0	0	1	12	-2.102	
1869	2	4	1	1	0	2	0	1	5	2	7	2	27	-0.182	
1870	2	2	0	0	0	5	4	2	5	8	6	0	34	0.458	
1871	1	3	3	2	1	1	3	3	0	3	2	4	26	-0.494	
1872	2	2	2	2	2	3	0	0	2	1	1	2	19	-1.271	
1873	6	0	3	1	0	1	2	1	4	2	1	5	26	-0.340	
1874	4	6	11	7	4	1	3	0	2	2	1	2	43	1.868	1
1875	1	1	2	0	0	1	0	2	0	2	0	1	10	-1.944	

Quadro 8 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE N. S. DA NATIVIDADE DE MACHEDE DE 1840 A 1900

(Cont.)

1876	2	1	1	1	1	1	7	4	3	2	4	0	27	0.240	
1877	3	3	1	1	1	0	3	4	1	8	2	0	27	0.278	
1878	2	0	0	1	0	1	0	0	1	4	4	0	13	-1.314	
1879	1	2	1	1	0	2	9	6	3	5	1	3	34	0.969	
1880	2	3	1	1	0	1	4	2	2	3	5	1	25	-0.095	
1881	0	1	3	2	0	2	3	7	2	2	6	2	31	0.662	
1882	1	1	1	2	3	1	1	2	3	0	4	3	22	-0.379	
1883	2	0	1	0	0	2	1	3	6	3	5	0	23	-0.309	
1884	2	2	1	2	1	1	1	6	3	2	0	0	21	-0.495	
1885	0	1	2	2	0	2	2	3	2	1	1	1	17	-0.896	
1886	6	1	0	2	0	2	4	4	2	1	1	3	26	0.337	
1887	2	3	2	0	2	1	5	6	1	2	7	0	31	1.205	1
1888	3	0	0	0	1	0	4	3	3	7	3	0	24	-0.048	
1889	4	3	0	2	0	0	0	3	1	5	2	0	20	-1.089	
1890	1	3	1	4	2	2	2	1	2	1	3	0	22	-0.468	
1891	2	3	3	1	3	4	0	2	1	1	2	1	23	-0.163	
1892	2	1	2	0	0	0	0	3	0	0	3	0	11	-3.371	
1893	5	0	1	0	1	0	3	0	5	3	1	2	21	-0.159	
1894	7	0	0	0	0	2	3	1	2	1	0	0	16	-1.116	
1895	4	1	1	0	1	0	4	3	1	2	1	3	21	-0.019	
1896	1	0	3	1	0	0	1	1	1	1	0	3	12	-1.855	
1897	2	2	1	1	2	3	4	5	1	2	2	1	26	1.055	1
1898	1	0	2	0	2	1	0	2	3	4	3	2	20	0.084	
1899	2	3	0	0	1	0	0	0	1	1	3	4	15	-0.927	
1900	1	0	1	2	1	0	0	1	2	2	1	2	13	-1.215	

Anexo III

Quadro 9 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE N. S. DA TOUREGA DE 1840 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	M
1840	1	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	0	4		
1841	0	0	0	2	1	1	0	0	2	1	0	0	7		
1842	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	0	5		
1843	1	0	1	0	0	1	0	0	0	9	1	1	5		
1844	0	0	0	1	0	1	0	1	0	4	0	0	7		
1845	0	0	0	0	0	1	0	2	1	4	0	2	10		
1846	1	0	0	0	0	1	0	5	2	3	6	0	18		
1847	0	1	2	1	0	0	1	0	2	0	2	1	10		
1848	2	1	1	0	1	0	0	0	1	3	3	1	13		
1849	2	0	0	2	1	1	0	2	1	0	0	0	9		
1850	1	2	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	5	-0.938	
1851	0	0	0	1	0	0	1	1	3	1	2	0	9	0.025	
1852	0	0	3	1	0	1	1	1	0	1	0	1	9	-0.026	
1853	0	0	2	0	1	1	0	2	2	1	0	1	10	0.137	
1854	1	0	0	0	2	0	0	2	0	2	1	2	10	0.000	
1855	1	0	0	0	1	1	0	3	1	5	3	0	15	1.487	1
1856	0	1	0	0	0	0	0	0	9	2	1	0	13	0.636	
1857	2	3	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	8	-0.868	
1858	1	1	0	0	0	0	0	4	1	1	1	0	9	-0.401	
1859	3	0	0	0	1	0	0	1	2	1	2	0	10	0.117	
1860	0	0	1	0	0	1	0	2	1	1	2	0	8	-0.703	
1861	0	1	0	0	0	0	1	0	2	0	0	1	5	-2.406	
1862	2	0	1	0	0	1	1	1	1	1	1	2	11	0.498	
1863	2	0	2	1	2	0	1	1	0	2	3	3	17	2.700	2
1864	2	1	2	0	0	0	0	2	2	2	1	2	14	1.006	1
1865	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	2	3	9	-0.568	
1866	1	0	2	0	0	0	0	2	2	2	1	0	10	-0.122	
1867	3	1	2	3	2	2	1	1	2	4	1	0	22	3.742	2
1868	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	3	6	-1.178	
1869	0	0	0	0	1	0	1	2	2	0	2	2	10	-0.244	
1870	0	0	1	0	0	1	1	1	1	0	1	2	8	-0.650	
1871	1	0	1	2	1	0	0	0	0	0	1	1	7	-0.854	
1872	0	2	0	1	1	0	0	0	0	4	1	0	9	-0.511	
1873	1	1	0	2	0	0	1	1	2	5	2	3	18	1.432	1
1874	2	2	1	0	1	0	0	2	2	0	1	1	12	0.143	
1875	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	-1.892	

Quadro 9 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE N. S. DA TOUREGA DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	0	1	0	0	0	0	1	1	0	1	1	1	6	-0.797	
1877	1	1	0	0	1	1	0	3	0	0	2	1	10	0.000	
1878	1	0	1	0	1	0	1	0	1	0	0	1	6	-0.691	
1879	0	0	2	0	0	0	1	2	2	0	1	1	9	0.049	
1880	0	2	2	0	1	2	0	0	1	1	3	3	15	1.563	1
1881	4	1	1	0	0	1	0	0	1	3	0	1	12	0.587	
1882	1	0	0	1	0	0	0	0	1	3	1	2	9	-0.204	
1883	2	0	1	0	0	2	1	2	1	0	0	2	11	0.249	
1884	0	3	0	1	1	0	0	0	1	3	2	1	12	0.791	
1885	1	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	1	5	-1.186	
1886	0	0	1	1	2	0	2	2	1	1	1	0	11	0.498	
1887	2	2	0	1	1	1	0	0	0	0	0	0	7	-1.075	
1888	0	1	2	0	1	2	1	0	0	2	1	0	10	0.102	
1889	0	0	3	0	0	1	0	0	2	0	0	2	8	-0.789	
1890	0	0	2	0	0	1	1	1	0	1	0	3	9	-0.368	
1891	2	1	1	0	0	0	0	1	1	0	1	1	8	-0.651	
1892	0	1	0	2	0	0	0	0	1	1	0	1	6	-1.500	
1893	0	0	0	0	0	1	0	2	2	2	0	2	9	0.137	
1894	0	2	0	0	1	1	0	1	2	0	0	0	7	-0.728	
1895	0	0	0	0	1	0	1	1	2	0	0	2	7	-0.578	
1896	1	0	1	3	1	0	0	1	0	1	0	0	8	-0.136	
1897	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	3	-4.298	
1898	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	3	-2.419	
1899	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	-1.661	
1900	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	-1.694	

Anexo III

Quadro 10 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE N. S. DO ROSÁRIO DE TORRE DE COELHO DE 1840 A 1900

ANO	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	M
1840	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2		
1841	0	1	1	0	0	0	0	1	0	1	5	1	10		
1842	2	0	4	0	0	1	0	1	1	0	0	0	9		
1843	2	0	1	0	0	0	1	1	2	1	0	2	10		
1844	2	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	5		
1845	0	0	1	1	0	2	0	1	1	2	0	0	8		
1846	2	0	1	1	0	0	0	0	2	1	1	1	9		
1847	0	1	2	0	0	0	0	0	1	1	4	1	10		
1848	0	0	1	0	0	0	0	4	2	3	2	3	15		
1849	1	0	1	0	0	1	2	0	0	4	2	1	12		
1850	1	0	0	0	0	0	0	0	3	0	0	0	4	-1.479	
1851	0	2	0	0	0	0	0	1	2	0	0	0	5	-1.405	
1852	1	0	1	0	0	0	0	0	0	1	3	0	6	-0.836	
1853	1	0	0	0	0	1	0	1	1	2	0	0	6	-0.723	
1854	0	0	2	2	1	1	1	0	1	0	1	0	9	0.299	
1855	0	1	0	0	2	0	3	0	2	3	0	0	11	0.813	
1856	2	1	0	1	0	0	1	0	1	5	1	1	13	1.307	1
1857	0	0	1	0	0	0	1	9	2	1	2	1	17	2.238	2
1858	1	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	4	-1.362	
1859	0	0	1	1	1	1	1	0	1	0	0	2	8	-0.167	
1860	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-2.049	
1861	1	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	4	-0.846	
1862	0	2	1	2	0	0	3	0	1	2	1	1	13	1.109	1
1863	1	1	0	2	1	1	1	1	0	1	1	0	10	0.307	
1864	0	1	1	1	0	0	1	0	0	1	1	2	8	-0.186	
1865	0	0	0	0	0	0	1	0	2	0	1	0	4	-0.994	
1866	0	0	0	0	0	0	1	1	1	2	1	0	6	-0.423	
1867	1	0	0	1	1	1	0	1	1	2	1	1	10	0.551	
1868	1	0	1	1	1	0	0	0	1	0	1	0	6	-0.192	
1869	0	0	0	3	0	0	1	0	0	0	2	4	10	0.878	
1870	0	4	0	0	0	0	3	1	4	4	1	1	18	2.986	2
1871	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-2.165	
1872	0	0	0	0	0	1	2	0	0	0	0	0	3	-1.165	
1873	0	1	0	2	0	0	1	0	0	0	2	2	8	0.106	
1874	0	2	2	3	3	1	0	4	4	1	2	0	22	3.161	2
1875	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	3	7	-0.265	

Quadro 10 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE N. S. DO ROSÁRIO DE TORRE DE COELHEIROS DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	1	2	0	1	0	1	0	0	0	0	1	0	6	-0.479	
1877	0	0	0	0	1	1	1	2	1	0	0	0	6	-0.479	
1878	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	4	-0.729	
1879	1	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	5	-0.530	
1880	0	1	1	0	0	0	0	1	0	2	0	1	6	-0.294	
1881	0	0	0	0	0	2	1	2	0	0	0	0	5	-0.307	
1882	1	1	2	0	0	2	2	0	0	1	0	0	9	0.352	
1883	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	-1.174	
1884	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	4	-0.612	
1885	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2	-1.889	
1886	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	1	5	0.051	
1887	0	0	0	0	0	0	2	4	1	0	0	0	7	0.134	1
1888	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	-1.931	
1889	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	-1.545	
1890	0	0	1	1	0	0	0	1	0	1	3	0	7	1.094	1
1891	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	4	0	6	0.642	
1892	0	1	1	0	0	0	0	0	1	1	1	1	6	0.595	
1893	0	1	0	3	0	0	0	3	2	2	1	0	12	3.435	2
1894	1	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	1	4	-0.346	
1895	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	3	-0.660	
1896	1	0	1	2	1	0	0	1	1	0	0	1	8	0.906	
1897	0	0	1	2	2	0	0	2	5	3	5	4	24	5.781	3
1898	6	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	1	10	0.435	
1899	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	3	-0.833	
1900	0	1	1	1	1	0	2	1	0	1	1	0	9	0.942	

Anexo III

Quadro 11 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S.BENTO DE POMARES DE 1840 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	A
1840	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	3		
1841	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1		
1842	0	1	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	5		
1843	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1		
1844	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	0	0	4		
1845	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	3		
1846	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	0	4		
1847	0	0	0	0	0	0	0	2	3	2	1	1	9		
1848	0	1	0	0	0	0	0	2	1	2	2	4	12		
1849	1	0	0	0	1	1	0	1	0	1	0	0	5		
1850	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	-1.135	
1851	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	2	-0.733	
1852	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	3	-0.482	
1853	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	-0.716	
1854	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0.000	
1855	0	0	0	0	1	0	1	1	1	1	0	0	5	0.255	
1856	0	0	0	1	2	0	0	2	3	0	0	0	8	1.051	1
1857	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	3	-0.416	
1858	1	1	0	1	0	0	0	1	1	0	1	1	7	0.848	
1859	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	0	0	3	-0.244	
1860	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	4	0.248	
1861	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	-1.184	
1862	0	0	3	1	0	0	0	0	0	0	0	1	5	0.588	
1863	0	1	0	0	0	0	0	2	1	1	0	0	5	0.500	
1864	0	0	1	1	1	0	1	0	0	0	0	0	4	-0.043	
1865	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2	2	0	6	0.785	
1866	1	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	5	0.204	
1867	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	0	0	3	-0.802	
1868	0	1	1	0	0	0	0	1	1	0	0	2	6	1.049	1
1869	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2	-1.497	
1870	0	2	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	3	-0.696	
1871	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	2	-1.242	
1872	1	1	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	4	-0.069	
1873	0	1	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	3	-0.709	
1874	0	1	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	4	0.143	
1875	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-2.714	

Quadro 11 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. BENTO DE POMARES DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	0	1	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	3	-0.125	
1877	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	2	-0.676	
1878	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	-0.596	
1879	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	3	0.446	
1880	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	3	0.360	
1881	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	0	1	4	1.261	1
1882	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	2	-0.684	
1883	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	2	-0.541	
1884	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	2	-0.446	
1885	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	-1.287	
1886	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-3.000	
1887	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	-0.096	
1888	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-2.019	
1889	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	-0.738	
1890	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-1.432	
1891	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0.500	
1892	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-1.379	
1893	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-1.124	
1894	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-0.917	
1895	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	1	0	5	5.500	3
1896	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0.645	
1897	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	-0.130	
1898	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	0.596	
1899	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0.470	
1900	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	0	3	1.067	1

Anexo III

Quadro 12 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. BENTO DO MATTO DE 1840 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	A
1840	1	0	1	0	3	0	1	1	1	4	2	2	16		
1841	1	0	2	0	0	1	1	3	0	3	2	1	14		
1842	2	1	2	0	1	0	2	0	1	0	0	0	9		
1843	1	1	1	0	2	0	2	0	1	0	1	1	10		
1844	0	0	3	1	0	1	2	1	0	1	2	1	12		
1845	3	3	1	0	1	0	0	0	4	6	3	0	21		
1846	0	2	0	0	0	2	1	5	4	4	3	1	22		
1847	0	1	2	1	0	1	1	2	3	10	7	2	30		
1848	1	1	0	4	0	1	1	4	4	4	0	6	26		
1849	2	2	7	4	0	2	4	4	6	6	3	3	43		
1850	2	0	1	2	1	2	5	1	2	3	4	2	25	0.469	
1851	0	1	1	1	2	0	2	4	1	5	1	2	20	-0.120	
1852	0	2	2	1	3	0	1	1	1	5	3	0	19	-0.288	
1853	0	2	2	2	3	1	2	4	0	4	2	1	23	-0.023	
1854	1	4	4	1	2	3	2	2	3	8	4	2	36	1.534	1
1855	3	3	1	0	2	0	2	7	3	9	6	7	43	2.248	2
1856	4	5	1	3	3	5	1	6	7	12	7	1	55	3.072	2
1857	1	2	2	2	1	2	2	5	7	5	6	3	38	0.532	
1858	1	1	2	0	3	1	3	2	3	4	7	3	30	-0.246	
1859	2	2	0	3	0	0	1	1	5	0	0	4	18	-1.356	
1860	2	1	0	1	0	1	1	2	5	1	1	2	17	-1.189	
1861	1	2	2	0	0	0	2	2	3	4	1	2	19	-0.897	
1862	1	1	1	4	2	0	2	1	1	2	6	1	22	-0.637	
1863	3	4	3	0	3	2	5	2	1	6	3	2	34	0.325	
1864	2	2	2	2	3	0	0	2	6	4	3	2	28	-0.271	
1865	2	1	1	1	3	1	1	1	2	4	1	2	20	-0.887	
1866	1	3	3	1	3	4	1	1	3	9	2	2	33	0.435	
1867	2	2	1	2	1	0	3	5	1	4	4	5	30	0.567	
1868	2	1	1	3	2	3	5	3	4	3	2	2	31	0.949	
1869	2	2	2	2	1	1	0	1	3	1	5	2	22	-0.507	
1870	0	2	2	2	0	0	0	6	6	2	1	0	21	-0.773	
1871	1	2	2	0	1	1	0	2	2	4	5	2	22	-0.730	
1872	2	1	3	1	3	1	1	0	5	2	6	2	27	0.136	
1873	1	0	2	5	3	2	4	1	4	3	0	2	27	0.040	
1874	7	1	0	3	1	2	4	8	4	3	2	3	38	2.736	2
1875	1	1	3	2	3	3	1	1	2	0	4	4	25	-0.373	

Quadro 12 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. BENTO DO MATTO DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	0	1	2	0	3	1	3	1	1	0	3	2	17	-2.046	
1877	3	1	0	1	0	1	0	3	4	1	0	3	17	-1.576	
1878	0	3	1	1	1	1	1	2	3	4	1	3	21	-0.605	
1879	0	3	2	0	0	0	0	1	3	1	0	2	12	-2.014	
1880	4	3	2	0	6	2	4	4	0	0	2	2	29	0.926	
1881	2	1	1	2	0	1	5	0	7	5	1	5	30	0.926	
1882	2	2	2	2	7	3	1	2	5	5	3	4	38	-0.041	
1883	2	1	0	2	2	2	3	2	4	3	2	1	24	-0.168	
1884	0	2	3	1	0	0	1	1	2	5	2	2	19	-0.252	
1885	4	1	0	0	2	0	2	5	1	3	0	1	19	-0.579	
1886	1	2	0	2	0	2	2	4	2	0	3	2	20	-0.354	
1887	1	2	1	1	3	0	3	2	2	4	2	4	25	0.293	
1888	1	1	2	2	3	1	1	6	4	8	2	0	31	1.058	1
1889	0	0	1	1	0	1	0	4	5	6	1	4	23	-0.237	
1890	1	5	1	0	1	3	1	2	0	4	1	3	22	-0.651	
1891	3	1	1	3	0	1	0	4	4	7	2	0	26	0.154	
1892	1	2	2	1	0	1	0	1	1	3	1	0	13	-2.082	
1893	2	0	1	0	2	2	3	1	2	0	3	2	18	-0.909	
1894	2	1	2	0	2	0	0	0	3	6	5	1	22	0.084	
1895	2	2	0	1	2	0	4	1	1	6	2	0	21	-0.193	
1896	1	1	1	1	0	3	2	2	1	6	3	3	24	0.416	
1897	1	0	2	1	1	3	5	1	3	4	3	5	29	1.432	1
1898	2	3	4	1	0	1	2	4	1	4	0	1	23	0.020	
1899	4	3	2	2	1	4	1	5	1	4	4	5	36	3.382	2
1900	1	2	2	3	2	1	5	2	0	2	0	3	23	0.084	

Anexo III

Quadro 13 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. BRÁZ DO REGEDOURO DE 1840 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	A
1840	0	1	2	0	1	0	0	0	1	0	0	0	5		
1841	0	0	0	1	0	1	0	0	2	0	2	1	7		
1842	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	3		
1843	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	2	5		
1844	1	1	1	1	0	0	0	0	0	0	1	0	5		
1845	2	1	1	1	0	0	0	2	1	0	1	0	9		
1846	0	0	0	1	0	0	4	1	0	0	0	1	7		
1847	0	1	0	1	0	0	0	0	2	1	0	0	5		
1848	3	0	1	0	0	1	0	0	0	3	0	2	10		
1849	0	0	1	0	0	0	1	1	1	2	2	0	8		
1850	3	2	0	0	0	0	0	1	2	0	0	0	8	0.777	
1851	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	1	-2.780	
1852	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	-1.917	
1853	1	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	-0.644	
1854	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	3	1	6	-0.067	
1855	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-1.980	
1856	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	-0.920	
1857	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	3	-0.456	
1858	0	0	1	0	0	0	0	1 ^s	2	1	0	0	5	0.211	
1859	0	0	1	0	0	0	1	0	1	1	0	0	4	0.073	
1860	1	1	0	0	1	0	1	0	1	2	0	1	8	1.933	1
1861	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	-0.588	
1862	1	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	1	5	0.655	
1863	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	1	3	-0.415	
1864	2	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	6	1.009	1
1865	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	1	0	4	0.092	
1866	0	0	1	0	0	0	0	1	1	2	0	0	5	0.449	
1867	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	-1.534	
1868	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	3	-0.805	
1869	1	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	0	5	0.449	
1870	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3	-0.726	
1871	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2	-1.353	
1872	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	3	-0.602	
1873	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	3	-0.469	
1874	3	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	4	0.313	
1875	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0	3	-0.392	

Quadro 13 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. BRÁZ DO REGEDOIRO DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	1	0	0	0	0	0	1	0	1	3	0	0	6	2.673	2
1877	1	0	1	0	1	0	1	1	0	0	1	0	6	2.167	2
1878	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	-2.105	
1879	2	0	0	0	0	0	1	0	0	1	0	0	4	0.256	
1880	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0	1	0	4	0.333	
1881	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	0	0	4	0.267	
1882	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	0	4	0.143	
1883	0	1	0	0	0	0	0	1	0	1	2	0	5	0.797	
1884	0	0	0	0	0	0	1	2	0	1	0	0	4	-0.072	
1885	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	-2.246	
1886	1	0	0	0	0	1	1	1	0	1	0	0	5	0.671	
1887	1	2	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	6	1.429	1
1888	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	3	-0.519	
1889	0	2	0	1	1	0	1	3	1	0	0	0	9	3.937	2
1890	0	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	2	-1.276	
1891	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	-1.571	
1892	0	0	0	0	1	1	2	1	0	1	1	2	9	2.155	2
1893	0	0	0	0	0	1	0	0	3	0	0	0	4	-0.181	
1894	0	2	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	3	-0.507	
1895	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	4	-0.107	
1896	1	1	0	3	1	2	2	0	1	1	0	0	12	2.868	2
1897	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	4	-0.381	
1898	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	1	3	-0.614	
1899	0	0	1	0	0	1	0	1	1	0	0	1	5	-0.029	
1900	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	0	0	3	-0.538	

Anexo III

Quadro 14 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. JORDÃO DE 1840 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	A
1840	0	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	3		
1841	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2		
1842	1	0	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	4		
1843	1	0	1	0	0	0	0	0	2	0	0	0	4		
1844	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	1	4		
1845	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	1	1	5		
1846	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	2		
1847	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	0	2		
1848	0	2	0	0	0	1	0	0	0	2	0	0	5		
1849	0	0	0	0	0	0	0	1	2	3	0	0	6		
1850	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	4	0.222	
1851	0	1	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	4	0.150	
1852	0	1	0	0	0	0	1	1	1	0	0	1	5	0.847	
1853	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2	-1.721	
1854	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	3	-0.652	
1855	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	3	-0.571	
1856	0	0	1	0	0	0	0	1	0	2	0	1	5	1.029	1
1857	1	1	0	0	0	0	1	2	2	3	1	0	11	5.462	3
1858	1	0	0	0	0	0	0	0*	2	2	1	0	6	0.508	
1859	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	2	-1.213	
1860	1	0	0	1	0	1	1	0	0	0	0	1	5	0.200	
1861	2	3	0	0	1	1	0	0	2	0	1	0	10	2.160	2
1862	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	3	1	6	0.270	
1863	1	1	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	5	-0.101	
1864	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	3	-0.942	
1865	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	2	-1.304	
1866	1	0	0	0	1	0	0	0	2	0	2	0	6	0.174	
1867	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	2	5	-0.209	
1868	0	0	2	1	1	0	0	0	0	1	1	0	6	0.447	
1869	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	-1.342	
1870	0	0	0	0	1	1	2	2	0	1	1	0	8	1.342	1
1871	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	-1.369	
1872	0	0	0	2	0	1	0	1	0	0	0	0	4	-0.249	
1873	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	5	8	1.897	1
1874	2	4	2	0	0	0	0	0	0	0	0	1	9	1.956	1
1875	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	-1.667	

Quadro 14 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. JORDÃO DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	3	-0.789	
1877	2	1	0	0	0	1	2	0	0	0	1	0	7	0.812	
1878	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	-1.075	
1879	0	1	0	0	1	0	0	1	1	0	0	1	5	0.137	
1880	0	1	1	0	1	1	0	0	1	0	0	1	6	0.397	
1881	0	0	1	0	0	0	1	1	0	0	0	0	3	-0.651	
1882	1	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	3	-0.714	
1883	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	0	2	-1.051	
1884	0	1	1	0	1	1	0	0	0	1	2	0	7	1.193	1
1885	0	0	0	0	0	1	1	0	1	0	0	0	3	-0.435	
1886	1	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	3	-0.588	
1887	0	0	1	0	0	1	0	0	1	1	0	0	4	-0.053	
1888	0	1	0	0	0	0	0	1	1	0	1	1	5	0.750	
1889	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	3	-0.728	
1890	0	1	1	0	1	1	0	0	1	0	1	0	6	1.391	1
1891	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	-1.921	
1892	0	0	2	0	0	1	1	0	4	0	0	1	9	3.046	2
1893	0	1	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	3	-0.558	
1894	1	1	0	0	0	1	0	1	0	1	0	0	5	0.267	
1895	0	0	0	1	0	0	0	1	0	3	0	0	5	0.383	
1896	0	1	0	0	0	0	0*	0	0	0	1	1	3	-0.680	
1897	1	0	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	3	-0.680	
1898	1	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	0	3	-0.619	
1899	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	4	-0.047	
1900	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	0	1	2	-1.053	

Anexo III

Quadro 15 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. MANÇOS DE 1860 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	A
1840															
1841															
1842															
1843															
1844															
1845															
1846															
1847															
1848															
1849															
1850															
1851															
1852															
1853															
1854															
1855															
1856															
1857															
1858															
1859															
1860	1	0	3	2	3	0	4	1	2	3	1	4	24		
1861	0	3	0	0	0	0	2	2	1	7	4	2	21		
1862	1	2	4	1	1	1	2	6	6	4	7	1	36		
1863	6	4	2	6	3	1	4	1	3	1	4	4	39		
1864	5	0	1	1	2	3	3	2	1	1	2	1	22		
1865	0	3	2	0	3	1	6	3	1	2	3	0	24		
1866	0	2	6	1	0	1	2	1	4	4	2	6	29		
1867	5	3	5	0	3	1	1	3	2	3	5	4	35		
1868	2	1	2	3	1	0	1	4	5	4	0	2	25		
1869	0	1	0	0	0	1	1	4	2	3	4	4	20		
1870	5	2	0	3	0	2	1	2	1	3	8	6	33	0.846	
1871	1	0	1	1	1	1	0	1	2	2	5	3	18	-1.581	
1872	2	1	1	0	0	2	2	0	4	1	2	2	17	-1.595	
1873	1	2	2	1	1	0	0	2	1	1	2	2	15	-1.569	
1874	1	1	3	4	0	2	2	0	3	2	0	2	20	-0.591	
1875	1	0	0	3	1	3	1	1	0	1	3	3	17	-1.012	

Quadro 15 (cont)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S.MANÇOS DE 1860 A 1900 (cont)

1876	2	0	4	3	3	0	4	2	3	2	0	2	25	0.309	
1877	1	0	0	0	2	1	0	3	2	3	3	1	16	-0.992	
1878	2	1	2	2	0	0	1	2	1	4	6	6	27	1.212	1
1879	1	1	0	1	0	0	6	0	3	4	1	2	19	-0.329	
1880	2	4	3	1	3	0	0	1	1	3	3	1	22	0.236	
1881	3	3	1	1	2	1	1	7	4	3	0	2	28	2.240	2
1882	3	2	1	1	0	0	1	5	6	4	2	2	27	1.438	1
1883	6	3	0	1	2	0	2	8	1	4	3	2	32	2.237	2
1884	0	1	3	0	1	1	4	0	1	3	2	1	17	-1.255	
1885	0	4	4	3	4	6	2	2	1	2	4	1	33	1.890	1
1886	0	1	1	1	2	1	0	1	1	6	3	2	19	-0.464	
1887	3	3	1	0	1	2	2	4	3	1	2	2	24	0.000	
1888	3	0	1	1	0	0	0	1	0	1	7	5	19	-1.105	
1889	2	2	0	2	2	0	2	2	0	3	0	0	15	-1.648	
1890	3	1	0	1	1	0	0	3	2	3	3	0	17	-1.111	
1891	2	0	0	1	1	0	0	3	1	2	2	1	13	-1.616	
1892	0	1	2	0	0	0	0	4	1	3	1	1	13	-1.287	
1893	0	0	1	2	3	0	4	4	2	3	2	1	22	0.262	
1894	0	3	0	0	1	1	0	0	5	2	2	2	16	-0.560	
1895	2	3	2	1	0	1	0	0	4	1	2	2	18	-0.191	
1896	2	3	3	3	1	1	3	1	1	5	3	3	29	3.343	2
1897	1	2	2	0	0	4	3	3	4	2	2	2	25	1.322	1
1898	2	1	4	0	1	2	0	4	2	0	3	0	19	0.060	
1899	1	0	2	0	0	2	2	0	0	2	2	3	14	-0.948	
1900	1	2	3	0	0	0	1	1	0	7	1	1	17	-0.317	

Anexo III

Quadro 16 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. MARCOS DA ABÓBADA DE 1840 A

1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	A
1840	0	0	0	0	0	0	0	4	0	0	2	1	7		
1841	0	0	1	0	1	0	1	0	0	0	2	1	6		
1842	3	0	0	0	0	0	1	0	0	0	1	2	7		
1843	0	2	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	6		
1844	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0	1	1	5		
1845	1	0	0	0	1	0	0	0	1	1	3	1	8		
1846	0	0	1	0	1	1	0	1	0	2	1	1	8		
1847	0	1	0	0	0	0	1	3	0	3	1	1	10		
1848	3	2	0	0	1	0	0	1	0	2	0	0	9		
1849	1	2	0	2	0	0	1	0	3	4	0	1	14		
1850	1	0	0	0	1	0	1	2	0	0	1	1	7	-0.408	
1851	1	1	0	2	0	1	1	1	0	0	0	1	8	0.000	
1852	0	1	3	0	2	0	1	0	0	1	0	0	8	-0.085	
1853	0	0	1	0	0	0	1	0	2	0	0	1	5	-1.416	
1854	1	0	1	0	1	0	2	4	1	5	0	1	16	3.197	2
1855	2	1	0	0	0	0	0	0	1	3	1	1	9	-0.096	
1856	0	0	0	2	0	0	0	0	1	1	1	2	7	-0.772	
1857	0	0	0	0	0	0	0	1	2	0	1	0	4	-1.677	
1858	2	1	0	0	0	0	1	2	1	0	0	0	7	-0.483	
1859	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	3	-1.545	
1860	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	-2.189	
1861	0	1*	0	0	1	1	0	1	1	2	0	0	7	0.074	
1862	0	0	0	0	0	2	1	2	1	1	1	2	10	0.844	
1863	0	1	2	4	4	1	0	0	0	1	1	0	14	1.739	1
1864	0	0	2	0	0	0	1	2	0	1	1	0	7	-0.152	
1865	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0	1	0	4	-0.761	
1866	0	1	0	0	2	0	0	2	2	3	2	0	12	1.545	1
1867	1	0	1	0	0	1	0	1	1	2	1	3	11	1.032	1
1868	1	1	1	0	0	0	4	0	1	1	2	0	11	0.847	
1869	0	1	1	0	0	0	0	0	0	1	1	0	4	-0.918	
1870	1	1	0	1	1	0	0	0	0	1	3	0	8	0.000	
1871	1	0	0	0	0	0	1	2	3	1	1	2	11	0.690	
1872	1	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	0	4	-1.630	
1873	0	2	1	0	0	0	0	1	0	2	0	1	7	-0.453	
1874	0	1	1	1	1	1	0	1	2	0	0	0	8	0.033	
1875	0	0	0	1	0	1	0	0	0	3	0	0	5	-0.990	

Quadro 16 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. MARCOS DA ABÓBADA DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	0	0	0	1	1	0	4	1	0	0	0	7	-0.378	
1877	0	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	3	-1.756	
1878	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	-1.418	
1879	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	0	0	-2.008	
1880	2	1	1	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0.105	
1881	0	0	0	0	0	1	2	0	0	0	0	0	-0.903	
1882	1	0	1	0	1	0	0	0	1	0	1	0	0.140	
1883	0	0	0	1	1	1	0	1	3	0	0	0	1.028	1
1884	0	0	0	2	0	1	1	0	2	1	2	0	1.963	1
1885	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	-1.696	
1886	0	0	0	1	1	1	2	1	1	0	0	1	1.357	1
1887	0	0	0	1	1	0	1	4	0	0	0	0	0.892	
1888	0	1	1	0	1	1	0	0	1	3	0	0	1.103	1
1889	1	0	0	1	0	1	3	0	1	1	1	1	1.625	1
1890	0	1	0	0	2	0	0	0	0	1	0	1	-0.534	
1891	0	0	0	0	1	1	0	2	0	0	0	0	-0.868	
1892	0	0	1	1	0	1	0	0	0	3	0	2	0.630	
1893	1	1	0	0	0	2	0	0	2	0	3	1	1.304	1
1894	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	-1.103	
1895	0	0	2	0	0	0	0	0	0	4	0	0	-0.181	
1896	0	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	-2.083	
1897	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	-1.732	
1898	0	0	1	0	0	0	2	0	0	0	1	1	-0.317	
1899	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	0	1	-0.580	
1900	1	0	2	1	0	0	0	0	1	1	1	0	0.844	

Anexo III

Quadro 17 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. MATHIAS DE 1840 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	A
1840	2	0	0	1	0	1	2	2	0	2	2	0	12		
1841	0	4	4	3	0	0	0	1	0	0	0	1	13		
1842	2	2	3	0	0	0	3	1	3	0	1	0	15		
1843	1	1	0	0	0	0	2	2	1	2	2	1	12		
1844	0	1	1	1	0	0	1	1	2	1	2	1	11		
1845	0	1	0	1	0	0	1	2	4	6	2	0	17		
1846	3	1	1	2	1	0	1	3	1	5	3	0	21		
1847	0	1	2	1	0	0	0	2	6	6	2	3	23		
1848	4	1	2	2	0	2	1	1	3	0	1	4	21		
1849	2	3	1	1	0	8	6	5	1	1	0	1	29		
1850	0	0	0	2	0	0	3	2	4	0	3	2	16	-0.249	
1851	4	1	1	2	0	0	0	1	3	3	4	2	21	0.597	
1852	1	1	0	1	0	1	2	1	4	1	2	0	14	0.888	
1853	0	3	1	1	0	0	0	2	3	1	3	3	17	-0.285	
1854	1	2	1	1	0	0	1	0	2	4	2	0	14	-1.033	
1855	1	0	1	1	0	0	1	0	2	7	1	2	16	-0.748	
1856	1	2	0	1	0	0	1	4	3	6	2	0	20	0.179	
1857	1	0	0	1	2	0	0	3	3	1	3	0	14	-1.149	
1858	3	3	2	1	1	5	1	1	3	0	2	0	22	0.850	
1859	2	0	1	0	0	6	2	3	1	3	5	1	24	1.256	1
1860	0	0	1	0	3	0	0	1	1	2	0	1	9	-2.521	
1861	4	0	0	1	0	1	0	4	1	1	1	1	14	-0.709	
1862	1	1	0	1	1	1	1	3	3	1	3	1	17	0.141	
1863	5	3	1	3	0	1	1	3	1	2	0	2	22	1.271	1
1864	4	3	0	1	1	2	0	3	4	3	5	0	26	1.969	1
1865	0	1	0	2	1	1	4	0	1	1	2	3	16	-0.478	
1866	1	0	0	1	3	2	0	1	4	1	1	4	18	-0.080	
1867	0	2	2	2	0	1	2	3	1	2	1	3	19	0.160	
1868	2	0	1	0	1	0	0	0	2	2	2	1	11	-1.604	
1869	0	1	0	0	0	2	2	0	0	1	1	1	8	-1.860	
1870	0	1	0	1	0	0	4	0	3	2	1	2	14	-0.370	
1871	0	0	0	0	0	0	0	2	1	3	1	1	8	-1.717	
1872	0	0	0	1	1	0	0	2	1	0	0	0	5	-1.968	
1873	2	0	0	1	1	1	2	0	1	2	1	4	15	0.047	
1874	0	2	3	0	2	1	1	0	1	0	0	0	10	-0.675	
1875	0	0	0	0	0	0	1	1	1	1	0	1	5	-1.663	

Quadro 17 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. MATHIAS DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	1	1	0	2	1	1	2	0	1	1	1	1	12	0.146	
1877	0	1	1	1	0	0	0	0	1	1	2	1	8	-0.637	
1878	2	0	2	0	2	0	4	1	1	1	2	3	18	2.577	2
1879	0	1	1	3	0	0	2	1	2	0	3	0	13	0.655	
1880	0	0	1	0	1	0	1	1	2	1	5	0	12	0.291	
1881	0	0	1	1	3	0	2	2	2	2	1	0	14	0.848	
1882	2	0	1	1	1	0	0	0	2	2	0	0	9	-0.547	
1883	0	1	0	0	1	1	3	4	3	0	2	2	17	1.517	1
1884	1	1	0	1	0	1	2	3	1	1	2	2	15	0.844	
1885	0	1	2	2	0	2	0	2	1	1	0	0	11	-0.338	
1886	0	1	0	0	1	1	2	0	1	0	2	1	9	-1.279	
1887	1	0	2	1	0	2	0	1	0	0	1	0	8	-1.411	
1888	1	0	1	1	1	1	1	3	2	3	1	0	15	0.736	
1889	0	0	2	0	0	0	0	1	3	2	0	1	9	-1.150	
1890	1	0	1	0	0	1	1	0	1	1	0	4	10	-0.629	
1891	1	0	1	0	0	1	1	0	0	1	0	1	6	-1.857	
1892	2	1	2	0	0	1	1	1	1	1	0	0	10	-0.265	
1893	0	1	0	0	1	0	1	2	0	1	0	0	6	-1.493	
1894	1	0	0	1	0	0	0	1	0	2	0	1	6	-1.309	
1895	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	1	1	5	-1.509	
1896	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	0	1	2	-2.286	
1897	0	1	2	1	1	0	0	0	0	1	1	1	8	0.089	
1898	0	0	0	0	1	0	2	0	1	1	1	0	6	-0.503	
1899	1	1	1	0	1	1	1	0	0	1	2	0	9	0.932	
1900	0	0	3	1	0	1	0	3	0	0	2	1	11	1.780	1

Anexo III

Quadro 18 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. MIGUEL DE MACHIEDE DE 1840 A

1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	A
1840	2	2	0	1	1	3	5	2	2	2	3	2	25		
1841	1	6	1	2	0	2	5	3	2	2	3	4	31		
1842	6	9	11	21	2	2	2	1	1	3	7	2	67		
1843	2	2	3	2	6	1	1	2	4	2	2	1	28		
1844	1	4	0	1	2	0	1	2	3	0	5	2	21		
1845	0	3	5	5	3	2	2	2	6	2	2	7	39		
1846	0	4	2	0	3	0	8	3	4	1	4	3	32		
1847	4	12	2	0	5	0	4	5	12	8	8	0	60		
1848	0	4	5	1	2	2	0	0	2	4	5	2	27		
1849	2	1	5	1	5	3	7	8	6	8	4	3	53		
1850	5	2	1	4	3	0	4	3	3	3	6	0	34	-0.283	
1851	3	2	3	0	0	4	4	3	3	4	6	2	34	-0.355	
1852	1	3	5	4	2	1	2	3	6	4	3	4	38	-0.103	
1853	2	5	4	4	3	2	3	4	4	2	4	2	39	0.213	
1854	3	2	2	5	4	2	4	3	5	5	2	5	42	0.394	
1855	3	1	5	0	3	2	3	3	7	6	8	11	52	1.298	1
1856	8	10	8	3	8	6	6	8	6	8	9	8	88	4.657	3
1857	3	1	3	3	0	0	4	4	4	9	2	4	37	-0.578	
1858	3	2	0	1	0	4	4	2	4	3	8	3	34	-0.635	
1859	3	2	0	1	4	2	5	5	1	4	2	2	31	-0.895	
1860	2	3	3	0	2	0	2	1	0	4	2	2	21	-1.366	
1861	1	1	1	0	3	1	2	3	6	7	4	6	35	-0.384	
1862	0	1	3	3	1	2	3	4	3	5	7	5	37	-0.274	
1863	0	3	3	2	1	3	1	7	1	6	0	4	31	-0.617	
1864	4	3	3	1	0	2	1	3	2	7	6	5	38	-0.160	
1865	4	2	1	2	3	2	3	1	1	0	7	6	32	-0.481	
1866	1	1	3	1	1	1	7	3	3	6	1	2	30	-0.489	
1867	2	3	3	2	0	4	1	2	3	2	3	1	26	-1.398	
1868	2	1	4	2	1	4	4	6	3	3	3	2	35	0.723	
1869	3	2	2	2	3	3	2	4	1	3	3	2	30	-0.327	
1870	0	2	1	3	1	2	2	5	3	2	1	3	25	-1.321	
1871	2	1	3	1	5	0	6	4	3	3	1	3	32	0.024	
1872	1	2	3	2	3	1	3	2	4	6	4	2	33	0.347	
1873	4	2	0	4	2	2	3	1	5	0	2	4	29	-0.601	
1874	2	5	6	2	1	3	1	2	3	3	1	1	30	-0.269	
1875	2	1	0	1	0	1	1	5	4	3	0	0	18	-4.221	

Quadro 18 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S.MIGUEL DE MACHEDE DE 1840 A 1900 (cont.)

1876	3	0	3	1	2	1	1	2	6	0	5	1	25	-0.830	
1877	0	5	2	3	2	3	3	3	4	3	3	4	35	1.429	1
1878	2	2	3	2	1	0	1	0	0	0	2	2	15	-2.829	
1879	5	0	0	4	2	0	5	4	4	1	0	2	27	-0.032	
1880	3	5	3	1	2	2	0	4	1	1	3	4	29	-0.345	
1881	4	1	2	3	0	1	1	4	4	1	0	2	23	-0.707	
1882	3	2	4	2	2	1	0	5	2	2	1	2	26	-0.067	
1883	2	2	4	1	1	1	1	4	4	5	4	3	32	1.131	1
1884	5	5	4	2	0	3	2	4	4	5	3	4	41	2.582	2
1885	3	2	0	2	1	2	3	2	3	2	2	6	28	0.137	
1886	3	1	0	1	2	2	3	1	0	1	1	1	16	-1.817	
1887	7	1	2	1	1	3	2	4	2	5	0	2	30	0.370	
1888	1	0	2	3	1	0	2	3	5	1	1	3	22	-0.655	
1889	0	1	1	0	2	1	3	4	2	5	3	4	26	-0.222	
1890	6	11	4	2	2	3	3	1	1	5	5	6	49	3.439	2
1891	2	4	3	1	2	3	3	2	2	6	4	1	33	0.407	
1892	4	0	4	1	0	4	2	4	1	1	2	3	26	-0.484	
1893	2	1	0	1	2	2	0	3	1	1	2	4	19	-1.271	
1894	5	8	1	1	0	0	3	1	7	4	3	2	35	0.633	
1895	1	2	3	1	0	1	1	2	3	7	6	5	32	0.406	
1896	2	2	2	2	1	4	4	3	2	5	2	1	30	0.134	
1897	5	1	5	0	2	2	6	0	1	3	2	2	29	-0.153	
1898	4	0	0	1	1	0	3	4	1	3	3	1	21	-1.159	
1899	0	2	1	1	0	2	0	2	1	3	2	1	15	-1.884	
1900	1	1	2	3	1	5	5	2	3	5	2	4	34	0.559	

Anexo III

Quadro 19 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. SEBASTIÃO DA GIESTEIRA 1840 A

1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	A
1840	0	0	0	0	1	3	0	1	0	0	0	0	5		
1841	2	0	3	0	0	0	0	0	0	0	0	0	5		
1842	0	2	0	0	0	0	0	0	1	0	0	1	4		
1843	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	2		
1844	1	0	1	0	1	0	1	3	1	1	1	1	11		
1845	2	0	0	2	0	0	1	0	2	1	1	0	9		
1846	1	1	1	0	0	2	2	1	1	1	0	2	12		
1847	0	2	1	0	0	0	0	0	1	1	1	0	6		
1848	1	0	2	0	1	0	0	1	2	2	0	1	10		
1849	0	3	12	9	8	0	2	0	1	1	0	1	37		
1850	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	2	6	-0.432	
1851	0	0	0	1	0	2	1	1	1	2	3	0	11	0.085	
1852	0	0	1	1	1	1	0	1	1	1	0	1	8	-0.302	
1853	0	0	1	1	1	0	0	0	1	0	0	0	4	-0.795	
1854	0	1	3	1	1	0	1	3	2	0	0	0	12	0.068	
1855	1	0	0	0	0	0	0	0	2	0	2	1	6	-0.619	
1856	0	0	3	1	1	0	0	3	1	5	1	0	15	0.422	
1857	0	1	0	1	0	0	0	2	2	0	0	3	9	-0.275	
1858	1	3	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	6	-0.649	
1859	1	1	1	1	0	0	0	1	2	1	0	2	10	-0.154	
1860	0	0	0	0	1	0	0	0	0	4	0	1	6	-0.844	
1861	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	2	5	-1.156	
1862	0	0	0	0	0	1	0	0	0	2	0	2	5	-0.948	
1863	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	1	1	4	-1.118	
1864	1	0	0	0	0	0	0	1	2	2	3	0	9	0.353	
1865	1	1	0	0	0	3	1	2	1	1	1	0	11	1.115	1
1866	0	1	0	0	1	1	0	0	1	0	0	1	5	-0.920	
1867	0	0	0	0	0	1	0	3	1	1	2	2	10	1.266	1
1868	1	1	2	0	0	0	2	0	0	3	0	1	10	1.174	1
1869	0	0	0	1	1	1	0	0	0	1	1	1	6	-0.581	
1870	2	0	0	1	1	0	0	1	0	0	1	1	7	-0.040	
1871	0	0	0	0	1	1	0	2	0	1	3	1	9	0.738	
1872	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	1	2	6	-0.672	
1873	2	1	2	0	0	1	1	3	5	3	1	1	20	5.395	3
1874	2	0	1	0	0	0	0	0	0	2	1	0	6	-0.815	
1875	0	2	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	3	-1.439	

Quadro 19 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. SEBASTIÃO DA GIESTEIRA 1840 A 1900 (Cont.)

1876	0	0	0	0	0	0	0	0	4	1	1	1	7	-0.268	
1877	3	2	0	1	3	1	0	1	0	0	0	2	13	1.055	1
1878	0	1	1	1	0	1	1	1	2	4	1	0	13	0.943	
1879	0	2	0	1	0	0	0	1	1	0	0	2	7	-0.423	
1880	4	2	1	1	0	0	0	0	2	1	0	3	14	1.047	1
1881	1	0	2	0	1	0	1	1	2	4	1	0	13	0.663	
1882	0	0	0	1	1	1	1	2	1	1	0	1	9	-0.244	
1883	2	0	1	0	0	1	1	2	0	0	1	0	8	-0.527	
1884	1	0	0	4	0	0	0	1	1	1	0	0	8	-0.366	
1885	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	2	-2.199	
1886	1	1	2	1	0	0	0	0	2	1	1	1	10	0.166	
1887	0	0	0	0	1	3	0	0	0	0	1	0	5	-1.335	
1888	0	1	1	1	0	0	1	2	1	1	0	0	8	-0.251	
1889	0	1	1	0	1	1	0	0	2	0	0	2	8	0.120	
1890	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	1	0	5	-1.064	
1891	1	2	1	1	1	0	0	0	2	2	1	1	12	1.533	1
1892	0	2	1	0	0	0	1	0	1	0	1	0	6	-0.558	
1893	0	0	1	0	0	0	1	0	0	2	0	0	4	-1.194	
1894	0	1	1	0	0	1	2	1	1	0	0	0	7	0.071	
1895	1	2	2	2	1	0	0	3	2	0	1	0	14	2.607	2
1896	0	0	1	1	1	1	0	1	2	0	2	0	9	0.654	
1897	0	0	1	1	1	0	2	0	2	1	0	1	9	0.396	
1898	0	0	1	1	1	0	1	0	0	0	0	1	5	-1.107	
1899	0	0	0	0	0	1	0	1	0	1	0	2	5	-0.951	
1900	0	0	0	0	1	0	0	1	0	4	0	2	8	0.126	

Anexo III

Quadro 20 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. VICENTE DO PIQUEIRO DE 1840 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	A
1840	0	1	1	0	0	2	0	0	1	1	2	2	10		
1841	2	0	0	0	0	1	3	4	1	3	2	0	16		
1842	2	0	1	1	0	1	1	2	0	0	0	0	8		
1843	2	0	1	0	2	0	0	1	0	0	0	1	7		
1844	0	1	1	0	0	0	0	2	0	1	2	3	10		
1845	0	1	1	0	0	1	1	0	1	1	0	1	7		
1846	0	1	1	0	0	1	0	1	0	1	1	1	7		
1847	0	1	2	0	0	0	0	1	2	1	6	2	15		
1848	5	2	1	0	1	1	1	1	2	0	4	1	19		
1849	0	0	2	1	0	1	0	1	2	1	2	0	10		
1850	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	-2.438	
1851	0	2	6	2	0	0	0	3	1	0	0	0	14	0.794	
1852	0	0	1	0	0	1	0	0	1	0	0	0	3	-1.408	
1853	1	0	1	1	0	0	1	0	1	2	0	1	8	-0.248	
1854	0	2	3	1	0	0	0	0	1	1	1	0	9	-0.077	
1855	0	0	0	0	0	0	1	0	1	1	1	1	5	-0.827	
1856	2	0	0	0	1	0	0	3	3	2	1	2	14	0.921	
1857	2	3	0	0	1	0	0	1	2	3	6	3	21	2.051	2
1858	3	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	6	-0.703	
1859	1	1	2	0	0	0	1	0	2	0	3	1	11	0.335	
1860	1	0	2	0	0	0	1	4	0	0	0	0	8	-0.211	
1861	2	0	1	2	2	1	0	0	1	1	2	0	12	0.417	
1862	0	0	0	0	0	2	5	14	2	0	1	0	24	2.918	2
1863	0	0	1	2	2	0	2	0	0	1	4	0	12	0.034	
1864	1	2	1	1	3	0	1	0	2	5	1	2	19	1.166	1
1865	0	0	2	0	2	0	1	1	1	1	1	0	9	-0.694	
1866	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	1	4	8	-0.998	
1867	0	1	0	0	0	2	1	0	3	0	1	2	10	-0.513	
1868	4	2	2	0	1	0	1	2	4	4	0	0	20	1.546	1
1869	0	2	0	2	0	0	0	0	2	3	2	0	11	-0.430	
1870	1	1	1	0	2	1	0	0	2	2	3	1	14	-0.430	
1871	3	1	0	0	0	0	0	0	1	2	1	0	8	-1.168	
1872	1	2	1	3	0	0	0	3	3	0	2	0	15	0.281	
1873	2	0	0	0	0	0	2	0	1	1	0	0	6	-1.610	
1874	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	3	0	6	-1.316	
1875	0	0	0	0	2	0	1	0	1	1	2	0	7	-0.877	

Quadro 20 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. VICENTE DO PIGEIRO DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	2	0	0	0	0	1	3	1	2	2	0	1	12	0.346	
1877	0	2	0	0	0	0	3	2	1	3	0	1	12	0.257	
1878	0	2	0	0	0	0	0	0	0	1	1	1	5	-1.425	
1879	0	0	0	2	1	0	0	3	2	3	0	1	12	0.698	
1880	2	0	1	0	0	2	1	1	2	2	1	0	12	0.667	
1881	0	1	1	0	0	1	0	2	2	1	0	0	8	-0.456	
1882	0	1	1	1	1	0	1	2	0	0	1	0	8	-0.456	
1883	0	1	2	0	0	0	1	0	2	5	2	2	15	2.255	2
1884	0	0	2	0	0	1	0	0	1	1	0	1	6	-1.182	
1885	0	2	0	0	2	2	0	0	0	0	0	0	6	-1.182	
1886	0	0	1	0	0	0	1	0	0	1	1	0	4	-1.734	
1887	0	0	0	0	2	1	2	3	0	0	0	2	10	0.341	
1888	0	1	1	0	0	1	0	0	2	0	0	0	5	-1.065	
1889	0	0	0	0	1	0	0	1	0	4	0	0	6	-0.769	
1890	0	1	0	0	0	2	0	3	2	0	1	0	9	0.307	
1891	0	0	1	0	0	0	2	1	0	0	1	1	6	-0.567	
1892	1	1	1	0	0	0	0	2	0	0	1	1	7	-0.164	
1893	0	2	0	0	0	0	0	2	3	2	0	0	9	0.526	
1894	0	1	0	0	0	1	2	0	1	0	0	0	5	-0.984	
1895	1	1	0	0	0	0	1	1	0	3	0	0	7	0.158	
1896	1	0	1	0	2	0	1	1	0	1	0	0	7	0.106	
1897	2	0	0	1	0	1	1	1	3	2	1	0	12	2.988	2
1898	0	1	4	0	0	0	0	2	3	1	0	3	14	3.268	2
1899	1	0	1	1	0	0	0	1	0	2	0	4	10	0.664	
1900	0	2	0	1	0	0	1	0	2	4	3	0	13	1.660	1

Anexo III

Quadro 21 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. VICENTE DE VALLONGO DE 1840 A

1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	A
1840	0	0	0	0	1	0	0	1	1	0	0	0	3		
1841	1	0	0	1	0	0	0	1	3	2	5	1	14		
1842	0	2	0	0	1	1	0	0	1	1	0	0	6		
1843	0	1	1	0	0	1	0	0	0	0	0	0	3		
1844	0	0	1	0	1	0	0	1	0	3	2	0	8		
1845	1	2	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	5		
1846	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0		
1847	1	0	0	0	0	0	1	2	2	0	1	1	8		
1848	1	0	0	1	0	0	0	1	1	3	1	1	9		
1849	0	1	1	0	0	0	1	1	0	0	2	0	6		
1850	1	1	0	1	0	0	0	0	1	0	0	1	5	-1.200	
1851	0	1	0	2	0	0	0	0	1	0	1	2	7	0.169	
1852	0	1	0	1	1	0	0	0	1	0	0	0	4	-0.672	
1853	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	2	1	5	-0.194	
1854	1	0	0	0	0	0	0	0	1	0	2	1	5	-0.286	
1855	0	1	1	0	1	0	1	0	2	1	3	0	10	1.974	1
1856	0	3	0	1	0	0	2	1	3	1	0	1	12	2.259	2
1857	1	0	3	0	0	0	0	3	0	2	0	1	10	1.174	1
1858	0	1	1	1	0	0	0	0	2	3	0	0	8	0.268	
1859	3	1	2	2	1	1	2	1	0	0	1	0	14	2.656	2
1860	0	0	1	0	0	0	1	0	0	0	1	0	3	-1.548	
1861	2	2	0	1	0	0	1	1	3	4	0	1	15	2.081	2
1862	1	0	0	0	0	0	1	0	2	0	0	0	4	-1.133	
1863	2	0	1	1	0	2	3	1	1	0	1	0	12	0.837	
1864	1	0	3	0	2	0	3	0	0	1	2	0	12	0.678	
1865	0	0	0	0	1	0	0	0	0	3	0	4	8	-0.531	
1866	0	1	2	0	2	1	1	0	0	0	0	0	7	-0.733	
1867	0	0	0	0	1	1	0	0	0	0	0	0	2	-1.911	
1868	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	1	1	-1.708	
1869	0	0	0	1	0	0	1	0	1	0	0	0	3	-0.972	
1870	1	0	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	4	-0.581	
1871	0	1	1	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	-1.048	
1872	0	0	0	1	0	1	0	0	1	0	0	1	4	-0.390	
1873	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	0	2	2	-0.909	
1874	1	3	0	2	0	0	0	0	0	0	0	1	7	0.760	
1875	0	1	0	0	0	0	0	0	0	1	1	2	5	0.422	

Quadro 21 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NA FREGUESIA DE S. VICENTE DE VALLONGO DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	1	2	5	0.650	
1877	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	0	0	2	-0.857	
1878	0	0	0	0	0	0	0	1	1	0	0	0	2	-0.857	
1879	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	1	0	3	-0.368	
1880	0	0	0	0	0	0	0	2	0	1	0	0	3	-0.368	
1881	0	2	0	0	0	0	0	0	2	2	0	0	6	1.534	1
1882	0	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	1	2	-1.118	
1883	1	0	1	0	0	0	0	1	1	2	0	0	6	1.285	1
1884	0	2	1	0	0	0	1	0	1	0	0	0	5	0.497	
1885	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	1	0	2	-1.203	
1886	0	0	0	0	1	0	1	0	0	0	0	1	3	-0.368	
1887	0	1	0	0	0	0	1	1	0	0	1	0	4	0.385	
1888	0	0	0	0	0	0	0	0	2	1	0	0	3	-0.400	
1889	0	0	1	0	0	0	0	1	0	0	0	1	3	-0.493	
1890	0	1	0	1	0	0	0	0	2	1	1	1	7	2.324	2
1891	0	1	0	0	0	1	0	0	0	0	1	1	4	-0.059	
1892	0	1	0	1	2	0	1	0	0	0	1	0	6	1.329	1
1893	1	1	1	0	0	1	0	0	1	1	1	1	8	2.387	2
1894	6	2	0	0	0	1	0	0	0	0	0	0	9	2.419	2
1895	0	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	1	3	-0.826	
1896	1	0	0	0	0	0	1	1	1	0	0	1	5	0.000	
1897	0	0	1	2	2	1	0	1	0	0	0	0	7	0.861	
1898	0	0	1	0	0	0	0	1	1	2	1	2	8	1.185	1
1899	0	1	0	1	0	0	0	0	0	0	0	0	2	-1.951	
1900	1	0	0	1	0	0	0	1	1	0	1	0	5	-0.407	

Anexo III

Quadro 22 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA DE

1840 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	M
1840	8	7	8	4	10	13	17	17	15	15	20	16	150		
1841	10	16	13	10	5	12	14	19	20	23	27	17	186		
1842	35	19	23	26	7	12	15	10	16	11	22	14	210		
1843	12	9	13	4	17	6	10	15	15	20	10	11	142		
1844	10	18	9	8	10	10	7	18	18	18	21	16	163		
1845	12	14	15	14	8	9	11	11	29	31	21	15	190		
1846	9	16	8	9	6	13	15	32	23	31	24	15	201		
1847	8	22	15	4	7	2	17	25	49	48	42	22	261		
1848	31	20	19	10	7	11	3	20	23	33	25	27	229		
1849	17	24	51	36	24	16	30	31	26	35	20	17	327		
1850	23	9	6	9	8	4	15	12	26	18	20	11	161	-0.805	
1851	12	12	14	11	9	9	15	16	26	21	24	12	181	-0.476	
1852	14	12	22	10	9	7	10	16	17	22	16	8	163	-0.793	
1853	8	14	14	12	9	9	8	17	23	16	18	14	162	-0.704	
1854	13	14	20	14	18	13	16	19	21	30	21	18	217	0.242	
1855	25	10	10	3	15	9	16	26	34	48	40	25	261	0.984	
1856	19	28	21	17	16	17	15	33	50	57	34	18	325	1.994	1
1857	16	16	13	11	9	6	12	40	34	30	30	21	238	0.145	
1858	20	23	9	7	8	15	14	20	26	25	28	13	208	-0.292	
1859	20	7	11	11	10	12	22	18	23	27	23	17	201	-0.368	
1860	11	9	13	4	14	6	12	16	12	19	10	17	143	-1.32	
1861	17	17	6	9	13	6	12	16	30	30	21	20	197	-0.237	
1862	7	11	18	12	11	13	29	38	27	26	33	23	248	0.680	
1863	30	21	24	31	24	18	23	26	16	35	21	21	290	1.351	1
1864	27	15	19	14	18	10	17	28	26	34	34	18	260	0.526	
1865	9	11	11	8	20	18	26	16	17	22	31	29	218	-0.367	
1866	12	12	19	13	15	15	18	26	29	32	19	22	232	-0.015	
1867	19	13	17	12	10	19	14	25	21	27	27	37	241	0.434	
1868	19	11	23	13	10	11	19	18	26	25	17	16	208	-0.391	
1869	10	14	10	13	8	11	10	14	18	18	31	24	181	-1.059	
1870	17	19	6	13	9	12	18	24	32	27	28	18	223	0.028	
1871	14	8	13	8	12	6	12	17	12	25	22	19	168	-1.942	
1872	11	14	14	15	12	13	12	12	20	18	18	14	173	-1.490	
1873	20	15	13	17	10	9	24	15	34	12	15	36	220	0.015	
1874	25	30	33	25	16	15	11	7	23	15	14	14	228	0.517	
1875	7	9	7	9	8	10	5	10	10	16	14	16	121	-3.395	

Quadro 22 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NAS FREGUESIAS DO TERMO DA CIDADE DE ÉVORA
DE 1840 A 1900 (cont.)

1876	13	8	12	13	11	10	27	15	23	13	19	12	176	-0.622	
1877	16	19	5	7	11	17	17	24	17	21	16	15	185	-0.271	
1878	13	16	11	10	8	3	9	11	13	24	19	21	158	-0.159	
1879	11	11	8	14	6	2	26	28	27	20	8	21	182	0.072	
1880	21	24	20	5	14	9	12	17	17	18	27	16	200	-0.201	
1881	21	12	13	9	8	9	17	29	35	29	13	14	209	1.404	1
1882	16	9	15	14	16	10	7	22	27	20	14	15	185	-0.658	
1883	18	11	11	6	12	14	14	29	27	27	22	13	204	-0.410	
1884	10	20	15	14	6	8	14	19	23	29	16	17	191	0.696	
1885	11	18	14	14	10	14	11	20	11	9	10	12	154	-1.409	
1886	16	9	7	11	11	8	21	19	11	14	14	14	155	-1.946	
1887	18	16	11	7	13	14	19	34	15	15	15	11	188	-1.394	
1888	10	6	14	8	8	9	14	22	23	28	22	11	175	0.274	
1889	8	12	9	11	7	8	11	19	20	27	10	15	157	-0.538	
1890	14	27	14	12	11	16	8	16	12	19	20	20	189	0.272	
1891	17	17	15	7	8	10	8	19	13	23	18	8	163	0.425	
1892	11	12	20	6	3	10	8	18	11	17	13	14	143	-0.808	
1893	11	9	5	6	13	11	16	17	28	18	13	15	162	-0.849	
1894	26	21	6	2	8	10	12	13	22	17	12	8	157	-0.249	
1895	13	16	11	10	5	3	16	14	17	30	19	17	171	0.726	
1896	14	12	13	18	10	11	14	16	13	21	11	15	168	0.393	
1897	14	8	15	9	14	14	28	19	22	19	17	18	197	2.273	2
1898	18	8	17	6	8	4	14	21	16	18	17	15	162	-0.491	
1899	12	12	10	8	4	13	4	11	8	18	17	26	143	-1.623	
1900	10	11	15	14	7	9	21	12	10	29	12	12	162	-0.235	

Anexo III

Quadro 23 - ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NO CONCELHO DE ÉVORA DE 1840 A 1900

ANOS	J	F	M	A	M	J	J	A	S	O	N	D	TOT.	I	A
1840	23	19	18	22	19	32	41	55	47	55	55	51	437		
1841	32	33	31	33	15	43	53	52	43	54	61	30	480		
1842	59	39	47	44	28	38	51	37	50	31	44	28	496		
1843	30	27	41	19	28	26	38	36	45	49	45	32	416		
1844	30	36	29	21	32	26	45	56	51	43	48	43	460		
1845	33	30	30	31	23	25	32	51	63	55	48	38	459		
1846	35	35	23	29	22	37	49	72	63	54	37	47	503		
1847	32	35	34	25	17	16	49	66	95	87	74	39	569		
1848	59	40	54	22	18	36	40	55	49	59	52	57	541		
1849	48	70	105	74	49	43	63	66	50	66	39	38	711		
1850	39	28	26	21	20	22	41	46	41	42	46	29	401	-1.248	
1851	35	24	30	26	27	34	43	45	66	47	46	43	466	-0.422	
1852	45	27	46	26	22	21	59	53	41	48	39	37	464	-0.426	
1853	33	43	37	31	24	30	37	52	52	44	40	41	464	-0.387	
1854	35	37	44	32	40	31	56	64	47	66	42	48	542	0.441	
1855	49	20	21	20	37	23	62	82	86	92	86	47	625	1.314	1
1856	42	50	44	34	36	37	55	104	85	99	65	51	702	1.916	1
1857	40	41	31	25	21	27	46	99	71	66	45	41	553	0.043	
1858	44	50	23	23	26	40	61	54	52	50	50	37	510	-0.352	
1859	47	31	30	31	37	33	58	39	51	50	45	43	495	-0.463	
1860	27	31	25	20	30	28	57	51	38	52	30	38	427	-1.081	
1861	36	31	29	29	22	30	40	40	61	65	42	43	468	-0.673	
1862	28	22	44	29	34	50	69	74	59	64	74	66	613	1.045	1
1863	66	57	70	86	53	57	73	55	61	76	49	47	750	2.46	2
1864	60	42	51	44	36	42	75	79	62	65	65	50	671	0.993	
1865	33	30	43	27	53	71	72	54	48	47	56	54	588	0.061	
1866	49	49	47	36	43	50	54	57	66	56	44	49	600	0.21	
1867	49	25	42	42	42	65	56	64	50	60	49	86	630	0.639	
1868	43	32	45	41	41	62	88	51	57	58	49	49	616	0.41	
1869	45	39	41	31	42	50	53	42	46	55	70	65	579	-0.07	
1870	44	42	42	40	36	42	73	65	57	63	77	49	630	0.388	
1871	44	32	32	28	35	47	64	64	50	54	65	47	562	-0.737	
1872	54	38	33	45	46	45	65	47	55	63	49	38	578	-0.853	
1873	41	39	35	42	29	41	78	60	75	70	65	103	678	1.034	1
1874	68	57	74	43	52	53	52	34	55	53	38	41	620	0.173	
1875	30	37	34	26	22	56	47	45	40	42	27	32	438	-5.005	

Quadro 23 (Cont.)

ÓBITOS PAROQUIAIS REGISTRADOS NO CONCELHO DE ÉVORA DE 1840 A 1900 (Cont.)

1876	41	30	44	35	25	45	91	69	54	37	45	29	545	-0.753	
1877	38	35	23	25	38	41	63	51	58	51	41	49	513	-1.173	
1878	37	41	32	34	30	33	39	46	44	56	39	39	470	-1.663	
1879	35	37	33	38	49	42	76	66	68	42	34	67	587	0.045	
1880	81	47	52	38	35	28	45	51	39	63	68	54	601	0.202	
1881	53	50	45	27	31	52	66	85	69	62	38	45	623	0.538	
1882	46	33	34	36	38	46	52	58	59	52	38	49	541	-0.343	
1883	48	43	47	22	25	36	52	73	52	60	49	43	550	-0.094	
1884	35	47	37	41	36	43	61	56	77	65	69	62	629	1.587	1
1885	40	37	33	34	22	42	37	72	42	43	25	37	464	-0.789	
1886	41	29	32	31	35	31	61	68	44	51	30	39	492	-0.954	
1887	35	52	43	32	37	35	61	80	59	53	39	46	572	0.267	
1888	30	34	35	22	22	32	53	68	51	62	44	40	493	-1.15	
1889	34	41	36	49	35	32	38	69	50	56	41	39	520	-0.684	
1890	67	73	60	35	34	44	49	68	46	63	50	45	634	1.368	1
1891	38	33	41	35	39	41	46	79	54	60	66	42	574	0.371	
1892	47	36	49	33	19	32	54	59	46	49	39	40	503	-0.715	
1893	34	33	23	28	43	52	62	41	49	50	40	54	509	-0.723	
1894	60	56	23	15	28	43	57	50	60	50	31	27	500	-0.959	
1895	42	34	25	31	20	24	67	48	48	47	46	52	484	-1.124	
1896	38	27	31	51	47	38	37	57	43	57	38	45	509	-0.696	
1897	43	37	42	22	41	56	83	47	47	52	48	42	560	0.23	
1898	46	23	34	24	24	17	54	40	38	47	42	35	424	-2.029	
1899	29	26	23	31	18	42	37	38	40	50	53	54	441	-1.645	
1900	37	27	43	34	21	36	59	51	37	67	31	38	481	-0.879	